

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

REGINA LYDIA ROCHA DE ANDRADE SILVA

**O PROTAGONISMO DAS MULHERES NAS FAMÍLIAS
CONTEMPORÂNEAS**

**FRANCA
2011**

REGINA LYDIA ROCHA DE ANDRADE SILVA

**O PROTAGONISMO DAS MULHERES NAS FAMÍLIAS
CONTEMPORÂNEAS**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de
Mestre em Serviço Social. Área de Concentração- Serviço
Social: Trabalho e Sociedade.**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Nassif Soares

**FRANCA
2011**

Silva, Regina Lydía Rocha de Andrade
O protagonismo das mulheres nas famílias contemporâneas /
Regina Lydía Rocha de Andrade Silva. –Franca: [s.n.], 2011
238 f.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientador: Ana Cristina Nassif Soares

1. Serviço Social – Mulher – Família. 2. Famílias contemporâneas
– Relações de gênero. 3. Mulheres – Protagonismo. I. Título

CDD – 362.82

REGINA LYDIA ROCHA DE ANDRADE SILVA

**O PROTAGONISMO DAS MULHERES NAS FAMÍLIAS
CONTEMPORÂNEAS**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração- Serviço Social: Trabalho e Sociedade.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Nassif Soares**

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: _____
Prof. Dra. Ana Cristina Nassif Soares

1º Examinador(a): _____
Prof. Dr. Pe. Mário José Filho

2º Examinador(a): _____
Prof. Dra. Sira Napolitano

Franca, 06 de junho de 2011

AGRADECIMENTOS

Minha filha Sarah

A ela minha admiração

Agradecimentos ao “toques” de minha filha que me retiraram do meu mundo “ideal” (não irreal), subjetivo e muitas vezes simbólico, para me trazer de volta a concretude do mundo “real”, das condições objetivas e materiais, do que é “ser família”, em suas angústias, conflitos, antagonismos e contradições, mas também se manifesta no reconhecimento e carinho do papel da “Mãe”. Nela estão presentes as raízes, a constituição do “Ser” e a luta da “Mulher” Aquela que tem “Os Olhos voltados para os Céus”, ... e propõe-nos a construção da “Nova Vida” (parafraseando a música); uma vez que foi este “Ser Filha”, que me levou a “Sonhar com Um Mundo Novo”. Caminhar em direção ao Sonho e Projeto que se realiza no Cotidiano de Nossas Vidas. Acreditando que Ele é possível, pois apesar de muito difícil, a “UTOPIA”, é uma realidade possível de ser alcançada.

Sarah, como disse a Crisinha: “ela já nasceu pronta”, super dotada, em contraposição as minhas “imensas limitações”, mas reconhecendo que sua “Supremacia”/ Doação (principalmente aos animais), se deve ao seu imenso compromisso e responsabilidade com o Saber e o Conhecimento e principalmente imenso compromisso com a “VIDA”, sobre todas as coisas devido a sua imensa raça, força e coragem frente a tantas adversidades que a vida lhe impôs tendo-as transformado com muita “garra”, tenacidade em “Vitórias”, sabendo que a nós duas: ***“Deus reservou Uma Porção Generosa de sua Bondade”***

Agradecimento verdadeiro e honroso por tê-la como minha filha, a minha total admiração.

A Cristiane

Crisinha, agradecimentos à esta (me permitam a liberdade/ licença poética de gênero) “ser” humana especial, cuja amizade com minha filha, me permitiu conhecê-la, tanto que por toda a minha admiração e respeito, me permitiu amá-la como “filha do coração”, pois se é verdade que só amamos aquilo, aqueles/aquelas que “conhecemos”, é certo que conhecê-la mais profundamente, me permitiu encontrar nela o “ser humano” ímpar/singular-plural/universal, que se apresentou de forma surpreendente enquanto estudante de Serviço Social, perpassando pelo acompanhamento de parte de sua vida acadêmica, na luta pela defesa de direitos e equidade social, nas diversas instâncias : entre os discentes, parceiros C.J.S., frente a categoria, junto aos/as mestres/mestras e doutores/doutoras, livre docentes ... e outros.

Transformando-se nesta inestimável profissional cujo “Compromisso Ético Político

Profissional”, está intrinsecamente identificado com as lutas pertinentes com Nosso Projeto Ético-Político e com a construção e efetivação da Política de Assistência Social.

Também nela vejo os reflexos da luta coletiva, no comprometimento da construção concreta e objetiva, simbólica e subjetiva em busca de um “Mundo Novo”, onde Equidade e Justiça Social Caminham Juntas.

Genrinho Átila

Ao meu “Caro Genrim”, que vem nos acompanhando ao longo de 07 anos, agüentando nossas intempéries, têmperas e temperos.

Mostrando que é possível ao homem, passar por um processo de transformação dos valores sócio-culturalmente construídos, onde o homem criado nos “moldes” de uma cultura eminentemente machista, pode se transformar neste homem, não macho, mas “companheiro” e parceiro de minha filha, e neste “ser humano admirável”, onde reconheço em todas as suas lutas e transformações um sinal de que o “amor” faz com que as realidades possam ser transformadas.

Obrigada pelos anos de convivência, obrigada pelo “carinho e zelo”, com minha filha, sempre “presente” nos momentos diversos e adversos.

Sobretudo o meu respeito e admiração, por ver no “verdadeiro homem”, em que você se transformou.

Parabéns pelas buscas e lutas cotidianas, também pra você tão adversas, cuja próxima “Vitória” eminente está na conclusão da Universidade neste ano de 2011 (este universo que outrora não cabia em seus valores primários); “Um Sonho” que se transformou em realidade, a partir da concretude de seus “Atos”, por sua Garra, Coragem e, sobretudo “Perseverança”.

Desde já parabéns e obrigada por estar ao nosso lado.

Ainda no ambiente “doméstico e familiar”, agradeço a Paula, querida amiga de Sarah pelo carinho, atenção, a digitação dos “quadros comparativos”, pelos cafezinhos da tarde em que nos possibilitou um clima de muita descontração, nos momentos de grande tensão na produção, duas mestrandas, em hipertensão, ninguém merece, se não fossem os momentos de “quebra de protocolos”, de brincadeiras e relaxamento, acredito que não teria sido possível, chegar ao fim e/ou começo...

A Minha Orientadora

Cara Profa. Dra. e Minha Orientadora, sem a qual com certeza não teria sido possível a elaboração desta Dissertação.

Foi tecendo e entrelaçando os fios do conhecimento científico buscando a

construção teórico-metodológica, alinhando-a as relações e correlações técnico-operativas, que nos deparamos com inúmeras dificuldades, inquietações e posições permeadas pela nossa práxis e o rigor científico, que nos levaram a um amadurecimento, ainda incipiente deste estudo. Foram inúmeros os questionamentos que precisariam ser analisados, detalhados, verificados exaustivamente através das categorias elencadas, da constatação do objeto e pontos de partida de nossa pesquisa, assim em meio a este novo universo, esta discente encontrou junto à orientadora, durante o processo de investigação científica, não simplesmente respostas, mas, sobretudo questionamentos, que nos levaram a buscar aprimorar o conteúdo, textos e contextos de nossas análises e resultados.

Enfim sem nenhuma hipocrisia, eu diria que sem ela, eu não teria conseguido chegar, não diria ao final, mas ao princípio de minhas construções teórico-metodológicas, que espero caminhar sempre em busca do aprimoramento e rigor científico.

Ouso dizer que esta Dissertação foi se construindo e reconstruindo, gerando novas células e se aperfeiçoando, como um bebê no ventre materno, cujas mitoses e meioses traziam a divisão de novas células, processando novas fases, novas reflexões até que pudesse chegar ao processo (não final) re-inicial de produção, onde a Profa. Dra. e Minha Orientadora Ana Cristina foi aquela que me proporcionou a matricialidade teórica, científica, metodológica, apontando e orientando os limites e possibilidades deste estudo.

Meus sinceros agradecimentos por todos os questionamentos levantados ao longo da retomada de minha vida acadêmica, no grupo GEPEFA, desde os processos de construção e mais de desconstrução de conceitos, inferências e interpretações, ao longo destes anos, e principalmente por saber respeitar o meu tempo e espaço de desconstrução e reconstrução, muitíssimo obrigado pelo acompanhamento nos últimos anos.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Pe. Mario José Filho, imprescindível no meu processo de formação profissional, tendo me acompanhado, desde o último ano de graduação, no ano de 1995, quando foi meu professor e orientador de TCC, tendo me apresentado pela primeira vez a temática “família”, que perpassou por todos os anos de minha vida profissional, me acompanhando até a atualidade. O muito a dizer seria pouco a este mestre e doutor que fez parte da construção de inúmeros fundamentos e o desvelamento das relações familiares, não só na minha vida, mas também por sua referência extraordinária no meio acadêmico, onde sua contribuição transpassa as dimensões teórico-metodológica, técnico-operativa, transcendendo para além das ético-políticas, ele que não nos proporciona apenas conceitos, mas principalmente “valores”.

A Profa. Dra. Sira Napolitano, por se dispor a examinar esta Dissertação, cuja

relevância do tema está no protagonismo das mulheres, perpassando pelas questões de gênero.

Agradeço imensamente a “todo” o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da UNESP de Franca/ SP, por toda a contribuição na formação acadêmica desta mestranda, por todos os encontros, caminhos e descaminhos, aprendidos, refletidos, pelo tempo de aprendizagem, enfim por toda contribuição direta ou indireta, no processo de “construção do saber”. Dizer nomes em especial, seria injusto, pois cada um teve sua importância imprescindível, na minha caminhada acadêmica.

Agradeço imensamente a toda a turma de “2008” e ao Grupo GEPEFA – Grupo de Estudos e Pesquisas: Família, Sociedade e Educação: Perspectivas e Tendências, pelos conhecimentos construídos coletivamente, na importância de cada um destacam as queridas amigas/ colegas: Meire, Cíntia, Regina, Taís, Fabiana, Márcia (s), Gislaine, André Cetofante, Maria Juliana, Cristina Piana, Graziela, Inês, Poliane, Adriana, Ieda, Pe. Wellington, Nayara, demais amigos da turma e membros do grupo; à todos eles/elas meu sincero carinho, consideração e estima.

Meu agradecimento especialíssimo ao Marcio, departamento Direito Público, importantíssimo colaborador que veio me acompanhando desde o ano de 2008, por toda sua atenção, compromisso e prontidão, com certeza ele foi pessoa imprescindível para conclusão desta Dissertação.

Agradeço a toda a equipe da Pós em Serviço Social: Luzinete, Maisa, Gigi, Ícaro e os demais novos membros e sempre prestativos funcionários, devido ao pronto atendimento e esclarecimentos e orientações, sem este apoio difícil seria chegarmos aqui.

Agradeço à todos os membros da biblioteca, em especial à Maria Fernanda por toda atenção, pronto atendimento e prestatividade, aos novos “meninos” e “meninas”, cujos nomes invisíveis e desconhecidos, muito nos ajudaram e a Laura, por seu compromisso.

A todos os funcionários da UNESP, concursados, terceirizados, enfim a todos que de forma direta ou indireta contribuem, para que possamos ter acesso ao universo de construção de “conhecimento e saber”

Agradeço também aos profissionais e pessoas da SEDAS – Secretaria de Ação Social, com os quais venho construindo toda minha práxis profissional desde 1996, e a todos os profissionais dos CRAS – Centros de Referência da Assistência Social.

Destaque aos CRAS: Sul e Norte.

CRAS Sul, à todos que estiveram ao meu lado nos últimos anos, seria injusto falar nomes, mas também da mesma forma injusto não destacar, na figura de minha amiga-irmã Claudia Maria que me ensinou o que é “ser família”, para além da visão romântica, dos

compromissos, responsabilidades, mas principalmente do grande valor que ela tem em “nossas vidas”, ensinando-me a inverter prioridades.

A Priscila que me ajudou a refletir sobre as condições materiais/ objetivas que permeiam o cotidiano de nossas famílias, cujas transformações sócio-históricas devem ser não apenas pensadas, mas efetivadas nas lutas “coletivas”, quer sejam junto à categoria, quer seja junto à população usuária, ou mesmo junto aos dirigentes, o importante é que as decisões sejam “coletivas”.

Não poderia deixar de falar das queridas amigas antigas e novas amigas, desligadas e que ainda permanecem no CRAS Sul: Luzia caríssima amiga, cuja atenção, carinho, rigor científico e meticulosidade nos ensinam a caminhar e refletir detalhadamente, Rosângela, Selma, Talita, Euripa, Ivana, Taninha, Maria do Carmo, Luis Fernando, Maikon, Carolina (em São Paulo atualmente), as queridas: Marília, Marcela, (estagiárias de psicologia), Gislaine, Estefânia, Wiataiana (outrora estagiárias de Serviço Social, hoje excelentes profissionais, meu carinho e respeito) e todos/as os/as demais, com certeza terei não dito algum nome, mas esquecido jamais.

As minhas pupilas especiais, as futuras psicólogas: Grazielle e Caroline, presentes de Deus em minha vida dos CRAS Sul e Norte respectivamente, vocês são realmente diletas.

Aos novos amigos de equipe CRAS Norte: Ana Fátima, Neuzelina, Rosalina, ao queridíssimo Paulo, Alessandro, Cláudia, Marisa e Rita, com os quais estou aprendendo a reelaborar o fazer profissional, e com alguns deles/ delas a descobrir o “prazer de poder rir e divertir”, mesmo em meio a tantas adversidades, das pessoas as quais atendemos e também em nossas vidas pessoais e profissionais, descobrindo que o “bom humor” pertence aos inteligentes e aos que estão de bem com a vida.

Agradecimentos especiais as diletíssimas/os amigas/os: Juliana, Carmen, Irene, Ana Marta, Marcio Nalini, Fabiano, Maria do Carmo Soares, Giane, Edlaine, Eliane, Denise, Tida, Damaris, Valéria, Glaucia, Cidinha, Tânia (em memória) e todas/os demais amigas/os nelas/es representados, uma vez que os/as “Amigos/as”, são a “Família que Escolhemos”, eles/as são realmente um tesouro, um presente de Deus, pessoais imprescindíveis na caminhada...

Agradeço ainda a todos os usuários que estiveram presentes em meu percurso profissional, pois são eles a razão de nossa profissão.

Agradeço à minha família de origem, dando destaque aos meus irmãos: Antonio Henrique e Maria Elvira, pelos caminhos e descaminhos, construções e desconstruções na vida familiar, sempre junto nas dificuldades, partilhando os momentos de carinho, alegria e comemorações, apesar de tudo ela é “família”.

Em memória de meus pais: Antonio Alves de Andrade e Lydia Rocha Alves, ele exemplo de honestidade e ela uma das maiores “educadoras” que já conheci mulher diferenciada, anos luz a frente de sua geração; a eles meu carinho e minha homenagem, pois neles estão minhas raízes e origens. Ao meu irmão Fernando Marcos, um “homem” como poucos, pessoa singular, sempre foi meu amparo e meu apoio.

Agradeço à minha Tia-Mãe Wanda Duzzi, esta matriarca de 87 anos, que ainda conduz nossas famílias de forma extraordinária, amada e respeitada por todos, uma referência “Santa” e Corajosa no seio de nossa família, esta pessoinha, embora pequena, demonstra ser a “Grande Mulher”, onde todos à ela se reportam para ouvir seus conselhos, para se unir e confraternizar em “torno da mesa”, e que mesa, “exímia cozinheira ela é”; ensinou a “todos os homens” de nossa família a deliciosa arte do “cozinhar”, e todas homenagens às mulheres de nossa família, são sempre feitas através destes homens admiráveis, que “dominam a boa cozinha”.

Aos meus primos: Lucia Helena, Thomas e Fernando, pela sempre presença e participação em nossas vidas, à eles meu imenso carinho, por fazer parte de minha história.

A todos os demais primos e primas, da linha materna, mais próxima e aos demais familiares que se enumerados, não encerraríamos nossos agradecimentos.

Enfim agradeço a todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para minha formação pessoal, acadêmica e/ou profissional, para minha formação enquanto pessoa, mulher e/ou família, para aqueles que são ou fizeram parte da minha constituição familiar, inclusive ao Domingos e seus familiares, que colaboraram na construção de minha história.

Agradeço principalmente as sete mulheres sujeitos de nossa pesquisa e seus familiares, neles representados o “todas as mulheres e famílias”, nosso “universo de atendimento”, são elas que nos permitiram realizar nossa Dissertação, demonstrando que seu protagonismo na construção de uma “Nova História”, a **Todas as Mulheres visíveis** e principalmente as ***InVisíveis que ajudaram a alterar os cursos da História.***

Finalmente/ inicialmente agradeço Deus Pai/ Mãe, Filho e Espírito Santo, Ele que é o Alfa e o Ômega, princípio e fim de todas as coisas, por Ele e para Ele foram criadas todas as coisas.

Sem Ele (s) jamais teria sido possível chegar até aqui ou mesmo realizar todas as coisas em minha Vida Profissional/ Acadêmica/ Pessoal/ Familiar....

A Ele todo meu Louvor, transcrevê-lo impossível.

Ele (s) Onipotente /Onipresente / Onisciente

Ele que É....

SILVA, R. L. R. A. **O Protagonismo das mulheres nas famílias contemporâneas**, 2011. 238 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o protagonismo das mulheres integrantes dos grupos do PAIF – Programa de Atenção Integral às Famílias, da Região Sul do município de Franca / SP, em suas famílias. Refletimos sobre os papéis que as mesmas vêm assumindo na sociedade contemporânea como, por exemplo, os de mãe, esposa, dona de casa, cuidadora, educadora, dentre outros, atribuídos à elas social e culturalmente. As mulheres estão ocupando novos lugares e espaços no mercado de trabalho e na sociedade, assumindo novos e múltiplos papéis; são elas que ao longo da história vêm deslocando-se do cotidiano da vida doméstica nas lutas em busca da efetivação dos direitos. Tentando melhor compreender como as mulheres atendidas no PAIF, em situação de vulnerabilidade social encontravam respostas de sobrevivência e manutenção de seus filhos e famílias, frente aos desafios e as condições adversas impostas pelo sistema capitalista de produção, passamos a analisar quais os principais papéis desenvolvidos pelas mulheres na atualidade, para verificar seu protagonismo ou não, em suas histórias de vida e de suas famílias. Desenvolvemos assim nossa pesquisa através de entrevistas, cuja análise de dados obtidos apontaram para um desvelamento das relações sócio-históricas e culturais, junto a três membros das famílias e a sete mulheres do PAIF. Os resultados obtidos demonstram que muitos papéis atribuídos às mulheres e famílias vêm sendo reproduzidos de forma cultural, através das relações de gênero e poder, atendendo a interesses ideológicos, onde a família “nuclear burguesa” aparece como modelo. Entretanto foi possível averiguar que estão ocorrendo transformações destas relações sociais onde, em contraposição ao modelo nuclear burguês, apresentam-se várias e novas configurações familiares na sociedade atual, aonde as mulheres desde o Brasil colônia até a atualidade, vêm ocupando lugar de destaque, quer na representatividade de famílias monoparentais ou mesmo como provedoras. Verificamos assim que as mulheres sujeitos de nossa pesquisa vêm conseguindo conquistar novos espaços de trabalho, assumindo novos papéis, bem como avançando na luta pela emancipação feminina. Demonstram ainda que é possível transformar e transpor algumas das relações pré-estabelecidas e reproduzidas social e culturalmente, o que aponta para o papel de protagonismo das mesmas, averiguado a partir de suas histórias de lutas e superações cotidianas; segundo as conquistas realizadas pelas mesmas, frente aos seus sonhos e projetos familiares, devido ao fato de serem provedoras e coparticipantes no processo de manutenção de suas famílias dentre outros aspectos, elencados na pesquisa, onde apesar das múltiplas situações adversas por elas enfrentadas, percebemos que são as mulheres que vêm contribuindo no processo de transformação da sociedade.

Palavras-chave: Serviço Social, mulher, protagonismo, família, relações de gênero.

SILVA, R. L. R. A. **El protagonismo de las mujeres en las familias contemporáneas**, 2011. 238 f. Disertación (Maestría en Trabajo Social) – Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, Universidad Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo el protagonismo de las mujeres integrantes de los grupos del PAIF – Programa de Atenção Integral às Famílias, de la Región Sur del municipio de Franca / SP, en sus familias. Hemos reflejado sobre los papeles que las mismas vienen asumiendo en la sociedad contemporánea como, por ejemplo, los de madre, madre, mujer, doña de la casa, cuidadora, educadora, de entre otros, atribuidos a ellas social y culturalmente. A las mujeres están ocupando nuevos sitios y espacios en el mercado de trabajo en la sociedad, asumiendo nuevos y múltiples papeles; son ellas que a lo largo de la historia vienen dislocándose del cotidiano de la vida doméstica en las luchas por la efectividad de los derechos. Intentando mejor comprender como las mujeres atendidas en el PAIF, en situación de vulnerabilidad social encontraban respuestas de supervivencia y manutención de sus hijos y familias, frente a los desafíos y las condiciones adversas impostas por el sistema capitalista de producción, pasamos a analizar cuales los principales papeles desarrollados por las mujeres en la actualidad, para verificar su protagonismo o no, en sus historias de vida y de sus familias. Desarrollamos así nuestra pesquisa a través de entrevistas, cuya analice de datos obtenidos apuntaran para un desvelamiento de las relaciones socio-históricas y culturales, junto a tres miembros de las familias y a siete mujeres del PAIF. Los resultados obtenidos demuestran que muchos papeles atribuidos a las mujeres y familias vienen siendo reproducidos de forma cultural, a través de las relaciones de género y poder, atendiendo a intereses ideológicos, donde la familia “nuclear burguesa” aparece como modelo. Entretanto fue posible averiguar que están acorriendo transformaciones de estas relaciones sociales donde, en contraposición a el modelo nuclear burgués, presentándose diversas y nuevas configuraciones familiares en la sociedad actual, adonde las mujeres desde el Brasil colonia hasta la actualidad, vienen ocupando sitios de destaque, quiere en la representatividad de familias monoparentales o mismo como proveedoras. Verificamos así que las mujeres sujetos de nuestra pesquisa vienen logrando conquistar nuevos espacios de trabajo, asumiendo nuevos papeles, bien como avanzando en la lucha por la emancipación femenina. Demuestran todavía que es posible transformar y transponer algunas de las relaciones preestablecidas y reproducidas social y culturalmente, lo que apunta para el papel del protagonismo de las mismas, averiguado a partir de suyas historias de luchas y superaciones cotidianas; según las conquistas realizadas por las mismas, frente a los suyos sueños y proyectos familiares, debido al facto de ser proveedoras y participantes conjuntas en el proceso de manutención de sus familias de entre los otros aspectos, elencados en la pesquisa, donde en pesar de las múltiples situaciones adversas por ellas enfrentadas, percibimos que son las mujeres que vienen contribuyendo en el proceso de transformación de la sociedad.

Palabras-clave: Trabajo Social, mujer, protagonismo, familia, relaciones de género.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos Sujeitos	35
Quando 2 - Caracterização dos Familiares	39

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ramos de Atividades Femininas no Trabalho Formal (Brasil - 1995)	81
Gráfico 2 - Principais ocupações femininas (Brasil - 1872)	82
Gráfico 3 - Chefes de domicílio no Brasil segundo idade e sexo (Censo de 1872)	83
Gráfico 4 - Distribuição percentual dos arranjos familiares com parentesco, residentes em domicílios particulares, segundo o tipo. (Brasil – 1999/2009)	85

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** - Chefes de domicílio segundo idade e sexo (Censo de 1872) 83
- Tabela 2** - Distribuição das famílias por tipo e a situação do domicílio, segundo as classes de tamanho da população dos municípios do Brasil – 2000 85

LISTA DE SIGLAS

- CRAS** – Centros de Referência de Assistência Social.
- CRAS Sul** - Centro de Referência de Assistência Social da Regional Sul
- CREAS** - Centros de Referência Especializados de Assistência Social
- FNAS** – Fundo Nacional de Assistência Social
- FNS** – Fundo Nacional de Saúde
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- LOAS** – Lei Orgânica da Assistência Social
- LOS** – Lei Orgânica da Saúde
- MDS** - Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome
- ONG** – Organização não Governamental
- PAIF** - Programa de Atenção Integral às Famílias
- PBF** – Programa Bolsa Família
- PETI** – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
- PNAD** – Programa Nacional por Amostragem de Domicílios
- PNAS** - Política Nacional de Assistência Social
- PSB** - Proteção Social Básica
- PSE** - Proteção Social Especial.
- R. M.** - Programa Social Renda Mínima – Transferência de Renda Governo Municipal
- SEDAS** - Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Franca /SP.
- SUAS** - Sistema Único de Assistência Social.
- SUS** – Sistema Único de Saúde
- TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UBS** – Unidade Básica de Saúde
- UNISER** - Unidades de Serviço Social

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	19
CAPÍTULO 1 CONSTRUÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA: O CENÁRIO DA PESQUISA, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, SUJEITOS E ANÁLISE DE RESULTADOS	26
1.1 Construções Teórico-Metodológicas da Pesquisa.....	26
1.2 Cenário da Pesquisa.....	29
1.2.1 O PAIF - Programa de Atenção Integral às Famílias.....	29
1.2.2 Caracterizações do PAIF na Região Sul de Franca/SP.....	30
1.3 Procedimentos Metodológicos	32
1.3.1 Sujeitos da Pesquisa.....	34
1.3.1.1 <i>Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa.....</i>	<i>34</i>
1.3.1.2 <i>Caracterização dos Familiares dos Sujeitos da Pesquisa.....</i>	<i>38</i>
1.3.2 Pesquisa de Campo.....	40
1.3.2.1 <i>Escolha dos Sujeitos da Pesquisa</i>	<i>40</i>
1.3.2.2 <i>Percurso Metodológico</i>	<i>41</i>
1.3.2.3 <i>Processo de obtenção de dados: local de realização da pesquisa, seqüência de entrevistas e observações preliminares.....</i>	<i>43</i>
1.4 Análise dos Resultados da Pesquisa.....	47
1.4.1 Categorias de Análise.....	48
1.4.1.1 <i>Categorias de: Manutenção e Reprodução das relações sociais e culturais x Transformação das relações sociais e culturais.....</i>	<i>49</i>
CAPÍTULO 2 DA ORIGEM DAS FAMÍLIAS ÀS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS – PROCESSO SOCIAL, HISTÓRICO E CULTURAL.....	54
2.1 A origem das famílias.....	54
2.2 Estágios pré-históricos de cultura e famílias primitivas.....	54
2.2.1 Estado selvagem	55
2.2.1.1 <i>Fase Inferior.....</i>	<i>55</i>
2.2.1.2 <i>Fase média.....</i>	<i>55</i>
2.2.1.3 <i>Fase superior.....</i>	<i>56</i>
2.2.2 Barbárie.....	56
2.2.2.1 <i>Fase Inferior.....</i>	<i>56</i>
2.2.2.2 <i>Fase média.....</i>	<i>57</i>
2.2.2.3 <i>Fase superior.....</i>	<i>57</i>
2.2.3 Civilização.....	58
2.2.4 A Família Consangüínea.....	58
2.2.5 A Família Punaluana.....	59
2.2.6 A Família Sindiásmica.....	60
2.2.7 Transição das Famílias Sindiásmicas para as Famílias Monogâmicas.....	61
2.2.8 A Família Monogâmica.....	63

2.3 Diversas formas de organização das famílias no processo sócio-histórico.....	65
2.3.1 Algumas características sobre as famílias que marcaram os últimos séculos e refletem ainda na atualidade.....	75
2.4 Famílias e mulheres no Brasil: perspectivas e tendências.....	76
2.5 Famílias na atualidade: Configurações Familiares e A Centralidade das Famílias nas Políticas Públicas e Programas Sociais.....	86
2.5.1 Configurações Familiares.....	86
2.5.2 A Centralidade das Famílias nas Políticas Públicas e Programas Sociais.....	87
2.6 Contextualizações das vivências e experiências das mulheres do PAIF em suas famílias: desde a manutenção e reprodução das relações sócio-históricas e culturais até a transformação de algumas destas relações.....	93
2.6.1 Primeira Categoria: Manutenção e Reprodução das relações sociais e culturais.....	94
2.6.1.1 <i>Reprodução de papéis tradicionais.....</i>	94
2.6.1.2 <i>Família enquanto alicerce/ estrutura essencial.....</i>	100
2.6.2 Segunda Categoria: Transformação das relações sociais e culturais.....	103
2.6.2.1 <i>Representações de unidade e complementaridade.....</i>	104
2.6.2.2 <i>Espaço de relações de diálogo e educação.....</i>	106
CAPÍTULO 3 MUNDO FEMININO: MANUTENÇÃO E REPRODUÇÕES IDEOLÓGICAS X TRANSFORMAÇÕES.....	113
3.1 Caracterização das relações de gênero	113
3.2 Papéis Femininos / Masculinos.....	119
3.3 Mulheres e Seus Papéis: Manutenção e Reprodução x Transformações relações sociais e culturais refletidas nas relações de gênero.....	121
3.3.1 Manutenção e Reprodução Relações.....	122
3.3.1.1 <i>Trabalho doméstico (espaço privado) apontado como inerente ao gênero feminino.....</i>	122
3.3.1.2 <i>Relações de submissão feminina à dominação masculina</i>	127
3.3.1.3 <i>Papéis culturalmente atribuídos a mulher: cuidadora, dona de casa, educadora, outros.....</i>	132
3.3.1.4 <i>Papel da mulher equiparado ao papel da mãe.....</i>	138
3.3.2 Transformações Relações.....	139
3.3.2.1 <i>Espaço público de trabalho assumido pelas mulheres</i>	140
3.3.2.2 <i>Emancipação feminina: conquista da liberdade e igualdade</i>	149
3.3.2.3 <i>Múltiplas funções femininas assumidas pelas mulheres na atualidade.....</i>	155
3.3.2.4 <i>Papéis femininos equiparados a papéis masculinos na atualidade</i>	159
CAPÍTULO 4 O PROTAGONISMO FEMININO: TRANSFORMANDO A HISTÓRIA.....	166
4.1 A luta das mulheres por sua emancipação no Brasil e no cenário internacional contribuindo para o processo histórico de transformação social.....	166
4.2 Os papéis principais da mulher, sob a ótica dos sujeitos participantes da pesquisa.....	170
4.2.1 Ser mãe – maternagem	170
4.2.2 Ser cuidadora.....	173
4.2.3 Papel de provedor masculino sobrepondo-se ao feminino.....	175

4.2.4 Mulher provedora – autonomia financeira	177
4.3 O Protagonismo das mulheres do PAIF em suas famílias, na sociedade contemporânea.....	181
4.3.1 As suas histórias de vida, de lutas e superação.....	182
4.3.2 As conquistas realizadas pelas mesmas, frente aos seus sonhos/ projetos e famílias	191
4.3.3 A percepção de serem sujeitos da própria história.....	195
4.3.4 Mulheres coparticipantes e/ou provedoras no processo de sustentação de suas famílias	198
4.3.5 A liberdade alcançada pelas mulheres no mundo contemporâneo - luta por direitos	202
4.3.6 O desempenho de múltiplos papéis, com êxito nas múltiplas funções.....	207
4.3.7 A identificação enquanto liderança comunitária	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	218
REFERÊNCIAS.....	227
APÊNDICE	
Apêndice A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	233
ANEXOS	
Anexo A – MEMORANDO -COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UNESP/FRANCA.	236
Anexo B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	237
Anexo C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	238

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao nos debruçarmos sobre o cenário atual da sociedade contemporânea, percebemos que as mulheres vêm ocupando um espaço privilegiado frente aos inúmeros desafios que a realidade da vida cotidiana lhes impõe.

São elas que ao longo da história vêm conseguindo contribuir no processo histórico de transformação social, frente às diversas lutas sócio-políticas estabelecidas através dos movimentos: de mulheres, feminista e por infinitas mulheres invisíveis que contribuem para a alteração das relações sócio-históricas e culturalmente estabelecidas.

As mulheres estão ocupando novos lugares e espaços no mercado de trabalho e na sociedade, assumindo novos e múltiplos papéis, bem como vêm atuando diretamente junto às questões políticas e sociais no contexto nacional e internacional, onde o feminismo e o movimento de mulheres, ocorridos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, constituíram-se em expressivos seguimentos representativos, na busca da defesa de direitos femininos, enfrentando os desafios na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

As mulheres no Brasil estiveram presentes nas lutas e nos movimentos sociais, deslocando-se do cotidiano da vida doméstica para lutar contra a carestia, pela anistia política, por creches, escolas, melhores condições de trabalho, saúde e educação, moradias, melhorias e infra-estruturas nos bairros, nas lutas pela conquista do direito ao voto feminino, em busca da efetivação dos direitos sociais, dentre tantas outras.

Os grupos feministas surgiram no Brasil a partir da década de 1970; lutando pela anistia política e abertura democrática, traziam em seu bojo uma luta igualitária contra a opressão entre os sexos e das classes sociais.

A busca pela emancipação feminina, direitos e participação sócio-política, equidade e justiça social foi caracterizada pela organização das mulheres, no campo e nas cidades, formadas por grupos de vizinhanças nas periferias, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), associações de bairros e outras formas de organização; foram elas quem encamparam as lutas por melhores condições de vida, passando a participar de protestos públicos, organizando fóruns de debates e protestos contra questões como a discriminação de gênero, raça, etnia, dentre tantas outras lutas abarcadas por estas mulheres, visíveis e invisíveis, que estiveram presentes em todo processo histórico de desenvolvimento da humanidade.

Estas mulheres seriam então protagonistas ou não na história nacional e internacional? Teriam sido protagonistas ao longo de toda a história da humanidade?

Como explicar as relações sociais e culturais que foram sendo construídas ao longo do processo histórico? Quais seriam os papéis atuais das mulheres na sociedade contemporânea? Dentre esses, as mulheres da atualidade se destacam quanto ao seu protagonismo?

Eis algumas inquietações que nos levaram a refletir sobre o tema de nossa Dissertação.

Nosso objeto de pesquisa veio então de encontro aos anseios da pesquisadora, que reiniciou seu percurso acadêmico em 2008, buscando o aprimoramento profissional, propostas e respostas aos desafios da questão social, cujo fenômeno resultante das desigualdades sociais impostas pelo sistema capitalista de produção, imprime relações de jugo sobre as mulheres refletidas através das relações de gênero, uma condição de vida cada vez mais agravada, principalmente frente ao público alvo que atendemos em nossa atividade profissional, enquanto assistente social da Prefeitura de Franca: mulheres e famílias de baixa renda e em situação de risco e/ou vulnerabilidade social e veio também ao encontro das necessidades da população por nós atendida prioritariamente.

Debruçamo-nos a entender melhor como estas mulheres encontravam respostas de sobrevivência e até mesmo de resistência, para manterem seus filhos e famílias, sob condições tão adversas, impostas pelo sistema capitalista de produção, possuem baixa escolaridade, praticamente nenhuma qualificação profissional, estando a maioria no mercado informal de trabalho, quando o possuem, ou mesmo sobrevivem através de atividades de geração de renda algumas inusitadas, outras com renda baixíssima e condições muito precárias para a sustentabilidade das famílias.

Engendradas na práxis profissional (ação-reflexão-ação/ transformação), cujo atendimento realizado junto às famílias ocorre predominantemente junto às mulheres (em torno de noventa a noventa e cinco por cento dos nossos atendimentos), verificamos que as mesmas vêm sendo alvo prioritário das atuais políticas públicas, resolvemos desenvolver a atual pesquisa, cuja relevância do tema nos impeliu a buscar elucidar a principal questão, objeto de nossos estudos que foi de verificar se as mulheres desenvolvem hoje um papel de protagonismo ou não junto às suas famílias refletidos na comunidade e/ou sociedade.

Podendo assim analisar através deste micro universo singular, as relações de totalidade, refletidas também em algumas particularidades.

Tentamos esclarecer como essas admiráveis mulheres conseguiam transpor situações de vulnerabilidade face aos desafios massacrante de seus cotidianos e realidades tão antagônicas enfrentadas.

Para melhor compreendermos os papéis das mulheres na sociedade atual tentamos

verificar através deste estudo quais são os papéis que as mesmas vêm assumindo, além dos atribuídos a elas histórica, social e culturalmente que seriam: mãe, dona de casa, cuidadora, provedora, educadora, filha, esposa, dentre outros.

A pesquisa nos possibilitou realizar um estudo mais detalhado sobre os principais papéis das mulheres na atualidade dando destaque à sua função de protagonista (que realiza o protagonismo), ou seja: construtora e sujeito de sua história; “quiçá”, de uma nova história.

O termo protagonista, no dicionário da língua portuguesa, significa: “[...] que combate na primeira linha; que ocupa o primeiro lugar, personagem principal de uma representação dramática; pessoa imprescindível a alguma atividade”. (LAROUSSE CULTURAL, 1993, p.355)

A palavra do grego é formada pela junção dos termos *proto*, que significa primeiro ou principal mais *agon* que significa luta. O conceito de protagonismo político na atualidade está vinculado à participação social e política frente às lutas enfrentadas pelas mulheres, expressas na questão de gênero.

Dentro do contexto de nossa dissertação, refere-se, portanto às mulheres enquanto autoras / sujeitos de sua própria história, através das lutas e superações em suas vidas e junto às suas famílias.

Apresentamos assim a proposta da pesquisa, que foi desenvolvida partir do trabalho realizado junto aos grupos sócio-educativos de mulheres do Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF), da Região Sul do município de Franca/SP, tendo sido selecionados dois grupos: “Famílias em Ação” e “Raio de Luz” cujos nomes foram escolhidos pelas mulheres integrantes dos mesmos.

Esta região foi acompanhada pela pesquisadora, discente, do Programa de Pós Graduação em Serviço Social pela UNESP de Franca, enquanto profissional no Centro de Referência de Assistência Social Regional Sul do Município de Franca (CRAS Sul), onde nos propusemos realizar esta pesquisa, junto às mulheres do PAIF.

O processo de pesquisa foi realizado a partir da observação junto aos grupos do PAIF, onde foi possível levantar os dados iniciais. A partir da observação passamos à construção teórico-metodológica onde utilizamos os recursos das pesquisas: bibliográfica, documental e de campo, descritos no capítulo primeiro dessa Dissertação.

Elegemos sete mulheres do PAIF cujo critério definido por nós foi o fato de que se destacaram no grupo, elas tinham em comum história de lutas e superações nas adversidades; conquistas realizadas com relação a seus sonhos e projetos de vida; algumas delas eram provedoras e/ou coparticipantes no processo de manutenção de suas famílias; dentre outras

atitudes que destacaremos no capítulo final desta dissertação.

Além das sete mulheres sujeitos de nossa pesquisa, entrevistamos também três de seus familiares, no sentido de verificar suas opiniões a respeito do protagonismo das mesmas.

Cabe-nos destacar que nos grupos sócio-educativos de predominância feminina, foram tratadas questões referentes à: gênero; papéis; famílias e relações familiares (mães, filhos, companheiros/esposos, parentes, vizinhos e outros considerados familiares nas diversas configurações existentes na atualidade); identidade pessoal e familiar; projetos de vida familiares e comunitários; dependência química (alcoolismo/ drogadição); questões de saúde pública; mobilização, organização e exercício de direitos de cidadania; mercado de trabalho; dentre outras.

Para tentar elucidar melhor quais os principais papéis assumidos pelas mulheres na atualidade e verificar se as mesmas exercem ou não o protagonismo junto às suas famílias, levantamos alguns questionamentos que nos levariam a conhecer um pouco melhor o cotidiano dessas mulheres, a partir de suas óticas e de seus familiares, que foram os seguintes:

- “Como é sua família hoje?”
- “Como era sua família no passado”
- “Fale sobre você”
- “O que é ser mulher hoje?”
- “O que era ser mulher no passado?”
- “Quais os seus papéis na família hoje? Qual o mais importante?”

Ao refletirmos sobre as mulheres na sociedade contemporânea, não podemos deixar de pensar sobre todas as relações sócio-históricas e culturais, que permeiam o processo de organização e estruturação das famílias, nas quais essas mulheres estão inseridas, que refletem diretamente nas questões de gênero que se reproduzem ou se transformam ao longo da história.

A partir das análises dos resultados da pesquisa, passamos a estruturar nossas reflexões, divididas em quatro capítulos na presente Dissertação:

No primeiro capítulo, cujo título é “CONSTRUÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA”, apresentamos o cenário da pesquisa, falamos sobre o universo do PAIF; em seguida descrevemos os procedimentos metodológicos: a partir dos sujeitos de nossa pesquisa, sua caracterização, escolha, perpassando por todo o percurso de como se realizou a pesquisa de campo, até chegarmos às categorias, que tiveram origem a partir das análises das entrevistas de nossos sete sujeitos de pesquisa e seus três familiares.

As análises dos resultados das entrevistas apontaram para duas categorias elencadas: a primeira, de manutenção e reprodução das relações sociais e culturais e a segunda, de transformação das relações sociais e culturais.

Sobre as duas categorias discorremos nos capítulos segundo e terceiro, onde falamos sobre famílias e mulheres, respectivamente.

O segundo capítulo tem como título “DA ORIGEM DAS FAMÍLIAS ÀS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS”. Trata-se de uma reflexão sobre o processo sócio-histórico de organização das famílias, perpassando pelas diversas configurações familiares ao longo dos tempos até a atualidade, abordando a centralidade das famílias nas políticas públicas, e encerrando com a análise das entrevistas, onde aparecem as duas categorias elencadas: a primeira de reprodução e a outra de transformação das relações sociais e culturais, cada uma delas divididas em outras duas subcategorias, discorridas no referido capítulo.

Nosso estudo nos proporcionou analisarmos as diferentes formas de organização e estruturação das famílias desde suas origens históricas até as novas formas de organizações da família contemporâneas, para melhor compreendermos como foram estabelecidas as relações de gênero desde suas raízes sócio-históricas e culturais, trazendo reflexões sobre o referencial vivido e construído, a respeito das mulheres sujeitos de nossa pesquisa tentando compreender se foi possível transpô-los de tal forma a tornarem-se sujeitos de suas próprias histórias.

A partir das correlações estabelecidas entre famílias, mulheres e gênero, passamos ao capítulo terceiro de nossa Dissertação, cujo título é “MUNDO FEMININO: MANUTENÇÃO E REPRODUÇÕES IDEOLÓGICAS X TRANSFORMAÇÕES”; a partir deste capítulo passamos a analisar como os papéis atribuídos culturalmente a mulher como mãe, educadora, cuidadora e dona de casa, sempre tiveram como caráter ideológico a reprodução das relações de gênero previamente estabelecidas, através de seus símbolos culturais, conceitos normativos e identidades subjetivas generificadas, além da manutenção das relações primárias de poder e dominação do masculino sobre o feminino.

Refletimos sobre a caracterização do gênero, sobre os papéis masculinos e femininos e desvelamos algumas questões referentes às mulheres e seus papéis, onde verificamos novamente a incidência das duas subcategorias de análise, já citadas, quais sejam de manutenção e reprodução das relações sociais, sendo que esta se desdobra em quatro subcategorias, segundo depoimento das mulheres e seus familiares em contraposição à categoria de transformação das relações sócio-culturais, que aponta para a conquista de novos espaços e sinaliza para um possível avanço nas relações de gênero mais igualitárias; esta segunda categoria também se desdobra em quatro subcategorias, que refletem: a conquista do

espaço público de trabalho assumido pelas mulheres; a luta pela emancipação feminina, na conquista da liberdade e igualdade; as múltiplas funções assumidas pelas mesmas na atualidade e na equiparação de papéis femininos e masculinos, reflexos da sociedade contemporânea.

A partir das análises observamos que as mulheres alternaram-se, entre as duas categorias, transitando pelas mesmas, cujo universo singular, reflete a totalidade de tais relações históricas, sociais e culturais, onde algumas vezes reproduziram e/ou reproduzem e mantêm as relações estabelecidas e noutras vezes transpõem estas relações conseguindo transformá-las no bojo de suas famílias.

São nas novas relações estabelecidas pelas mulheres sujeitos de nossa pesquisa, na transformação e transposição das mesmas, que verificamos o papel de protagonismo das mesmas, onde foi possível constatar que muitas delas alcançaram seu protagonismo, conseguindo romper com várias destas relações pré-estabelecidas, praticamente impostas a essas mulheres, pelas relações de poder, jugo e dominação do masculino sobre o feminino, mantidas através do poder econômico, político e reproduzido social e culturalmente ao longo da história.

Assim, finalmente no capítulo quarto intitulado: “O PROTAGONISMO FEMININO”, conforme objetivo geral de nossa pesquisa que seria de analisar se ocorria ou não o protagonismo entre as mulheres integrantes do PAIF, pudemos verificar que a mesma aponta para o protagonismo dessas mulheres sob diversos aspectos dentre os quais destacamos:

- As suas histórias de lutas e superação;
- As conquistas realizadas pelas mesmas
- A percepção de que são sujeitos da própria história; dentre outras que serão apresentadas no referido capítulo.

Sabemos que nossas reflexões não encerram as discussões sobre a questão levantada, mas reportamo-nos a esta pesquisa, para retirar da invisibilidade, várias mulheres desconhecidas, que não estão representadas nos cenários nacionais e internacionais, mas para além das relações de gênero pré-estabelecidas, acreditamos que muitas mulheres vêm encontrando respostas muitas vezes inusitadas, como será observado ao longo da pesquisa, outras vezes demonstrando sua garra e coragem, na luta para conseguir sobreviver às múltiplas situações adversas, muitas vezes até violentas, para manter e prover seus filhos e famílias, tendo sido elas que ao longo da história, de forma visível e na maioria das vezes invisível, que contribuíram e vêm contribuindo no processo de transformação da sociedade.

COM LICENÇA POÉTICA

Quando nasci um anjo esbelto
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
(dor não é amargura).
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado

CAPÍTULO 1 CONSTRUÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA: O CENÁRIO DA PESQUISA, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, SUJEITOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

1.1 Construções Teórico-Metodológicas da Pesquisa

A pesquisa realizada perpassou por várias fases, tendo iniciado a partir da observação dos grupos sócio-educativos com mulheres que integravam o grupo do Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF)¹, onde foi possível a aquisição de dados iniciais, os mesmos passaram a ser integrados à pesquisa bibliográfica e documental, culminando com a pesquisa de campo, dentro do método qualitativo, que nos proporcionou verificar os objetivos e resultados levantados a partir da análise, sistematização e categorização dos dados obtidos.

Para Minayo (2007, p.57), o método qualitativo:

[...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Assim realizamos a escolha pela pesquisa qualitativa que nos subsidiou na aquisição de dados importantes sobre a realidade social, a partir das sucessivas aproximações da realidade vivenciada por aquelas mulheres, suas percepções e opiniões sobre a família e a mulher, quanto ao passado e atualidade.

O desvelamento de tais relações, porém se dá de forma parcial, pois como aponta Minayo (2007, p.76), “[...] todo conhecimento social (por método quantitativo ou qualitativo) sempre será um recorte, uma redução ou uma aproximação [...]”, da realidade, que se manifesta de forma complexa, dinâmica e dialética, sendo que a pesquisa possibilita-nos um diálogo com a mesma.

Citando José Filho (2006, p.64) “[...] o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

A pesquisa segundo Pedro Demo (2002, p.16) não é um ato isolado:

Em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem [...] Faz parte do processo de

¹ Sobre este programa discorreremos a seguir em item específico sobre o PAIF.

informação, como instrumento essencial para a emancipação.

Assim, segundo os dois autores pudemos entender que a pesquisa não se constitui em ato isolado em si, mas ela se manifesta através do diálogo crítico com a realidade e os diversos atores sociais que nela estão inseridos, ocorrendo a partir das sucessivas aproximações com os sujeitos de nossa pesquisa, a partir de contínuo processo de verificação do que está oculto e do desvendamento da realidade social.

Para Minayo (2007, p.57), as abordagens qualitativas possibilitam melhores formas de investigações de grupos, a partir das análises a serem realizadas:

Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et al., 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análise de discursos e de documentos. Esse tipo de método [...] propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação. Caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo em estudo. Por isso, é também utilizado para a elaboração de novas hipóteses, construção de indicadores qualitativos, variáveis tipologias.

Este tipo de pesquisa nos possibilitou assim, a revisão de conceitos, formas de abordagens e verificação das categorias que não foram escolhidas no início da pesquisa, mas que surgiram a partir da fala das mulheres e familiares entrevistados, que nos proporcionaram uma maior riqueza, compreensão da realidade e melhor leitura de suas vidas cotidianas.

Descrevemos a seguir as fases de nossa pesquisa.

A primeira fase da pesquisa ocorreu a partir das observações realizadas junto aos grupos sócio-educativos com mulheres e famílias atendidas pelo PAIF, desenvolvido no Centro de Referência de Assistência Social da Regional Sul (CRAS Sul), dentro da Secretaria de Ação Social (SEDAS) da Prefeitura de Franca /SP.

Destarte, a partir da observação de dados verificados ao longo dos anos de 2006 a 2008, demos início ao processo de pesquisa propriamente dita, que foi subsidiada, pelo conhecimento do cotidiano vivenciado pelas mulheres sujeitos de nossa pesquisa. Foi possível conhecer melhor o contexto social da realidade em que estavam inseridas, iniciando assim o processo de investigação sobre seu protagonismo.

Os dados obtidos a partir desta fase da pesquisa serão apresentados no capítulo terceiro, em item específico sobre os papéis femininos e masculinos. Estes foram sistematizados a partir de reuniões temáticas realizadas nos anos de 2007 e 2008, com as

mulheres integrantes dos grupos que já apontavam para as mudanças que vêm ocorrendo referente a tais papéis na sociedade contemporânea.

Na segunda fase foi realizado levantamento de bibliografia especializada, referente à temática: família e mulher, tendo como referência os principais autores registrados através de ficha documental. A pesquisa bibliográfica nos possibilitou ampliar o conhecimento do tema desenvolvido e oferecer subsídios a respeito do que já foi produzido anteriormente, permitindo um norteamento teórico-metodológico à pesquisa apresentada. Também utilizamos como referência: programas televisivos, documentários e arquivos referentes ao tema.

Nesta fase foram realizadas novas aproximações e estudos mais detalhados sobre as questões de gênero, categoria esta que segundo Joan Scott (1995), é relevante e digna de análise histórica; foram aprofundados dados referentes à metodologia, pesquisa qualitativa, análise de conteúdo e outros materiais essenciais ao desenvolvimento da pesquisa.

Passando à terceira etapa da pesquisa qualitativa escolhemos como instrumento para aquisição de dados a entrevista com finalidade de verificar a fundamentação do objeto e objetivos de nossa pesquisa.

Segundo Martinelli (1999, p.115):

A pesquisa qualitativa se insere no marco de referência da dialética, direcionando-se fundamentalmente, pelos objetivos buscados. O desenho da pesquisa qualitativa deve nos dar visibilidade muito clara do objeto, objetivo e metodologia, de onde partimos e onde queremos chegar.

Tomamos assim por base a pesquisa qualitativa que, a partir das entrevistas, nos ofereceu melhores possibilidades de análise para nosso objeto da pesquisa: o protagonismo das mulheres, com objetivo geral de analisar se ocorria ou não o protagonismo entre as mulheres integrantes do PAIF, verificando os principais e novos papéis desempenhados pelas mesmas no bojo das famílias contemporâneas, desmembrando nos objetivos específicos de: averiguar se as mulheres participantes do PAIF são protagonistas ou mantenedoras das situações vivenciadas junto às suas famílias na atualidade; verificar se estão ocorrendo mudanças relativas às famílias de nossa amostra, se as mulheres conseguem observá-las e apontar quais são estas mudanças; identificar os principais papéis desempenhados e observados pelas mulheres do PAIF na atualidade; refletir sobre as relações de gênero e os papéis da mulher na sociedade contemporânea nas famílias estudadas.

Para a realização das entrevistas foi utilizado um roteiro semi-estruturado com questões relativas aos dois eixos de nossa pesquisa: mulher e família. (Roteiro Entrevistas –

Apêndice A).

Para Barros e Lehfeld (2000, p.58) este tipo de entrevista elenca aspectos importantes através da fala dos atores sociais de nossa pesquisa:

[...] a entrevista semi-estruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa.

As entrevistas foram realizadas dentro de um contexto de bom entrosamento entre pesquisadora e sujeitos, proporcionando-nos subsídios relevantes para a verificação dos objetivos elencados no início de nossa pesquisa, bem como na apuração dos resultados esperados, onde foi possível delinear os principais e diferentes papéis das mulheres integrantes do PAIF, na atualidade enquanto mães, provedoras, cuidadoras, educadoras, dentre outras, averiguando seu protagonismo ou não nas relações familiares.

Triviños (1994, p.138) destaca a importância na utilização deste tipo de entrevista:

[...] o pesquisador qualitativo, que considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apóia-se em técnicas e métodos que reúnem características **sui generis**, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações. (grifo do autor).

Destarte a importância da pesquisa com a utilização de entrevistas, traz em seu bojo informações singulares, fornecidas pelos sujeitos da pesquisa, que nos oferecem os principais aspectos levantados a partir da pesquisa de campo, cuja sistematização de dados aponta para as duas categorias elencadas pela pesquisadora: categoria de reproduções de relações sócio-culturais em contraposição à categoria de transformação das relações sociais e culturais.

Tais dados subsidiaram os resultados obtidos que apontam para o protagonismo das mulheres na atualidade, sobre os quais discorreremos nos capítulos terceiro e quarto.

1.2 Cenário da Pesquisa

1.2.1 O PAIF - Programa de Atenção Integral às Famílias

O PAIF é o principal programa de Proteção Social Básica, do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Desenvolve ações e serviços básicos continuados para as famílias em situação de risco ou vulnerabilidade social nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS). (Guia Suas nº 1, p. 15)

Foi criado no dia 18 de abril de 2004, através da portaria nº 78, pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e desde este ano tornou-se um programa de “ação continuada da Assistência Social”, passando a integrar a rede de serviços financiada pelo Governo Federal (Decreto 5.085/2004)

Dentro da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), aprovada em setembro de 2004, a Assistência Social está definida como Política de Proteção aos que estão em situação de risco ou vulnerabilidade social e faz distinção entre a Proteção Social Básica (PSB) e Proteção Social Especial (PSE).

Estas famílias estão sendo atendidas nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), tendo por perspectiva, fazer avançar o caráter preventivo de proteção social. Dentro desta perspectiva, nos CRAS vêm sendo desenvolvidos diversos serviços, dentre eles o PAIF, prevendo oferecer apoio às famílias e indivíduos na garantia de seus direitos de cidadania, com ênfase na convivência, relação familiar e comunitária, nos serviços continuados de acompanhamento social, na proteção social, na acolhida para recepção, na orientação e referência.

O PAIF preconiza: a mudança de foco do indivíduo para a família, a intervenção nas causas e não na situação problema, a articulação e integração das ações de todas as Políticas Sociais (trabalho em rede intersetorial), a superação da prática de programas e projetos superpostos, a incorporação de elementos de planejamento, controle e avaliação e a superação do assistencialismo pela implantação de uma política de caráter emancipatório.

No município de Franca, a proposta atual de trabalho no CRAS oferece: cursos e oficinas de geração de renda, cursos profissionalizantes, grupos de reflexões sócio-educativos, junto às mulheres e famílias, bem como um trabalho na direção da legitimação de direitos sociais, através do exercício da organização, participação e mobilização popular. A luta por direitos sociais é realizada através do levantamento e potencialização de lideranças femininas (que se destacam nos grupos), enquanto agentes multiplicadores, junto às suas famílias e nas ações comunitárias, dando ênfase à valorização das culturas e talentos regionais/ locais.

1.2.2 Caracterizações do PAIF na Região Sul de Franca/SP

Uma proposta diferenciada dentro do processo de autonomia para as mulheres atendidas junto ao PAIF na região Sul, tem em vista a oferta de cursos e/ou oficinas de geração de emprego e renda, pretendendo refletir/ repensar novas perspectivas de inclusão

produtiva, através de formas organizativas da economia solidária, cooperativas e associações.

Também o trabalho de mobilização e organização social está inserido nesta proposta, tendo em vista o processo democrático, a fim de promover e viabilizar a luta por programas sociais que possam ser talvez transformados em Políticas Sociais, onde a participação popular venha a ser futuramente implementada frente à educação comunitária, bem como a conquista de direitos básicos, devendo vir a ser amplamente discutidas junto a população, em nível micro e macro estrutural (através de encontros, fóruns, conferências, etc.), saindo dos interesses particulares, priorizando interesses coletivos, dentro de um processo de reflexão junto às mulheres, jovens, famílias, enfim usuários da rede de serviços.

Refletir junto às mulheres questões pertinentes à realidade atual, tais como os seus direitos, relações de gênero, as novas exigências do mercado de trabalho, que inserem atualmente em seu bojo, majoritariamente o público feminino; bem como apontar caminhos em busca de alternativas de renda, especialização e/ou profissionalização segundo possibilidades e interesses do grupo, constitui também em focos temáticos desenvolvidos junto ao PAIF e demais programas destinados a atender as famílias, que compreendem as mulheres como as principais protagonistas na obtenção de conhecimentos, informações e aprendizagem, reproduzindo-as e ampliando-as através de seus múltiplos e novos papéis, junto de seus familiares, na atualidade.

Os grupos do PAIF envolvem a seguinte metodologia de trabalho: reuniões sócio-educativas sistemáticas (quinzenalmente ou mensalmente), visitas domiciliares, atendimentos individuais, proposta de oficinas de geração de renda, alguns cursos profissionalizantes, oferta de atividades de lazer, cultural, acompanhamento familiar, integração de grupal e comunitária, contatos e encaminhamentos diversos com a rede socioassistencial² local e rede intersetorial³, dentre outras ações e procedimentos.

Nossa amostra de pesquisa constou de um recorte junto ao universo do PAIF, com as mulheres integrantes dos grupos: “Famílias em Ação” e “Raio de Luz” (predominantemente), de bairros periféricos do município de Franca/SP. O grupo “Famílias em Ação” foi acompanhado diretamente por esta pesquisadora enquanto profissional e grupo “Raio de Luz”, acompanhado indiretamente por meio de trocas/socializações do trabalho junto à

² Conjunto integrado de ações dos atores sociais, da iniciativa pública e da sociedade, que ofertam e operam benefícios, serviços, programas e projetos, o que supõe a articulação entre todas essas unidades de provisão de proteção social, sob a hierarquia de básica e especial, e ainda por níveis de complexidade. (Termos usuais da assistência social, p. 29, governo do estado de São Paulo, BID, PNUD)

³ Intersetorialidade: princípio de gestão das políticas sociais que privilegia a integração das políticas em sua elaboração, execução, monitoramento e avaliação. [...] Pode ser definida também como ação conjunta com as demais políticas: educação, saneamento saúde, habitação, cultura, meio ambiente, assistência social, etc – (idem, p. 22)

profissional responsável pelo mesmo, dentro CRAS Sul que tem como proposta diferenciada alternativas de trabalho integrado para as famílias na sua totalidade, na sua integralidade.

A escolha da amostra é pertinente à área de atuação da pesquisadora, que esteve acompanhando famílias (direta e indiretamente), atendidas pelos diversos programas sociais e pelo PAIF, com população predominantemente feminina, destacando questões referentes à: gênero; papéis; famílias e relações familiares (mães, filhos, companheiros/esposos, parentes, vizinhos e outros; considerando-se as famílias nas suas diversas configurações existentes na atualidade); identidade pessoal e familiar; projetos de vida familiares e comunitários; dependência química (alcoolismo/ drogadição); questões de saúde pública; mobilização, organização e exercício de direitos de cidadania; mercado de trabalho; dentre outras.

1.3 Procedimentos Metodológicos

Nossa pesquisa foi realizada junto às mulheres do PAIF e alguns de seus familiares, atendidas em grupos sócio-educativos, referentes aos primeiros anos de implantação do PAIF no município de Franca/ SP.

O recorte temporal foi de 2006 a 2008. No ano de 2006 foi implantada a metodologia do PAIF, quando as famílias passaram a ter um acompanhamento continuado, tendo em vista a Proteção Social Básica (PSB), exercida dentro dos CRAS até 2008, tempo que foi possível a pesquisadora fazer o acompanhamento dos grupos e observar os aspectos pertinentes ao seu objeto de pesquisa: o protagonismo das mulheres. A partir de maio de 2008 a pesquisadora passou a função de coordenação, não tendo atuado mais diretamente nos grupos, passando então a ter como foco da pesquisa os sujeitos de nossa dissertação, acompanhados neste período.

Nos anos de 2006 a 2008 o município de Franca contava com 15 grupos de PAIF. Cada um com vinte membros, distribuídos da seguinte forma: três grupos de PAIF por região, com vinte membros em cada grupo, atendendo a sessenta famílias em cada região, sendo elas: Norte, Sul, Centro, Leste e Oeste.

Este cenário alterou-se significativamente segundo dados Censo CRAS/ SUAS, de agosto de 2010, da Secretaria Nacional de Assistência Social, tínhamos os seguintes atendimentos referentes ao PAIF no Município de Franca / SP: Região Norte, atendendo a 583 famílias, em 10 grupos; Região Sul, atendendo a 256 famílias, em 08 grupos; Região Centro, atendendo a 300 famílias, em 06 grupos, Região Leste, atendendo a 242 famílias, em 10

grupos e Região Oeste atendendo a 533 famílias em 05 grupos, dados fornecidos por Lucinéia Silva Sartori Coelho, Diretora da Rede de Proteção Social Básica (PSB) e também atualmente Coordenadora responsável por todos os cinco CRAS de Franca.

Nossa pesquisa teve início a partir da observação dos grupos por nós acompanhados, onde foram desenvolvidos trabalhos sócio-educativos, tendo sido possível que verificássemos os diferentes papéis exercidos pelas mulheres, integrantes do PAIF; a partir destas observações tentamos identificar quais os principais papéis desempenhados pelas mesmas no bojo de suas famílias, e se existiam diferentes posturas e experiências vivenciadas, através das reflexões sobre relações de gênero dentre outras temáticas, desenvolvidas nos grupos.

Tornou-se objetivo de nossa pesquisa verificar se estas mulheres desempenhavam um protagonismo ou não em suas famílias.

A pesquisa nos possibilitaria verificar as diferenças entre o vivido e o aprendido, entre o que foi tradicionalmente “naturalizado”, ou seja, o culturalmente construído e o desvelamento de tais relações no cotidiano de suas vidas, observando se ocorreram mudanças a partir das informações e reflexões realizadas nos grupos e melhor compreensão da realidade vivida, possibilitando as mesmas um processo de transformação de tais relações, podendo se reconhecer enquanto sujeitos de sua própria história.

Após aprovação do projeto de nossa pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Campus da UNESP, Franca, (CEP: 038/2009 – Anexo A), demos início a pesquisa de campo, que estava programada, a partir de agosto de 2009, junto aos sujeitos de nossa pesquisa e seus familiares.

Não nos foi possível realizar o pré-teste, devido ao desejo de termos finalizado anteriormente esta Dissertação, assim tão logo foi aprovada nossa pesquisa pelo Comitê de Ética iniciamos as entrevistas.

Os critérios do sigilo e da ética profissional foram observados. Foram assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B) por todos integrantes de nossa pesquisa, no caso de Mateus (menor de idade – TCLE – Anexo C), tendo sido consultado previamente e concordado com a pesquisa, o termo foi assinado por sua mãe Maria Lúcia.

O anonimato dos sujeitos foi mantido, uma vez que tratamos de questões pertinentes à vida íntima e privada de nossa população usuária. Os nomes fictícios foram escolhidos por nossas entrevistadas, segundo suas preferências e estilos, carregando um pouco de cada uma e um pouco daqueles pseudônimos que lhes agradam.

Quanto aos nomes dos familiares, os nomes fictícios foram escolhidos da seguinte

forma: no caso de Paula (filha Dani), foi ela mesma quem escolheu seu nome fictício, no caso de André (esposos de Marília), foi ela quem indicou o nome para o esposo, no caso de Mateus, foi a mãe Maria Lúcia quem indicou o nome fictício para o filho.

Quanto aos demais nomes fictícios de familiares que aparecem no decorrer dos depoimentos, foram escolhidos pela pesquisadora.

1.3.1 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida, dentro do universo dos grupos PAIF: “Famílias em Ação” e “Raio de Luz”, de bairros periféricos da Região Sul do Município de Franca/ SP.

Nossos sujeitos de pesquisa foram de sete mulheres do PAIF; contamos ainda com o depoimento de três de seus familiares, que colaboraram com a mesma, estes escolhidos segundo parentesco de convivência familiar sob o mesmo teto, tendo participado da pesquisa: um filho, uma filha e um esposo.

Na previsão inicial contaríamos com outros parentes como: pai ou mãe, avós se houvesse a existência dos mesmos no contexto familiar, porém dentre as mulheres escolhidas não havia tais familiares convivendo com as mesmas.

Seis destas mulheres representam um universo de 15 % dos grupos que estavam constituídos da seguinte forma: 02 grupos com 20 membros cada. Foram entrevistadas 03 mulheres do grupo “Famílias em Ação” e 03 mulheres do grupo “Raio de Luz”, a sétima mulher participante da pesquisa não estava nos referidos grupos, mas participava de outro grupo dentro da metodologia do PAIF, porém com um número superior de membros 28 pessoas, ela, portanto representa neste grupo um universo de 3,57%.

A seguir apresentamos dois quadros com a caracterização dos sujeitos e na sequência, o quadro de caracterização dos familiares entrevistados.

Destacamos que o ano de referência das entrevistas realizadas foi o ano de 2009.

1.3.1.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Para melhor analisarmos os sujeitos de nossa pesquisa, utilizaremos dados referentes à caracterização das sete mulheres escolhidas dentro de nosso universo.

Casal com Filhos										
Nome	Idade	Sexo		Escolaridade	Profissão	Renda Familiar (RS)			Composição Familiar	
		Fem	Masc			Referência Ano 2009	Referência Ano 2009	Mulher	Homem	Filhos (as)
Marília	46	X		5ª série	Auxiliar de Serviços Gerais	500,00	900,00	500,00 700,00	01 esposo	02 adultos
Jaqueline	32	X		7ª série	Vendedora de pães de queijo	700,00	1.000,00		01 esposo	04 crianças
Dani	44	X		8ª série	Artesã	300,00	800,00	900,00	01 esposo	01 adulta
Marcela	42	X		2ª série	Cabeleireira	800,00	800,00	800,00 800,00	01 esposo	09 filhos sendo: 03 adultos 03 adolescentes 01 criança com ela 02 filhas casadas
Monoparental Feminina										
Maria Lúcia	43	X		5ª série	Do lar/ Costura calçados em casa	182,00 Programas. Sociais: BF 122,00 AJ 60,00		465,00	---	04 filhos sendo: 02 adolescentes 02 crianças
Meire	29	X		8ª série	Do lar/babá	372,00 P. AL.: 250,00 Programas. Sociais: BF 122,00			01 companheiro (não reside com ela)	07 crianças* *sétimo nasceu após entrevista (30/09/09)
Fernanda	51	X		8ª série	Do lar / Costureira	208,00 Programas Sociais BF e RM: 148,00 AJ 60,00			-----	07 filhos sendo: 01 adolescente 01 criança 05 casados

- Dados, valores e rendas referentes ao ano 2009 em que foi feita a Pesquisa.

Legenda: P.AL.- Pensão Alimentícia/B.F.- Programa Social Bolsa Família-Transferência de Renda Governo Federal/R.M.- Programa Social Renda Mínima-Transferência de Renda Governo Municipal/A .J.- Programa Social Ação Jovem-Transferência de Renda Governo Estadual

Quadro 1: Caracterização dos Sujeitos

Podemos analisar que dentre as mulheres entrevistadas existem dois tipos de configurações familiares, sendo elas: quatro mulheres em famílias de casais com filhos e três mulheres com a configuração de famílias monoparental feminina.⁴ Elas têm entre 29 a 51 anos de idade.

A escolaridade oscila de 2^a a 8^a série, sendo que apenas uma delas fez somente a 2^a série, duas delas concluíram a 5^a série, uma a 7^a série e três delas conseguiram concluir a 8^a série. Isso demonstra que as mulheres não têm baixa escolaridade e podemos inferir que as mesmas não se acomodaram perante as dificuldades em seu cotidiano, pois este é um perfil diferenciado mediante a população que atendemos, cujas maiores vulnerabilidades sociais apresentadas são: baixa escolaridade ou a falta de alfabetização, baixa qualificação profissional, desemprego, dentre outras.

As profissões desenvolvidas por nossas entrevistadas são diversas, variando desde auxiliar de serviços gerais, vendedora de pães de queijo, artesã, cabeleireira, do lar (com costura de calçados em casa – terceirização de serviços), do lar (trabalhando com bicos de babá em casa), do lar (trabalhando como costureira em casa), as três últimas (famílias monoparentais femininas) tem maior precariedade de trabalhos e serviços, com baixa remuneração, variando a partir de serviços sazonais. Não há estabilidade quanto às remunerações que oscilam conforme sua oferta e procura reflexos da precarização do trabalho, da política neoliberal.

Podemos observar que as atividades de renda e/ou trabalhos desenvolvidos pelas entrevistadas são atividades caracterizadas como predominantemente “femininas”.

Dentre as sete mulheres entrevistadas, apenas uma encontra-se registrada, no mercado formal como auxiliar de serviços gerais, trabalhando em entidade na comunidade, que atende a mães e crianças em situação de risco, reproduzindo uma profissão designada como eminentemente “feminina”, no cuidado, atenção e assistência material às famílias de baixa renda e seu salário é de R\$ 500,00.

Três mulheres trabalham no mercado informal, suas rendas variam entre R\$ 300,00 e R\$ 800,00.

No caso das outras três mulheres com famílias monoparentais femininas estas exercem as atividades do lar, fazem bicos não havendo renda fixa, pois são trabalhos esporádicos, suas rendas atuais são de recursos advindos de Programas Sociais de transferência de renda ou pensão alimentícia.

⁴ Famílias monoparentais femininas (mulher responsável sem cônjuge) com a presença de filhos - definição IBGE 2000.

Neste caso, não havendo o companheiro presente na família, podemos verificar que as dificuldades enfrentadas pelas mesmas são maiores, pois além da falta dos recursos materiais e financeiros, normalmente onde os homens são os principais provedores e seus salários são maiores que os femininos, as mesmas conforme apresentaremos em análises de entrevistas posteriores relatam as dificuldades de exercer simultaneamente os papéis de pai e mãe, ao mesmo tempo, tendo a grande responsabilidade de prover as necessidades de suas famílias e pelo fato de estarem sozinhas, têm que tomar todas as decisões no que se refere aos cuidados, educação, além da provisão dos filhos, não havendo ninguém junto a elas no compartilhamento de tais ações.

Segundo Vitale (2002, p.49-50) a noção de monoparentalidade, está implicitamente correlacionada ao gênero feminino e à pobreza:

Dados recentes sobre a supremacia numérica feminina nessas configurações familiares e as origens do próprio termo (Lefaucheur, 1997), acabam, no entanto, por cunhar uma relação implícita entre monoparentalidade e feminino. Esta primeira implicação – monoparentalidade e gênero – que gostaria de chamar a atenção. Ao se vincular monoparentalidade e feminino fortalece-se a idéia de que as mulheres (e não os homens) são responsáveis pelas famílias? A monoparentalidade está se construindo como uma “especificidade do feminino”?

[...] A noção de monoparentalidade tem ficado associada não só ao sexo, mas também a pobreza. Os dados de nossa sociedade fortalecem essa correlação. O Censo 2000 aponta que a média da renda dos homens chefes de família é de R\$ 827,00, enquanto a das mulheres é de R\$ 591,00. Mas para 5,5 milhões de mulheres chefes de família o rendimento mensal não ultrapassa R\$ 276,00. [...] É importante não esquecer que grande parte dessas mulheres chefes de família estão em situação monoparental. Assim as relações entre mulheres e pobreza constituem as raízes de efeitos perversos sobre a vida familiar.

Assim nossa pesquisa também retrata na singularidade os dados referentes ao Censo 2000, onde as famílias monoparentais femininas apresentam renda familiar muito inferior às famílias compostas por casais com filhos.

Apenas uma destas mulheres, de família monoparental feminina, conta com a ajuda no recurso financeiro do filho de 16 anos que trabalha em supermercado, recebendo a renda de R\$ 465,00 (meio período de trabalho), atuando atualmente como principal “provedor” da família.

Na situação das mulheres com composição familiar de casal com filhos, além das mesmas já apresentarem certa autonomia, com rendimentos significativos no trabalho e nas atividades que exercem, ainda contam com provisões e recursos financeiros, advindos dos trabalhos de seus esposos e, no caso das que já tem filhos adultos, dos trabalhos dos mesmos.

Neste caso suas rendas familiares são significativamente maiores, além de poderem compartilhar decisões familiares ora com esposo, ora com os filhos e em alguns casos com ambos familiares, dados que serão apresentados por algumas entrevistadas, a partir da análise das entrevistas.

Conforme pudemos verificar ocorre uma expressiva diferença de renda entre os dois tipos de famílias representativos na amostra de nossa pesquisa, onde as rendas familiares identificadas, conforme quadro nº 1 em referência foram de: R\$ 2.600,00, R\$ 1.700,00, R\$ 2.000,00 e R\$ 3.200,00, nas famílias constituídas por casais com filhos, em contraposição às rendas apresentadas pelas famílias monoparentais, onde foram declarados valores de: R\$ 647,00, R\$ 372,00 e R\$ 208,00, uma situação significativamente desigual, o que demonstra estar correlacionadas ao gênero feminino e situação de baixa renda e também conforme já foi refletido no que tange ao compartilhamento de responsabilidades e decisões na família.

Outro diferenciador, neste caso é de que estas famílias com composição monoparental possuem apenas crianças em suas composições, não havendo filhos adultos que residam com as mães apenas um jovem de 16 anos, que colabora financeiramente, mas têm dificuldades no compartilhamento de decisões.

As composições familiares alteram-se entre quatro casais com 02 a 07 filhos entre adultos, adolescentes e crianças e famílias monoparentais variando o número de filhos entre 04 e 07 filhos entre adultos, jovens, adolescentes e crianças, conforme quadros nº 1, apresentado anteriormente.

Podemos verificar que se alternam entre duas famílias pequenas: casal com 01 filha e outra com 02 filhos, e as demais famílias com significativo número de membros entre 05, 08 e 09 membros, na composição familiar.

1.3.1.2 Caracterização dos Familiares dos Sujeitos da Pesquisa

Analisemos a seguir os dados referentes à caracterização dos três familiares dos sujeitos de nossa pesquisa.

Família composta por Casal com Filhos								
Nome	Idade	Sexo		Escolaridade	Profissão	Renda Individual I	Composição Familiar	
André Esposo de Marília	48		X	8ª série	Borracheiro	900,00	01 esposa	02 filhos adultos
Paula Filha de Dani	22	X		3º colegial (ensino médio)	Balconista Farmácia	900,00		Mora com a mãe e o pai
Família Monoparental Feminina								
Mateus Filho de Maria Lucia	16		X	2º colegial (ensino médio)	Auxiliar em Supermercado (frutas e verduras)	465,00		Mora com a mãe e 03 irmãos.

* Dados, valores e rendas referentes ao ano 2009 em que foi feita a Pesquisa.

Quando 2: Caracterização dos Familiares

Dentre os familiares entrevistados temos um esposo, com idade de 48 anos, escolaridade de 8ª série, profissão borracheiro, renda individual R\$ 900,00, sendo que sua esposa recebe R\$ 500,00 no trabalho de auxiliar de serviços gerais (salário feminino praticamente a metade do masculino), e seus 02 filhos adultos que recebem uma renda de R\$ 500,00 e R\$ 700,00. A renda familiar é de R\$ 1.600,00.

No caso da segunda familiar entrevistada trata-se da filha de uma das mulheres casadas, tendo 22 anos, concluiu ensino médio, trabalha como balconista de farmácia, sendo que sua renda individual R\$ 900,00 é solteira e reside com o pai e a mãe. A renda familiar é de R\$ 2.000,00.

O terceiro familiar entrevistado, é um jovem de 16 anos, estava cursando o ensino médio, na época da entrevista, trabalhava em supermercado por meio período recebendo R\$ 465,00, sendo atualmente o principal “provedor” da família, residindo com a mãe e mais 03 irmãos sendo 01 adolescente e 02 crianças, sua renda somada a de sua mãe (R\$ 182,00 proveniente de Programas Sociais) compõem a renda familiar de R\$ 647,00.

1.3.2 Pesquisa de Campo

1.3.2.1 Escolha dos Sujeitos da Pesquisa

Conforme já relatamos, dentro da área que atuamos como profissional enquanto assistente social, em bairros periféricos de Franca/SP, destacamos a prática junto aos grupos sócio-educativos, onde o trabalho predominante ocorre majoritariamente com o público feminino.

O crescimento eminente deste contingente de mulheres, que chega ao atendimento social começou a despertar em nós, o interesse pela pesquisa.

Em meio às observações e necessidades demandatárias deste público, pudemos verificar que ali várias destas admiráveis mulheres encontravam respostas de sobrevivência e até mesmo de resistência às situações desfavoráveis, para manterem suas famílias, contra tantas adversidades da sociedade contemporânea.

Algumas vezes coesas, algumas vezes aos pedaços, mas sempre trazendo respostas surpreendentes, face aos desafios massacrantes de seus cotidianos e realidades enfrentadas.

Encontramos assim os sujeitos de nossa pesquisa. Ou seriam elas que nos encontraram?

Enfim precisávamos nos debruçar mais profundamente sobre estas mulheres, público alvo de nossos atendimentos, para descobrir seus papéis reproduzidos, aprendidos ou mesmo apreendidos, para desvendar sobre seus históricos: o seu protagonismo ou não, junto às suas famílias, comunidade e/ou sociedade.

Elegemos sete mulheres do PAIF cujo critério definido por nós foi o fato de que se destacaram no grupo, elas tinham em comum história de lutas e superações nas adversidades; conquistas realizadas com relação a seus sonhos e projetos de vida; algumas delas eram provedoras e/ou coparticipantes no processo de manutenção e sustentação de suas famílias; dentre outras atitudes que destacaremos no capítulo final, onde nos deteremos à discussão do protagonismo das mesmas, que foi constatado, traremos também os novos dados que foram levantados a partir da pesquisa de campo.

Conforme já discorremos estas mulheres pertenciam a dois grupos do PAIF: “Famílias em Ação” e “Raio de Luz” (com reuniões quinzenais).

Na pesquisa de campo inicialmente prevista foram escolhidas enquanto sujeitos seis mulheres. Também pretendíamos entrevistar cinco de seus familiares (um de cada família aproximadamente), para conhecer suas opiniões a respeito do protagonismo ou não das

mesmas.

Após o início das entrevistas, verificamos a disponibilidade de realizá-las com sete mulheres, tendo sido possível entrevistar apenas três de seus familiares, devido a não disponibilidade de alguns membros nas datas agendadas e a não possibilidade de retomarmos as entrevistas com os dois membros anteriormente previstos.

Os familiares entrevistados conforme já descrito foram: um filho, uma filha e um esposo dentre as sete mulheres sujeitos de nossa pesquisa.

Assim após aprovação do projeto de nossa pesquisa pelo Comitê de Ética, fizemos contatos pessoais e telefônicos com nossos sujeitos de pesquisa, para agendar as entrevistas.

Foram datas previamente marcadas, segundo a disponibilidade das mesmas, onde a pesquisadora foi até suas residências, podendo inteirar-se e aproximar-se melhor de suas rotinas de vida e trabalho, bem como observar seu cotidiano, para melhor desvelamento da realidade em que se encontram inseridas.

1.3.2.2 Percurso Metodológico

Iniciamos nossas entrevistas em agosto de 2009. Fomos primeiramente ao local onde se realizam reuniões do grupo PAIF “Famílias em Ação”, e conseguimos agendar com três mulheres.

Uma das entrevistas foi marcada com Meire, que estava numa lista inicial de mulheres pré-selecionadas, com as características dentro dos critérios descritos, marcamos também com seu companheiro, o qual infelizmente não conseguimos entrevistar na data prevista, não tendo sido possível reagendar.

A outra entrevistada foi Fernanda, que não estava na lista inicial, pois havia se mudado para outra região, mas como a encontramos no grupo e ela que já havia se destacado quanto aos critérios de seleção, sendo que a mesma fora a responsável pela escolha do nome do Grupo “Famílias em Ação”, resolvemos incluí-la em nossa amostra. A previsão da entrevista seria com ela e o filho, mas na ocasião, ela achou que o filho não teria maturidade para responder a entrevista, cujo posicionamento respeitamos.

A terceira mulher selecionada foi Marília, que também não estava na lista inicial, mas foi escolhida por ser liderança na comunidade, fazer parte do PAIF “Raio de Luz” (grupo já selecionado) e por ser responsável pelo trabalho em uma entidade na região. Foram agendadas as entrevistas com ela e o esposo. Neste caso, ela substituiu uma das escolhidas

inicialmente. Realizamos contato pessoal e agendamos por telefone data e local em sua residência; ela foi nossa primeira entrevistada, na data de 02 de setembro de 2009.

Na mesma ocasião, da reunião do grupo PAIF, solicitamos à Marília o telefone de Jaqueline, uma liderança na comunidade que também participou dos grupos sócio-educativos, um grupo maior de 28 pessoas, com reuniões mensais no período de 2006 a 2008. Ela também não pertencia à lista inicial, mas destacara-se no grupo por seu perfil de liderança e por seu protagonismo em sua família, cuja história de vida conseguira alterar significativamente, tendo superado muitas situações de vulnerabilidades (marido recluso, situação de baixa renda, falta de alternativas de trabalho e renda para a família, dentre outras) da época em que iniciara sua participação no grupo.

Jaqueline compareceu ao CRAS Sul, foi esclarecida sobre a pesquisa e aceitou participar com seu marido da entrevista. Agendamos entrevista com ela e o marido, para o dia 07 de outubro, data em que seu marido não pode estar presente e posteriormente não conseguimos entrevistá-lo.

Outra mulher que foi sujeito de nossa pesquisa já prevista na lista inicial foi Dani, do grupo “Raio de Luz”. Foi feito contato telefônico e agendamos para 20 de outubro de 2009, data em que realizamos as entrevistas com ela e sua filha Paula.

Agendamos também entrevistas com Marcela (grupo “Raio de Luz”) e com Maria Lúcia (grupo “Famílias em Ação”), por telefone, com o esclarecimento sobre a pesquisa e já fazendo parte da lista inicial, concordaram com a entrevista. Maria Lúcia participou da entrevista com o filho Mateus (16 anos).

Todas as mulheres sujeitos de nossa pesquisa e seus familiares receberam anteriormente o roteiro com as questões da entrevista (na data em que agendamos com elas), conforme solicitação das mesmas; para poderem se orientar e melhor compreender sobre o que se tratava a pesquisa. As entrevistas foram gravadas com autorização das mulheres envolvidas e seus familiares, o que facilitou a transcrição a partir da narrativa de nossos sujeitos e familiares, garantindo a autenticidade das informações obtidas.

Conforme Dalbério (2006, p.81), as entrevistas nos trazem informações complementares, as inicialmente previstas na pesquisa, sendo o roteiro apenas um norteador:

No processo de entrevista, aparecem informações não contempladas e nem previstas nos objetivos da pesquisa, mas que ao aparecerem tornam-se importantes. Nesse caso, o formulário assume, na entrevista, características de semi-abertas. Isto é, o entrevistador prepara mecanismos investigativos para obter informações complementares importantes à sua pesquisa. Dessa maneira, insere em seu formulário, durante a entrevista,

dados novos devidamente registrados para análise e discussão na pesquisa.

Segundo ele, os dados obtidos mediante entrevista possibilitam ao pesquisador coletar informações adicionais, permitindo uma investigação mais ampliada sobre a pesquisa. Os novos dados verificados a partir do roteiro pré-estabelecido possibilitaram a pesquisadora elucidar algumas situações e veracidade das informações obtidas.

1.3.2.3 Processo de obtenção de dados: local de realização da pesquisa, seqüência de entrevistas e observações preliminares.

A primeira entrevista funcionou praticamente como pré-teste. A princípio achamos que não conseguiríamos atingir os objetivos das entrevistas. Fomos reequacionando as formas de realizar as perguntas. As entrevistas mais ricas foram a quarta de Jaqueline e a quinta de Fernanda, quando as usuárias à vontade, abriram-se para falar sobre suas vidas.

Realizamos assim no dia 02/09/2009, às 16hs, nossa primeira entrevista com a usuária Marília em sua residência, local escolhido pela mesma; nesta data foram feitas duas entrevistas com ela e o marido. Embora realizada com o casal, um pouco nervosos a princípio, quando esclarecidos sobre a pesquisa, autorizaram as entrevistas e mesmo estando juntos, acreditamos que os resultados finais não foram comprometidos, uma vez que ambos estavam à vontade para falar um do outro e mesmo que estivessem separados, acreditamos que não alterariam a essência dos resultados dos dados coletados.

A segunda entrevista realizada, foi feita com Maria Lúcia e seu filho Mateus, no dia 17 de setembro, período da tarde. Ao nos dirigirmos ao local, pudemos conhecer um pouco mais do bairro periférico no qual ela residia, sem asfalto, numa pequena casa, muito organizada, convidou-nos a entrar em sua humilde casa (sic Maria Lúcia). Humilde mesmo, pequeníssima e simples.

Na entrevista com Maria Lúcia, a mesma falou sobre seu cotidiano suas dificuldades, vitórias e conquistas que serão elencadas em capítulos específicos (terceiro e quarto).

Após finalizarmos a entrevista com a mesma, pudemos verificar algumas necessidades, as quais foram encaminhadas à profissional de serviço social responsável pela região (óculos, armário cozinha e guarda roupas) e foram feitas orientações sobre cursos de inglês e informática na região por uma entidade, bem como atividades esportivas oferecidas

(futebol, basquete e outros) junto ao ginásio de esportes local, para os filhos de Maria Lúcia.

Ela é muito tímida, quase nunca apresenta suas solicitações. Foi orientada também sobre cursos (costura, manicure, cabeleireira e outros) oferecidos por entidade da região sul, bem como foi feito encaminhamento e contato com pessoa responsável na entidade para falar sobre a usuária.

Em seguida realizamos a entrevista com seu filho Mateus de 16 anos, que atualmente é aprendiz (estuda meio período e trabalha meio período), sendo praticamente o responsável pela manutenção da família, com o único com salário fixo R\$ 465,00, a mãe vive da renda de programas sociais. Esta família é acompanhada pelo CRAS Sul há seis anos, está no PAIF desde 2006.

A terceira entrevista realizada foi feita com Meire, uma usuária que se sobressaiu por ter produzido várias poesias, dentre elas uma de destaque que falava sobre a mulher. Foi realizada na data de 18 de setembro, no horário de 14h30.

Meire estava grávida na ocasião da entrevista, estavam próximos os dias de dar a luz, mas muito calma; o bebê que estava para chegar, na data de 30/09/2009, completaria então seu sétimo filho.

Ela mora sozinha, o seu companheiro pai de sua filha caçula e de seu bebê, não morava com ela. Apresentou-nos a casa em que reside que agora aumentou em dois cômodos. Trata-se de imóvel herança de família. Ela mora nos fundos da casa do irmão; sua irmã que morava, anteriormente nestes dois cômodos, mudou-se para uma casa própria indo viver com o companheiro.

Meire finalizou a entrevista conosco e infelizmente não quis autorizar-nos colocarmos a poesia “Mulher” de sua autoria na Dissertação, muito embora sua poesia já tenha sido publicada em folhetos distribuídos em eventos sobre o trabalho do PAIF.

A quarta entrevista realizada foi com Jaqueline, na data de 07 de outubro, as 14h30; estavam presentes na casa seu filho de 10 anos e a filha de 01 ano e 04 meses. Destacamos dentre suas características de protagonismo seu perfil de empreendedorismo e busca de autonomia e emancipação.

No ano de 2007, ao solicitar atendimento na UNISER (Unidades de Serviço Social descentralizadas, que foram transformadas nos atuais CRAS), sugerimos num grupo algumas alternativas de renda como panificação, com a possibilidade de fazer pães de queijo, salgados, pães, roscas, doces ou fazer outros cursos para gerar renda familiar.

Na ocasião, a mesma tomou por iniciativa própria a possibilidade fazer e vender pães de queijo. Começou na mesma semana, sem nenhum curso ou especialização a produzir

pães de queijo, passando a vender 10 unidades por R\$ 1,00 (um real).

Ela nos procurou, na semana seguinte para mostrar que com as vendas já havia juntado um dinheiro para pagamento de contas de água e luz em atraso; no período, seu marido estava recluso e ela contava apenas com suas próprias iniciativas.

Assim, Jaqueline fez desta atividade, uma atividade especializada, da qual hoje, conforme aponta na entrevista retira a complementação da renda familiar, se equiparando a renda do marido mecânico, (ela R\$ 700,00 e ele R\$ 1.000,00), onde ambos planejam e já conseguiram comprar um carro e agora estão financiando a compra da casa própria (o local onde moram era alugado do cunhado).

A entrevista trouxe muitos detalhes e esclareceu sobre a história de lutas e vitórias da mesma. Conseguimos nos aproximar mais da realidade vivenciada pela usuária e verificar o desvelamento de várias situações de sua vida, desde o rompimento com antigos paradigmas de uma sociedade muito rígida com as mulheres, até as questões da baixa renda e da vida precária que enfrentara com o marido e filhos, passando pela superação de tantas situações em busca da realização do projeto da casa própria.

Ao final da entrevista, Jaqueline gostou muito de ouvir-se, quando nos solicitou escutar a gravação, exclamou dizendo: “É a história da minha vida!”, então sorriu admirada.

No dia 07 de outubro, as 15h30, também foi realizada a quinta entrevista com Fernanda, que estava em sua casa sozinha. A princípio, Fernanda havia apresentado resistências em falar sobre “ser homem e mulher” (sic Fernanda). Manifestava assim uma posição que refletia sua vida atual, e disse-me que estava muito brava com os homens e que, sendo assim, a entrevista não ficaria boa.

Com a apresentação da pesquisa, Fernanda ficou a vontade para falar e falou bastante, foi de uma riqueza muito grande seu depoimento.

Segundo Pedro Demo (1983, p.23) a pesquisa nos permite aprofundar no conhecimento da realidade:

Pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta à primeira vista. Ademais nossos esquemas explicativos nunca esgotam a realidade, porque esta é mais exuberante que aqueles.

Desta forma, a entrevista também para Fernanda, veio elucidar situações até então não pensadas ou refletidas por ela mesma. Observamos que uma minúscula parcela da realidade, naquele momento, se revelou aos nossos olhos e também para Fernanda. Foi possível entender alguns fatos importantes que marcaram sua vida, pois quando colocamos a

entrevista para que ela pudesse escutar, ela ficou encantada, perguntando se fora ela mesma que dissera tudo aquilo.

Gostou muito de ouvir-se, tanto que ao chegar uma pessoa em sua casa para tratar de um serviço com ela que é costureira, pediu-nos que solicitasse a pessoa que retornasse mais tarde, enquanto ela estava ali, escutando a entrevista. O desvelamento de sua vida, colocado lá ao seu alcance, na simples conexão de um aparelho, que lhe permitiu poder ouvir, em sua própria voz, a história de sua vida.

As três últimas entrevistas foram realizadas com duas mulheres sujeitos de nossa pesquisa e a filha de uma delas, na data de 28 de outubro.

Sendo que na data, a sexta entrevista realizada foi com Dani usuária do PAIF “Raio de Luz” e sua filha Paula. Dani é “uma artista” como se intitula, fez vários cursos à partir de sua inserção no PAIF, em seu processo de redescoberta de sua vida e de saída da depressão readquiriu o gosto pela vida, no trabalho voluntariado, na reestruturação de sua vida familiar e no investimento pessoal no curso de pintura em telas.

Quando observamos as telas iniciais de Dani, e as telas de finalização do curso, muito embora ela diga que os investimentos em tais cursos sejam por toda a vida, percebemos o quanto ela cresceu e se desenvolveu em seu trabalho artístico e em sua vida pessoal e familiar.

Paula (filha de Dani) em sua entrevista também nos fala das dificuldades enfrentadas pela mãe com o processo de depressão e quais as formas que a mesma encontrou na sua superação, passando da depressão à vida artística, sendo que a mãe tornou-se uma importante referência para ela, conforme depoimentos, que analisaremos no terceiro capítulo.

A sétima entrevista foi realizada, na mesma data, com Marcela, cabeleireira, recém estabelecida em seu salão num do bairro periférico da região Sul, local onde realizamos a entrevista por opção da própria Marcela. Ela relatou o cotidiano profissional transpassado pela vida familiar, onde a vida toda a mesma foi responsável pela família; mesmo com o esposo “provedor” ao seu lado, ela sempre foi uma grande referência e arrimo para a família, tomando frente às decisões familiares.

Agora com os filhos crescidos e com certa autonomia, ela pode investir em seus planos, que era de estabelecer-se enquanto cabeleireira.

Ela conta que só foi possível montar o salão de cabeleireira com a ajuda dos filhos e filhas, que foram comprando os equipamentos aos poucos, para presenteá-la no dia das mães, para que assim pudesse realizar um projeto de vida esperado e buscado por muito tempo, através da especialização em cursos e outros empreendimentos, cujo curso profissionalizante

também foi oferecido pelo PAIF (importância da garantia de direitos a partir da política pública), podendo enfim passar a trabalhar com o próprio negócio.

Sobre as dificuldades, conquistas e vitórias de nossas entrevistadas discorreremos mais detalhadamente nos capítulos posteriores terceiro e quarto.

1.4 Análise dos Resultados da Pesquisa

Dentro do procedimento metodológico, optamos pela técnica da análise de conteúdo, para proceder a interpretação dos dados obtidos através das entrevistas.

Segundo Gomes (1994, p.74):

A técnica de *análise de conteúdo*, atualmente compreendida muito mais como um conjunto de técnicas, surgiu nos estados Unidos no início do atual século. Seus primeiros experimentos estavam voltados para comunicação de massa. Até os anos 30 predominava o aspecto quantitativo da técnica que se traduzia em geral, pela contagem da frequência da aparição de características nos conteúdos das mensagens veiculadas.

Atualmente podemos destacar *duas funções na aplicação da técnica*. Uma se refere à *verificação da hipótese e/ou questões*. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipótese). A outra função diz respeito à *descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir dos princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa. (grifo do autor).

Destarte a análise de conteúdo que em sua primeira função se refere à verificação da questão sobre as mulheres e suas famílias, contribuiu para que pudéssemos averiguar nossos objetivos que seria de analisar se as mulheres do PAIF são protagonistas ou não em suas histórias, se conseguem transpor e transformar as relações sociais e culturais aprendidas ou se são mantenedoras de situações vivenciadas em suas famílias; verificar se estão ocorrendo mudanças nas famílias e os principais e novos papéis desempenhados pelas mulheres na atualidade.

Em sua segunda função no que diz respeito ao que está por trás das “falas” e depoimentos dos sujeitos de nossa pesquisa, indo para além das aparências, tentando identificar quais as relações e representações sociais decorrem das condições objetivas em que estão inseridas as mulheres do PAIF e/ou condições subjetivas e simbólicas que se constituem partes integrantes da realidade social que as permeiam, perpassando por uma análise crítica

com a qual pretendemos desvendar parte do que foi possível obter a partir da análise de resultados da pesquisa.

Nossa proposta dentro da análise e interpretação de dados visa trabalhar numa perspectiva dialética, tentando compreender as situações de vida cotidiana das mulheres, dentro de um processo histórico social contextualizado, buscando desvendar a realidade em sua totalidade, muitas vezes não expressa em suas “falas”, mas “ocultos” não revelados a nós e muitas vezes nem mesmo às mulheres sujeitos de nossa pesquisa..

Acreditamos, no entanto, que por maiores que sejam as aproximações da realidade vivenciada pelas mesmas, quanto mais mediações forem feitas frente à complexidade das relações apresentadas, os resultados obtidos serão apenas um recorte, parte de uma totalidade que, muitas vezes constituiu-se nas representações singulares da realidade vivenciadas por nossos sujeitos, imbuídos de suas crenças, idéias, condutas, maneiras de pensar e agir, suas visões de mundo, as quais não poderão ser totalmente analisadas ou verificadas.

Por hora apresentamos as categorias resultantes da pesquisa, para posteriormente apresentarmos suas análises nos capítulos subseqüentes.

1.4.1 Categorias de Análise

A partir das entrevistas foi possível verificar os resultados conforme as seguintes questões realizadas:

“Como é a família hoje? Como era a família, no passado?” Cujos resultados serão apresentados no capítulo segundo, de nossa Dissertação.

“O que é ser mulher na atualidade?” e “Como era ser mulher no passado?” Tendo os resultados apresentados a partir do capítulo terceiro.

“Quais são os papéis que as entrevistadas desempenham nas suas famílias atualmente?” Dentre eles: “Qual o papel considerado mais importante para as entrevistadas e seus familiares?” Resultados apresentados também no capítulo terceiro.

Foram criados quadros contendo a síntese dos depoimentos dos sujeitos, onde foram realizadas comparações de conteúdos, análises, interpretações e inferências, e também a verificação das questões resultantes do objeto nossa pesquisa: o protagonismo das mulheres nas famílias contemporâneas.

Segundo Barros e Lehfeld (2000, p.70) a técnica de análise de conteúdo pode ser utilizada para “[...] estudar e analisar o material qualitativo, buscando melhor compreensão de

uma comunicação ou discurso, de aprofundar suas características gramaticais às ideológicas e outras, além de extrair aspectos mais relevantes”. Tal análise nos permite assegurar a objetividade, sistematização e categorização dos dados.

Destarte, inicialmente foi possível verificar algumas categorias com relação às questões da família e à questão da mulher e seus papéis, demonstrando um delineamento das categorias que viriam a ser agrupadas em duas categorias que contemplam as categorias subseqüentes.

Segundo Gomes (1994, p.70):

A palavra *categoria* se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada a idéia de *classe ou série*. As categorias são empregadas para estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento. De um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa. (grifo do autor).

Assim sendo agrupamos todas as questões segundo os elementos e idéias que surgiram inicialmente, tentando verificar quais características havia em comum em todas as questões.

Para tanto fizemos uma divisão metodológica inicial das categorias verificadas, o que não implica em respostas fragmentadas, mas sim em uma melhor delimitação dos resultados, não sendo as mesmas estagnadas, mas inter-relacionadas entre si.

1.4.1.1 Categorias de: Manutenção e Reprodução das relações sociais e culturais x Transformação das relações sociais e culturais.

Mediante os procedimentos de análise de conteúdo, pudemos agrupar os dados obtidos e verificar que surgiram duas categorias de análise, para os dois eixos norteadores de nossa pesquisa: famílias e mulheres; que são as categorias de manutenção e reprodução de relações sociais e culturais, reproduzidas e refletidas a partir das relações de gênero e outra categoria que aponta para uma possível transformação destas relações socio-culturalmente estabelecidas, que apontam para a conquista de novos espaços e sinalizam para um possível avanço nas relações de gênero mais igualitárias.

As duas categorias levantadas, não foram definidas no início “*a priori*” de nossa pesquisa, mas emergiram do conteúdo das respostas apresentadas, da “fala” das mulheres

sujeitos de nossa pesquisa, a partir das entrevistas realizadas.

Franco (2005, p.58-59) aponta dois caminhos que existem para a elaboração de categorias:

- 1- Categorias criadas *à priori*. Neste caso, as categorias e seus respectivos indicadores são predeterminados em função da busca a uma resposta específica do investigador [...]. Concomitantemente, recorrendo aos pressupostos que indiquem uma *avaliação centrada em objetivos* [...].
- 2- Categorias não definidas *a priori*. Emergem da “fala”, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria.
Serão tanto mais ricas quanto maior for a clareza conceitual do pesquisador e seu respectivo domínio acerca de diferentes abordagens teóricas. (Grifo da autora)

Desta forma, o caminho pelo qual optamos foi o segundo, por meio do qual as duas categorias verificadas a partir da análise do material obtido, categoria de manutenção e reprodução das relações e a categoria de transformação das relações sócio-culturais, que emergiram da “fala” das mulheres entrevistadas, serão divididas em subcategorias, para disponibilizar os resultados de forma mais didática, mas estão intrinsecamente correlacionadas.

Verificamos, assim, as duas categorias estabelecidas a partir da questão da família hoje e no passado, elencadas em quatro subcategorias, sendo as duas primeiras subcategorias referentes à manutenção e reprodução das relações sociais e culturais e as duas últimas subcategorias referentes que apontam para uma possível transformação dessas relações.

A reprodução de papéis tradicionais nas famílias do passado são muitas vezes mantidas nas famílias atuais, onde perpetuam-se as relações de poder do gênero masculino e subalternidade do feminino principalmente no que se refere às condutas e comportamentos exigidos das mulheres.

Dentre as relações de reprodução e manutenção das relações sociais e culturais nas famílias, elencamos as seguintes subcategorias:

1. Reprodução de papéis tradicionais: rigidez imposta sobre o sexo feminino, limites e restrições aos direitos de escolha das mulheres e cultura do medo sobre as mesmas.
- 2- Família enquanto alicerce, estrutura e essência.

Sobre estas duas subcategorias discutiremos no capítulo segundo.

Dentre as relações de transformação das relações sócio-históricas e culturais verificamos que as famílias vêm se modificando em suas estruturas, possibilitando novos espaços de convivência onde as relações familiares caminham no sentido de constituírem-se

enquanto complementares.

Destarte elencamos as seguintes subcategorias:

- 1- Representação de unidade e complementaridade, (ajuda mútua e cooperação)
- 2- Espaço de relações de diálogo e educação.

Também detalharemos as análises dessas subcategorias, no capítulo segundo, onde discorreremos sobre as famílias.

Para melhor compreendermos as relações de gênero, dedicaremos no terceiro capítulo de nossa dissertação um item específico somente para trazer a caracterização das relações de gênero.

Trabalharemos no terceiro capítulo de forma mais detalhada, discorrendo sobre as mulheres do PAIF, com quatro subcategorias referentes a cada uma das categorias anteriormente classificadas de manutenção e reprodução x transformação das relações sócio-histórica e culturais.

As duas primeiras subcategorias tratarão das respostas analisadas a partir da pergunta “o que é ser mulher hoje e como era ser mulher no passado?” e as duas subcategorias finais, são referentes “aos principais papéis e funções que as mulheres desempenham atualmente”.

Assim obtivemos os seguintes resultados.

1ª Categoria: Manutenção e Reprodução das relações sociais e culturais, podendo considerá-las também como relações de gênero, sendo as mesmas desmembradas em quatro subcategorias seguintes.

Quanto à descrição do que é ser mulher, verificamos:

- 1- Trabalho doméstico (espaço privado) apontado como inerente ao gênero feminino
- 2- Relações de submissão feminina à dominação masculina

Quanto aos principais papéis e funções que as mulheres desempenham atualmente, verificamos as seguintes subcategorias, de manutenção e reprodução das relações:

- 3- Papéis culturalmente atribuídos a mulher (cuidadora, dona de casa, educadora, outros)
- 4- Papéis das mulheres equiparados ao papel da mãe

2ª Categoria: Transformação das relações sócio-culturais, demonstrando a conquista de novos espaços e um possível avanço nas relações de gênero, para relações mais igualitárias. Esta categoria desdobra-se nas seguintes subcategorias:

Quanto à descrição do que é ser mulher, verificamos:

- 1- O espaço público de trabalho assumido pelas mulheres

2- A emancipação feminina: conquista da liberdade e igualdade

Quanto aos principais papéis que as mulheres desempenham atualmente, verificamos as seguintes subcategorias, de transformação das relações sociais:

3- Múltiplos papéis femininos assumidos pelas mulheres na atualidade

4- Papéis femininos equiparados a papéis masculinos na atualidade

Para tanto descreveremos sobre as mulheres no passado e na atualidade e quais os papéis por elas desempenhados, segundo os sujeitos de nossa pesquisa.

No quarto capítulo analisaremos os resultados sobre o protagonismo das mulheres do PAIF.

Assim eu vejo a vida

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

Cora Coralina

CAPÍTULO 2 DA ORIGEM DAS FAMÍLIAS ÀS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS – PROCESSO SOCIAL, HISTÓRICO E CULTURAL

2.1 A origem das famílias

Para compreendermos melhor a realidade em que estão inseridas as famílias na atualidade faz-se necessário uma reflexão sobre o processo social, histórico e cultural que permeou sua constituição enquanto instituição social ao longo dos séculos e por onde a história nos permite transitar, resgatando as primeiras configurações familiares.

Sabendo-se que tais estruturas de constituição familiar foram sendo construídas por condições materiais objetivas e também condições subjetivas e simbólicas, propomo-nos a trazer as principais teorias e reflexões sobre alguns autores, podendo, no entanto, entender que a família foi, está e estará sendo produzida e reproduzida, social e culturalmente, modificando suas estruturas, funções e significados, dentro de um processo histórico e dialeticamente articulados conforme época, lugar e as condições anteriormente elencadas.

Iniciamos com as obras clássicas de Engels e Morgan que, embora apresentem de forma linear as principais teorias evolucionistas, nos permitem transitar pela história, a fim de compreendermos os avanços e recuos, evoluções e involuções ao longo da história das famílias ou organização familiar.

Engels em sua obra publicada em Zurique, em 1884, “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, fazendo uma relação à história antiga e às sociedades primitivas, reporta-se ao estudo do antropólogo norte-americano Lewis H. Morgan, “A Sociedade Antiga”, como base de suas reflexões, que fundamenta seus estudos para melhor compreensão sobre as fases de desenvolvimento da humanidade, analisados desde os períodos da pré-história.

2.2 Estágios pré-históricos de cultura e famílias primitivas

Morgan pioneiramente estabelece e classifica os três estágios pré-históricos de cultura, que são:

- 1) Estado Selvagem – fase inferior, média e superior.
- 2) Barbárie – fase inferior, média e superior.

3) Civilização – fase inferior, média e superior.

Segundo Engels (2009, p.10) “[...] a ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho de um lado, e da família de outro”, assim verificamos que a produção e reprodução dos meios de subsistência influenciam de forma definitiva no progresso e desenvolvimento da humanidade, bem como são instrumentos necessários a continuidade da espécie.

Destarte para melhor compreender como a espécie humana se organizou através da história é também entender como se estabeleceram as diversas formas de organizações familiares e suas atuais configurações.

Nos três estados elencados por Morgan, detalhamos o seguinte.

2.2.1 Estado selvagem:

Período que predomina a apropriação de produtos da natureza, com início do incremento da produção a partir do trabalho humano.

Este estado selvagem divide-se em três subfases: inferior, média e superior.

2.2.1.1 Fase Inferior:

Nesta fase os homens permaneciam em bosques, se alimentavam de frutos, nozes e raízes.

O principal progresso no período é a formação da linguagem articulada.

2.2.1.2 Fase média:

Amplia-se a base da alimentação com peixes (crustáceos, moluscos e outros animais aquáticos). Acredita-se que esta fase coincide com o advento do fogo, utilizando-se deste recurso para assar e cozer estes alimentos. Também os tubérculos farináceos eram cozidos em cinzas quentes ou em buracos no chão.

Nesta mesma fase, mais tarde com a invenção das primeiras armas, a clava e a lança,

foi possível se conseguir caçar, formando os povos caçadores (a antropofagia provavelmente teria se iniciado nesta fase). Em alguns países, os povos exclusivamente caçadores permanecem até os dias atuais sendo eles os australianos e diversos polinésios.

2.2.1.3 Fase superior

Nesta fase com a invenção do arco e flecha, os animais caçados passam a ser alimentos regulares e os homens tornaram-se mais hábeis na produção dos meios de subsistência na produção de vasos, utensílios de madeira, o tecido a mão (sem tear) com fibras de cortiça, cestos de cortiça ou junco trançados, instrumentos de pedra polida (neolítico), pirogas, pranchas e vigas, necessárias à edificação de casas.

O arco e a flecha constituem-se importantes armas decisivas para batalhas na época selvagem, da mesma forma que a espada de ferro foi para a barbárie e a arma de fogo para a civilização.

2.2.2 Barbárie

Período em que aparecem a criação de gado e a agricultura, com o incremento da produção a partir da natureza pelo trabalho humano.

Também este estado selvagem divide-se em três subfases tais como o anterior: inferior, média e superior.

2.2.2.1 Fase Inferior

Inicia-se com a introdução da cerâmica. Os cestos e vasos de madeira são cobertos com argila, a fim de torná-los refratários ao fogo.

Um traço característico do período da barbárie é a domesticação e criação de animais, bem como o cultivo de plantas.

2.2.2.2 Fase média

Inicia-se a domesticação de animais no Leste e no Oeste, o cultivo de hortaliças por meio da irrigação e o emprego do tijolo cru e da pedra nas construções.

Os tipos de habitações variam desde casa de madeiras até casas de adobe ou pedras em formas de fortaleza, segundo o estágio de desenvolvimento de cada povo. Também as formas de cultivo variavam desde os alimentos essenciais a nutrição, produzidos de forma rudimentar, como milho, abóbora, melão e outras plantas da horta até formas de cultivo em plantações artificialmente irrigadas como o milho e outros vegetais.

Os povos menos desenvolvidos seriam os índios do leste do Mississipi e os povos mais avançados seriam os índios chamados “pueblos” do Novo México, os mexicanos, os centro-americanos e os peruanos. Sabiam também trabalhar com metais, exceto o ferro, por isso não podiam prescindir de suas armas e instrumentos de pedra onde segundo Engels (2009, p. 30) “A conquista espanhola cortou completamente todo o desenvolvimento autônomo ulterior”.

No Leste, a domesticação de animais é realizada para o fornecimento de leite e carne com a formação de rebanhos, que dá origem à vida pastoril. É provável que o cultivo de cereais tenha surgido para proporcionar primeiramente forragem aos animais e que só posteriormente teriam sido inseridos na alimentação humana.

2.2.2.3 Fase superior

Esta fase inicia-se com a fundição do ferro, e passa à civilização, com a invenção da escrita alfabética e seu emprego para registros literários, sendo uma fase que só existiu no hemisfério oriental, a ela pertencem os gregos, as tribos ítalas, os germanos de Tácito e os normandos dos tempos vikings. (ENGELS, 2009, p. 31)

Ali se encontra o arado de ferro puxado por animais, que propiciou o surgimento da agricultura, com um aumento ilimitado dos meios de existência. Fase marcada pela derrubada de bosques e sua transformação em pastagens e terras cultiváveis, o que acarretou um rápido aumento da população.

2.2.3 Civilização

Este é o período que o homem continua aprendendo a elaborar os produtos naturais, sendo equivalente ao período da indústria propriamente dita e da arte.

A principal herança que os gregos levaram da fase superior da barbárie para a civilização, segundo Engels (2009, p.32), é a construção de instrumentos de ferro aperfeiçoados, dos foles de forja, do moinho a mão, da roda de olaria, da preparação do azeite e do vinho, do trabalho de metais elevado à categoria de arte, além das carretas e carros de ferro, da construção de barcos com pranchas e vigas, da arquitetura como arte e cidades amuradas com torres e ameias, das epopéias homéricas e de toda mitologia, dentre outras.

Assim, a partir dos estudos de Morgan sobre os iroqueses, Engels passa a identificar os estágios pelos quais os sistemas de parentesco e formas de matrimônio levaram à formação das famílias.

Ainda segundo Morgan, os três estágios pré-históricos de cultura corresponderiam a três modelos de famílias:

A Família Consangüínea

A família Punaluana e

A Família Sindiásmica cujo estágio evolutivo levou ao desenvolvimento de um quarto tipo de família, a Família Monogâmica.

2.2.4 A Família Consangüínea

Equivale a primeira etapa da família, onde haveria uma “promiscuidade primitiva”.

Os grupos conjugais nela classificam-se por gerações de irmãos e irmãs, onde todos os descendentes do casal são maridos e mulheres uns dos outros, onde se pressupõem a reprodução da família ocorria através de relações carnavais mútuas e endógenas entre irmãos e irmãs.

Este tipo de família desapareceu, sendo que não há indícios da existência deste tipo de família nem mesmo entre os povos mais atrasados na história contemporânea, segundo Engels (2009, p.42), ela “deve” ter existido, é o sistema de parentesco havaiano, na Polinésia, tendo sido um estágio preliminar ao desenvolvimento das famílias.

2.2.5 A Família Punaluana

Este seria um segundo progresso correspondente ao estágio de evolução das famílias, onde são excluídas as relações carnis entre irmãos e irmãs, permitindo-se ainda a união entre sobrinhos e sobrinhas, primos e primas.

A união conjugal compreendia um círculo muito amplo, onde se manifestava um tipo de matrimônio por grupos em comunidades comunistas.

Assim, nos casamentos por grupos os homens tinham uma mulher principal entre o número de suas mulheres e a mulher era para o esposo a principal dentre todos os outros esposos. Era permitida a prática da poligamia ao homem e da poliandria à mulher, sendo os filhos considerados comuns.

A poligamia e poliandria são formas de casamentos que podem ser consideradas como exceções. A poligamia constitui-se em um sistema social onde é permitido o casamento de um homem com várias mulheres (ou de uma mulher com vários homens), no Oriente é um privilégio dos ricos e dos grandes, que por possuírem riquezas acumuladas, têm possibilidades de comprar escravos, manterem várias mulheres, porém a massa do povo vive em monogamia. Na família patriarcal semítica, o patriarca e alguns de seus filhos, ou todos eles, vivem em poligamia; outros são obrigados a contentarem-se com uma única mulher. A poliandria na Índia e no Tibet, com origem vinda do casamento por grupos, é um sistema onde três ou quatro homens possuem uma mulher em comum e onde cada um deles pode ter em comum com vários outros homens, uma segunda, terceira, quarta ou mais mulheres.

Para Engels, dentro dos modelos de famílias existentes nos estados elencados por Morgan, o autor destaca três formas principais de casamento correspondentes aos três estágios da evolução humana:

- O casamento por grupos - no estado selvagem
- O casamento sindiásmico - na barbárie e
- A monogamia - na civilização.

Porém, na medida em que se tornavam numerosas as uniões entre irmãos e irmãs, e também os casamentos consangüíneos entre parentes, foram sendo proibidos, uma vez que a seleção natural exclui os laços conjugais entre os parentes consangüíneos, assim as uniões por grupos tornavam-se cada vez mais impossíveis. Esta forma de casamento por grupos que pertence ao estado selvagem da humanidade, e é suplantado pela família sindiásmica. Engels (MARX, 1980, p.11), faz menção a esta transição:

O impulso dado pela **gens**⁵ à proibição do casamento entre parentes consangüíneos foi ainda mais longe. Assim encontramos entre os índios irokuás e entre a maior parte dos outros índios ainda em estado inferior à barbárie, o casamento proibido entre todos os parentes assim classificados naquele sistema, dentro do qual existem várias centenas deles. Com essa crescente complicação de proibições do casamento, as uniões por grupos tornaram-se cada vez mais impossíveis; foram suplantadas pela família sindiásmica (grifo dado pelo autor).

2.2.6 A Família Sindiásmica

Ainda segundo Engels (MARX, 1980, p.11-12) esta família é caracterizada pela união por pares, na família sindiásmica um homem vive com uma mulher, mas a poligamia e a infidelidade ocasional permanecem como direito do homem, para a mulher é exigida fidelidade conjugal; sendo o adultério cruelmente castigado, os laços conjugais são facilmente abolidos de ambos os lados, e os filhos pertencem antes e depois, apenas à mãe.

Esta característica ainda dos dias atuais, nos traz as reflexões acerca do gênero feminino, responsável pela função a ele atribuído da mulher enquanto cuidadora dos filhos do casal.

Nas famílias sindiásmicas, devido às dificuldades dos homens em encontrar mulheres mais próximas, agora não mais pertencentes às tribos consangüíneas e sim a outras tribos, começam os “matrimônios por rapto” e “matrimônio por compra” de mulheres. Surgem assim os matrimônios arranjados, onde os pares envolvidos não se conhecem e só ficam conhecendo seu cônjuge, no momento do casamento. Antes do mesmo, o noivo dá presentes aos parentes, presentes esses considerados como o preço pelo qual o homem compra sua noiva.

Segundo Engels (MARX, 1980, p.13) a família sindiásmica é característica do estado de barbárie.

A família sindiásmica nasceu no limite que separa o estado selvagem da barbárie, a maior parte das vezes no estado superior do primeiro, e excepcionalmente no estado inferior ao segundo. É a forma de família característica da barbárie, como o casamento por grupos o é para o estado selvagem e a monogamia para a civilização. Para o desenvolvimento até a monogamia definitiva, foram necessárias outras causas além das que revelamos aqui. O grupo foi na família sindiásmica, já reduzido à última

⁵ Esta pesquisadora buscou a definição de **gens** tendo encontrado a seguinte definição: A palavra latina gens que Morgan se utiliza para designar um grupo consangüíneo, significa linhagem ou descendência. É a partir do modelo das famílias punaluanas que são instituídas **as gens**, ou seja, um “círculo fechado de parentes consangüíneos por linha feminina, que não podem casar uns com os outros” (ENGELS, s/d, p.36)

unidade, a sua molécula de dois átomos, um homem e uma mulher. A seleção natural terminou a sua obra na exclusão sempre mais completa da comunidade dos casamentos; não lhe restava mais nada a fazer nesse sentido. Se as novas forças impulsionadoras, **da ordem social**, não houvessem entrado em ação, não haveria razão alguma para que, da união sindiásmica, resultasse uma nova forma de família. Mas essas forças impulsionadoras entraram em jogo. (grifo dado pelo autor)

2.2.7 Transição das Famílias Sindiásmicas para as Famílias Monogâmicas

Para melhor compreendermos a transição da família sindiásmica para a monogamia, torna-se necessário compreender melhor a coexistência das forças sociais, econômicas e culturais, que perpassam a história pela transição do matriarcado ao patriarcado, da poligamia à poliandria, para a origem da família monogâmica, segundo Engels (MARX, 1980, p.15).

Vamos rever aqui em linhas gerais uma síntese com breve relato histórico do desenvolvimento das formas de organizações familiares.

A partir das primeiras comunidades onde os homens se alimentavam dos frutos e raízes disponíveis nos bosques, verificamos uma evolução para as comunidades provavelmente nômades, onde os mesmos se utilizavam da caça e da pesca para sobrevivência.

Nessas comunidades, os homens tinham como função principal a procura dos alimentos e dos instrumentos necessários para a obtenção dos mesmos. O direito que prevalecia então era o direito materno, que considerava apenas a descendência em linha feminina, assim sendo os filhos do pai não podiam receber a herança paterna, mas apenas os parentes próximos da linhagem materna, sendo primeiramente considerados herdeiros os irmãos e irmãs da matriarca da família e reservados em seguida os direitos aos filhos ou descendentes das irmãs de sua mãe.

Tais comunidades transitaram para o período da Barbárie, onde os homens passam a desenvolver as práticas de criação de gado e da agricultura, os homens começam a se fixar na terra tornando-se proprietários das mesmas, sendo possível acumular bens.

Engels pontua que provavelmente foi a partir do período do matrimônio sindiásmico que se deu a origem da propriedade privada. O homem passou a se fixar na terra, a partir da domesticação e posse de inúmeros rebanhos de ovelhas, manadas de cavalos, camelos, asnos, dentre outros animais. Foi provavelmente como proprietário de terras e a partir da descoberta de metais, com a fundição do ferro e da criação do arado que se implementaram as práticas agrárias e agrícolas, onde os homens puderam acumular verdadeiros mananciais de riquezas.

Na medida em que o homem amplia suas riquezas, ele começa a ganhar maior importância em sua função, assim, passa a existir a figura do “verdadeiro pai”, além da “verdadeira mãe” (sucessão pelo direito materno até então), que se torna o proprietário não só da força de trabalho, mas dos meios de produção e dos escravos.

Tornava-se necessário reverter em benefícios dos filhos à ordem de sucessão de bens e propriedades tradicional. Assim deveriam ser estabelecidos a filiação masculina e o direito hereditário paterno (onde o verdadeiro pai somente seria reconhecido se fosse o único homem da esposa, para garantir sua linhagem filial), em detrimento da filiação feminina e direito materno, passando a ser exigida da mulher a fidelidade, já apontando para o casamento monogâmico (porém, ao homem era permitida a infidelidade conjugal).

Esta reversão do direito materno ocorreu no período pré-histórico, entre os povos civilizados, não se sabendo como ou quando ocorreu esta mudança de paradigma, mas com certeza acarretou em grandes perdas para o sexo feminino, onde a mulher passa a ser vista como propriedade do homem, uma escrava ou objeto de prazer, um simples instrumento de reprodução.

Engels (MARX, 1980, p.15) faz menção a esta reversão do direito materno:

A reversão do direito materno foi **a grande derrota histórica do sexo feminino**. O homem passou a governar também na casa, a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se escrava do prazer do homem, e um simples instrumento de reprodução. Essa condição humilhante para a mulher, tal qual como aparece, notadamente, entre os gregos dos tempos heróicos, e mais ainda dos tempos clássicos, foi gradualmente camuflada e dissimulada, e também, em certos lugares, revestida de formas mais amenas, mas não foi absolutamente suprimida. (grifo do autor)

A expressão “família” foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, tendo o pátrio poder romano e o direito de vida e de morte sobre todos.

Com a reversão do direito paterno passando a herança para os filhos, as riquezas acumuladas permanecem no bojo das famílias; assim sendo, as “gens” entram em ruína; as fortunas constituem-se assim as primeiras bases de uma nobreza hereditária e de realeza, os membros das tribos ou mesmo prisioneiros de guerra passam à condição de escravos: índios, brancos ou negros, sem a propriedade privada ou sem a posse dos instrumentos de produção, são subjugados.

Cresce o banditismo sistemático com vista às riquezas acumuladas, na terra e no mar para tomar posse de: gado, escravos, tesouros, bens adquiridos; fazia-se necessário a criação de uma instituição que protegesse e garantisse os direitos da classe possuidora, em detrimento

das classes que não possuíam nada. Segundo Engels (MARX, 1980, p.19-20), é neste momento que surge, então, o Estado, perpetuando a divisão da emergente sociedade de classes.

Não faltava mais do que uma coisa: uma instituição que assegurasse não só as novas riquezas dos indivíduos contra as tradições comunistas e as organizações gentílicas, que consagrasse não só a propriedade individual tão pouco estimada primitivamente e proclamasse esta consagração como o fim mais elevado de toda a comunidade humana, mas também colocasse sob as formas novas, sucessivamente desenvolvidas de aquisição de propriedade, ou seja, do crescimento sempre acelerado das riquezas, o selo dum reconhecimento pela sociedade em geral, uma instituição que não só perpetuasse a divisão nascente da sociedade em classes. Mas que também criasse o direito para a classe possuidora, de explorar aquela que não possuísse nada, e a preponderância da primeira sobre a segunda. E essa instituição venceu. O **Estado** estava inventado. (grifo do autor)

2.2.8 A Família Monogâmica

Este efeito do poder exclusivo dos homens no interior das famílias, marcado pelo patriarcado já assinalava a passagem do matrimônio sindiásmico para o monogâmico. Segundo Engels, a monogamia que daria origem às primeiras formas de família, não surge de condições naturais, mas sim econômicas, perpetuando a superioridade da propriedade privada sobre a comum primitiva.

Sendo assim, ela não seria fruto de um amor sexual individual, mas sim da superioridade da propriedade privada em detrimento da propriedade comunista primitiva.

A família monogâmica nascida a partir da família sindiásmica, encontra-se no estágio superior à barbárie, entrando no estágio primitivo da civilização. É entre os Gregos que aparece mais expressivamente esta nova forma de família, fundada na dominação do homem sobre as mulheres, a fim de garantir o direito paterno e a transmissão dos bens adquiridos: a fortuna paterna aos filhos.

Ao homem cuja finalidade primeira era vista como a da procriação, deveria ser garantida uma paternidade incontestável, fazendo-se necessária a imposição do regime monogâmico, sendo exigida somente da mulher a fidelidade conjugal e castidade, ocorrendo um rigoroso controle sobre a fidelidade da mesma; em contraposição, o homem poderia ter concubinas, ter a posse de jovens escravas ou mesmo jovens conquistadas durante as guerras, esperando-se da mulher que tudo suporte.

Os laços conjugais ficam mais sólidos cabendo somente ao homem rompê-los bem

como repudiar sua mulher, destarte verifica-se que a monogamia desde o início tem seu caráter específico determinado somente para a mulher e não para o homem.

Segundo Engels (s/d, p.54,55), a partir desta forma de organização familiar surge a primeira divisão do trabalho:

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos [...] O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada [...]. (ENGELS apud MARCASSA, p. 87)

Assim, a monogamia representa na história como a primeira forma de dominação de um sexo pelo outro, demonstrando as contradições, antagonismos e conflitos entre os mesmos, indicam uma lei fundamental da sociedade, a supremacia absoluta do masculino sobre o feminino.

Segundo Engels (MARX, 1980, p.21), o papel das mulheres nesta sociedade é marcado pela submissão do sexo feminino, na maioria das civilizações as moças aprendiam a fiar, a tecer e a costurar, aprendiam o básico da leitura e escrita, não podiam relacionar-se com outras mulheres, não saiam sem estar acompanhadas de escravas. Em casa as mulheres eram vigiadas, sua função principal era de procriação, já as mulheres escravas ficavam a disposição de seus donos.

Passava-se uma coisa completamente diferente entre os Jônios, de que Atenas é o símbolo. As moças aprendiam apenas a fiar, a tecer e a costurar, além de aprenderem a ler e escrever um pouco. Viviam como enclausuradas, não possuindo relações com as outras mulheres. [...]. As mulheres não saiam sem estarem acompanhadas duma escrava; em casa eram formalmente vigiadas. [...] havia, para vigiar as mulheres os eunucos [...], a mulher é designada como um **oikourema**, um objeto para os cuidados da casa (a palavra é neutra) e, fora a tarefa de procriar, ela não era para o ateniense mais do que uma serva principal. (grifo do autor),

Os romanos acreditavam que a fidelidade de suas mulheres, era suficiente para garantir o direito de vida ou morte sobre as mesmas.

Em contraposição as esposas que deviam permanecer vigiadas em seu lar, aparecem as mulheres que se dão ao “sexo e prazer”; a prostituição ocorre entre as personalidades

femininas gregas que, pelo espírito e gosto artístico, são consideradas superiores ao nível geral do mundo feminino antigo. O espaço externo às famílias, concedido preferencialmente aos homens, torna-se o espaço da busca do prazer; assim, a prostituição permite ao homem deleite e satisfação, enquanto que a mulher ou esposa teria apenas a função de procriação.

Ressaltando que a liberdade sexual existente nas comunidades primárias, não deixou de existir, porém com a monogamia Morgan aponta que são permitidas as relações extraconjugais dos homens com mulheres não casadas, denominando tais relações de heterismo, cujas relações vão se transformando na prostituição aberta.

Com relação aos papéis femininos que também foram sendo construídos social, histórica e culturalmente, pela ideologia dominante do patriarcado, destacamos algumas diferenças dentre a organização dos povos. Verificam-se exceções entre os germanos, onde as mulheres gozavam de alta consideração e respeito, exercendo grande influência nos negócios públicos; nesta sociedade, elas tinham uma posição mais ativa e livre. As mulheres eram consideradas como sagradas e acreditava-se que tinham dons proféticos. (ENGELS, 1995, p. 155)

As mulheres de Esparta eram bem mais respeitadas do que entre os outros povos gregos; os antigos se “davam ao trabalho de ouvir” as mulheres, destacando-se entre elas, as da elite. Permanece a herança pelo direito materno nestas comunidades.

Aqui se apresenta uma contradição sobre a supremacia masculina da monogamia, sendo esta mais amena, diferente do que se teria conhecimento na antiguidade clássica.

Assim podemos refletir segundo o autor que a família é produto de um sistema social, que refletirá no estado de cultura desse sistema, sendo assim produzida por relações sócio-históricas e culturais.

2.3 Diversas formas de organização das famílias no processo sócio-histórico

Ao longo da história prevaleceu e vem permanecendo a organização social baseada na família monogâmica, que foi se estruturando e recompondo em diversas e diferentes sociedades, baseada em preceitos sociais e ideologias, cujo caráter principal seria a submissão da mulher ao homem (primeira divisão social trabalho) com a garantia de transmissão dos bens adquiridos pelo casal aos herdeiros legítimos, pela inversão do direito materno com predomínio do direito paterno.

Não obstante, ainda existem na atualidade outras formas de organizações familiares

no mundo contemporâneo.

Lévi-Strauss (1956) registrou em seus estudos sobre os diversos tipos de configurações familiares, que existiram ao longo da história.

Apona que na África, na tribo dos bantos, vigorava a poligamia, esta também pode ser encontrada também aqui no Brasil entre os índios tupi-caraíbas, com a peculiaridade de que as mulheres desposadas são geralmente parentes entre si, como um grupo de irmãs ou mãe e suas filhas oriundas de um matrimônio anterior. As crianças desta estrutura familiar são ao mesmo tempo filhas, enteadas e sobrinhas, netas ou meias-irmãs das outras esposas, pertencendo e sendo cuidadas por todas elas.

Em sociedades como o Nepal e Tibete existem famílias onde a poliandria ainda aparece como forma de organização, conforme já ocorriam nos casamentos “por grupos”, anteriormente apresentados nos exemplos segundo Engels.

Lévi-Strauss aponta para outros tipos de famílias, encontradas na Índia contemporânea e em várias partes da Europa do século XIX, que são as famílias conjuntas ou extensas, constituídas por ascendentes mais velhos com suas esposas ou esposos e filhos, estes solteiros ou casados com esposas e filhos, estes com filhos solteiros ou casados com esposas e filhos, netos solteiros ou casados com esposas e filhos até os descendentes mais novos.

Existem sociedades que se organizam de forma singular, como os *chukchees* siberianos, onde pessoas maduras, que tenham vinte anos ou mais, desposam bebês de dois ou três anos. As mulheres futuras esposas criam os pequenos maridos juntos com seus filhos até que atinjam a idade de desempenhar o papel conjugal, da mesma forma os homens criam as pequenas esposas até que possam desposá-las, assim o autor apresenta outras formas peculiares de organizações familiares.

Ele demonstrou a partir de seus estudos que “[...] a família biológica é uma abstração indeterminada, sem relação mais profunda com a realidade histórica” (LÉVI-STRAUSS, 1976. p. 177)

O autor destaca que a monogamia tornou-se predominante na sociedade não por ordem natural ou biológica, mas principalmente por razões econômicas, morais, religiosas, culturais, dentre outras.

Também Bock (2001, p.248) defende esta posição, de que a família não se constitui sobre bases naturais:

Vamos percebendo que a família, como a conhecemos hoje, não é uma organização natural, nem uma determinação divina. A organização familiar transforma-se no decorrer da história do homem. A família está inserida na

base material da sociedade ou, dito de outro modo, as condições históricas e as mudanças sociais determinam a forma como a família irá se organizar para cumprir sua função social.

São, portanto encontradas variadas e diferentes formas de configurações familiares ao longo da história, não podendo ser “naturalizado” ou tido como “certo”, a família vista de forma dogmática, apresentando-se apenas o modelo nuclear burguês que tende a se legitimar ideologicamente como o correto, pois não se trata de uma situação natural, mas sócio-historicamente construída segundo as funções que precisa cumprir.

Caminhando pela história faremos uma breve reflexão sobre as formas de organizações familiares nos diferentes modos de produção econômica, não necessariamente sucessivos e cronológicos, pois não se deram de forma linear, mas dialeticamente entrelaçados, apenas apresentados em uma seqüência para fins didáticos.

No feudalismo verificamos que o matrimônio se estabelece como ato político, tanto para príncipes como para cavaleiros, ele é contraído mediante alianças que ampliem poder e riquezas.

Apresentam-se ali duas classes sociais antagônicas: **as famílias aristocráticas** e as **famílias camponesas**, cujas classes sociais representativas eram os senhores feudais e servos.

Nas **famílias aristocráticas** os grupos se estruturavam em função da preservação do patrimônio e do ato político. Estas famílias abrigavam-se em castelos, morando juntos parentes, criados e agregados. Os castelos se constituíam em lugar de proteção contra as ameaças externas. As condições sanitárias, no entanto, eram precárias e ocorriam elevados índices de mortalidade infantil. (SOUZA, 2004, p. 24; SILVA, 2001, p.22).

O trabalho dos homens era eminentemente ligado às guerras, conquistas e defesa de territórios e o das mulheres relacionado à organização da vida social. Os filhos eram criados por “amas de leite” e não por suas mães, não havendo estreitamento de vínculos entre pais e filhos.

As relações sociais eram regidas pela tradição e rigorosamente hierarquizadas.

Nas **famílias camponesas** apesar de viverem em unidades nucleares, habitavam em aldeias, cujos laços de solidariedade já se revelavam através de relações de interdependência entre as famílias, também os cuidados com os filhos contavam com a colaboração de outras mulheres da aldeia. As relações sociais e culturais eram reguladas por costumes e tradições comuns. (SILVA, 2001, p. 23)

A mãe camponesa participava de forma mais integrada da criação dos filhos, contando com a ajuda de outras mulheres para cuidar dos mesmos como anteriormente citado,

pois precisavam trabalhar no campo para contribuir com o trabalho de seus esposos, pertencentes à classe dos servos.

Podemos observar aqui a dupla exploração do trabalho e mais valia, uma vez que a remuneração dava-se pela produtividade, de subsistência para as famílias e de exploração sobre o excedente para os senhores feudais.

A amamentação nestas famílias era realizada pelas próprias mães, não se observava preocupação com hábitos higiênicos, nem com a sexualidade das crianças. Ali se apresentava também alto índice de mortalidade e de natalidade, uma que vez ainda não eram conhecidos métodos de conhecimento ou planejamento familiar.

Nas famílias não havia preocupação com a privacidade e domesticidade. Os laços familiares se estendiam para fora das famílias onde as crianças passavam a depender da comunidade e a obedecer às normas socialmente estabelecidas. (SILVA, 2001, p. 24)

A partir do século XVI, verificamos a organização das famílias européias, analisada por Aires (1981) através de estudos iconográficos de pinturas da Renascença e de calendários da época. (AIRES apud CANO, 2000, p. 27)

O autor analisa que antes do século XVI não foram retratados aspectos do cotidiano da vida familiar, havendo prioritariamente a valorização da figura masculina, cujas gravuras representavam nobres ou camponeses, em atividades de trabalho ou festas, geralmente sozinhos, sendo que a partir do referido século é introduzida a figura feminina, cujas gravuras retratam as damas do amor na corte ou as donas-de-casa.

As pinturas avançam no tempo demonstrando a figura de mulheres e crianças participando do trabalho, perto dos homens, sejam retratados na sala ou nos campos. Ali demonstram a colaboração entre homens e mulheres no cotidiano do lar, no espaço privado da casa, verificando-se a necessidade de demonstrar uma intimidade desconhecida até então, visto a não valorização da privacidade e domesticidade, no período feudal, por exemplo.

A partir da metade do século XVI é analisado o indício do sentimento de família através de iconografia clássica, onde aparece a gravura de um velho pai agonizante, no seu leito de morte cercado pelos filhos; aparecem então cenas familiares de formas mais constantes retratando o interior das casas. Até então, as representações existentes eram mais ligadas à vida comunitária nas festas, ruas e igrejas.

Segundo o autor, durante a Idade Média, a privacidade e a vida no aconchego do lar eram até então desconhecidas. Ele destaca que esse novo “sentimento de família”, estaria ligado a questão religiosa, pois seria a instituição familiar que possibilitaria ao homem a “santificação”, seja pela vida religiosa ou fora da vocação religiosa, pela prática dos direitos

civis.

As autoras Cano e Ferrari (2000, p. 27), apresentando as diferentes formas de organização da vida familiar apontam que a partir do século em menção, começam a se delinear as estruturas familiares entre as elites européias equivalentes às alianças da família patriarcal, cuja autoridade estaria centrada no homem, sendo que a esposa, filhos, agregados, parentes, escravos e todos os bens materiais, pertenciam ao patrimônio do patriarca (denominação do termo *familius* - origem romana); sendo instituído o *pater poder*.

É neste contexto em que o prazer sexual, segundo Almeida (apud CANO, 2000, p. 27), estaria ligado às amantes e prostitutas, sendo exercido fora do contexto familiar.

Cano aponta que é a partir dessa nova organização que surge a dicotomia entre vida familiar e social, entre o público e privado, sendo que o território familiar é delimitado, citando Guimarães “há um grande desenvolvimento social, com a propulsão do poderio econômico, social e ideológico familiar” (GUIMARÃES apud CANO, 2000, p. 27).

Neste contexto, os casamentos têm por finalidade manter a ordem social e o *status*, a fim de preservar as heranças e o poder econômico.

A partir do século XVIII e XIX verificamos o surgimento de uma nova estruturação familiar que corresponde ao momento em que verificamos as origens da família burguesa e da família proletária.

O século XVIII correspondente ao Renascimento e à Reforma Protestante, mais tarde também marcado pelo Iluminismo; o casamento passa a ser pensado de uma forma mais global, a moral cristã passa a ser revista e a sociedade moderna passa a se organizar. (CANO, 2000, p. 28)

Já a Revolução Industrial nasceu na Inglaterra a partir de um conjunto de fatores que contribuíram para seu surgimento, tais como: o forte crescimento demográfico do final do século XVIII e início do século XIX, do êxodo rural das famílias de camponeses que se deslocam para as cidades em busca de empregos nas indústrias emergentes, no campo as terras são transformadas em pastos para ovelhas, devido à necessidade de lã para fiação e tecelagem que serão produzidas para as grandes manufaturas nas cidades. Também cresce a indústria têxtil, com uma favorável produção de algodão e outros que impulsionaram tais indústrias, o desenvolvimento de novos mercados e anteriormente da classe dos comerciantes (cuja figura vem marcar a separação entre produção e o comércio), dentre outros.

A partir do advento da Revolução Industrial nos moldes da expansão econômica capitalista ocorreram diversas mudanças de ordem econômica, técnica e científica, que por sua vez repercutiram na sociedade e provocaram profundas alterações na mesma, as quais

refletiram nas famílias e trouxeram uma redefinição no papel de homens e mulheres, a partir de sua inserção no mercado de trabalho.

Dentro deste processo de crescimento econômico com o avanço capitalista e a implementação do trabalho nas indústrias, ocorre à necessidade de maior quantidade de mão de obra nas fábricas, onde as mulheres da classe operária passam a ser requisitadas para o mercado de trabalho, promovendo novas relações e mudanças de valores nas famílias, devido à necessidade de reestruturação e adequação das mesmas frente às necessidades de sobrevivência num novo cenário, agora marcado pela presença das famílias advindas do campo, nas cidades.

É dentro deste contexto que verificamos o surgimento e a representatividade hierárquica a partir das duas classes sociais distintas e antagônicas: a classe dos proprietários que detém o poder através dos meios de produção, que dá emprego ao trabalhador e a classe proletária, referente à classe dos trabalhadores assalariados, que vende sua força de trabalho para manter sua subsistência, uma vez que está privada dos meios de produção.

Segundo Soares (apud ENGELS, 2002, p.51), citando notas retiradas da edição inglesa de 1888 do Manifesto Comunista, assim são definidas classes burguesas e proletárias:

Engels (1983, p.16) assim define a classe burguesa: *“Por burguesia compreende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social, que empregam o trabalho assalariado.”*

Esta definição retirada de notas da edição inglesa de 1888 do Manifesto Comunista conceitua os burgueses enquanto detentores dos meios de produção da vida material; e na mesma nota, Engels define a classe proletária: Por proletários, compreende-se a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que, privados de meios de produção próprios, se vêem obrigados a vender sua força de trabalho para poderem existir (grifo da autora)

Essa seria a segunda divisão social do trabalho, onde o artesanato teria se separado da agricultura, dando início às distinções entre ricos e pobres, que viria a somar-se a primeira divisão de assinalava homens livres e escravos, acarretando uma nova divisão de classes maçada pelos proprietários (burguesia) e não proprietários (trabalhadores/ proletários).

A partir da segunda divisão do trabalho, ampliam-se os contrastes entre o campo e a cidade, os produtos fabricados são transformados em mercadorias para troca. Assim verificamos uma terceira divisão social do trabalho, que cria uma classe de homens que não se ocupa da produção, mas da troca e fornecimento das mercadorias, que são os comerciantes.

Embora antagônicas as classes sociais, podemos observar algumas reproduções e/ou distinções quanto às relações sócio-históricas e culturais nas duas formas predominantes de

organizações familiares, quais sejam a família burguesa e a família proletária.

As famílias burguesas e proletárias surgem dentro do contexto da Revolução Industrial, segundo Soares (apud ENGELS, 2002, p.53-54):

No âmbito de todas estas transformações, a família efetiva e representativamente é considerada, ideologicamente, a célula da sociedade da sociedade, pois a reprodução humana assegurada pela família, mantém as necessidades de força de trabalho industrial e de mercado. A família se torna o operário em potencial. [...] A família nuclear, comportada no modelo “pai, mãe e filho”, e surgida na transição do medievo para a modernidade é, para Pôster (1979, p.11), um conjunto de ações e padrões cuja oferta difere profundamente do que vigorava antes, e cuja definitiva configuração se dá por volta de 1750 no âmbito da burguesia europeia (levando-se em conta as variáveis de tempo e espaço para sua consolidação).

A família nuclear burguesa vem, portanto, responder a uma ideologia que consolida os interesses do capitalismo pleno emergente, que supera a fase inicial de acumulação primitiva do capital, a partir do início do acúmulo de bens e da propriedade privada em detrimento das propriedades comuns do início dos processos históricos de organizações econômicas fundamentadas na economia doméstica e/ou tribal, cujos frutos do trabalho eram familiares e/ou coletivos.

Destarte a classe operária responderia aos anseios da classe burguesa, reproduzindo através das famílias a mão de obra necessária a manutenção das necessidades econômicas emergentes, em contrapartida, seria a burguesia, formada pelo modelo nuclear aceito como único e dominante, a mantenedora da força de trabalho necessária através do fornecimento dos meios de produção e da contratação da mão de obra excedente, incluindo nela, não apenas homens, mas também mulheres e crianças, exploradas através de extenuantes jornadas de trabalho e míseros salários (predominantemente a remuneração aferida seria a representativa da mão de obra masculina, estando nela contida a remuneração familiar, na exploração de mulheres e filhos).

Verifiquemos assim algumas características distintas dos dois tipos de famílias neste período histórico.

A **família burguesa** teve suas origens na Europa, em meados do século XVIII e concentrava-se em áreas urbanas, tendo rompido com os modelos familiares vigentes, criou alguns padrões de relações familiares distintos dos anteriores, tendo como característica principal o isolamento das famílias.

O lar passou a ser um espaço da vida privada, lugar de reclusão reservado às mulheres, cujo papel principal atribuído às mesmas seria o desempenho das atividades

domésticas e cuidados com o lar; desvelo com o esposo; a criação, cuidados e educação dos filhos, aos quais deveria dedicar intenso e o essencial amor materno. A casa seria um lugar confortável (para os burgueses), sendo local de discrição, intimidade, lazer e isolamento.

O esposo cumpre o papel do patriarca, provedor material e a autoridade dominante dentro da família. A mulher passa a ser totalmente dependente do marido.

Em relação à educação dos filhos, a criança seria educada dentro dos valores da ideologia dominante, de forma a tornar-se autônoma e disciplinada, de tal forma que tivesse capacidade para vencer dentro da sociedade capitalista emergente. A relação afetiva de mãe e filho ocorria de forma mais constante através de laços estabelecidos pela proximidade e convivência, porém com os pais tais relações eram mais distanciadas, cabendo ao homem interferir na educação dos filhos, somente se solicitado pelas mães, quando as mesmas não conseguiam cumprir com as responsabilidades de educar os filhos sem “desvios” de caráter.

Os filhos seriam assim criados para o casamento burguês, sendo possível através de relações homogâmicas.

A relação conjugal cumpria-se segundo a divisão sexual de papéis, de tal forma a reproduzir os padrões de comportamentos ideológicos esperados, no que se referia aos papéis de homem e mulher. O casamento burguês dissociava a sexualidade e a afetividade, os prazeres do corpo e a relação conjugal, cujo prazer estaria relacionado à vida fora do matrimônio (por vezes ligado às prostitutas e/ou mancebias).

Há uma clara separação entre os espaços públicos relacionados ao mundo do trabalho, das interações sociais, sendo predominantemente um mundo masculino dissociado do espaço privado, relacionado ao lar, o espaço destinado predominantemente ao feminino.

Em contrapartida, as famílias proletárias teriam passado por diferentes fases, que vão desde a sua constituição, até a configuração do “modelo nuclear burguês” tido como o modelo ideal para as famílias, ao longo da história, cujas novas e diversas configurações atuais discorreremos mais à frente.

No início de sua constituição, as famílias proletárias urbanas viviam com condições sociais adversas, de extrema pobreza e privações econômicas. Falta de infra-estrutura, moradias precárias, péssimas condições de saúde marcavam o cenário de início da fase da industrialização.

Advindas majoritariamente de zonas rurais, a partir da Revolução Industrial, famílias migram para as cidades em busca de alternativas de emprego. Passam então a fase de intensa exploração econômica, onde praticamente todos os membros da família passam a trabalhar nas indústrias entre catorze a dezessete horas por dia, as crianças a partir de dez anos de idade

já eram inseridas no trabalho infantil (não denominado com tal terminologia, inexistente na época). As condições de superexploração do trabalho eram máximas, baixos salários, as estruturas higiênicas muito precárias, condições de alimentação deficitárias e havia um alto índice de mortalidade.

Os filhos que não estavam nas fábricas eram cuidados através de redes de solidariedade e ajuda mútua, semelhante às relações estabelecidas nas aldeias e nos campos, de caráter mais coletivo, se reproduziam tais relações, onde parentes, pessoas vizinhas, compadres e comadres, passavam a cuidar das crianças, cujos pais se encontravam trabalhando em longas e extenuantes jornadas.

Estas redes de relações que são compostas pela comunidade local, são ainda hoje representativas junto às famílias de baixa renda como estratégia de sobrevivência, muito embora na atualidade se inicie um reconhecimento da população no sentido da busca por atendimentos em creches como um direito, embora esta movimentação seja ainda incipiente.

Diferentemente das famílias burguesas, as mulheres das famílias proletárias trabalhavam fora de casa para complementar ou mesmo compor o único salário familiar, uma vez que a configuração de famílias monoparentais, também se apresentava nesta, como em todas as épocas históricas.

Além do trabalho fora de casa (âmbito público), tais mulheres permaneciam como responsáveis pelos afazeres domésticos, bem como a função do gerenciamento da casa, sendo responsáveis por procurar melhores preços e oportunidades na compra de alimentos e necessidades mais vitais para manutenção da família, cabendo as mesmas as demais atribuições do gênero feminino de lavar, passar cozinhar, dentre tantas atividades que as mulheres do passado e de hoje ainda se ocupam em fazer, por serem reproduzidas, como responsabilidade “exclusiva” do feminino.

Dentre as mulheres da classe trabalhadora observava-se ainda um alto índice de natalidade, sendo que as funções de criar e procriar eram fundamentais, encontrando-se famílias proletárias numerosas. Diferente das famílias burguesas (onde as mães, possuíam babás e serviçais ou empregadas para cuidar dos filhos e casa), as mães desta classe cuidavam elas próprias de seus bebês, amamentavam seus filhos, além de terem que contribuir com o orçamento doméstico, quer através do trabalho nas fábricas, quer através do trabalho informal.

Soares (2001, p.61) em sua tese fala sobre as mulheres da classe proletária: “Além disso, se a mulher não trabalhasse na fábrica, tentava também trazer dinheiro para a família, através de faxinas e lavagens de roupas, entregando pães, vendendo de porta em porta, etc.”

Em seu livro a autora, fala sobre o surgimento de setores mais qualificados a partir

do século XIX e citando Pôster (1979), aponta que houve a emergência de um grupo de elite da classe trabalhador formado por operários mais especializados. (SOARES, 2002, p. 62)

Este período foi marcado pelo desenvolvimento de ações filantrópicas realizadas pela classe burguesa, cuja moral imposta pelo movimento higienista, que visava regular os comportamentos íntimos das famílias proletárias, ajudando-as a uma melhor adaptação a vida urbana.

O movimento higienista surge dentro de uma proposta ideológica, redefinindo as formas de convivência e organização interna das famílias, bem como revendo papéis e funções sociais para seus membros.

A moral higienista propõe que as mulheres e crianças diminuam e limitem as horas de trabalho diário, a fim de que possa ser criado um ambiente familiar “adequado” aos cuidados e educação dos filhos; desta forma, a família desacelera o movimento de sociabilidade com outras famílias e pessoas, diminuindo riscos de doenças. Procura-se retirar as famílias da “promiscuidade” das ruas, voltando-as para o interior do lar; os festejos e a vida pública passam a ser condenados.

O ideal burguês reproduz a necessidade de se criar a “família íntima”, ou nuclear, onde passam a ser valorizados os vínculos do amor paterno, materno e filial. Hábitos como as reuniões em torno de uma mesa de refeição propiciam ocasiões para o estreitamento das relações afetivas, regulação de condutas e a propagação da “educação” que se reproduzia a partir do modelo familiar burguês. (PAULO, 2009, p. 49)

A partir destas influências moralizantes, as mulheres destinam-se cada vez mais ao ambiente privado do lar, dedicando-se aos afazeres domésticos, bem como aos cuidados dos filhos e maridos em detrimento dos homens que passam por sua vez a estabelecer o local de trabalho, como espaço de suas vidas sociais.

Cresce assim a dicotomia entre o público e o privado, uma vez que as mulheres, ao ficar em casa, “deixam de ameaçar os postos de trabalhos” de seus maridos.

Soares (2002, p.63) assim destaca este caráter ideológico:

Se a mulher ficasse em casa, não ameaçaria o emprego dos homens; a conotação desta análise ideológica com a diminuição das vagas para homens, não capta a essência do problema, qual seja, a situação tanto masculina quanto feminina no campo de trabalho é determinado pelo sistema capitalista, ou pela totalidade histórica na qual ambos se inserem. Os fenômenos são vistos, então, em sua aparência.

Ainda segundo a autora citando Saffiotti (apud SOARES, p.63):

Trabalhadores franceses nas indústrias gráficas da segunda metade do século passado deflagram greve toda vez que uma mulher é admitida numa oficina do ramo. Desejam a supressão pura e simples do trabalho feminino, invocando o papel de **guardiã do lar** que, no pensamento proudhoniano, definia a mulher. (grifo do autor)

Percebemos assim que a síntese das relações (que não equivale à totalidade das mesmas) sócio-históricas culturais mantém e reproduz por diversas vezes esta antiga e atual divisão sexual do trabalho, através da ideologia burguesa hegemônica, cujas raízes e essência precisam ser revistas e “*quicá*” desconstruídas para dar lugar ao novo, onde homens e mulheres possam atuar, trabalhar e se realizar em patamares mais equitativos

Uma última fase é verificada a partir do século XX, onde as famílias operárias mudam-se para as regiões de periferia das cidades, denominadas como subúrbios, saindo da paisagem urbana central.

A mulher passa a ficar mais isolada no lar, também o homem passa a valorizar o mesmo tendo a casa como refúgio e retiro, passando a apreciar a domesticidade e a privacidade. A figura do homem é marcada pelo autoritarismo patriarcal, sendo ele o provedor principal responsável pela manutenção e proteção da família.

2.3.1 Algumas características sobre as famílias que marcaram os últimos séculos e refletem ainda na atualidade

Segundo Cano (2000), o século XIX foi marcado pela ideologia baseada na individualidade, onde o homem passa a refletir sobre sua posição de sujeito, como um ser liberto, cuja capacidade de refletir e pensar lhe possibilita tomar as próprias decisões, trazendo uma nova ordem familiar para o sistema de alianças, cuja livre escolha segundo Trigo (1989) e Vaitsman (1994) estaria embasada, no chamado “amor moderno”; a partir daí surge a possibilidade de homens e mulheres escolherem seus cônjuges. Predominantemente em séculos anteriores, tais alianças se davam por interesses hegemônicos de manutenção de poder e ampliação de posses, questões políticas dentre outros interesses onde os pais eram responsáveis por tais escolhas.

Cano aponta que com o advento da industrialização, as famílias patriarcais foram sendo substituídas pelas famílias conjugais modernas, os casamentos deixam de se realizar através de contratos passando serem observadas as necessidades dos cônjuges sejam elas de atração sexual e/ou satisfação de interesses comuns e afetivos.

Ela cita Trigo (1989, p.89), que enfatiza o surgimento da nova ordem econômica emergente:

A nova ordem maximiza a importância das relações afetivas como mediadoras de poder e do sistema econômico com uma grande valorização da mulher em seus papéis de mãe e esposa e louvam-se o amor, seja ele maternal conjugal ou filial. Desenvolve-se uma expectativa de fusão entre o amor e o casamento.

Vaitsman destaca que “as relações de casamento e família assumiram novas formas fazendo e refazendo continuamente seus limites”. (VAITSMAN apud CANO, 2000, p. 29)

Assim podemos observar que o amor moderno reflete-se nas novas relações da atualidade e que as famílias vêm construindo e desconstruindo relações sócio-culturais aprendidas ou apreendidas ao longo da história.

Temos assim na atualidade, como modelo hegemônico “a família nuclear burguesa”, cujos atributos básicos desta forma de organização familiar segundo Romanelli (1991) são a autoridade masculina, a divisão sexual do trabalho, os laços afetivos entre marido e mulher e entre pais e filhos, o controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual.

No entanto conforme discorreremos a seguir verificaremos que as famílias vêm passando por inúmeras transformações resultantes de múltiplas determinações históricas materiais: objetivas e subjetivas, simbólicas e culturais apontando para novas e diversas configurações familiares, não podendo o modelo nuclear abarcar o presente e futuro, universo das novas formas de famílias existentes.

2.4 Famílias e mulheres no Brasil: perspectivas e tendências

A instituição familiar no Brasil enquanto reprodutora dos padrões vigentes da colonização portuguesa, obedecendo às normas de condutas e relações sócio-históricas, reflete enquanto modelo hegemônico a “família nuclear burguesa”. No entanto pesquisas recentes demonstram que este modelo, mais evidenciado a partir das famílias extensas do tipo patriarcal não foi o único, nem mesmo o predominante, sendo mais comuns os tipos de famílias com estruturas mais simples e com menor número de integrantes, dentro do cenário nacional.

Num processo contínuo de mudanças, a família brasileira passou e vem passando por diversas transformações, como as já elencadas anteriormente, refletindo em inúmeras

formas de configurações familiares.

Porém para melhor apreender as formas e organizações familiares, discorreremos sobre as mesmas, dentro de um relato sócio-histórico, cujas mudanças econômicas refletem sobre as famílias e em toda sociedade.

Nossa colonização traz desde sua gênese, um caráter de ocupação predatório, com finalidades de exploração do território conquistado por Portugal, cujas atividades econômicas iniciais eram voltadas a extração do pau-brasil, tal mercadoria seria comercializada para ser utilizada por franceses como corante, valendo-se primeiramente de mão de obra indígena. Posteriormente a exploração de minérios dentre outros produtos e de recursos naturais, atraíam novos povos espanhóis, ingleses, holandeses, dentre outros para explorar a colônia de Portugal, sempre no sentido de levar as “riquezas naturais”, não no sentido de uma colonização de habitação e apropriação do território como se deu nos moldes norte americano, cuja colonização não predatória teria promovido um efetivo desenvolvimento e autonomia para o continente.

Vinham para o país homens independentes, muitas vezes degredados, para se apropriar e explorar a terra, tendo como formas de organizações familiares, livres uniões entre brancos e mulheres indígenas, que eram oferecidas, como “presentes” aos portugueses, quando não eram escravizadas pelos mesmos, que as tomavam como propriedade.

A partir dos séculos XVI e XVII, a economia brasileira passa a se estabelecer, assentada nas grandes plantações de cana-de-açúcar e a instituição das capitânicas hereditárias, a fim de promover maior enriquecimento para Portugal, tendo também como dimensão política segundo Novais (1997), o fortalecimento dos estados, no sentido de expandir o território de dominação colonial.

Neste contexto, verificamos a existência predominante das famílias extensas baseadas em relações patriarcais, onde o poder de decisões pertencia ao pai, ou chefe da família, sendo ele o provedor e protetor da mulher, dos filhos e escravos e dependentes.

Nos engenhos as famílias viviam em mansões assobradadas em contraposição a moradia dos escravos que viviam em senzalas, amontoados em condições precárias, como as famílias proletárias, no início da Revolução Industrial, que eram trazidas para casas em ruínas, tendo posteriormente sido lançadas para os subúrbios e periferias para não conspurcar os centros urbanos, ocupados pela burguesia.

Segundo Soares (2002, p.67) a escravidão negra, teria se iniciado em 1441:

A escravidão negra parece ter-se iniciado em 1441, em Portugal. No Brasil, a

documentação histórica registra que em São Vicente, no ano de 1533, já havia escravos africanos. A partir de 1559, a escravidão se sistematiza nestas terras. Este tráfico foi também incentivado pela inadequação dos índios, frente ao trabalho agrícola forçado.

Assim com a chegada dos negros escravos ao Brasil, verificam-se novas e diferentes configurações familiares, a partir das diferentes classes sociais e novos valores e costumes são incorporados aos modelos familiares aqui dominantes, coexistindo simultaneamente. São diferentes as condições e papéis legais entre a fusão e miscigenação das raças, observamos a existência de brancos e negros, brancos e índios, e posteriormente outras raças, passariam a compor a miscigenação de povos e culturas, trazendo consigo novos costumes e valores.

As mulheres negras e escravas eram também tomadas como propriedade dos senhores de engenho. Mantidas em relações extraconjugais, para além da casa grande.

O casamento sacramentado valorizado pelo Estado e a Igreja era mais comum entre a elite: os nobres e brancos, apenas as famílias mais abastadas tinham condições de contrair o matrimônio, já entre as classes mais simples predominavam as uniões livres e consensuais.

Cano (2000, p.29) aponta que no Brasil, em meados do século XVII, não havia casamentos da forma entendida na Europa, homens e mulheres viviam juntos de diferentes formas e em pleno século XVIII, o índice de concubinato era altíssimo, chegando por exemplo a 80 %, entre casais na Bahia.

Também as relações de mancebia, coexistiam na colônia entre senhores e escravas, a união entre brancos e índias livres. Segundo Algranti (1997, p.136) os homens brancos, advindos de Portugal, uniam-se em mancebias com mulheres índias e negras, devido à falta de mulheres brancas, que deveriam vir da Europa e Portugal.

Quando haviam mulheres brancas, advindas da metrópole, os homens de classe abastadas, uniam-se as mesmas para garantir uma descendência legítima e mesmo para firmar alianças políticas e/ou ampliar patrimônios familiares e da coroa.

Com as descobertas das minas de ouro a partir de 1690, desloca-se o eixo econômico, provocando um processo migratório do Nordeste, para o Sul e Sudeste do país. As regiões de minas passam a atrair pessoas em busca do enriquecimento fácil e exploração dos minérios para escambo e/ou contrabando. A sociedade da época se formou a partir de uma mescla de raças e origens diversas.

Neste cenário os estudos desenvolvidos por Samara (2002, on line) tendo como base recenseamentos manuscritos da população brasileira e impressos nos últimos 150 anos, indicam que as mulheres assumiram importantes e diversificados papéis na estrutura sócio-

econômicas do país, refletidas na história bem como no processo de organização e formação das famílias no país.

A autora aponta que no século XVIII, com todas essas mudanças de eixo econômico e migratório, “[...] as mulheres exerciam atividades econômicas fora do âmbito doméstico e as solteiras com prole natural chefiavam famílias”. (SAMARA, 2002, on line), não sendo os homens os mantenedores do poder em tais paragens, uma vez que a presença masculina dos mascates e bandeirantes eram transitórias.

Com o processo migratório dos homens brancos e a falta de escravos libertos ou transferidos para as regiões de explorações de minérios, as mulheres trabalhadoras, passam a estar presentes nos diversos espaços ocupacionais deixados pelos mesmos, o que implicou na alteração da organização familiar e das relações de gênero. (SAMARA, 2002, on line)

Assim as mulheres passam a integrar o cenário de trabalho brasileiro, ocupando espaços informais, contribuindo para desmistificar o sistema patriarcal hegemônico, onde há uma rígida divisão sexual do trabalho, através de tarefas e funções tidas como masculinas e outras femininas.

Tais mudanças viriam a ser acentuadas no século XIX, a partir do desenvolvimento econômico da cafeicultura, as alterações no sistema de mão-de-obra a partir da abolição da escravatura (1988), bem como da entrada de imigrantes no país. (SAMARA, 2002, on line)

A política cafeeira desenvolvida pela elite viria estimular as imigrações, dando a esses, maiores possibilidades de emprego nos campos. A exemplo da Revolução industrial, também um contingente de trabalhadores pobres, negros libertos e mestiços migravam do campo para as cidades, formando um contingente de mão-de-obra excedente, cujo mercado não poderia ser absorvido pelo mesmo, empurrando salários abaixo, atendendo a lógica capitalista, hoje observado através dos trabalhos terceirizados e mercados informais, cujas remunerações são insuficientes, flexibilização ou inexistência de direitos, dentre outros reflexos do estado mínimo neoliberal.

Segundo Barbosa (2010, p.56) a flexibilização do trabalho feminino, intensifica ainda mais a divisão sexual do trabalho:

A influência do mundo do trabalho nas famílias teve papel preponderante no desenvolvimento das mesmas. O fato da precarização do trabalho atingir tanto homens como mulheres é indiscutível, entretanto, nos últimos tempos, a utilização do trabalho feminino tem sido empregado pelo sistema capitalista como uma das estratégias para aumento de seus lucros. A reestruturação produtiva e as suas conseqüentes mudanças são pouco analisadas em relação ao gênero e suas diferenças. O novo modelo de flexibilização, para as mulheres, passa pela utilização intensiva de formas de

emprego precárias, como contratos de curta duração, empregos por tempo parcial e/ou trabalho em domicílio. As diferenças de gênero foram e continuam sendo apropriadas pelo mercado de trabalho de diversas maneiras, como as terceirizações, subcontratações, empregos temporários e, nesse contexto, o papel da mulher, além de mudar a própria organização do trabalho, tem um sentido estruturador muito importante para o capitalismo. Ressaltando a importância da divisão sexual do trabalho nesse processo.

Surgem neste contexto múltiplas formas de trabalho domiciliar e temporário que segundo Mattos e Samara (1993) se transformam em importantes alternativas de emprego para as mulheres, por permitir a combinação das atividades domésticas com o trabalho remunerado (SAMARA; MATOS apud SAMARA, 2002, on line)

Segundo Sâmara (2002, on line), nesta situação as mulheres passam a exercer a dupla jornada:

Como se pode perceber, mesmo com a incorporação massiva das mulheres solteiras e jovens no universo fabril, o trabalho domiciliar continuou permitindo que as casadas contribuíssem para a renda familiar sem deixarem de exercer as funções básicas de mãe e de donas de casa para as quais tinham sido socializadas e educadas.

A autora ainda demonstra que apesar de todas as mudanças que ocorreram, trazendo as mulheres para o mercado de trabalho, as classes dominantes permaneceram legitimando o poder patriarcal, mantendo a hegemonia e privilégio do gênero masculino.

Ela apresenta os vários códigos da época que mantinham os maridos com a designação de chefes de famílias, como o velho Código Filipino (1870), compilado em Portugal em 1603.

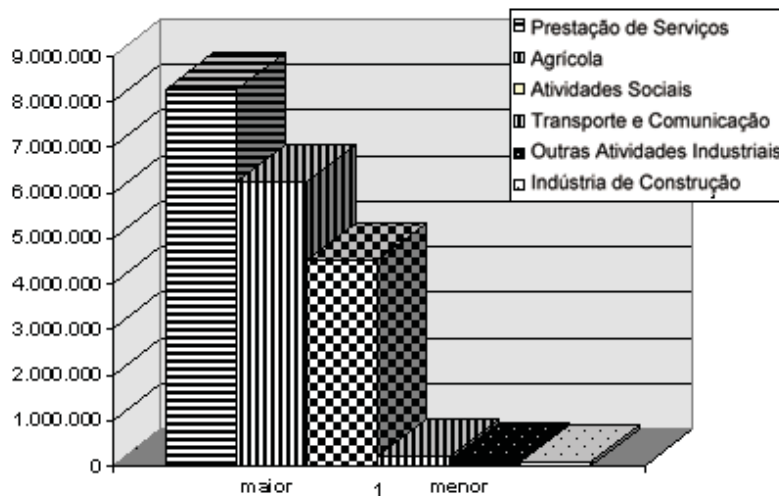
O Código Civil de 1916 que legitimou a supremacia masculina, limitando o acesso feminino ao emprego e a propriedade. As mulheres casadas eram legalmente incapacitadas podendo assumir a liderança da família apenas a partir da ausência do marido.

Apenas a partir do século XX, podem-se observar alguns sinais de mudança, quando mulheres profissionais da elite e da classe média passam a ocupar espaços, passando a atuar nas áreas da Física, do Direito, da Farmácia e da Arquitetura. As mulheres também passam a fazer parte do mercado de trabalho industrial em expansão, cuja participação feminina, se destaca na indústria têxtil. Ao longo do século XX foi possível se verificar um aumento da participação feminina no mercado formal e a contribuição das mesmas no orçamento familiar, além da inserção das mulheres nos setores informais, muito embora não apareçam contabilizados segundo a autora. (2002, on line)

Apresentando dados da Pesquisa Nacional realizada em 1995, as mulheres

representavam 39,88 % dentro do total de indivíduos com ocupações formais no país. Predominando suas ocupações em atividades de prestação de serviços, agricultura e atividades sociais, tendo menor participação nos setores de transporte, comunicação, atividades industriais e indústrias de construção (dados do IBGE, 1995 e 1997) (conforme gráfico 1, SAMARA, 2002, on line).

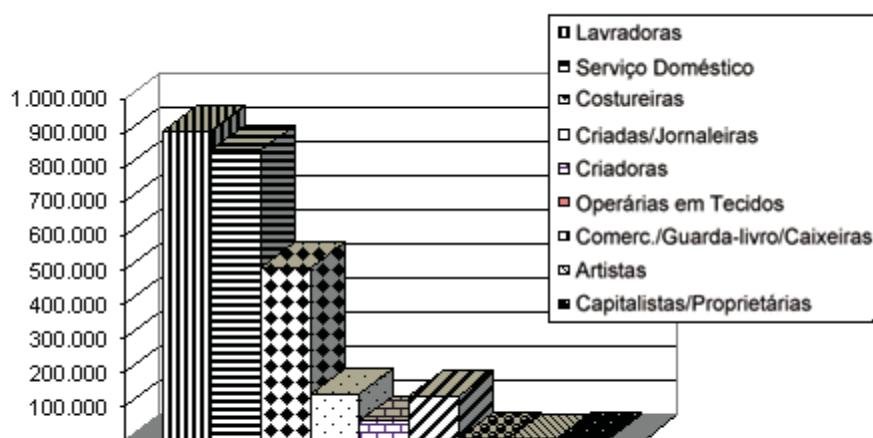
Gráfico 1: Ramos de Atividades Femininas no Trabalho Formal (Brasil - 1995)



Fonte: IBGE, (1995, p. 32).

Quanto a real participação das mulheres no atual mercado de trabalho seria difícil de contabilizar, uma vez que grande parte das mulheres se encontra no mercado informal.

Segundo a pesquisa realizada pela autora, referente a Censos anteriores, as mulheres trabalhadoras, exerciam atividades femininas marginais, sendo remuneradas com salários mais baixos que dos homens. As principais atividades femininas apresentadas no primeiro Censo Geral do Brasil (1872) são: lavradoras, costureiras e serviços domésticos. (conforme gráfico 2, SAMARA, 2002, on line).

Gráfico 2: Principais ocupações femininas (Brasil - 1872)

Fonte: Recenseamento da população do Império do Brasil, 1872.

A autora demonstra que em 1872 as mulheres representavam 26,36% da força de trabalho no mercado formal, bem próximos dos percentuais masculinos de 31,62%. Assim pode-se observar que ao final do Império ocorreram muitas mudanças demográficas e econômicas, a partir da expansão da lavoura cafeeira no Sul e Sudeste, da abolição da escravatura e da imigração que refletiram em várias transformações no mundo do trabalho, especialmente após 1850, mudanças estas que repercutiram diretamente nas configurações familiares, distanciando-se do modelo descrito por Feyre (1987), nas áreas de lavouras canavieiras do Nordeste, onde predominavam as famílias extensas, cujo poder era marcado pelas relações patriarcais; demonstrando a existência de outras formas de organizações e estruturas familiares no Brasil.

Soares (2002, p.69-70) relata a existência destes vários tipos de configurações já existentes na colônia, citando Campos, Del Priori e Algranti:

E dão-nos notícias sobre a existência de vários arranjos familiares na colônia: famílias nucleares; mulheres chefes de família; famílias ampliadas, isto é, a família nuclear com agregados e parentes próximos; encontrava-se, ainda, padres vivendo em concubinato com escravas ou “afilhadas”, bem como um casal de cônjuges e a concubina do marido vivendo sob o mesmo teto. (CAMPOS, 1994; DEL PRIORE, 1994; ALGRANTI, 1997 apud SOARES)

Samara (2002, on line) aponta as alterações nas relações e hierarquias familiares, a partir das novas configurações também no final do Império.

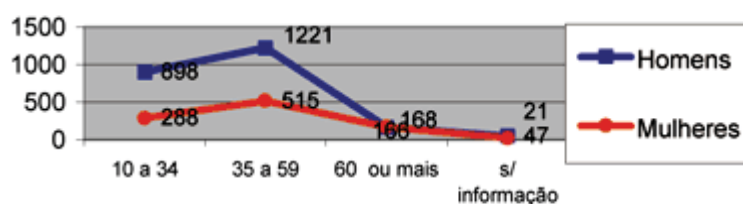
No entanto é surpreendente observar que na segunda metade do século XIX, os

dados coletados no Censo de 1872 mostraram que, em geral, nas regiões econômicas examinadas aproximadamente 30 % das mulheres eram chefes de domicílios e mantinham suas famílias, principalmente entre as idades de 35 a 59 anos. Os homens, por sua vez, continuavam liderando as cifras de chefias dos lares em todas as idades, com maior diferença na faixa etária dos 10 aos 34 anos. Isso significa que os resultados encontrados para 1872 (29,84%) são comparáveis, portanto, as estatísticas regionais levantadas em censos manuscritos, do final do período colonial. (conforme tabela 1 e gráfico 3. SAMARA, 2002, on line)

Tabela 1 Chefes de domicílio segundo idade e sexo (Censo de 1872)

Idade	Homens	%	Mulheres	%	Total Geral	%
10 a 34	898	27,02	288	8,66	1186	35,68
35 a 59	1221	36,73	515	15,49	1736	52,23
60 ou mais	166	4,99	168	5,05	334	10,05
S/ informação	47	1,41	21	0,63	68	2,05
Total	2332	70,16	992	29,84	3324	100,00

Gráfico 3: Chefes de domicílio no Brasil segundo idade e sexo (Censo de 1872)



Fonte: Recenseamento da população do Império do Brasil, 1872

Segundo Samara os índices mais elevados da presença de mulheres chefes de domicílio, estão em Minas Gerais, responsáveis pelas atividades na manufatura especialmente de algodão e tecidos, em Vila Rica as mulheres que mantinham suas próprias famílias correspondiam a 45% dos domicílios na cidade. Estes índices apontavam também que na primeira metade do século XIX, os domicílios de pessoas pobres eram geralmente chefiados por mulheres, indicando que a monoparentalidade feminina, também está correlacionada a

situação sócio-econômica de vulnerabilidade e baixa renda, tornando as famílias pertencentes à esta configurações, foco das atuais políticas públicas.

Os estudos da autora apontam que em São Paulo, em 1836 um terço dos municípios, eram chefiados por mulheres, cuja migração masculina ocorrera pela busca de novas terras e oportunidades econômicas. As mulheres destacavam-se na manufatura têxtil domiciliar, em pequenos negócios, na venda de produtos e na prestação de serviços a comunidade (DIAS e SAMARA, apud SAMARA, 2002, on line).

No Nordeste, homens e mulheres dividiam deveres e trabalhavam pela sobrevivência do grupo familiar, na segunda metade do século XIX. Tais mulheres promoviam a integração de outros adultos, crianças, homens livres, escravos e agregados, nas tarefas relativas a economia doméstica (manufatura de louças e tecidos).

Assim a autora finaliza demonstrando que atenta a este panorama e a historiografia do Brasil, a partir dos anos 70 passou a incorporar a idéia de múltiplos modelos nas organizações familiares brasileiras apontando que o modelo da família extensa patriarcal, não seria único no cenário brasileiro.

Samara apresenta resultados no artigo referentes aos censos populacionais dos últimos 150 anos, demonstrando ser possível perceber as continuidades e/ou mudanças que alteraram as configurações familiares, a partir das relações sócio-históricas, culturais e econômicas da sociedade brasileira, coexistindo na atualidade.

O censo de 2000 aponta que mais de 55,4% das famílias brasileiras, representam a clássica família nuclear burguesa, representada pelo casal com filhos. Já a proporção de famílias monoparentais femininas (mulher responsável pela família, sem a presença do cônjuge e/ou companheiro) com filhos, chega a 12,6 %. Outras configurações aparecem no censo 2000, como casais sem filhos (15,6%) e formação de famílias unipessoais (8,3%), duas ou mais pessoas sem parentesco, e outras modalidades conforme tabela 2 seguinte. (IBGE, Censo Demográfico, 2000).

Tabela 2: Distribuição das famílias por tipo e a situação do domicílio, segundo as classes de tamanho da população dos municípios do Brasil – 2000.

Classes de tamanho da população dos municípios	Unipessoal	2 ou + pessoas sem parentesco	Casal sem filhos	Casal com filhos (1)	Mulher sem cônjuge com filhos	Casal com filhos (2)	Outras modalidades
Total	8,3	0,2	15,6	52,4	12,6	3,0	7,9
Até 20.000	8,0	0,1	15,3	57,4	10,1	1,5	7,5
de 20.001 até 100.000	7,6	0,1	15,1	55,3	11,8	2,3	7,7
de 100.001 até 500.000	8,1	0,2	15,6	52,2	13,2	3,3	7,4
mais de 500.000	9,5	0,4	16,1	46,4	14,4	4,2	9,0

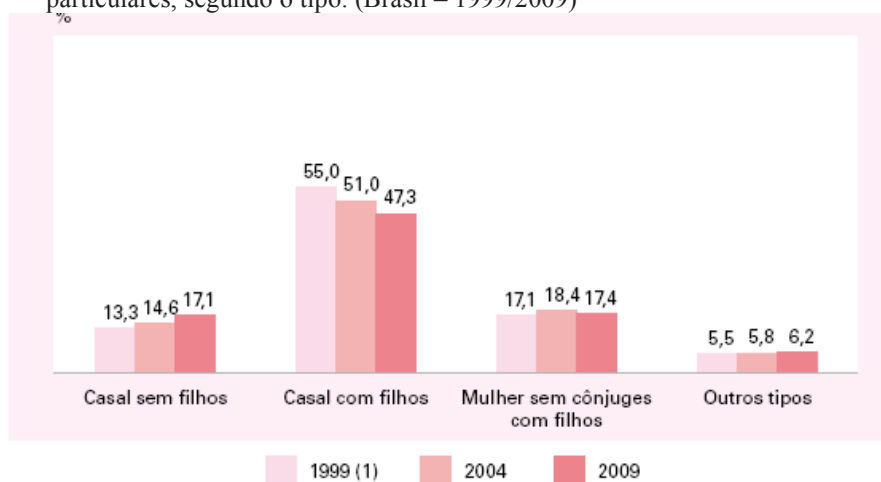
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000

Nota: (1) Casal com filhos sendo o responsável do sexo masculino.

(2) Casal com filhos sendo o responsável do sexo feminino.

Já os Censos de 2004 e de 2009 apontam para um decréscimo no número de casais com filhos, apresentando 51 % em 2004 e 47,3% em 2009, em contrapartida ampliam-se as configurações referentes à representatividade das famílias monoparentais femininas, indicando um percentual de 18,4% em 2004 e 17,4% em 2009, também cresce a representatividade de casais sem filhos, nos referidos anos, passando a 14,6% e 17,1% (2004/2009), o que demonstra que as estruturas e configurações predominantes tendem a alterar as relações pré-estabelecidas sócio-culturais, econômicas e históricas, dentre outras.

Gráfico 4: Distribuição percentual dos arranjos familiares com parentesco, residentes em domicílios particulares, segundo o tipo. (Brasil – 1999/2009)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1999/2009.

(1) Exclusive a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Assim, ao se pensar em ações junto às famílias na atualidade, devemos considerar às mudanças de paradigmas pelas quais as famílias vêm passando a fim de refletir propostas dentre as diversas configurações que as permeiam.

2.5 Famílias na atualidade: Configurações Familiares e A Centralidade das Famílias nas Políticas Públicas e Programas Sociais

2.5.1 Configurações Familiares

Verifiquemos com base na Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD 2009) e nos Indicadores Sociais de Pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quais são as principais configurações atuais: predominantemente ainda permanece a família nuclear (casal com filhos), seguida da família monoparental feminina (mãe e filhos), casal sem filhos, família monoparental masculina (pai e filhos), família unipessoal (composta por apenas uma pessoa - pode ser jovem que saiu de casa, idosos, ou adultos vivendo sozinhos). Encontram-se ainda: pessoa de referência sem cônjuge e sem filhos, com outros parentes; pessoas de referência sem cônjuge sem filhos e sem outros parentes, com agregados, também outras configurações apontadas em PNADs anteriores, que assinalavam para os casais homoafetivos (com ou sem filhos), famílias reconstituídas após o divórcio (união de uma ou mais famílias distintas), famílias mosaico, famílias composta por várias pessoas vivendo juntas, sem laços legais ou de consangüinidade (ligações afetivas de mútua dependência ou responsabilidade), vivendo ou não sob um mesmo teto, dentre outras.

Muitos outros tipos de família poderão advir dentro das atuais e diversas possibilidades do mundo moderno a partir de recursos como inseminação artificial, barrigas de aluguel, relações homoafetivas, a partir de famílias mosaico e outras.

Por exemplo, uma irmã que emprestou o útero para a irmã e o cunhado terem seu bebê: como se dariam ou darão tais relações familiares uma vez que o exemplo já ocorre e é fato?

Os filhos gerados em bancos de espermatozoides, cuja identidade do pai é mantida em anonimato, e que gostariam de saber sua origem, integradora de sua identidade, a quem irão

recorrer?

Os filhos de famílias reconstituídas ou de famílias mosaico, que convivem com diversos irmãos de diferentes pais e mães, com padrastos ou companheiros de suas mães, recorrerão a quem na ausência das mesmas?

Casais homoafetivos, que adotaram uma criança e que no caso de falecimento de um dos dois, tendo direitos sobre a criança, passam a disputa judicial com os avôs, para discutir direitos e questões de hereditariedade, para os filhos. Como estarão representados, frente aos desafios e impactos éticos e morais do mundo moderno?

Como podemos verificar as famílias sempre existiram de diferentes formas e/ou configurações ao longo da história, matrilineares, patrilineares, matriarcais, patriarcais, convencionais ou nada convencionais, distanciando-se de modelos, mas constituídas de formas diversas, múltiplas, singulares, particulares, e as transformações pelas quais as famílias vêm passando, requerem que sejam pensadas na sua totalidade, diversidade e multiplicidade: família ou famílias, parafraseando alguns autores, precisamos refletir sobre as ações que incidem sobre as mesmas, quer no âmbito das políticas públicas, quer nos grupos reflexivos sócio-educativos, nas escolas, nos grupos, na sociedade em geral, ao longo da história, nas diversas culturas, raças, etnias, a família é e sempre será uma incógnita e um grande desafio a ser estudado e trabalhado.

2.5.2 A Centralidade das Famílias nas Políticas Públicas e Programas Sociais

Ao estudarmos a centralidade das famílias na atualidade, acreditamos ser necessário compreender melhor quais fatores vêm desvelar as questões pertinentes a conjuntura em que esta centralidade foi proposta, a partir da crise do sistema capitalista em 1970, refletindo no padrão de proteção social, que no Brasil é adotado a partir da década de 1990, contrariando os princípios constitucionais de 1988.

No Brasil estabelece-se um sistema de proteção social privatista em detrimento do caráter democrático das políticas sociais, colocando assim a família no alvo das políticas de combate a pobreza expressas principalmente nos programas de transferência de renda.

A partir da crise capitalista de 1970 um novo padrão de proteção social passa a ser exigido visando a sua adequação à nova ordem econômica mundial. No Brasil a adoção desses preceitos ditados pelos organismos internacionais data dos anos 1990 e significa uma ruptura com o processo de constituição de um sistema de proteção social ensejado pelos princípios constitucionais

de 1988. No tensionamento entre o projeto democrático e o privatista de proteção social, as políticas sociais brasileiras têm sido conduzidas de modo a fazer prevalecer esse último. Nesse contexto, a família é redescoberta como fonte privada de proteção social, passando a ser alvo preferencial das políticas de combate à pobreza, expressas nos programas de transferência de renda. (CAVALCANTI et al, on line, p.1)

O ano de 1994 foi marcado como o Ano internacional da Família, proposto pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, onde a família passa a ser vista e reconhecida na sua diversidade e multiplicidade de configurações, e reconhecida como um espaço privilegiado para a prática de valores comunitários e o aprofundamento de relações de solidariedade. (KALOUSTIAN, 1994, p. 9-10)

Muitas propostas surgiram no ano de 1994 que apontavam para os desafios da política de atendimento à família na sua totalidade, rompendo com as políticas fragmentadas e segmentadas, colocando-a como prioridade na agenda da política social, dentre as quais as principais encontravam-se os programas de geração de renda, a articulação da rede de serviços comunitários de apoio psico-social e cultural e programas de transferência de renda, como alternativa de complementação da renda familiar.

Verificamos que alguns avanços ocorreram dentro das políticas públicas nas últimas décadas, onde se apresenta a centralidade das famílias, porém são imensos os desafios a serem transpostos, dentro de uma política de desenvolvimento local que possa vir a refletir num contexto global ao se pensar na família em sua totalidade.

Façamos inicialmente uma breve reflexão pontual sobre os programas de transferência de renda proposto pelo atual governo, que por si só não contemplam as necessidades de atendimento as famílias, buscando desvelar as intencionalidades do que existe hoje em termos de políticas públicas, não perdendo de vista de que se faz necessário pensar em propostas de articulação e integração das diversas políticas bem como da Rede Intersetorial, Sócio-assistencial, Sócio-familiar dentre tantas outras, com vistas a atender a família na sua totalidade, através de um amplo sistema de proteção social.

Para compreendermos melhor a centralidade em torno das famílias, faz-se necessário verificarmos os papéis que sempre foram e vêm sendo atribuídos às famílias ao longo da história, em especial à contemporânea.

Vejam algumas citações: "De fato, a família é o primeiro sujeito que referencia e totaliza a proteção e socialização dos indivíduos [...], ela se constitui num canal de iniciação e aprendizado de afetos e das relações sociais" (CARVALHO, 1994, p. 93), em outra citação: "[...] No entanto, esta não perdeu o que lhe é essencial: suas possibilidades de proteção,

socialização e criação de vínculos relacionais”. (CARVALHO, 2005, p. 19), outra: “Pesquisas recentes constataam que a família continua sendo um lugar privilegiado de proteção e de pertencimento a um campo relacional importante [...]” (MARTIN apud CARVALHO, 2005, p.19).

Temos finalmente a PNAS/SUAS que entende família como: “Núcleo afetivo, vinculado por laços consangüíneos, de aliança ou afinidade, onde os vínculos circunscrevem obrigações recíprocas e mútuas organizadas em torno das relações de geração e gênero” ou “[...] a família é o núcleo social básico de acolhida, convívio, autonomia, sustentabilidade e protagonismo social”. (NOB, 2005, p.17).

Desta forma podemos verificar que à família, sempre foram atribuídos os papéis de proteção, socialização, amparo social e mesmo de provedora de cuidados de seus membros, ou seja, o Estado atribui à família uma responsabilização pelos cuidados, provisão e sustentabilidade de seus membros.

No Brasil, o Estado nunca assumiu completamente suas responsabilidades, na provisão de bem-estar, no sentido de estabelecer a proteção social mais ampla, tal como ocorreu nos países mais desenvolvidos, como onde foi constituído o “*welfare state*”, a família começa a ocupar o lugar de “centralidade” nos programas governamentais, passando a ser priorizada na agenda das políticas sociais, porém não numa perspectiva da proteção social universal, mas de uma proteção social, encampada pelo ideário neoliberal, dentro de uma perspectiva de mercantilização e assistencialização, sendo a família chamada a assumir o papel de principal provedora das necessidades de seus membros.

A partir da crise do capital de 1970 e conseqüente crise do “*welfare state*”, ocorre o reordenamento da proteção social, que no âmbito das políticas sociais, ganham expressão os programas de combate a pobreza, constituídos principalmente por programas de transferência de renda.

Tais programas passam a ser implementados no Brasil tardiamente, a partir da década de 1980 e trazem em seu bojo a contradição e a polarização, dentro de duas perspectivas: uma mais restritiva, que defende os programas de transferência de renda como um mecanismo compensatório, focalista e residual, numa perspectiva dentro do projeto neoliberal e outra centrada na lógica do direito, dentro da ótica da redistribuição da renda e da universalidade, em complementação às políticas já existentes. (CAVALCANTI et al, on line, p.3)

No Brasil, os programas tendem a assumir o caráter compensatório e focalizado, dentro da perspectiva neoliberal, a exemplo do Programa Bolsa Família (PBF), que se

caracteriza enquanto programa descontinuado, sendo os usuários do programa mantidos ou não no mesmo, se restringindo ao cumprimento de suas condicionalidades e critérios altamente seletivos e excludentes, o mesmo não tem os seus recursos garantidos totalmente previstos pelo Fundo Nacional de Assistência Social (FNAS), parte de suas ações é custeado pelo Fundo Nacional de Saúde (FNS) e por outras políticas.⁶ Assim há uma grande rotatividade no Programa, onde o mesmo é operado através de mecanismos de revezamento, que incluem e excluem população usuária em função do cumprimento das condicionalidades. Os percentuais destinados a ações sócio-educativas e protetivas dentro do Programa Bolsa Família não chegaram a 5%.

Estes dados evidenciam a centralidade da assistência, mas não dela na perspectiva do direito e enquanto política pública, uma vez que o mesmo estudo revela que nos mesmos anos, praticamente 90 % dos recursos do FNAS ficaram comprometidos com o BPC e a RMV, as ações socioeducativas e protetivas não chegaram a 5 %. O que se percebe com a prevalência dos programas de transferência de renda e a forma como esses estão sendo implementados na lógica substitutiva e não complementar, é uma ênfase na perspectiva da assistencialização da proteção social. (CAVALCANTI et al, on line,p. 4)

A questão da intersetorialidade com as demais políticas demonstra a característica desta perspectiva da assistencialização da proteção social e seu caráter residual. Pois a saúde esbarra dentro do PBF em seu nó crítico, do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo que a concentração de investimentos na saúde é de caráter curativo, refletindo os interesses segundo o projeto voltado para a mercantilização da atenção a saúde. Não há interesses na prevenção e promoção da saúde; são baixos e poucos os investimentos em programas preventivos, sendo que atualmente os investimentos ficam em torno de 6,09%.

No estudo de Boschetti e Salvador (2006), isso se evidencia nos números que revelam um total de recursos aplicados a atenção hospitalar e ambulatorial de 52,11 % em 2004 e 49,94 % em 2005, sendo que a atenção básica recebeu nos mesmos anos 14,49% e 15,05%, respectivamente. Alguns programas preventivos voltados para o controle de determinadas doenças como HIV/AIDS, tuberculose e hanseníase, assim como ações de vigilância epidemiológica, sanitária e ambiental chegaram a 6,16% em 2004 e em 2005 tiveram uma pequena redução perfazendo um total de 6,09%. (CAVALCANTI et al, on line, p. 9)

Assim também quanto à política da educação, as questões referentes ao cumprimento das condicionalidades são determinantes na manutenção ou desligamento de tais

⁶ Sobre o financiamento e investimento da Seguridade Social, pode-se ter a análise dos programas de transferência de renda encontram-se Boschetti e Salvador. “Orçamento da Seguridade Social e Política Econômica: perversa alquimia”. In Serviço Social e Sociedade, n.87, Cortez, 2006.

programas, não se questionando se a criança falta ou não permanece na escola por questões pertinentes à qualidade dos serviços oferecidos, qual escola e qualidade de ensino tem sido oferecida as crianças e adolescentes, não se verifica o rendimento escolar ou mesmo se as taxas de repetência se elevaram, apenas atribuiu-se as famílias a responsabilização por manterem seus filhos na escola, para garantir um direito à renda, no caso o repasse do Programa Bolsa Família.

Dentro desta perspectiva, à família sempre foi atribuído o papel de proteção e amparo social, sendo as mesmas consideradas responsáveis pelo sucesso ou fracasso de seus membros, pelas dificuldades em que se encontram, sendo consideradas pelo Banco Mundial, como responsável central no enfrentamento da pobreza. Cabe aqui a análise de tais programas, que colocam a sua centralidade nas famílias, responsabilizando e/ou culpabilizando-as pelos cumprimentos ou não das condicionalidades, em que as famílias vão sendo desligadas quando do descumprimento das mesmas ou por não estarem dentro dos critérios de elegibilidade originários do momento de inserção em tais programas, as famílias são desligadas, mesmo não tendo rompido com situação original de vulnerabilidade que deu acesso ao programa.

A “questão social”, que rebate nas famílias e na sociedade, reflexo do atual sistema predatório capitalista, que traz em seu bojo dentre outras determinações: o desemprego estrutural massivo, o corte nos gastos sociais, frente à flexibilização dos direitos, amplo programa de privatização dos órgãos do Estado, aumento da pobreza e exclusão social, dentre outros, incidem nas desigualdades sociais das famílias de baixa renda atendidas pelos mesmos, sendo necessário pensar amplamente na garantia do direito a renda, não apenas através de programas e projetos de transferência de renda, mas no que se refere à qualificação e capacitação profissional das famílias.

Também as políticas, programas e projetos de atendimentos as famílias devem ser pensados dentro de propostas que perpassem pela inclusão produtiva e/ou alternativas de uma economia de comunhão, numa perspectiva que contemplem o associativismo e cooperativismo, de formas mais coletivas e/ou comunitárias, bem como o acesso uma diversidade de postos de emprego, trabalho e renda, com vistas ao desenvolvimento regional e local.

Vítimas da “questão social”, as famílias são chamadas a cumprir um papel que caberia ao Estado e que perpassa pela sociedade, cujas respostas com certeza transcendem aos programas de transferência de renda.

Dentre os principais programas de transferência de renda encontramos hoje os

seguintes: Programa Bolsa Família (PBF)⁷ e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)⁸, de responsabilidade do Governo Federal; Renda Cidadã⁹ e Ação Jovem¹⁰, de responsabilidade do Governo Estadual; Programa Renda Mínima¹¹, de responsabilidade do Governo Municipal específico de Franca-SP, dentre outros.

Com o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, a partir de sua inserção no mercado de trabalho, em diferentes faixas etárias e em atividades econômicas diversas muitas vezes com salários inferiores aos masculinos, mediante a precarização das relações de trabalho e os reflexos do trabalho informal com incidência de baixos salários, o universo feminino passa a ser repensado frente às políticas públicas.

Assim os Programas Sociais alteram seu “foco”, para dar prioridade ao atendimento de mulheres, destacando-se neste sentido a questão de gênero, pois são elas as principais usuárias dos serviços públicos, juntos aos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro Especializado de Assistência Social (CREAS), Unidades Básicas de Saúde (UBS), escolas, creches e demais instâncias e equipamentos de serviços, onde apresentam suas solicitações e reivindicações do micro-universo, que incidem no macro-universo familiar, pois elas vivenciam relações cotidianas, de enfrentamento à “questão social”, cujo sistema imprime sobre as mesmas a reprodução da “culpabilização” e/ou responsabilização pelas suas famílias.

O PAIF não se constitui em um Programa de transferência de renda, mas como foi dito anteriormente, possui centralidade de atendimento nas famílias dando ênfase às relações familiares e comunitárias, conforme previsto na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), sendo desenvolvido junto as CRAS.

Atualmente faz-se necessário pensar em políticas e programas que atendam a população, numa perspectiva ampliada de direitos sociais, que atendam as múltiplas necessidades das famílias, na sua totalidade. São políticas que devem prever a atuação numa

⁷ **Programa Bolsa Família (PBF):** Programa de transferência de renda (Federal), cujo critério de elegibilidade para inclusão de famílias é uma renda per capita de R\$ 140,00 e a disponibilidade de vagas.

⁸ **PETI** – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil: Programa de transferência de renda (Federal), cujo critério de elegibilidade para inclusão de famílias é uma renda per capita de até meio salário mínimo. constatada e existência de criança e/ou adolescente de 07 a 15 anos em situação de trabalho infantil.

⁹ **Renda Cidadã:** Programa de transferência de renda (Estadual), cujo critério de elegibilidade para inclusão de famílias é uma renda per capita de até meio salário mínimo e a disponibilidade de vagas.

¹⁰ **Ação Jovem:** Programa de transferência de renda (Estadual), cujo critério de elegibilidade para inclusão de famílias é uma renda per capita de até meio salário mínimo e a disponibilidade de vagas. Destinado à jovem de 15 a 24 anos, estudantes do ensino médio ao fundamental.

¹¹ **Programa Renda Mínima:** Programa de transferência de renda (Municipal, exclusivo no Município de Franca, utilizando-se dessa nomenclatura), cujo critério de elegibilidade para inclusão de famílias é uma renda per capita de até 5.65 UFMF (Unidades Fiscais do Município de Franca) e a disponibilidade de vagas. Maiores detalhamentos sobre tais programas de transferência de renda, consultar sites: MDS (Federal), e demais esferas de governo (Estadual e Municipal).

rede articulada dos diversos serviços intersetoriais, contemplando as políticas principais de saúde, educação, habitação, transporte, emprego, lazer e assistência, dentre outras. Nesse aspecto, a assistência assume um papel importantíssimo enquanto articuladora das demais políticas públicas, dentro de uma proposta de constituição de um sistema ampliado de proteção social com todas as demais políticas de forma transversal.

Destarte torna-se necessário repensar a centralidade das famílias, junto às principais políticas públicas, que tem como principais marcos legais:

A Constituição Federal (1988);

A Lei Orgânica da Assistência Social - (LOAS /1993);

A Política Nacional de Assistência Social / PNAS /2004);

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS /2005);

A Lei Orgânica da Saúde (LOS) e demais legislações que instituem o Sistema Único de Saúde (SUS) - através da lei 8080/90 no art. 31, diz que o orçamento da Seguridade Social se destinará ao SUS;

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.304/96);

Estas são as principais políticas cuja matricialidade familiar devem ser repensadas junto às responsabilidades do Estado em suas três esferas de co-financiamento, dentro deste sistema de proteção social ampliado, dentre outras que compõe também as políticas de desenvolvimento regional e local.

Como o estudo de tais legislações¹² não se constitui no foco de nossa análise; passamos agora à análise de resultados, no que se refere à vivência das mulheres sujeitos de nossa pesquisa junto às suas famílias, verificando se as relações sócio-histórico-econômicas e culturais se reproduzem ou se transformam no bojo das famílias dessas mulheres.

2.6 Contextualizações das vivências e experiências das mulheres do PAIF em suas famílias: desde a manutenção e reprodução das relações sócio-históricas e culturais até a transformação de algumas destas relações.

Conforme sistematização de dados, junto às mulheres do PAIF e suas famílias, mediante o processo de análise dos resultados, foi possível verificar a classificação duas

¹² Todas estas legislações podem ser pesquisadas em sites específicos, para melhor conhecimento e verificação, a exemplo da PNAS, SUAS e NOB nos sites do MDS - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL e os respectivos ministérios das demais políticas de Governo.

categorias que são: uma primeira categoria de que assinala para a manutenção e reprodução de relações sociais, históricas e culturais, refletidas nas relações de gênero e a segunda categoria que aponta para uma possível transformação de relações socio-culturalmente estabelecidas, demonstrando a conquista de novos espaços e um possível avanço nas relações de gênero, sinalizando para relações mais igualitárias.

Estas duas categorias serão analisadas de forma mais detalhadas a partir do capítulo terceiro onde também falaremos sobre as relações de gênero (reproduzidas culturalmente), mas por hora abordaremos tais categorias, melhor apreendidas a partir das famílias onde pudemos observar a incidência das duas categorias de manutenção e/ou reprodução das relações sociais e culturais e a categoria de transformação de tais relações.

Apresentamos, portanto, as categorias e subcategorias verificadas segundo a questão da família.

2.6.1 Primeira Categoria: Manutenção e Reprodução das relações sociais e culturais

Dentre as relações de reprodução e manutenção das relações sociais e culturais já referenciadas anteriormente, elencamos as seguintes subcategorias:

1. Reprodução de papéis tradicionais.
2. Família enquanto alicerce.

2.6.1.1 Reprodução de papéis tradicionais

A reprodução de papéis tradicionais nas famílias do passado, muitas vezes reproduzidas nas famílias atuais, foi apresentada nas falas de nossas entrevistadas, onde a família do passado, mantém as relações de poder do gênero masculino e subalternidade do feminino principalmente no que se refere às condutas e comportamentos exigidos das mulheres.

Foram levantadas dentro desta subcategoria aspectos referentes à rigidez e limites impostos às mulheres, pelas famílias no passado, bem como restrições aos direitos de escolha das mesmas e uma imposição da cultura do medo sobre elas; tais aspectos reproduzidos histórica e socialmente, contribuem para a manutenção das relações sociais e culturais.

Verificamos na fala de Jaqueline, a forma como eram tratadas as mulheres em suas famílias no passado:

É porque era assim minha mãe ela, era muuuiito rígida com nós, principalmente nós mulheres, muito de verdade! Então na época que eu completei 13 anos eu num sei, cê sabe disso, então eu completei 13 anos, só que eu era muito rebelde, sabe aquela juventude que num quer nem saber, que a mãe tá falando e num obedece? Aí quando eu completei, é..., na idade de 12 pra 13, é... Naquela época, que aqueles povo mais rígido, eles num permite menina que perde a virgindade dentro de casa. É costume dela, né, desde os pais dela, meus avôs. Ela falou assim: “Ó, já que você não quer me obedecer a rua, a porta da rua é serventia da casa, cê que sabe você vai me obedecer?” [...] “Não, eu quero fazer o que eu quero”, eu falei pra ela. “Então você vai catar a sua roupa e vai sair, o mundo vai te ensinar, o mundo vai te dar umas chicotadas, você vai cair, você vai levantar, você vai aprender, aí você vai..., quando você tiver os seus filhos você vai entender o que eu to fazendo hoje”. Que era antes... Antigamente, né? (Jaqueline)

Assim observamos que se dão ainda as reproduções de relações culturais de rigidez em famílias tradicionais, onde a “perda da virgindade” representava a desobediência, uma ameaça aos valores e costumes tradicionais e mesmo o risco de uma gravidez indesejada, o que poderia acarretar em mais uma boca para alimentar.

Ali naquela sociedade supostamente empobrecida pelo histórico de vida da entrevistada, onde o diálogo sobre sexualidade e outros assuntos “proibidos”, não perpassavam pelo mundo feminino, tratando com rigor as mulheres, em contraposição ao universo masculino, reproduzem-se as relações de poder e dominação do masculino sobre o feminino, como nas famílias sindiásmicas, citadas por Engels, onde a sexualidade e a poligamia eram praticamente uma “necessidade natural”, como que “inerente” ao gênero masculino, podendo e “devendo” ser vivida intensamente, principalmente com prostitutas.

Vejamos nas citações de Engels (MARX, 1980, p.21), como se reproduziam e mantinham tais as relações de poder do masculino sobre o feminino nas famílias sindiásmicas:

Com essa crescente complicação de proibições do casamento, as uniões por grupos tornaram-se cada vez mais impossíveis; foram suplantadas pela família sindiásmica. Nessa etapa, um homem vive com uma mulher, mas a poligamia e a infidelidade ocasional permanecem um direito dos homens, sendo que a primeira se apresenta raramente (em geral por razões econômicas), enquanto que a maior parte das vezes a mais estrita fidelidade é exigida às mulheres enquanto durar a vida em comum (o seu adultério é cruelmente punido). [...]

O homem tinha seus exercícios ginásticos, suas discussões públicas, das quais a mulher estava excluída; havia por outro lado, mulheres escravas à sua disposição, e, na época florescente de Atenas, uma prostituição de largo vulto e, pelo menos favorecida pelo Estado. É precisamente sobre a base dessa prostituição que se desenvolveram as únicas personalidades femininas gregas que, pelo espírito e pelo gosto artístico, são tão superiores ao nível geral do mundo feminino antigo quando as mulheres espartanas o são pelo caráter. [...]

Segundo o autor, a fidelidade exigida das mulheres se contrapõe à poligamia aceita e exaltada para os homens, que possuíam a sua disposição mulheres, escravas e prostitutas, verificamos portanto na fala de Jaqueline, que a rigidez com que foi tratada a “perda de sua virgindade” pela mãe e família, trazem características históricas reproduzidas social e culturalmente ao longo dos séculos.

Destacamos na citação anterior a exceção histórica das mulheres espartanas, cuja prostituição era condição de superioridade, marcadas pela cultura, espírito diferenciado e gosto artístico apurado, respeitadas e ouvidas pelos homens.

Ainda com relação aos aspectos culturais reproduzidos através de restrições de direitos e rigidez impostas às mulheres, destacamos na citação de Engels (MARX, 1980, p.19) que se espera da mulher que ela tudo suporte e aceite inclusive as infidelidades conjugais, cujos heróis de guerra eram premiados com jovens prisioneiras e aos maridos era permitido ter concubinas e/ou jovens escravas à sua disposição:

Quanto à mulher legítima esperava-se dela que suporte tudo isso (suporta a infidelidade dos homens heróis de guerra, que tomavam para si com premiação por suas conquistas, jovens mulheres prisioneiras de guerra para sua satisfação sexual), mas observando ela mesma uma castidade, uma fidelidade conjugal rigorosa. A mulher grega dos tempos heróicos é, na verdade, mais respeitada que aquela do período civilizado, mas em definitivo, ela não é para o homem, mais do que a mãe dos seus herdeiros legítimos, a superintendente do seu lar e diretora das mulheres escravas, das quais ele pode fazer, à sua vontade, concubinas. É a existência da escravatura ao lado da monogamia, a presença de belas jovens escravas pertencendo de corpo e alma ao **homem**, que imprime desde o início à monogamia só para a mulher e não para o homem. (grifo do autor)

Sobre a monogamia feminina e poligamia masculina, já discorremos anteriormente neste capítulo, o que muitas vezes nos traz admiração, é o fato de que tais relações ainda na atualidade se reproduzem no “discurso” machista, para justificar o adultério permitido aos homens, e ainda hoje em algumas sociedades, punindo-se severamente as mulheres (até com pena de morte por apedrejamento e de outras formas) na contemporaneidade.

Vejamos o que diz uma de nossas entrevistadas, Dani, relata sobre os limites impostos pelas famílias no passado, distinguindo-as das famílias contemporâneas, vistas como mais “liberais”:

[...] eu creio que a família do passado, era uma coisa cheia de limites, pode isso num pode aquilo, hoje não, hoje a família é uma coisa mais liberal, onde você tem uma dúvida você conversa com o pai, com a mãe, com o filho, né? [...] um assunto que antigamente isso seria restrito, tipo assim um adolescente tivesse perto de dois adultos conversando num tinha como a

peessoa falar sobre aquele assunto, a mãe já pedia pro filho sair, hoje não hoje é algo assim que você reúne e conversa qualquer tipo de assunto com o filho, independente da idade, ou seja se for um criança é algo assim limitado a idade dele, da criança, mas se for um adolescente é pai, mãe, pode conversar sobre sexo, sobre droga, tudo [...] (Dani)

Tais limites são frutos do que era permitido ou não aos filhos e mesmo aos assuntos pertinentes, segundo o que os pais delimitavam para os mesmos, enfatizando que hoje o diálogo é a base das relações e todos os assuntos tidos como proibidos no passado, podem hoje ser mais amplamente discutidos e conversados segundo o que cada criança ou adolescente, de acordo com a faixa etária, pode ter acesso ou mesmo conhecimento.

Na fala de Dani podemos verificar também que a mulher ao se casar, não tinha nenhum conhecimento do que seria a relação conjugal, e nem mesmo orientações sobre o sexo e como se dariam tais relações:

[...] e antigamente principalmente sobre sexo, a pessoa a mulher casava sem saber nada, né? Ela aprendia com o dia a dia, mas uma mãe não explicava, não ensinava o que que era a vida, né? De casada, o dia do amanhã de uma mulher e ela aprendia sozinha, é onde ela tinha muita frustração... que ela achava que era uma coisa e num era, era tudo uma caixinha de surpresa, né? Embora o casamento é uma caixinha de surpresa, né? Mas é algo que hoje, as mulheres que casam hoje, elas já sabe o que ela quer, já sabe o terreno que ela tá pisando. Antigamente até tinha aquele negócio, de casamento arranjado, né? A mulher num podia, num tinha aquele direito de escolher. [...] Era escolhida, então eu acho a mulher era como um objeto era um objeto do pai e da mãe, depois um objeto do marido [...] (Dani,)

Ela aponta que o casamento por vezes trazia frustração para muitas mulheres, sendo que era arranjado, conforme já discorremos anteriormente, partindo de um acordo realizado entre o pai da noiva e do noivo, e a mulher constituía-se nesse acordo ou “negócio”, em um objeto, do pai, da mãe e depois do marido (casamento por alianças políticas, econômicas, dentre outras). Demonstra que a mulher era destituída do direito de escolha, sempre numa condição de subalternidade do feminino ao masculino, pois aos homens cabiam as decisões finais.

Interessante observar que embora mudem as relações no mundo contemporâneo, os casamentos arranjados ainda ocorrem um pouco menos no continente ocidental e mais no oriental, em países como Índia, Marrocos e Arábia (neste último com o agravante de ocorrerem casamentos arranjados ou por contrato para meninas menores de idade), dentre outros países esta prática é constituída como aceita e “normal”; para não muito além do oceano, podemos citar, aqui no interior do nordeste do Brasil, apenas há alguns anos atrás, na

história de nossa entrevistada Fernanda, que relata que foi dada em casamento aos treze anos de idade.

Percebemos em seu depoimento as reproduções dos “moldes” tradicionais, nas famílias atuais:

Meu pai me casou com treze anos, eu num sei, eu acho que nem mulher eu num era ainda, né com treze anos e meio eu já tava com filho no colo, esses dia engraçado eu tava mostrando uma foto minha pro meu filho, ele falou assim: “nossa, eu nunca tinha visto um foto da senhora criança”. Eu falei: “mas eu não era criança filho, aí eu já era mãe de três filhos”. Ele assustou né, porque eu casei muito cedo então, como eu to falando eu num tive infância, eu num tive adolescência, me casei com um homem que pouco conhecia, já tive cinco filhos assim, né? Quando ele foi embora me deixou com cinco filhos, o mais velho tinha nove anos o caçulinha tinha oito meses e hoje tem vinte e dois anos, ele sumiu por um longo tempo, nunca apareceu, nunca soube notícia nem nada dele, nunca ajudou, lutei, naquele tempo eu tinha muita saúde, muita força de vontade, lutei, consegui meus filhos, é todos pobre, né assim, é padeiro, é curtumeiro, é sapateiro, mas são todos homem de bem, num tem vício, num bebe, muita gente aqui vizinho, que eu já moro há vinte e cinco anos aqui nessa casa, eles admira de como que eu consegui criar meus cinco filhos e nenhum tem vício de nada, nem bebe nem fuma nem nada né, e também cinco nora que é uma benção também, já tenho onze netos, né? Então pra mim assim é um privilégio muito grande, agora o que é ser mulher hoje, é bem difícil, porque no papel que a gente faz dentro de casa criando os filhos, é muito difícil, pensar na gente, num dá tempo, né? (Fernanda)

Fernanda era ainda uma adolescente, tendo dado a luz ao seu primeiro filho com aproximadamente treze anos e meio, foi entregue a um homem que ela pouco conhecia e que a abandonou com cinco filhos. Esta história tem se repetido com muitas mulheres, na medida em que os homens, esposos/ maridos ou companheiros desresponsabilizam-se pelo sustento financeiro, educação e manutenção de relações afetivas com seus filhos, passando as mulheres a assumirem todas as responsabilidades: manutenção da casa e dos filhos, financeira, moral, afetiva, emocional e tantas outras que aparentemente na sociedade atual, parecem caber apenas às mulheres.

A mesma entrevistada relata que a cultura do medo, permeava as relações entre pais e filhos:

[...] do dia de hoje os filhos num tem o respeito de antigamente, né? Antigamente não sei se era respeito ou se era medo, né? Que eu lembro que quando meu pai falava com a gente ele falava com a testa, ele franzia a testa, ali você já andava um metro pra trás de tanto medo que tinha então eu não sei se isto era respeito ou se era medo, os de hoje já tem aquela lei que você não pode bater, né? Então os filhos já fica tudo galudinho, tudo porque num pode bater: “Porque se bater ne mim eu chamo a polícia, eu chamo o Conselho

Tutelar”, então a gente procura criar assim mais conversando, mais dialogando, mais que é muito difícil [...] (Fernanda)

Fernanda não sabe descrever se seria respeito ou medo, o que se sentia quando os pais dirigiam-se aos filhos, para corrigi-los quando necessário. O fato é que a dominação masculina, no passado, atribuída ao pai e provedor da família transfere-se na atualidade para as mulheres sozinhas que, frente aos novos desafios, precisam aprender a educar dialogando, com referenciais muitas vezes não acessíveis a todas as mães ou pais, o que implica em dificuldades em estabelecer limite e correlações de compartilhamento de responsabilidades nas famílias.

Outra usuária entrevistada, Maria Lúcia, aponta questões referentes à violência vivida junto ao companheiro:

Ah eu num... como diz o outro, eu acho que eu não me enxergava nem como mulher, porque eu vivia só apanhando e num sabia que rumo que tomava na vida né? E num sabia se... se... ia cuida do filho, se eu abandonava tudo, se ficava ali parada só apanhando, só sofrendo, nunca podia fazer nada, nunca podia é..é ..assim num podia fazer nada num podia olhar, éh pegar o menino e falar: “Vou em tal lugar”, num podia, só briga, só confusão, então é...o passado pra mim é como diz o outro... é meio brabo, mais ser mulher no passado, eu num. eu acho que eu num fui mulher não, eu só apanhava né? [...] Hoje não hoje é outra vida né? Hoje é outra vida, se eu falar assim: “Tá, vou fazer um... vou arrumar vou sair”, se alguém fala: “Vamo em tal lugar, vamos meninos”, dá pra ir eu levo eles né, inté mesmo na escola, hoje como diz o outro hoje eu sou uma mulher, antigamente eu num era não porque eu só vivia apanhando. (Maria Lucia)

A mesma relata que se submetia ao marido por falta de condições sócio-econômicas para manter-se e mesmo para poder continuar “cuidando” dos filhos. Foram várias as formas de agressão, até que decidiu romper com a cadeia de violência que a cercava. Orientada sobre seus direitos, mesmo após a separação, demorou, mas conseguiu entrar com o processo de pensão alimentícia e hoje sabe que tal direito dos filhos pode ser assegurado, independente de manter relações afetivas e/ou de submissão com o pai de seus filhos.

Percebemos assim que a cultura do medo se mantém através da falta do desvelamento das relações, onde a família ou o companheiro que deveria ser o responsável por “zelar” e cuidar das relações ou mesmo “prover as necessidades da família”, reproduz relações de mando e opressão. Seria como se o homem ainda fosse o dono ou proprietário da esposa e filhos, do termo “*familias*”, onde tudo e todos: escravos, parentes, compadres, animais eram de propriedade do “senhor feudal/ de engenho”, do homem do passado ou seria ainda do presente?

2.6.1.2 Família enquanto alicerce/ estrutura essencial

Passamos a examinar uma segunda subcategoria observada na fala de três de nossas entrevistadas, referentes à família enquanto alicerce e estrutura, como algo essencial, para as relações e manutenção da vida cotidiana. Apontam para a família enquanto base e alicerce para a formação de indivíduos e da sociedade.

Verificamos no caso de Dani, que passou por uma depressão onde a família foi fundamental para o enfrentamento das dificuldades, cujas fragilidades econômicas e emocionais somente foram suportáveis com a ajuda dos familiares:

Oia pra mim família é um conjunto onde cê vai reuni tudo: pai, mãe filho, tio, pessoas.. é parentes mais distantes que também faz parte da família, né? Porque sem família cê num é na, cê num é ninguém, família é o alicerce da vida dum ser humano, que sem família você num tem estrutura pra nada, bom isso é o que eu acho, né? [...] (Dani)

Eu num gostava de mim, de devido o problema que eu tive, que muitos taxa aí como frescura, mas é uma doença, é a, a depressão, que eu sei o que é isso, que é uma escuridão um buraco fundo é algo que ... num é assim como todo mundo, fala é, eh, frescura, gente é uma doença, tem que pedir socorro e o socorro é a família, é a primeiro socorro que tem ir atrás é a família, é aquele apoio, se num tivé você vai até a morte, que a gente viu muito caso, né? Eu graças a Deus eu tenho uma filha só, um marido e são os familiares que tão mais junto de mim, né? Que pai tá mais longe, mãe também, né? Então... eles foi tudo pra mim, que foi quem me segurou e num deixou eu cair, né? (Dani)

Ela enfatiza que foram a filha e o marido, sua família atual, que a ajudou a sair da depressão. A família deu a ela todo suporte necessário para uma retomada de seus projetos de vida sendo possível avançar e arrojar nas conquistas de sua vida pessoal e profissional, onde Dani passou a trabalhar com a pintura e o artesanato para vencer a depressão; ela vê na pintura sua maior expressão enquanto ser humano.

Os projetos iniciais que ela desenvolveu a partir da depressão foram de pintura em tecidos, e posteriormente em telas, com cursos de especialização; a participação da família foi fundamental e apesar das diversidades de posicionamentos, ela destaca a família como seu alicerce, permanecendo ao seu lado, durante todo o processo de recuperação da doença, de resgate de autoestima, bem como de reencontrar-se enquanto sujeito de sua própria história.

Na entrevista com Paula, a filha de Dani, verificamos que apesar dos conflitos inerentes ao ambiente familiar, onde a família real e a família ideal se contrapõem, é possível se crescer juntos:

No passado, era... Não tinha muito..., a gente sofria muito porque a minha

mãe tinha um problema com depressão, a gente não era tão unido como a gente é hoje, né? Antigamente tinha muita briga né? A gente não tinha um diálogo muito bom né? Era só o principal mesmo, né? Hoje eu tenho, assim, a família que eu tenho agora, no presente agora, é uma família muito boa, que agora a gente num tem aquelas brigas, a gente confia muito um no outro, qualquer problema a gente conversa um com o outro, minha mãe dá muita força pra gente, né? Mas a gente foi aprendendo com o tempo, né? Com a força que minha mãe foi tendo ela passando pra gente, ne? Mas antes..., não era muito bom, não era movido a briga, discussão, né? Eu num gostava, agora, agora sim minha família tá boa, minha família tá estruturada. [...] Pra mim a família é ser unida, ajuda o outro, né? Crescer junto, batalhar pra conseguir as coisas, que é o que a gente tem hoje, na minha família, a gente ajuda, apóia uma ao outro, se une pra ter o que tem. [...] (Paula)

A família real (a das relações cotidianas com qualidades e defeitos) e a família ideal (a família pensada de forma ideológica) coexistem, dentro das contradições inerentes do ser humano, percebemos que a família de Dani reencontrou um caminho comum, venceram algumas dificuldades através do dialogo e compreensão familiar, sendo possível crescerem juntos apoiando-se mutuamente.

Dani apresenta-se enquanto uma referência positiva para Paula, admirada e até mesmo um “modelo” a ser seguido, segundo seu depoimento:

Ah minha mãe é uma batalhadora, né? Ela é uma guerreira, né? Ela foi descobrindo os dons que ela tem, a partir dessa..., eu num sei se essa doença foi assim, é assim... foi muito difícil pra ela, mas foi um empurrão pra ela mesmo, que foi a partir de.. eu acho que se ela num tivesse tido isso, essa doença, que acho que ela num ia tê coragem, ânimo pra fazer esse tipo de curso, eh os curso que dá força pra ela hoje, que ela tira a renda dela, né? Que ela tem o dinheirinho dela, mas minha mãe é uma batalhadora, ela sabe, se ela tem vontade ela vai atrás mesmo, né? Ela dá força pra gente que tá em casa, minha mãe é uma batalhadora. [...] Ah eu, pra mim, eu acho que eu me espelho na minha mãe, né? Como a minha mãe, hoje a gente ser mulher, é eu sou o espelho da minha mãe mesmo, eu vou, eu quero crescer, cada vez mais tá crescendo, e eu num quero ficar abaixo não, eu quero crescer e ficar no mesmo nível, né? E ser, eu já sei já sou, é tem muita gente que fala é a gente tem que ser submissa ao marido, ao namorado, né? Eu não acho a gente tem que ser igual, né? Isso que eu vou buscar, pra continuar assim, pra num ser humilhada na frente, num sei, humilhada por amigos no trabalho né? Que tem muita gente lá onde eu trabalho que, que fala: “Não eu tenho mais tempo de serviço, sou homem eu sou melhor.” Eu falo: “Eu num acho”, eu sei coisas que eles não sabem, né? [...] (Paula)

Paula aponta as lutas de sua mãe, sua força e coragem, trazendo a desmistificação do papel da mulher na sociedade atual, uma pessoa a ser respeitada e que conquistou seu espaço na família e na sociedade. Demonstra todo preconceito masculino contra as mulheres, onde os homens colocam-se como superiores no trabalho. Esta mentalidade muitas vezes é alimentada não apenas pelos homens, mas também pelas próprias mulheres, na reprodução ideológica das

relações mantidas culturalmente, quando colocam que devem ser submissas aos seus maridos, namorados e/ou companheiros.

Ela destaca que na sociedade do passado, eram os maridos quem mandavam:

Ah, antigamente é igual a minha mãe falou, era o principal, né? Conversava o principal o que tinha que conversar, é o marido mandava, o meu vô mandava, minha avó obedecia, né? Agora não, minha avó hoje ela já tá né, ela tem voz ativa lá também agora, foi mudando a coisa, agora já num..., a coisa tá caminhando pra melhor, né? Não que ela manda no meu avô, mas meu avô agora sabe respeitar a opinião que ela tem né? Até mesmo meus tios, do lado do meu pai também agora, é... as mulheres num são, pé de chinelo não. (Paula)

Hoje as mulheres conquistaram espaço, possuem direito a voz e voto, galgaram patamares antes inimagináveis em direção a sua autonomia e mesmo entre os homens mais tradicionais, as mulheres mais velhas e principalmente as mais novas fazem-se ouvir, expressam opiniões e podem se colocar frente aos seus esposos, maridos e/ou companheiros, não mais seus “donos”.

Ainda dentro da família vista enquanto essencial ao ser humano, verificamos no depoimento de Jaqueline, como ela aponta a presença dos familiares, como elemento básico em sua constituição:

A minha família hoje é tudo pra mim, tudo... Porque resume assim, filho marido, até meus cachorro [...]. A minha família pra mim, é o essencial, é tudo. (Jaqueline)

Sua mãe era muito rígida e a colocou pra fora de casa aos treze anos de idade, por ela ter sido rebelde e ter perdido sua virgindade:

Eu vim pra Belo Horizonte assim, com a minha roupa só do corpo, umas pecinhas dentro da mochila, e ela me deu um dinheirinho, naquela época não era nem real, era cruzeiro, eu lembro que ela me deu cinqüenta cruzeiro, era muito dinheiro até naquela época, e eu vim pra Belo Horizonte, oh eu trabaiei, pra cume, é... Foi difícil! Eu, eu tive uma vida assim, foi difícil, difícil mesmo, sabe? Até teve uma época que tive que é ganhar dinheiro, aquele dinheiro fácil. (Jaqueline)

Mesmo tendo passado por uma história de vida sofrida, onde precisou sair da casa materna, pela não obediência as “normas” impostas pela mãe, mesmo tendo que passado necessidades básicas, inclusive, precisando ter que submeter-se a exploração sexual para poder sobreviver, nosso sujeito de pesquisa, respalda-se na família por ela formada (a atual, não a de origem) enquanto essencial, ao longo do depoimento ela discorreu sobre a importância do marido e dos filhos, pelos quais sempre lutou e com o marido seu parceiro e

companheiro, ela pode realizar vários projetos, dentre eles a parceria na educação e brincadeiras com os filhos e também projetos de aquisição do carro e financiamento da casa própria.

Posteriormente ela voltou pra casa da mãe, e a mãe recordou-se do que a filha lhe dissera:

Falei: “Mãe...” Aí eu olhei no rosto dela, no olho dela e falei: “Mãe eu vô sai daqui hoje, eu vô vim aqui te visitar e a senhora vai conhecer meus netos, meus filhos, porque eu vô reconstrui... eu vou construir uma família pra mim e de verdade”. [...] Eu fui lá visitar ela uma vez, e ela falou pra mim: “Minha filha lembra daquilo que você me falou? Sua família tá aqui hoje, seu marido e seus filhos, você construiu sua família, cê tá de parabéns!” Eu falei: “Não, quem tá de parabéns é a senhora de te me posto pra fora, que senão eu nunca ia aprende Regina, nunca!...” (Jaqueline)

Jaqueline tinha tudo para desacreditar dos valores familiares, mesmo depois de ter sido colocada para fora de casa, mas compreendera que sua mãe fez aquilo que achava “ser o certo” para que ela pudesse ser corrigida em sua vida de adolescente “rebelde”, segundo ela mesma se designa na entrevista, anteriormente já analisada, porém ela fez de sua nova família, constituída a partir do esposo e filhos a essência de sua vida, colocando a família como tudo para ela, de fato, dentro de sua história os valores e as conquistas junto ao esposo e filhos, deram a ela um novo sentido a sua vida.

2.6.2 Segunda Categoria: Transformação das relações sociais e culturais

Nesta segunda categoria, podemos verificar dentre as relações de transformação das relações sócio-históricas e culturais que as famílias vêm se modificando em suas estruturas, possibilitando novos espaços de convivência onde as relações familiares caminham no sentido de constituírem-se enquanto complementares. Abrem-se as novas possibilidades e alternativas para as famílias, dentro de um espaço de diálogo e educação, no sentido mais amplo do termo: educação enquanto troca de conhecimento e aprendizado entre pais e filhos, destarte elencamos as seguintes subcategorias:

1. Representações de unidade e complementaridade
2. Espaço de relações de diálogo e educação

2.6.2.1 Representações de unidade e complementaridade

Esta subcategoria de transformação das relações sociais, históricas e culturais, aproxima-se muito das representações de unidade familiar, no sentido de que os membros da família estabeleçam ajuda mútua e cooperação entre si, através da complementaridade de ações, cada pessoa da família vêm acrescentar ao núcleo familiar, algumas características que embora divergentes, complementem-se.

Foi possível verificar esta subcategoria apresentadas, nas falas dos seguintes sujeitos de nossa pesquisa: Marcela, Marília e Maria Lucia.

Marcela relata que o importante para sua família é estar junto com os filhos, acompanhar o crescimento dos mesmos:

Nossa tanta coisa né, família pra mim é... Como que eu posso dizer meu Deus, é tá junto com os filhos, é acompanhar eles, né, o crescimento é... é a união entre pai e filhos, eu acho que é isso [...] no passado eu fui criada com os avós, no mesmo tempo que eu tava com os meus avós eu tava com a minha mãe, então era muito sofrido, com a madrinha, né então era assim muito sofrido, num era igual hoje que eu criei os meus filhos, vivi com eles, no passado num era assim eu fui criada por mão de avós, tios. (Marcela)

Ela que foi criada pelos avós, com a madrinha e teve pouco convívio com sua mãe, expressa a necessidade e o valor de estarem todos unidos, ela, o esposo e filhos. Em nossos acompanhamentos junto à usuária constatamos que Marcela procurou uma profissão que pudesse ser exercida inicialmente em casa, para poder ter o seu ganho com o salão de beleza na frente de sua casa e poder continuar cuidando das coisas da casa e da família. Ainda hoje, ela cuida da mãe, filhos e netos, todos por perto, o que expressa seu desejo de unidade da família.

Assim verificamos que as relações prioritariamente estabelecidas, foram transformadas, a partir do momento que a mesma pode ocupar o espaço público do trabalho como cabeleireira, mas tais transformações, não implicam num desejo de ruptura com os vínculos familiares, ao contrário, ela preza e tentou conservar os mesmos, mantendo a família sempre por perto e “unida”, conforme ela mesma expressa.

Também nesta perspectiva outro sujeito de nossa pesquisa, Marília aponta a importância da sua família atual:

Antes era eu meu esposo meus filhos pequenos, nós pagávamos aluguel era uma vida muito difícil, mas graças a Deus superamos tudo. As crianças foram crescendo conseguimos comprar um terreno com muito sacrifício e com a ajuda de Deus e do meu pai e do meu esposo, nos conseguimos

construir esta casa hoje onde estamos morando. Hoje já estamos com os filhos moços, todos os dois trabalham, eu trabalho e meu esposo também trabalha, agora só falta a gente terminar a nossa casa. Somos muito unidos, sempre estamos ajudando um ao outro, posso dizer que somos felizes e sempre a gente está agradecendo muito a Deus pela família que temos que somos né. (Marília)

Sua família foi formada a partir de seu casamento, hoje com os filhos crescidos, adultos, eles colaboram entre si, ajudando-se mutuamente, tendo conseguido unidos, superar muitas dificuldades, no que se refere a sua família no passado, demonstrado a importância da complementaridade nas relações de cooperação e ajuda mútua entre os seus membros.

No depoimento do esposo de Marília, André, também verificamos estas relações:

Uma família é nós nos se damos muito bem a família com muita paz, harmonia, né principalmente nós colocamos Deus na nossa vida, é a base o alicerce de todas as famílias, né e é isso que é a minha família hoje, uma família é, voltada dentro da harmonia, da paz e na graça de Deus. [...] a minha esposa pra mim ela é... é como se diz eu posso dizer ela é pra mim, a minha base de tudo, né? Porque sem ela, eu não seria a pessoa que eu sou hoje, é... é uma esposa que sabe ouvi, dedicada, é uma esposa que trabalha e uma excelente mãe né e ela foi desde, com as criança pequena e até hoje não me dá nenhuma preocupação com os filhos de querê fazer as coisa de melhor maneira possível, né e eu sou o que eu sou hoje eu devo a ela minha esposa, né pela luta dela pela garra, determinação que ela sempre demonstrou, né então é... é uma esposa que eu tenho que agradecer tudo a ela o que nós conseguimos o que nós lutamos com sacrifício, com ela do lado, né então e agradecer também pelos filhos, né? (André)

Nas relações familiares, mesmo dentre as dificuldades enfrentadas, enquanto casal e família, também comungam dos sentimentos de unidade e harmonia, valorizando inclusive o papel da esposa enquanto base para que sua família subsista.

Alguns teóricos apontam esta visão ideológica da família romântica, enquanto a família ideal e desejada, porém distante da família real. O fato é que mesmo ante nossas inferências entre os conteúdos latentes e conteúdos manifestos, não podemos negar, que aqui, nestas falas, estão expressos o cotidiano vivenciado e manifesto, na realidade em que estão inseridas estas famílias.

Este último casal representa uma liderança comunitária, com vínculos religiosos, que trabalha na comunidade local, traz consigo representações sociais, não apenas teóricas de uma ideologia religiosa, mas uma prática diferenciada, transposta em ações que presta um verdadeiro serviço de defesa da vida com atendimento na região, numa entidade social.

Sendo verdade que onde o Estado liberal retira-se das políticas públicas e as Organizações não Governamentais ONGs prestam um verdadeiro serviço a comunidade local, nosso papel profissional, em atuação territorial, seria o de potencializar e qualificar os

serviços oferecidos, dentro da perspectiva de “direitos” e não favores, o que já vem sendo desenvolvido junto às entidades da rede socioassistencial da Região Sul de Franca e demais regiões, onde as entidades estão sendo potencializadas e qualificadas, para tais atendimentos, sendo apontado inclusive nas entidades onde não existem os profissionais de Serviço Social e /ou Psicologia e Pedagogia a necessidade da contratação dos mesmos, perante o momento atual e a consolidação do SUAS - Sistema Único da Assistência Social.

Ainda outra usuária Maria Lúcia aponta para a importância da unidade na família:

Ah a família é eu e meus filhos tudo reunido, né? Eu e meu filho reunido. Então é minha família. São eles [...] Ah era muita, como diz o outro muita tribulação, muita briga, né? Muita confusão e hoje num tem, assim às vezes gente discute, mas num é igual era antes, né? Em vista hoje, do passado é como diz o outro, eu estou no céu. (Maria Lúcia)

Relatando que ser família significa estarem ela e os filhos todos reunidos, veremos ao longo das análises, que esta mulher em muitos momentos de sua vida, nem se enxergava enquanto mulher, pois nas relações de confronto familiares, com o ex-marido, a mesma foi agredida fisicamente, e por vezes pensou se deveria abandonar tudo ou cuidar dos filhos, tendo feito a opção por permanecer ao lado dos filhos.

Para esta mulher o protagonismo (que será analisado mais detalhadamente no capítulo quarto) se revelou, no enfrentamento da separação, do homem que a subjugava e dominava e nos passos de autonomia, em busca da garantia de seus direitos no pedido de pensão alimentícia para os filhos e ao cuidar de todos eles enfrentando muitas dificuldades, conseguindo prover sua família através da costura manual de calçados, sob inúmeras situações adversas.

2.6.2.2 Espaço de relações de diálogo e educação

Ao abordarmos a família enquanto espaço de relações de diálogo e educação, verificamos a existência de duas perspectivas da educação. Uma delas, a educação enquanto reprodução ideológica, mantenedora de relações pré-estabelecidas, compreendida enquanto educação bancária, onde os conhecimentos e informações são depositados e internalizados, não refletidos, compreendidos ou reelaborados e em outra, a educação enquanto processo de reflexão, espaço de aprendizagem e relações dialogais, podendo suscitar o rompimento com os paradigmas pré-estabelecidos nas relações de gênero, desigualdades, inferioridade e

subordinações, dentre outras, utilizando-se do conhecimento enquanto instrumento de transformação de realidades, quer em sua esfera mais íntima, que é no âmbito familiar, quer perpassando por diversas esferas, no sentido mais amplo de transformação social.

Destarte a família é apontada enquanto lugar de amadurecimento e crescimento a partir do diálogo e processo de educação reflexiva.

Pudemos verificar no depoimento anteriormente citado de Jaqueline a referência de uma educação ideológica, onde as relações impositivas aprendidas dentro de uma sociedade, arraigada de preconceitos, demonstra que a perda da “virgindade” significava “desobediência”, em ameaça aos costumes e valores tradicionais. Este tipo de educação ainda se reproduz no seio das famílias, muitas vezes perpetuando modelos e manutenção de relações de gênero onde o masculino subordina o feminino, social e culturalmente apreendido e reforçado pelos meios de comunicação em massa, nas escolas, famílias e ambientes sociais que os permeiam.

A educação é tida então como um processo de socialização no qual são aprendidos e internalizados: padrões, condutas, crenças, juízos de valor, que determinam a cultura. Tanto a educação formal quanto a informal tem os mesmos objetivos, sendo reforçados ainda pelos meios de comunicação em massa: tv, jornais, rádios, etc., que criam tabus e difundem mais ainda o preconceito sexual. (REZENDE, 2000, p.19).

Em contraposição a este tipo de educação, verificamos na realidade apreendida em nossa pesquisa, que as entrevistas apontam para outra vertente onde a família é apontada enquanto espaço de relações de diálogo e educação dos filhos, lugar de aprendizagem que pode ser utilizado na perspectiva informativa e reflexiva, muitas vezes de forma a contribuir com a transformação das relações familiares.

Vejamos como Fernanda, em seu papel de mãe e educadora, percebe que o diálogo é expressão necessária nas famílias contemporâneas:

Na família de hoje tem um pouco mais de diálogo, a gente tem um diálogo mais aberto com os filhos, já vem ensinado de escola também, né a gente procura ensinar mais o tipo da gente também, apesar de com todo esse estudo, este ensinamento do dia de hoje [...] então a gente procura criar assim mais conversando, mais dialogando, mais que é muito difícil, principalmente no lar que a mãe faz os dois papel, de pai e de mãe, porque aí a preocupação é maior, porque tudo..., já na casa que tem o pai e a mãe, tudo o que acontece é a mãe, agora você imagina onde num tem, né? [...] Mas na mesma hora eu tenho que lutar pra fazer a parte do pai, que é dá o alimento, dá o que vestir, dá o calçado, dá educação, segui na escola faze o que for preciso, né, o que for necessário, é bem difícil o papel, o meu papel na família hoje. (Fernanda)

Fernanda apresenta aqui as diferenças entre a educação formal oferecida pelas escolas e a educação informal, de valores, princípios e conceitos oferecidos pelos pais, no seu caso pela mãe, já que sua família é monoparental feminina, onde a maior parte das responsabilidades: educação e inclusive a manutenção/ provisão financeira é feita por ela mesma que foi obrigada a assumi-las, devido às necessidades de sobrevivência familiar, tendo assumido os dois papéis: de pai e de mãe, tradicionalmente vistos como de provedor e cuidadora/ educadora, muito embora reconheça as dificuldades de se educar e estabelecer o diálogo na família, onde as contradições são inerentes nas relações entre mães, pais e filhos.

Ela destaca que muitas vezes as relações estabelecidas entre pais e filhos, aparentemente de respeito, refletiam a cultura do medo, no autoritarismo da figura paterna, cuja análise já foi anteriormente realizada, na reprodução de papéis tradicionais.

Falando um pouco sobre os papéis que desenvolve na família hoje, Fernanda, relata dentre os vários papéis que desempenha:

Médica e professora, conselheira, né, aconselho muito meus filhos, educadora, rapaz se eu ganhasse um salário, por cada coisa que eu sou..., que maravilha, né? Eu desenvolvo muitos papéis dentro da..., junto com os meus filhos, você sabe que casa, mas continua, sabe, quando tem os probleminhas é a mãe que procura, né? E eu sou amiga, quando tem de brincar eu brinco mesmo, sabe, nós brinca conta piada, mas quando é pra puxar a orelha, eu puxo até das nora se for o caso, então eu desenvolvo vários papéis assim na minha família. [...] (Fernanda)

Destaca os papéis que exerce atualmente: de professora, educadora, mesmo as relações de diálogo, que mantém até mesmo com noras e filhos mais velhos. Todos confiam muito nela e a ela recorrem nos momentos de crise. Dentro de suas funções reflete que nenhuma das mesmas é remunerada, o que convém ao sistema capitalista que têm na mulher, dona de casa, mãe e cuidadora/educadora, uma espécie de mais valia, nos múltiplos papéis gratuitos, desenvolvidos por muitas mulheres na sociedade contemporânea.

Ela relata ainda, que precisou acompanhar os filhos na escola e em outras atividades:

[...] então foi assim uma vida muito sofrida que eu sofri muito pra criar meus filhos, pra educar. Chamava na escola, era reunião e olha são cinco filho homem, seis, né? E tinha que ir na escola, tinha que ir na Guardinha, quando eles trabalhava, então eu me desenvolvia naquele monte de coisa que tinha que fazer e chega em casa, ainda dá o alimento do meus filho, [...] (Fernanda)

Fernanda ao falar dos muitos papéis por ela desempenhados de forma não remunerada tinha ainda a responsabilidade de ser a provedora de sua família, o que lhe

atribuía um peso maior de responsabilidade, uma vez que precisou cuidar sozinha dos sete filhos.

Nossa outra entrevistada Dani, fala sobre as famílias de hoje e as famílias do passado:

[...] que é um assunto que antigamente isso seria restrito, tipo assim um adolescente tivesse perto de dois adultos conversando num tinha como a pessoa falar sobre aquele assunto, a mãe já pedia pro filho sair, hoje não hoje é algo assim que você reúne e conversa qualquer tipo de assunto com o filho, independente da idade, ou seja se for um criança é algo assim limitado a idade dele, da criança, mas se for um adolescente é pai, mãe, pode conversar sobre sexo, sobre droga, tudo e antigamente principalmente sobre sexo, a pessoa a mulher casava sem saber nada, né? Ela aprendia com o dia a dia, mas uma mãe não explicava, não ensinava o que que era a vida, né? (Dani)

Aqui analisamos que a mesma destaca que o diálogo hoje faz parte do cotidiano das famílias, abordando os diversos assuntos necessários, mesmo os proibidos, tidos como “tabus”, nas famílias tradicionais como sexo, drogas e outros, conforme analisados anteriormente. Ela fala sobre as dificuldades que havia em se estabelecer o diálogo nas famílias do passado, onde tais assuntos eram “proibidos”.

Podemos verificar que Dani não apenas fala destas questões, mas realmente estabelece através do diálogo e da educação diferenciada oferecida à sua filha, as relações de reflexão e busca de soluções conjuntas.

Podemos verificar estas mediações através da fala de Paula, filha de Dani, quando relata sobre a importância de sua mãe em sua vida e na vida de sua família:

Pra mim? Ah ela tá sempre do meu lado, ela conversa muito comigo, qualquer problema, de qualquer assunto, a gente conversa, ela esclarece muita coisa, a gente é muito unida coisa que a gente não era antes, né? Ela é minha, é..é assim minha melhor amiga, né? Minha amiga hoje, eu posso falar que ela é minha amiga, né? Por que, antigamente a gente não tinha liberdade pra falar, o que a gente conversa hoje, ah pra mim ela é a estrutura, ela é a fundação mesmo. (Paula)

[...] É então ela dá muito apoio pra nós, mesmo, ela segura muito a barra, ela se ela vê qualquer tipo de problema, ela tá apoiando, ela tá, ajuda ela arruma solução, ela não deixa a gente ficar pra baixo, se tem algum problema em casa ela vai, ela vai atrás de solução pra ta resolvendo, ela é o apoio mesmo, ela tá apoiando todo mundo. (Paula)

Paula demonstra que sua mãe tornou-se uma amiga, sempre pronta a dialogar: ouvir, falar e aconselhar, sempre disposta a encontrar junto com ela alternativas aos problemas enfrentados cotidianamente, demonstrando que a relação entre mãe e filha, pode amadurecer, desde as relações contraditórias dentro da família, que caminharam para uma relação de

complementaridade, carinho e respeito entre ambas.

Dani aponta também o papel da educação enquanto libertária, no processo de obtenção de autonomia e de conhecimento, para mulheres da comunidade do bairro periférico de Franca, em que trabalha como voluntária e também para ela, valorizando seu papel enquanto monitora e mesmo a sua formação, quanto ao aprendizado e especialização nos quadros que produziu cuja qualidade das telas, pudemos acompanhar, e nos últimos anos, melhorou significativamente.

Hoje, é, é, eu faço pintura em tela, eu, eu já fui monitora de pintura em pano de prato até desenvolvi um trabalho aqui no bairro X, fui voluntária durante três anos, tirei umas crianças da rua, ajudei a ensinar algumas mulheres, né? A ser independentes e ter o próprio dinheiro pra não depender de marido. É.. sou cabeleireira, é.. sou monitora dum cabeleireiro também. É formei também, que é uma formação, que num é porque eu num fiz uma faculdade mas eu aprendi e eu acredito que eu faço muito bem, sou uma manicure também, faço crochê, é... agora faço uns colarzim também. [...] A arte do artesanato eu faço qualquer coisa e eu ainda vou aprender muito mais eu tenho bastante coisa que eu acho que eu sou capaz, agora no momento tá faltando é tempo, um pouquinho de tempo. É eu acho que já foi um grande progresso que eu fiz né? (Dani)

Quando questionada sobre o tempo que fez o curso, ela relata com ênfase a importância de estar ainda cursando pintura em telas no SESI (no ano da pesquisa / 2009), e a tendência seria se especializar sempre mais, mostrando que o processo do ensinar e aprender, não só para crianças e adolescente, mas também para os adultos é intrínseco ao ser humano, seja na família ou na comunidade, aqui também o aspecto da educação se apresenta, enquanto aquisição de conhecimento, especialização, podendo ser inclusive libertária. Verifiquemos através de seus depoimentos:

Eu tô, num fiz, não acabei, porque esse aí quanto mais você faz, mais você pratica, né? Eu ganhei esse curso, eu comecei em, em maio no dia das mães, né? De 2008, né? Ou seja um ano e cinco meses, seria, né? [...] É faz um ano e cinco meses, e eu aprendi, eu tanto aqui hoje eu, eu tenho tanta confiança no que eu faço, que talvez algumas lá não saiba, mais durante quatro meses mesmo, eu tando dando aula, eu dei aula pra uma aluna de pintura em tela, durante três meses, pra uma aluna, [...] eu ensinei essa mulher, é uma mulher ela é casada, tem três filhos, ela vinha aqui na minha casa, né, que ela mora longe, eu consegui passa um pouquinho, é nesse época que eu ensinei ela, ela teve que para depois, mas aqui, ainda dentro da minha casa ela saiu com quatro telas prontas assinada por ela. (Dani)

É resumindo nisso aí antigamente ela era uma mulher escrava, hoje ela conseguiu a liberdade pra fazer o que quer. (Dani)

Assim, a partir da análise das entrevistas, podemos verificar que as mulheres,

sujeitos de nossa pesquisa, demonstram que as famílias do passado reproduziam e mantinham relações ideológicas, conforme analisadas no decorrer deste capítulo, mas percebemos que as mesmas também apontam para as transformações que estão ocorrendo nas famílias, que refletem em toda a sociedade e vice-versa.

Nas análises posteriores, perceberemos suas visões diferenciadas, algumas vezes mantenedoras das relações sociais e culturais aprendidas, mas em outras numa perspectiva de mudança de rumo e direção, propondo transformações nas relações sócio-histórica e culturais, rompendo com paradigmas nos quais foram “criadas” e “educadas”, demonstrando que as mesmas foram em busca de seus projetos pessoais e familiares, o que as levaria a um protagonismo em suas histórias.

Discorreremos no terceiro capítulo sobre as relações que perpassam o mundo feminino, segundo as mulheres da pesquisa.

Maria Maria

Maria Maria
É um dom, uma certa magia
Uma Força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
[...]
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
[...]

Milton Nascimento

CAPÍTULO 3 MUNDO FEMININO: MANUTENÇÃO E REPRODUÇÕES IDEOLÓGICAS X TRANSFORMAÇÕES

3.1 Caracterização das relações de gênero

Nossa pesquisa requer ao falar das questões da mulher, melhor compreendermos quais as relações sócio-historico-culturais abrangem as relações de gênero.

As discussões atuais sobre o conceito de gênero caminham na perspectiva de entender esta categoria como construção sócio-histórica e culturalmente estabelecidas, a partir de papéis estando o conceito de gênero ligado ao que se espera do homem e da mulher, o que faz desta categoria exclusivamente humana. O gênero é um instrumento cultural e, portanto, não é inato, mas construído socialmente e culturalmente (REZENDE, 2000, p. 13 e 14).

Tais questões nos reportam a refletir sobre as questões de gênero, que implicam em pensar sobre conceitos, definições e construções histórico-sociais. Implica pensar os conhecimentos que cada ser humano carrega consigo, as definições que foram aprendidas ao longo da vida, seja nas experiências pessoais, familiares, institucionais, acadêmicas, religiosas, sociais dentre outras que vão sendo vivenciadas.

O sexo é inato e distingue o macho da fêmea, classifica os seres humanos enquanto homens e mulheres. Ao se abordar, por exemplo, as diferenças entre macho e fêmea em um grupo de macacos, não se fala em gênero.

Segundo Saffioti (1992, P.197) o gênero só existe enquanto relações sociais modeladas:

Embora aparentemente as diferenças anatômicas entre homens e mulheres adquiram relevância na postura sob enfoque, na verdade, a ênfase é posta sobre o 'percebidas' e não sobre as 'diferenças'. Desta sorte, o vetor vai do social para o anatômico e não o inverso. Ou melhor, o social engloba tudo, na medida em que o anatômico só existe enquanto percepção socialmente modelada.

Assim, não são as reais diferenças anatômicas entre homem e mulher que distinguem as relações de gênero, mas as construções sociais e culturalmente criadas, para justificar ou mascarar as relações de desigualdade entre o feminino e masculino, conforme já discutido anteriormente nos capítulos introdutórios de nossa Dissertação.

Destarte em relação ao ser humano, baseando-se nas características dos órgãos sexuais internos e externos, nasce-se macho ou fêmea. Com o crescimento e a vida em sociedade (entendida a partir das interações na família, na escola, igreja e outros grupos sociais) aprende-se ser menino ou menina, homem ou mulher; aprendem-se quais os papéis dos homens e quais os papéis das mulheres; ou seja, a partir das diferenças observadas entre macho e fêmea, criou-se um sistema de idéias culturalmente estabelecidas, que diferenciou homem e mulher, construiu-se masculino e feminino; criaram-se diferenças.

Joan Scott (1995, p.72) já destacava em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, que muitas pessoas têm se utilizado desta terminologia restringindo-a apenas a termos gramaticais para evocar os traços de caráter ou os traços sexuais.

Em utilizações mais recentes, segundo Scott (1995, p.72), o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que enfatizavam o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. Demonstra no mesmo artigo que seu objetivo é

[...] compreender a importância dos sexos, dos grupos de gênero no passado histórico e descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais, nas diferentes sociedades e períodos, encontrando qual seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.

Nossa dissertação traz em seu bojo o desvelar quanto os papéis e funções desempenhados pelas mulheres e seu protagonismo na sociedade contemporânea, tendo sido capazes de transformar não apenas suas vidas e histórias, mas também das pessoas que as cercam, seus familiares, tendo conseguido alterar também as relações na rede social onde vivem, atuando por exemplo como lideranças comunitárias, demonstrando seu protagonismo também na sociedade.

Ao pensarmos nas relações de gênero, verificaremos que o mesmo tem sido utilizado muitas vezes como sinônimo da designação de “mulheres”; alguns estudiosos utilizam-se da terminologia, para falar sobre mulheres trazendo necessariamente informações sobre os homens, o que implicaria no estudo de um e do outro. O termo gênero também é utilizado para designar relações sociais entre os sexos, tornando-se uma forma de indicar “construções culturais”, papéis adequados aos homens e as mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens sociais, às identidades atribuídas aos homens e mulheres (SCOTT, 1995, p. 75).

Ao falarmos em cultura, verificamos sua definição segundo Santos (1986, p.45):

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é

uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário [...] é um produto coletivo da vida humana.

Saffioti (1987, p.68) complementa a reflexão com a frase: *“As diferenças sociais e culturais atuam sobre o ser humano desde o nascimento”*.

A cultura está relacionada, portanto a um conjunto ou sistema de idéias, conhecimentos, padrões de comportamento e atitudes que caracterizam determinada sociedade (MICHAELIS, on line).

O conceito de gênero está, portanto, diretamente relacionado ao conceito de sociedade e, assim é um conceito que varia com a história e a cultura de cada povo ou civilização, conforme o modo que cada grupo de indivíduos pertence (seja uma família, uma tribo, uma comunidade, uma nação) e estabelece as suas regras de convivência. Ou seja, o gênero, enquanto uma construção social e principalmente cultural apresenta-se como categoria variável segundo época e lugares; está relacionada com os costumes de cada povo conforme suas experiências cotidianas, comunitárias e/ou sociais, variando de acordo com as leis, as religiões, a maneira de organizar a vida familiar, a vida política e econômica de cada povo ao longo da história, conforme referenciamos anteriormente no capítulo sobre famílias.

Os papéis de gênero representam assim, o conjunto de expectativas em relação aos comportamentos, normas e regras sociais que se espera das pessoas de determinado sexo, culturalmente estabelecidos. A estrutura social é que prescreve uma série de funções para o homem e para a mulher, como “próprias” e “naturais” de seus respectivos gêneros. Aqui verificamos uma primeira diferença básica entre o cultural (estabelecido por normas e regras sociais) e o natural (biológico inerente a cada ser ou espécie).

Homens e mulheres, embora tratados como iguais, através de legislações e mediante afirmações ideológicas intrínsecas no cotidiano da população, como: “todos os homens e mulheres são iguais”, na verdade são desiguais: biológica, social e culturalmente em sua natureza e papéis. Tais desigualdades nem sempre aparecem explícitas no gênero, mas são permeadas por relações de poder, expressas na dominação do masculino sobre o feminino, aspecto sobre o qual discorreremos mais detalhadamente, ainda neste capítulo, na análise de nossas entrevistas.

Muitas explicações biológicas foram utilizadas como formas de manter uma subordinação feminina atribuindo as mulheres a condição de suposta “imperfeição” do corpo feminino, mais frágil do que dos homens que tem força muscular superior as mesmas, utilizando-se de estudos da medicina e ciências biológicas, para manter uma ideologia de dominação do masculino sobre o feminino, também filósofos como Aristóteles e Plantão, se

utilizavam de argumentações da ciência, para manter tal domínio.

Tais argumentações estão atualmente superadas, mas foram muito utilizadas no passado para justificar as desigualdades sociais, tendo suas origens na sexualidade. Para Catherine MacKinnon a fonte das relações desiguais entre os sexos está, no fim das contas, nas relações desiguais entre os sexos, corporificadas em “[...] todo um sistema de relações sociais”, porém ela não explica como tal sistema funciona (apud SCOTT, 1995, p. 77-78).

Ainda segundo Scott (1995, p.77), historiadores feministas empregam uma variedade de abordagens na análise do gênero, sendo resumidas em três posições teóricas. Uma primeira que explica suas origens no patriarcado; a segunda ligada à tradição marxista, tendo compromisso com críticas das feministas e a terceira dividida entre o estruturalismo francês e as teorias americanas de relação do objeto, inspirada em escolas de psicanálise tentando explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito.

Teóricas do patriarcado encontram a explicação da subordinação das mulheres na “necessidade” masculina de dominar as mulheres. Sua análise está baseada na diferença física e aponta a dominação masculina como forma de apropriação do trabalho reprodutivo da mulher, sob forma de objetivação sexual das mulheres pelos homens. Esta teoria, no entanto baseada apenas na variável física, aparentemente para os historiadores, apresenta-se fora de uma construção social ou cultural, em conseqüência pode ser avaliada a a-historicidade do próprio gênero. (SCOTT, 1995, p.78).

As feministas marxistas têm uma abordagem mais histórica, guiadas pela teoria da história. Existem aqueles que consideram o sistema dual do patriarcado e do capitalismo como sistemas separados, mas em interação. Há outra análise mais baseada em discussões marxistas sobre os modos de produção, onde a explicação das origens e transformações dos sistemas de gênero encontra-se fora da divisão sexual do trabalho.¹³ Famílias, lares e sexualidade são, no fim das contas, todos, produtos cambiantes de produção. O conceito de gênero foi, por muito tempo, tratado como um subproduto de estruturas econômicas cambiantes; o gênero não tinha aí um *status* analítico independente e próprio. (SCOTT, 1995, p. 78 e 80).

Dentro da terceira abordagem de gênero dividida entre o estruturalismo francês e as teorias americanas de relação do objeto inspiradas em escolas de psicanálise, ambas estão

¹³ O termo “divisão sexual do trabalho” aplica-se na França a duas acepções de conteúdos distintos. Trata-se, de um lado, de uma acepção sociográfica: estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição, e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. - HELENA HIRATA E DANIÈLE KERGOAT - Novas configurações da divisão sexual do trabalho - **Cadernos de pesquisa**, v. 37, nº 132, p. 595-609, set/dez/2007.

voltadas para os processos pelos quais a identidade do sujeito é criada, a fim de encontrar pistas sobre a formação da identidade de gênero, estudando desde as primeiras etapas de desenvolvimento das crianças.

Finalmente Joan Scott (1995, p.86), ao apresentar as mais diversas teorias, definições e abordagens desenvolvidas ao longo da história sobre gênero, apresenta sua definição de gênero:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas, subconjuntos que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional.

Para Scott tais relações sociais estão expressas em quatro elementos interrelacionados, que seriam os simbolismos culturalmente disponíveis, evocados em representações simbólicas, normalmente contraditórias, como Maria e Eva, como símbolos da mulher, que trazem a dualidade dos mitos luz e escuridão, inocência e corrupção. Outro elemento seriam os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, onde aparecem oposições binárias categóricas e inequívocas como o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino. O terceiro aspecto das relações de gênero, para a autora deve incluir uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social.

Como quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva, ela propõe que os historiadores devam examinar quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacioná-las com uma série de atividades, organizações e representações sociais historicamente específicas.

Em sua segunda proposição o gênero que é uma forma primária de dar significado às relações de poder, representando que o gênero é um campo primário no interior do qual, o poder é articulado, demonstrado ao longo da história predominantemente o poder econômico e político, bem como nas relações de gênero e na divisão sexual do trabalho do poder masculino sobre o feminino.

Scott destaca aqui questões pertinentes às mulheres, demonstrando que na Grécia clássica as mesmas ocupavam um papel irrelevante, sem qualquer noção de política ou participação na vida pública. Na Revolução Francesa houve uma rejeição do divórcio, pois o mesmo permitiria as esposas rebelar-se contra a autoridade marital, sendo que o Estado

deveria manter as mulheres dentro de suas famílias, não podendo sair das mãos dos esposos e dos filhos.

Propõe a autora que seria necessário, a partir dos estudos das relações de gênero, ocorrer uma correção entre os regimes autoritários e o controle das mulheres, pois os regimes emergentes de dominação, força e autoridade central são o poder dominante masculino, que impõem as mulheres ficar no seu lugar, interditando-lhes a participação na vida política, impedindo o trabalho assalariado às mães, impondo-lhes códigos de trajar, formas de se comportar em público, dentre outras restrições.

Outras formas de dominações foram verificadas, como quando os reformadores burgueses, no século XIX na França, codificaram como trabalhadores femininos os subordinados, fracos, sexualmente explorados (como as prostitutas – mulheres de vida pública) e os líderes trabalhadores socialistas na posição masculina da classe trabalhadora como sendo os produtores, fortes e protetores de suas mulheres e crianças.

Assim verificamos que ao longo da história, as mulheres foram tratadas como pessoas invisíveis, ainda que saibamos que as mesmas tenham participado de vários fatos e acontecimentos históricos com um protagonismo imensurável.

Será que houve em algum momento histórico, relações de gênero que fossem igualitárias, onde foram projetados ou mesmo fundados sistemas políticos, que torne as mulheres visíveis, como participantes ativas de nossa história? Eis uma indagação feita por Scott, que nós estendemos à nossa Dissertação, a fim de demonstrar que apesar de tantas desigualdades, de todo um sistema de relações de mando e poder, criados simbolicamente e mantidos através de conceitos normativos, bem como através de sistemas e organizações políticas e até mesmo uma identidade subjetiva generificada, “as mulheres” conseguiram se constituir enquanto protagonistas de uma “nova história”.

Scott enfatiza ainda a reflexão para saber se a nova história abrirá possibilidades sobre as atuais estratégias feministas e de um futuro (utópico), onde o gênero possa ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas raça, classe, etnia, dentre outras tantas variáveis que precisam e devem ser respeitadas.

Para tanto descreveremos sobre as mulheres no passado e na atualidade e quais os papéis por elas desempenhados, segundo os sujeitos de nossa pesquisa.

Nossa pesquisa a partir daqui analisa a segunda parte de seu *corpus* teórico neste capítulo.

3.2 Papéis Femininos / Masculinos

Dentre os papéis atribuídos culturalmente e socialmente à mulher, pudemos verificar em nossa pesquisa que estes aparecem nitidamente tanto na fala de nossas entrevistadas, como na fala de seus familiares.

Anteriormente à pesquisa foram realizadas nos anos de 2007 e 2008 reuniões com as temáticas: gênero e família com as usuárias do PAIF (programa de Atenção Integral as Famílias) que já apontavam para as mudanças que vêm ocorrendo nas famílias e nos papéis que as mulheres e os homens vêm desempenhando atualmente.

Nossas observações iniciais quanto ao conteúdo das reflexões realizadas em grupos predominantemente femininos, nos levaram a pensar no sujeito de nossas pesquisas: as mulheres. A partir do levantamento de dados previamente observados nos grupos, pudemos verificar alguns apontamentos que elencamos a seguir.

Quando os grupos foram questionados se verificavam ou não mudanças no papel das mulheres na atualidade, a principal mudança apontada pelos grupos foi o fato das mulheres assumirem o papel de “provedoras” de famílias, com o sustento financeiro das mesmas.

Um importante papel observado pelos grupos trata-se da inserção das mulheres não apenas no mercado de trabalho, mas também ficou constatado que muitas mulheres atualmente voltaram a estudar, quer seja no sentido de completar a escolaridade relativa ao ensino fundamental e/ou médio, quer seja no sentido de ingressarem “nos bancos das Universidades ou Faculdades” (públicas, privadas, autarquias, outras). Aqui observamos um rompimento com os paradigmas oferecidos às mulheres que na antiguidade não tinham acesso aos estudos (pois o saber era coisa de “homem”), serviços públicos ou mesmo a participação na vida política e/ou tomadas de decisões no poder. Os homens, porém representativos da população de baixa renda, não têm acompanhado as mulheres, neste mesmo ritmo.

Outra questão levantada, que apareceu em todos os grupos foi a dupla (ou múltipla) função das mulheres, que hoje trabalham fora de casa, mas ainda mantêm-se responsáveis pelas atividades domésticas, em contrapartida aos papéis dos homens que se “acomodaram” em seus atuais papéis (devendo-nos questionar quais seriam eles na atualidade?), tendo perdido seus papéis de “provedores”, não assumindo correlativamente seus papéis enquanto corresponsáveis pelas tarefas domésticas.

Aqui verificamos a dualidade masculino/feminino, não proporcionalmente às mudanças observadas na sociedade atual. Mulheres assumem novas responsabilidades, homens se eximem das mesmas, mas mantêm-se no jogo do poder, no trabalho e na política,

ainda em cargos bem remunerados e mais expressivos, na política são maioria, o que reflete sem dúvida alguma não apenas as expressões simbólicas e normativas, mas também demonstram como o gênero é um campo primário (como sugere Scott), onde o poder é articulado.

Detalhando mais, com relação às profissões, verificamos junto aos grupos de mulheres, as profissões eminentemente elencadas com predominância masculina e que hoje são exercidas por mulheres: caminhoneiras, torneiras mecânicas, mulheres pedreiras, taxistas, dentre outras.

Dentre as mudanças verificadas nos papéis femininos e masculinos foi refletido junto ao grupo que alguns homens (ainda uma minoria) atualmente também cooperam com as atividades do lar, consideradas eminentemente femininas, como: cozinhar, limpar, organizar a casa, dentre outras.

Nas tarefas que se encontram sob a responsabilidade das mulheres, foram elencadas predominantemente as tarefas ligadas ao âmbito doméstico (ligadas a casa/lar), quais sejam: lavar roupas, passar roupas, cozinhar, dentre outras. Também as tarefas de costurar calçados, educar os filhos, cuidar de si, dos filhos e do marido, foram eleitas como atividades femininas, de responsabilidade das mulheres.

No contraponto desta relação binária, masculino e feminino foram apontadas dentre as tarefas predominantemente de responsabilidade masculina o papel de “provedor” da família (pois são os homens que trabalham “fora” para sustentar a família). Eles trabalham predominantemente em fábricas de calçados, como pedreiros, serventes de pedreiros, pintores, mecânicos caminhoneiros, açougueiros, balconistas, dentre outras.

Os grupos de maioria feminina assinalaram que cabe aos homens a “obrigação” de sustentar: casa, mulher e filhos. Também por algumas mulheres foram atribuídas aos homens às tarefas de educação dos filhos e de colaboração nas tarefas domésticas.

Num outro momento pedimos ao grupo para que descrevesse sobre as atividades que os homens realizam e que são consideradas “femininas” e que as mulheres realizavam e são consideradas “masculinas”.

Foram coletados os seguintes resultados.

As tarefas que os homens realizam consideradas “femininas” foram: cabeleireiros, manicure, diaristas, tarefas domésticas, levar os filhos ao médico, fazer crochê, costurar, dentre outras. Percebemos aqui que o grupo foi unânime em elencar como atividades femininas, aquelas consideradas domésticas, demonstrando aqui a dualidade do espaço “doméstico” ou privado para as mulheres e o espaço “externo” ou público para os homens,

mais uma vez numa correlação de significados, onde o gênero é elemento constitutivo de relações sociais, dentre as diferenças percebidas entre os sexos.

Dentro da mesma linha de raciocínio, as mulheres, elencaram como atividades que elas realizam e são consideradas “masculinas”, as atividades de moto-taxi, caminhoneira, mecânica, pedreira, marceneira, trabalhar na lavoura, dentre outras. O grupo neste sentido, apontou então como atividades consideradas masculinas, todas aquelas relacionadas principalmente ao trabalho na esfera pública, o trabalho “fora de casa”.

Ao analisarmos os resultados da pesquisa realizada junto a sete mulheres do PAIF, no ano de 2009 verificamos que podemos destacar duas categorias que perpassam pela pesquisa.

Uma categoria que reflete na fala de nossas entrevistadas é a categoria de manutenção e reprodução ideológica das relações sociais e culturais, no que se refere à definição do que é ser mulher hoje e do que significava ser mulher no passado e uma segunda categoria que demonstra as transformações das relações sociais da atualidade, aonde as mulheres vêm ocupando novos espaços sócio-culturais, que poderíamos apontar, para uma possível transformação das relações de gênero, pré-estabelecidas, apresentadas como postas ou dadas, para manutenção do poder sócio-econômico, político e cultural.

Verifiquemos os resultados obtidos a partir do procedimento de análise de conteúdo, segundo depoimento das sete mulheres e seus familiares que apontam para duas categorias e subcategorias levantadas na pesquisa, que serão apresentadas a seguir.

3.3 Mulheres e Seus Papéis: Manutenção e Reprodução x Transformação relações sociais e culturais refletidas nas relações de gênero

O processo de análise assinala para as duas categorias identificadas já descritas no capítulo primeiro desta dissertação quais sejam:

1ª Categoria: Manutenção e Reprodução das relações sociais e culturais, podendo considerá-las também como refletidas nas relações de gênero,

2ª Categoria: Transformação das relações sócio-culturais, demonstrando a conquista de novos espaços e um possível avanço nas relações de gênero, para relações mais igualitárias.

Para tanto discorreremos sobre as mulheres no passado e na atualidade e quais os papéis por elas desempenhados, segundo os sujeitos de nossa pesquisa.

Passemos a analisar a primeira categoria verificada que trata da manutenção e reprodução das relações sócio-culturais.

3.3.1 Primeira Categoria: Manutenção e Reprodução das relações sociais e culturais

No que se refere aos papéis femininos, classificados na Categoria de Manutenção e Reprodução ideológica das relações sociais e culturais, podendo considerá-las também como relações de gênero, obtivemos as seguintes subcategorias.

Quanto à descrição do que é ser mulher, verificamos:

- 1- Trabalho doméstico (espaço privado) apontado como inerente ao gênero feminino
- 2- Relações de submissão feminina à dominação masculina

Quanto aos principais papéis e funções que as mulheres desempenham atualmente, verificamos as subcategorias, de manutenção e reprodução das relações:

- 3- Papéis culturalmente atribuídos a mulher (cuidadora, dona de casa, educadora, outros)
- 4- Papéis das mulheres equiparados ao papel da mãe

Analisemos a seguir as quatro subcategorias das formas de manutenção e reprodução das relações sociais e culturais estabelecidas, refletidos nas relações de gênero, segundo a “fala” de nossas das mulheres do PAIF.

3.3.1.1 Trabalho doméstico (espaço privado) apontado como inerente ao gênero feminino

Sempre foi atribuído à mulher o trabalho doméstico, não se sabe ao certo quando tal atribuição foi delegada ao gênero feminino; algumas teorias apontam que provavelmente desde a pré-história a mulher cuidava da casa e da prole, uma vez que não havia conhecimento sobre métodos contraceptivos, os filhos eram concebidos ao longo de toda uma vida, portanto à mulher coube o espaço privado do lar e de cuidar dos filhos, enquanto ao homem por sua própria natureza física mais forte e por não ter que “carregar na barriga por nove meses o filho”, o que lhe dava mais destreza e agilidade, ao mesmo foi atribuído os papéis de caçar e prover as necessidades da família, num espaço público.

O fato é que mesmo atualmente, o trabalho doméstico é visto como inerente ao

gênero feminino; mesmo com todas as conquistas femininas, avanços na legislação, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, o trabalho doméstico, fruto da divisão social e sexual do trabalho, como forma de produção e reprodução das relações ideológicas de dominação do capital, que reproduzem as dominações do masculino sobre o feminino, ainda é visto como responsabilidade da mulher.

Lênin aponta que a mulheres permanecem ainda como escravas domésticas, submissas ao lar, destinadas à manutenção das forças de produção e reprodução do trabalho masculino e à dupla exploração do capital, que reproduz as relações de desigualdade entre classes, nas formas de remuneração da mulher, cujos salários são inferiores ao masculino e as mulheres que permanecem ainda na servidão doméstica em estado de subordinação aos homens. (LÊNIN, 1980, p. 106/108)

Engels (1980, p.55) demonstra ainda tais relações de exploração do capital sobre a mulher, não podendo a mesma subtrair-se do trabalho doméstico das famílias, e refere-se à opressão econômica reproduzindo-se nas relações de desigualdade, nos salários entre homens e mulheres:

O homem de nossos dias, na maioria dos casos, se ganha o suficiente para o sustento da família, e isto lhe dá um lugar preponderante que não precisa de ser privilegiado por lei, torna-se em relação a mulher um burguês, e a mulher, em relação a ele, a proletária. No mundo industrial, o caráter específico de opressão econômica que pesa sobre o proletariado, manifesta-se nos privilégios legais dos capitalistas, suprimidos, na plena igualdade estabelecida entre as duas classes juridicamente; [...] O caráter particular de predominância do homem sobre a mulher na família moderna, e a necessidade de se estabelecer entre eles uma igualdade social autêntica, não serão plenamente postos à luz enquanto os dois sexos não tiverem juridicamente direitos iguais em absoluto. [...]

Destarte o homem provedor familiar reproduz seu papel enquanto o dominador “burguês”, em detrimento da subordinação da mulher “proletária” (assim comparados pelo autor), portanto as relações de poder entre homens e mulheres se estabelecem a partir da não efetivação de direitos iguais para os dois sexos. Engels destaca ainda que a libertação da mulher está vinculada a sua entrada na indústria pública e que tal condição exige a supressão da família individual como unidade econômica da sociedade.

Lênin (1980, p.115) fala sobre a condição da mulher submetida aos trabalhos domésticos e que a emancipação das mulheres só ocorrerá, quando os trabalhos do lar se tornarem obra pública e defende a criação de instituições que possam libertar as mulheres dos trabalhos caseiros, como restaurantes, creches e outras que possam emancipar as mesmas do estado de escravas domésticas, segundo destaca:

A condição da mulher, ocupada em trabalhos do lar e sempre penosas. Para que ela seja completamente liberada e realmente posta em plano de igualdade com o homem, é preciso que os trabalhos do lar se tornem obra pública e que ela participe da produção em geral. Então ocupará a mesma situação do homem.

Entretanto propõe que as mulheres reproduzam funções correlatas ao trabalho doméstico, para sua libertação, vindo a tratar da organização de restaurantes e creche em espaços públicos, porém com a reprodução dos papéis de cozinhar e cuidar de crianças, tarefas atribuídas predominantemente ao feminino.

Criamos instituições modelos, restaurantes, creches, para libertar a mulher dos trabalhos caseiros. É **precisamente a mulher** que tratará da organização **destas instituições**. [...] É preciso dizer que tais instituições libertando a mulher de sua condição de escrava doméstica, devem surgir por toda a parte onde se abre para elas menores possibilidades. Dizemos que a emancipação das operárias deve ser obra dos próprios operários, e também a obra das próprias operárias. Estas devem ocupar-se do desenvolvimento de semelhantes instituições e esta atividade feminina **modificará completamente a situação de suas ocupações** na antiga sociedade capitalista. (grifo nosso, LENIN, 1980, p.115-116)

Assim observamos que se perpetuam as reproduções ideológicas, mesmo entre os autores considerados revolucionários, nos discursos de Lênin e Engles, propondo “novas” tarefas para mulheres da República dos Sovietes, embora sendo trabalho remunerado, no sentido de promover a emancipação feminina, são correlativas às funções consideradas inerentes ao gênero feminino.

Percebemos assim que não só no passado, mas na vida de nossos sujeitos de pesquisa, a invisibilidade e a desvalorização do trabalho doméstico fazem parte de um cotidiano atribuído ao gênero feminino, e por elas assimilado, bem como para alguns representantes familiares, o trabalho doméstico é visto como sendo inerente às tarefas e funções da mulher.

Marília discorre livremente sobre as funções que exerce atualmente:

Às vezes fico nervosa é o meu jeito de ser e as vezes também ééé...me vejo muito assim, procuro ser sempre atenta a tudo que eu faço em casa pra eles e não gosto que eles fala palavrão dentro da minha casa, não gosto de briga, sempre eu prefiro ficar mais calada no meu canto, pra não prejudicar ninguém, é assim. (Marília)

O papel mais importante hoje a gente trabalha fora né, trabalha dentro de casa, é cuida de casa, cuida do esposo dos filhos e ainda trabalha fora também. (Marília)

Ela demonstra que está sempre atenta às necessidades de todos, trabalha dentro e fora de casa, e refere-se às atribuições de dona de casa como sendo importante para manter as relações dentro da família, cuidando da casa, esposo e filhos; aqui o cuidar também é visto como função feminina, mas sobre esta função em específico, falaremos posteriormente.

Jaqueline declara que ser mulher equivale a ser dona de casa: *“Então assim eu, eu acho, na minha opinião que hoje em dia eu gosto de ser dona de casa, de ser mulher, sabe? Então é muito bom [...]”*

Ela demonstra que o trabalho doméstico é uma atividade que exerce com muita satisfação, aliada a atividade que lhe imprime autonomia econômica, que é a de fazer pães de queijo para vender fora de casa, em panificadoras e para clientes, trabalho este que também reproduz o cotidiano doméstico do cozinhar, de onde obtêm praticamente cinquenta por cento da renda familiar.

Fernanda relata que na dificuldade de sustentar os seus filhos recorria a tarefas domésticas para prover sua família:

Como que eu consegui, por que... eu nunca fui de pedir, o ato de pedi pra mim, sempre foi muito doloroso, eu preferi muitas vezes quando eu... passava dificuldade com os meus filhos, eu ia na casa das minhas amigas lá no Progresso, porque por aqui tinha pouca casa, ... e elas costurava, tinha banca de sapato, eu falava: “Ôh Maria”, tinha até uma que chamava Regina, eu chegava na casa delas sábado cedinho, e ali eu já, elas não toma um cafezinho, eu entrava eu via que tava aquelas pia cheia de louça, aqueles tan..., eu metia o pau, eu lavava tudo sabe? Eu falava, eu num volto pra casa sem num levá nada pro meus filhos comer, sabe? E elas me davam, me davam, uma me dava um arroz, outra me dava um óleo, eu pegava aquilo lá, sabe? Eu vinha, sabe, eu tinha um pique assim pra fazer as coisas, hoje em dia eu assim, eu acho muito errado, quando eu vejo muita mãe falar assim: ”Ah meus filho dormiram tudo com fome, é, eu faz três dia que a gente não como em casa,”... num existe isso! Nunca existiu pra mim, nunca um filho meu dormiu com fome, nunca, e eu nunca fui de pedir, nunca! Esse ato pra mim eu acho assim um dos mais doloroso. Eu sou mais de chegar ali e fala, eu to precisando disso e disso, você quer que eu lavo uma roupa? Que eu faço alguma coisa, porque eu preciso voltar pra casa com o alimento do meus filho, sabe, isso eu fiz muito. (Fernanda)

Muitas vezes, quando não tinha trabalho, dirigia-se à casa de amigas e assumia as tarefas domésticas, em troca muitas vezes de alimentos ou outros tipos de produtos para sobrevivência familiar, que não necessariamente a remuneração, para levar aos filhos, o que demonstra também a desvalorização do trabalho doméstico, no sentido da troca ou escambo, que não necessariamente pelo valor monetário do dinheiro.

O filho de Maria Lúcia, Mateus, fala sobre qual a importância do papel da mãe para ele: *“Faiz é, arruma a casa [...] Olhar os meus irmãozinho, é importante isso aí também.”*

(2009)

Mateus que é um rapaz de poucas palavras, fala que a importância da mãe para ele e para os irmãos, é a de arrumar a casa e cuidar dos mesmos. Percebemos que apesar da pouca expressão do jovem na entrevista, ele mantém posições expressivas do machismo vistas como “intrínsecas aos homens”, que, no entanto foram social e culturalmente aprendidas, onde o papel da mulher para ele é sem dúvida alguma a de cuidar da casa e dos filhos, não apontando outras situações de importância exercidas pela mãe, que foi provedora do sustento familiar, durante todos os anos que o pai esteve ausente, até a época da pesquisa, quando ele, Mateus, se torna o principal provedor da família (conforme quadro 1 capítulo primeiro).

Esta referência também foi observada em outros momentos com Mateus, não nos esquecendo de que ele é filho de Maria Lúcia, aquela mulher, que demonstra suas vitórias e conquistas, a partir do rompimento com as relações de violência, sofrido pelo marido, onde muitas vezes os filhos reproduzem as relações de machismo e dominação do homem sobre a mulher (quadro 1).

Assim, como podemos verificar, está retratado na fala de algumas de nossas entrevistadas, que o espaço doméstico é visto como inerente ao gênero feminino, tendo sido apontado de forma significativa em nossa pesquisa.

Percebe-se ao longo da história que as mulheres foram socialmente e culturalmente educadas para os serviços domésticos, vistos os brinquedos e brincadeiras oferecidos preferencialmente às mulheres: bonecas, casinhas, cozinhas, panelas, espanadores, vassouras, rodos, máquinas de lavar roupas, louças, dentro outros.

Mas, para além dos brinquedos e brincadeiras, simbólicos e normativos, o fato é que pesquisas demonstram que na atualidade, as atividades domésticas ainda predominam como funções femininas, conforme podemos verificar na citação de Araújo e Scalon (2005, p.34):

De outra parte, merecem destaque os elevados índices de concordância de mulheres e homens quanto a necessidade de um envolvimento masculino maior com os filhos e a divisão das tarefas domésticas. O cuidado dos filhos é o item sobre o qual há mais consenso entre os sexos. A divisão de tarefas domésticas já não obtém índices semelhantes, embora continuem elevados. Neste caso, o corte de gênero é bastante nítido. São principalmente as mulheres que têm essa percepção mais igualitária da divisão de tarefas. Contudo, corroborando constatações de outras pesquisas, a necessidade de cuidar dos filhos é o quesito que tem maior apelo entre os sexos e onde o *gap* entre homens e mulheres tende a ser menor, embora as mulheres concordem mais com o enunciado.[...]

Conferimos assim que embora para os homens seja possível romper com os papéis tradicionais e machistas, no que se refere à educação e cuidado com os filhos, ainda permanecem as atividades domésticas como lavar, passar roupas, limpar a casa, cozinhar, lavar louças, dentre outras predominantemente sob a responsabilidade do gênero feminino.

Aqui verificamos, portanto, a manutenção e reprodução dos papéis e funções estabelecidos, muito embora precisemos buscar e lutar por relações mais igualitárias, ainda permanecem em nossas famílias o que foi construído socialmente, e que exigirá muito trabalho reflexivo, para rompimento com as faces do conservadorismo machista. Tanto das mulheres que reproduzem tais relações, quanto dos homens, que as incorporaram, segundo seus próprios interesses e manutenção de seu poder dominador.

3.3.1.2 Relação de submissão feminina à dominação masculina

Como vimos discorrendo ao longo desta dissertação, podemos verificar que as relações de gênero foram construídas socioculturalmente e, vem sendo utilizadas ao longo da história para manter a dominação do masculino sobre o feminino, sendo que tal construção foi feita, para que tais relações fossem perpetuadas até os dias atuais.

Não sabemos ao certo no decorrer da história quando e como se estabeleceram tais relações de domínio e subordinação. Engels (1980, p.15), conforme já abordamos fala sobre a passagem do matriarcado para o patriarcado onde se verificou essa revolução entre os povos civilizados, aponta que com a reversão do direito materno para o direito paterno, a fim de que o pai pudesse garantir o direito da filiação masculina e a hereditariedade paterna, desejando passar seus bens aos seus herdeiros legítimos processou-se a grande derrota histórica do sexo feminino, em sua citação:

A reversão do direito materno, foi a **grande derrota histórica do sexo feminino**. O homem passou a governar também na casa, a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se escrava do prazer do homem, um simples instrumento de reprodução. [...]

A ideologia da inferioridade feminina, já vem sendo desenvolvida desde os tempos mais remotos, observando-se que pensadores, como Aristóteles e Galeno, defendem tal ideologia que imprime suas razões a partir dos estudos da medicina e ciências biológicas. Tais filósofos desenvolvem a teoria da inferioridade das mulheres apontando através de estudos sobre o corpo feminino, uma suposta "imperfeição" do mesmo, porque seus órgãos sexuais

eram invertidos, por não ter calor suficiente para exteriorizá-los. Ao contrário dos homens, cujo órgão sexual externo, representava o ápice da cadeia dos seres vivos, o mais “perfeito” dos organismos, de natureza quente e seca, seguido das mulheres de natureza mais fria e tímida refletida na “imperfeição” feminina. Ali na Antiguidade, os filósofos, desde Aristóteles, Galeno e Platão, já se utilizavam da ciência, para construir o domínio masculino soberano e a subordinação feminina.¹⁴

Lênin (1980, p.115) aponta que se torna necessário uma transformação no campo da legislação relativa às mulheres frente à Revolução Russa, para que as mulheres sejam libertas de seu estado de inferioridade em relação aos homens:

Na República soviética, não ficou pedra sobre pedra das leis que colocavam a mulher em plano de inferioridade. Faço alusão, sobretudo, às leis que especialmente exploravam a condição inferior da mulher, que a privavam de direitos, que freqüentemente a humilhavam, quer dizer, as leis sobre o divórcio, sobre os filhos naturais, sobre a procura de paternidade para assegurar assistência ao filho.

Criticou que a Revolução Francesa, que traz em seu bojo os princípios da igualdade e liberdade, no entanto mantém a mulher sob a tutela e opressão masculina, e que a democracia burguesa não devolve a mulher à plena igualdade jurídica, mas sim dissimula a escravidão e desigualdade da mulher.

A democracia burguesa é uma democracia de frases compostas, de promessas grandiloqüentes, de sonoras palavras de ordem **liberdade e igualdade**, mas na realidade, ela dissimula a escravidão e desigualdade da mulher, a escravidão a desigualdade dos trabalhadores e dos explorados. (grifo do autor. MARX, 1980, p.119)

Nossas entrevistadas relatam em suas falas, no que se referem às mulheres do passado, as relações de submissão femininas à dominação masculina.

Meire e Marília relatam claramente que as mulheres do passado viviam sob o jugo masculino e não tinham a liberdade que têm na atualidade.

Vejam como Meire relata que as mulheres tiveram que lutar para ter suas conquistas:

As mulher primeiro, elas batalho muito pra conseguir o que elas conseguiu hoje, só que elas perderam muita coisa também né? Elas agora não tem tempo muito pra si, tudo corrido né. E as mulher do passado vivia muito presa também, pelos maridos, elas era muito submissa e hoje não hoje a

¹⁴ A respeito de tais relações construídas vide: MARTINS, Ana Paula Vosne. Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro RJ: Fio Cruz, 2004. (Coleção História e Saúde)

mulher ela pode no geral fazer tudo o que um homem ela também faz.
(Meire)

Ela destaca que apesar das conquistas, as mulheres hoje não têm tempo para si, muito embora a submissão das mulheres no passado estivesse relacionada a viverem presas aos seus maridos e companheiros.

Muito embora em contradição à sua história onde já passou por dois relacionamentos, em seus objetivos atuais está a vontade de se casar com o novo companheiro:

Meu objetivo agora? Bom, que esse bebê chega bem né, que eu,... bem... o próximo passo agora eu queria casar, né que é uma coisa que eu queria bem é tar se esforçando pra isto, e que eu também do um jeito nesta casa aqui pra ficar melhor.(Meire)

Meire demonstra que acredita ainda numa relação a dois, dentro de uma perspectiva de constituir a tão sonhada família nuclear burguesa, pois o companheiro é o elemento que falta para que sua família seja recomposta, ele com ela que junto aos seus sete filhos, pois atualmente ela desempenha os papéis de pai e mãe, tendo que arcar com todas as responsabilidades familiares.

Já Marília aponta a liberdade conquistada pelas mulheres na atualidade, tendo as mesmas, encontrado espaço dentro da comunidade, para trabalhar fora de casa:

Hoje a mulher é mais valorizada, ela tem mais liberdade de fazer o que quer, falar o que quer e antes a mulher não podia falar era mais, num tinha tanta liberdade como tem hoje né, era mais quieta dentro de casa, submissa, mais num podia fazer nada, hoje a mulher ganhou um espaço muito bom dentro da comunidade, ela tem mais, éé... como é que eu falo. Tem mais oportunidade né de fazer algo mais, que antes não tinha. [...] O papel mais importante hoje a gente trabalha fora né, trabalha dentro de casa, é cuida de casa, cuida do esposo dos filhos e ainda trabalha fora também. (Marília)

Marília aponta que a mulher saiu do espaço privado do lar, para conquistar o espaço do trabalho. Enquanto no passado, por exemplo, ela tinha que submeter-se, ou mesmo manter-se calada, sendo proibida de realizar atividades fora do lar, no espaço público, não reconhecido como pertencente às mulheres, seria, portanto o espaço de domínio masculino.

Jaqueline descreve quais eram as dificuldades de ser mulher no passado:

Era difícil, oia pra você vê uma, coisa que eu fico pensando, antigamente num tinha nem anticoncepcional num tinha, não tinha preservativo, então minha mãe teve dez filhos, minha avó teve quinze. Então eu, gente, minha mãe me contava, minha mãe até hoje quando eu chego perto dela assim, eu peço pra ela me contar, que diz que meu pai, nem naquela época, ela não

tinha o direito de falar não, assim na hora que meu pai queria relação sexual, tinha que ser na hora que queria, ela num podia tar com dor de cabeça, ela não podia, porque mulher tem isso! Mas ele num queria nem saber, era ir pronto, fazer filho e já era, ela num podia falar: “não, hoje eu num posso, hoje eu tô com dor de cabeça”, num podia, então mulher era muito discriminada antigamente, nosso Deus! Hoje não, é uma maravilha! (risos). Antes era mais difícil. (risos) (Jaqueline)

Ela aponta que a mesma devia submeter-se ao domínio do marido, não podendo rejeitá-lo nas relações sexuais, aponta também ao fato de não conhecer ou mesmo poder utilizar-se de métodos anticonceptivos, no passado, tendo filhos de forma ininterrupta. Descreve a vida de sua avó, sua mãe e sua vida atual, onde podemos verificar a queda da incidência da natalidade entre as gerações, bem como a possibilidade de planejamento familiar para as mulheres nos dias atuais, o que promove uma libertação as mulheres.

Outras de nossas entrevistadas não falam de forma direta sobre a submissão das mulheres, mas apontam em seus depoimentos as relações de dominações masculinas.

No caso de Maria Lúcia, ela relata que vivia apanhando do marido:

Ah eu num como diz o outro, eu acho que eu não me enxergava nem como mulher, porque eu vivia só apanhando e num sabia que rumo que tomava na vida né? E num sabia sese... ia cuida do filho, se eu abandonava tudo, se ficava ali parada só apanhando, só sofrendo, nunca podia fazer nada, nunca podia é..é ..assim num podia fazer nada num podia olhar, éh pegar o menino e falar vou em tal lugar, num podia, só briga, só confusão, então é...o passado pra mim é como diz o outro... é meio brabo, mais ser mulher no passado, eu num. eu acho que eu num fui mulher não, eu só apanhava né? (Maria Lúcia)
Hoje não hoje é outra vida né? Hoje é outra vida, se eu falar assim tá, vou fazer um, vou arrumar vou sair, se alguém fala vamo em tal lugar, vamos meninos, dá pra ir eu levo eles né, inté mesmo na escola, hoje como diz o outro hoje eu sou uma mulher, antigamente eu num era não porque eu só vivia apanhando. (Maria Lúcia)

Ela não sabia como reagir, se abandonava tudo, casa e filhos, ou permanecia sob o jugo do marido, as relações de subalternidade estavam implícitas no seu cotidiano, até que a mesma resolveu romper com seu ex-marido, tendo conseguido inclusive, dar passos em direção ao seu processo de separação e solicitação da pensão alimentícia para os filhos, numa perspectiva de libertação e desvelamento de tais relações cristalizadas de dominação do seu cônjuge.

Dani relata que a mulher no passado era tratada como um objeto:

[...] e antigamente principalmente sobre sexo, a pessoa a mulher casava sem saber nada, né? Ela aprendia com o dia a dia, mas uma mãe não explicava, não ensinava o que que era a vida, né? De casada, o dia do amanhã de uma mulher e ela aprendia sozinha, é onde ela tinha muito frustração... que ela achava que era uma coisa e num era, era tudo uma caixinha de surpresa, né?

Embora o casamento é uma caixinha de surpresa, né? Mas é algo que hoje, as mulheres que casam hoje, elas já sabe o que ela quer, já sabe o terreno que ela tá pisando. Antigamente até tinha aquele negócio, de casamento arranjado, né? A mulher num podia, num tinha aquele direito de escolher... [...] Era escolhida, então eu acho a mulher era como um objeto, era um objeto do pai e da mãe, depois um objeto do marido, coisa que hoje isso num tem, hoje a mulher, ela sai, ela trabalha, ela ajuda na, na mantê uma casa, coisa que antigamente mulher que saia para trabalhar ela num prestava, ela era, era visada como uma prostituta, como uma mulher que num prestava mesmo, ne? É que eu sou capaz, que nós temos, toda mulher tem, mas o que que acontece, ela fica envolvida em casa, filho, marido, são as três coisa que ela focaliza, e ela esquece dela [...] (Dani)

Ela era escolhida pelo marido, não tendo o direito a escolha, fala sobre os casamentos arranjados e destaca a frustração das mulheres que se casavam sem ter conhecimento sobre a vida sexual, sendo considerada como um objeto do homem. Relata inclusive a visão dominante da moral conservadora, onde a mulher era aquela cercada de virtudes que deveria cuidar do lar, contribuindo para a formação e educação dos filhos e cuidar do marido, não podendo sair para o trabalho fora de casa. A mulher que saiu do espaço privado para o público era tida como prostituta.

Dani conclui falando sobre a mulher no passado: É resumindo nisso aí antigamente ela era uma mulher escrava.

Fernanda fala da forma dolorosa, como tais relações rebateram em sua vida cotidiana uma vez que o seu pai a entregou em casamento a um homem, que ela sequer conhecia:

Meu pai me casou com treze anos, eu num sei eu acho que nem mulher eu num era ainda, né com treze anos e meio eu já tava com filho no colo, esses dia engraçado eu tava mostrando uma foto minha pro meu filho, ele falou assim: “Nossa eu nunca tinha visto um foto da senhora criança”. Eu falei: “Mas, eu não era criança filho, aí eu já era mãe de três filhos”. Ele assustou né, porque eu casei muito cedo então, como eu to falando eu num tive infância, eu num tive adolescência, me casei com um homem que pouco conhecia, já tive cinco filhos assim, né? Quando ele foi embora me deixou com cinco filhos, o mais velho tinha nove anos o caçulinha tinha oito meses e hoje tem vinte e dois anos, ele sumiu por um longo tempo, nunca apareceu, nunca soube notícia nem nada dele, nunca ajudou, [...] (Fernanda)

Aos treze anos de idade, seu pai a deu em casamento a um homem que a abandonou com cinco filhos, tendo sumido sem dar notícias.

Este outro aspecto da desresponsabilização dos pais sobre seus filhos, não foi foco de nossas investigações, mas é dado característico do gênero masculino, na atualidade, frente às diversas configurações familiares, onde a mulher se torna cada vez mais responsável, no papel de provedora da família, em detrimento da ausência e abandono do sexo masculino, frente aos

filhos, uma vez que na construção de gênero, os “filhos pertencem às mães”, fato este já apontado por Engels (1980, p.12), desde a constituição das famílias sindiásmicas, onde aponta que os laços conjugais, são facilmente abolidos, mas os filhos pertencem, antes e depois apenas à mãe.

Assim verificamos tanto no depoimento quanto nas experiências de vida de nossas mulheres que as relações de gênero sócio-culturalmente reproduzidas, refletem relações de submissão feminina frente à dominação masculina.

São relações construídas tanto simbolicamente, como no caso das referências biológicas, onde a interiorização do corpo feminino foi apontada por filósofos desde os tempos mais remotos, quanto nas relações que dão significado às relações de poder, como nas citações de Engels, onde a reversão do matriarcado para o patriarcado deu início a novas formas de dominação.

Tais relações de poder e simbólicas construídas a partir das diferenças entre os sexos, reproduzidas social e culturalmente, se estenderam na dinâmica da sociedade contemporânea, através das falas e experiência de nossas mulheres, quer seja no fato do pai de Fernanda, tê-la dado em casamento aos treze anos a um homem que ela mal conhecia; quer na fala de Dani que retrata que a mulher era um objeto, que não escolhia, mas era escolhida, ou mesmo nas experiências de Maria Lúcia, que vivia sob o jugo do ex-marido, tendo sofrido a violência em sua própria carne, para poder continuar ao lado dos filhos.

Tais mulheres, ao relatar parte das histórias de suas vidas demonstram que tais relações serviram como forma de manutenção e/ou reprodução das relações previamente estabelecidas na sociedade.

Verifiquemos a seguir uma terceira forma de manutenção e reprodução das relações históricas e sociais, pré-estabelecidas que apontem para os papéis culturalmente atribuídos as mulheres, nas “falas” de nossos sujeitos de pesquisa.

3.3.1.3 Papéis culturalmente atribuídos a mulher: cuidadora, dona de casa, educadora, outros

Dentre os papéis e funções culturalmente e socialmente atribuídos à mulher, podemos verificar que o papel de cuidadora e o papel de dona de casa aparecem nitidamente na fala de quase todas nossas entrevistadas, bem como na fala de seus familiares.

Fernanda relata sobre os papéis da mulher no passado:

Antigamente não a mulher era aquela coisa parada, ela era só a esposa, né, a mãe, era dentro de casa, lavá, passá, cozinhá, aquela coisa lá, né? Então eu acho assim que, acho que teria o valor num sei, por ter um homem, pra assumir as responsabilidade, mas no fundo, no fundo eu acho que ela se sentia isolada. (Fernanda)

Refere-se ao papel da dona de casa enquanto papel estabelecido pela sociedade aliando as tarefas domésticas ao universo feminino, e analisa o papel da mulher no passado, enquanto aquela que devia submeter-se aos serviços do lar e ficava isolada do mundo, apenas na esfera privada.

Como já analisamos anteriormente, Fernanda foi aquela que reproduzia as tarefas domésticas na casa de amigas, para conseguir providenciar o sustento para seus filhos, quando lhe faltava o serviço em fábricas de calçados ou outras habilidades que lhe foram requeridas ao longo de sua vida para ser a provedora de seu lar, o que também reproduz os serviços domésticos para a esfera pública, a fim de conseguir sustentabilidade para os filhos e família.

Jaqueline reproduz em sua fala os papéis de dona de casa, de cuidar dos filhos e marido, além de outros papéis, que serão elencados posteriormente na análise, referente à subcategoria dos múltiplos papéis e funções femininas da atualidade:

[...] Assim que você fala assim cuida de filho?
 É, o que mais? Cozinhar, lavar roupas, que mais? Que eu faço com amor, que é muito bom você fazer as coisas com amor que sai tudo bonitinho, né?
 (Jaqueline)
 Eu fico muito junto com meu marido, em questão de negócio, de serviço, ele me dá palpite no meu serviço aqui em casa, eu dô palpite no serviço dele, quando é pra resolver um problema, nós dois resolve, entendeu?
 (Jaqueline,)
 É tudo em conjunto, sabe, tudo em conjunto, antes, não antes era um pra lá outro pra cá, agora não, agora a gente parece que um laço sabe, parece que transformou aí tudo, tudo junto. (Jaqueline)

Verifica-se que as questões do cotidiano doméstico perpassam por sua vida de uma forma como que inerente ao “ser mulher”, pois são culturalmente atribuídos ao feminino os papéis de cuidadora e dona de casa, conforme Jaqueline destaca fazer com amor, por dedicação à sua família.

Foi ela mesma que equiparou o papel de ser mulher ao papel de dona de casa: *“Então assim eu, eu acho, na minha opinião que hoje em dia eu gosto de ser dona de casa de ser mulher, sabe? Então é muito bom [...]”* (grifo nosso, Jaqueline)

Também no que se referem ao marido, as decisões são conjuntas e ambos resolvem questões pertinentes ao lar e ao serviço dele, pois o mesmo trabalha com uma funilaria em

casa.

Outra mulher que destaca o papel de cuidadora é Marília: *“O papel mais importante hoje a gente trabalha fora né, trabalha dentro de casa, é cuida de casa, cuida do esposo dos filhos e ainda trabalha fora também.”*

Além de trabalhar fora, ela destaca a importância de cuidar da casa, dos filhos e do marido; assim verificamos que para a maioria de nossas entrevistadas, este papel já está assimilado no interior da vida familiar, como papel e função feminina. O próprio marido de Marília, André demonstra a importância do papel da esposa, nos cuidados dispensados pela mesma a família:

Bom o que ela faz para a família? Eu acredito que é a compreensão e o amor com todos, que ela, dedica né? A gente percebe que ela dedica a todos de coração, de corpo e alma, né assim sem, sem distinção, né, os filhos são iguais, o mesmo tratamento, então como esposa e também mãe então, o que ela faz e o que ela dedica, ela dedica com todo o amor possível [...] (André)

Verificamos que para André, o papel da esposa está intrinsecamente ligado ao papel de mãe, onde a dedicação dispensada por Marília é valorizada pelo amor e compreensão a todos os membros da família.

Quanto aos familiares destacamos aqui também a breve fala de Mateus o filho de Maria Lúcia: *“Faiz é, arruma a casa. [...] Não tem muitas coisas que ela faz que é importante. [...] Olhar os meus irmãozinho, é importante isso aí também.”*

Na fala de Mateus ele aponta em poucas palavras o fundamental que a sua mãe faz para a família, evidenciando o seu papel de dona de casa ao arrumar a casa, mas ele consegue também apontar o papel da mãe e cuidadora dos irmãos, como importante para a família.

Em outra fala de Mateus, apesar de reticente, ele indica que a mãe cuida dele ainda: [...] *“Qué vê, pega no pé, puxa saco. [...] não ichi, num posso dá um passo, daqui ali que já, onde você tá, hã? Não.”*

Quando ele reclama, que a mãe “pega no pé dele”, que não pode dar um passo sem que a mãe queira saber aonde vai, indica os cuidados da mãe Maria Lúcia que é muito atenta aos filhos no bairro em que residem, correm os riscos inerentes aos jovens nas ruas, que ao saírem de suas casas, muitas vezes são assediados por traficantes da região onde moram. Maria Lúcia sempre falava de suas preocupações referentes a tais questões, nos acompanhamentos realizados junto a sua família.

Maria Lúcia fala sobre seus papéis: *“Ah eu, eu acho que eu sou espelho pra eles né?”*

Eu me sinto assim tudo eu né? Tudo, eu sou o pai, eu sou a mãe, né, amiga né?”

Assim verificamos que para a mesma, ser mãe é também ser amiga, ela dialoga com os seus filhos, mesmo em meio a tantas reclamações, como deixou o Mateus transparecer na sua última fala, com o seu ‘vichi’ e o fato da mãe “pegar no pé”, Maria Lúcia é uma mãe realmente muito responsável e como apontaremos posteriormente, uma verdadeira guerreira, que para criar e cuidar dos filhos precisou transpor seus próprios limites.

No que se refere ao papel de educadora, este apareceu na fala de apenas três de nossas mulheres.

São mães que enfatizaram em algum momento da entrevista, tanto o acompanhamento escolar de seus filhos, quanto a importância de estabelecer o diálogo e vínculos com os mesmos no sentido de orientação.

Fernanda destaca sobre seus papéis: “[...]e professora, conselheira, né, aconselho muito meus filhos, educadora” [...], sendo assim ela se reconhece nos papéis de professora e educadora dentre várias outras funções inclusive de conselheira.

Ela fala também sobre a necessidade do diálogo como importante alternativa, na educação dos filhos:

Na família de hoje tem um pouco mais de diálogo, a gente tem um diálogo mais aberto com os filhos, já vem ensinado de escola também, né a gente procura ensinar mais o tipo da gente também, apesar de com todo esse estudo, este ensinamento do dia de hoje os filhos num tem o respeito de antigamente, né? (Fernanda)

Aqui podemos observar questões pertinentes entre a educação formal oferecida pela escola, conceitos e aprendizagem e a educação informal, oferecida pelas famílias, em relação a valores, princípios e outros elementos que permeiam esta importante tarefa de educar.

Ela fala ainda sobre a importância do diálogo, no processo das relações entre mãe e filhos:

[...] então a gente procura criar assim mais conversando, mais dialogando, mais que é muito difícil, principalmente no lar que a mãe faz os dois papel, de pai e de mãe, porque aí a preocupação é maior, porque tudo..., já na casa que tem o pai e a mãe, tudo o que acontece é a mãe [...]. (Fernanda)

Relata que as relações mudaram muito e que o diálogo é um instrumento para educar e orientar os filhos, pois enquanto no passado os pais corrigiam seus filhos muitas vezes através do castigo físico, hoje tal atitude é inaceitável; os próprios filhos que tem conhecimento do ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) ameaçam os pais de chamar o Conselho Tutelar, caso este tipo de atitude ocorra:

Então os filhos já ficam tudo galudinho, tudo porque num pode bater, porque se bater ne mim eu chamo a polícia, eu chamo o Conselho Tutelar, então a gente procura criar assim mais conversando, mais dialogando, mais que é muito difícil,[...] (Fernanda)

Aqui verificamos uma crise que atravessa a família nos dias atuais, as mudanças de papéis e atitudes, que requerem dos pais melhor conhecimento quanto aos sentimentos e necessidades dos filhos, que muitas vezes se perdem parcial ou totalmente no que se refere aos seus papéis de educadores.

Também para os pais e mães a educação, com tantas variáveis no mundo atual, influências da mídia, a internet, o assédio das drogas e álcool, o bullying¹⁵ dentre tantos outros desafios, requer hoje das famílias e/ou responsáveis um papel de aprendizagem continua frente aos novos desafios do mundo contemporâneo.

Dentre as mães entrevistadas, Fernanda é a que mais valoriza este papel na educação dos filhos:

Hoje o meu papel eu sou pai e sou mãe, né, dentro de casa porque, eu que crio os meus filhos, os meus dois filhos [...] é um jogo muito duro, mas eu procuro dar pro meus filhos o melhor de mim, como mãe, né? Mas na mesma hora eu tenho que lutar pra fazer a parte do pai, que é dá o alimento, dá o que vestir, dá o calçado, dá educação, segui na escola fazer o que for preciso, né, o que for necessário, é bem difícil o papel, o meu papel na família hoje. (Fernanda)

O compromisso tanto com a provisão material, quanto com o acompanhamento da vida escolar e também depois de adultos, conforme Fernanda destacou em outros momentos da entrevista, nos mostra que este importante papel de educadora e também de mãe, é um papel ou mesmo uma função que acompanha as mulheres por toda a vida, pois os filhos se reportam a elas em quaisquer fases de suas vidas sejam: crianças, jovens, adultos, sempre.

Outra mulher que fala sobre a importância da mãe, no acompanhamento dos filhos quanto à educação e vida escolar é Jaqueline:

[...] de hoje tá tudo maravilhoso, [...] Porque até, até na escola minhas filhas tá se desenvolvendo melhor..., o Gabriel, sabe só recebo elogios dos meus filhos, na escola. Aqui, aqui dentro com o meu marido, é um respeito que eles tem com o meu marido, que assim, é uma coisa extraordinária, é muuuuito bom.

¹⁵ Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.- on line revista nova escola <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml> - data: 28/04/2009

[...] dos filhos eu participo de reunião na escola deles, é aqui em casa eu, eu fico muito junto com meu marido, em questão de negócio [...] (Jaqueline)

Ela relata que com a melhoria da qualidade de vida da família, em parte devido as suas atividades com a venda de pães de queijo, cuja renda possibilitou uma melhoria em torno de cinquenta por cento dos ganhos familiares, as relações melhoraram muito, inclusive o rendimento escolar dos filhos e as relações entre pais filhos, esposa e cônjuge, permeadas pelas relações de respeito entre os familiares.

O acompanhamento dos filhos na escola tornou-se prazeroso e muito satisfatório, o casal também se envolve com os filhos em atividades lúdicas:

[...] então hoje em dia aqui, aqui em casa, no meu casamento, com os meus filhos, nossa, nós, nós, eu e o meu marido se torna, criança de novo, nós deita no chão nós rola com essas criança no chão pra nós brincar, nós monta casinha, nós brinca, sabe? Conta piada e é muito gostoso, nosso Deus assim, eu sinto de verdade a presença de Deus na minha casinha, é uma casinha simples mais pelo menos, eh [...] (Jaqueline)

Aqui aparece outra forma de participação dos pais quanto às relações familiares, o lúdico torna-se parte do processo educativo de interação entre os membros da família. Jaqueline informa que as relações alteraram-se muito a partir da participação efetiva dos pais, ela e o marido na vida dos filhos, tanto escolar quanto afetiva.

Já para Maria Lúcia, ela destaca o papel da mulher aliado ao papel da educadora:

Aí ser mulher hoje eu acho assim é de tudo um pouco né? De tudo assim, num trabalho, numa casa aí faz parte de pai e mãe, é tudo eu creio que é tudo. Eu sinto assim mulher hoje é da educação pro meus filho, sabe e... que mais assim dá educação pra eles e o estudo né? Eu como diz o outro, um pouquinho de cada coisa, alegria também né? É assim que eu me sinto hoje Eu me sinto muito feliz hoje. (Maria Lúcia)

Ela fala de seu papel enquanto mulher, mãe e pai e as responsabilidades de cuidar da educação dos filhos, de levar à escola e oferecer os estudos, mesmo que ela não possa ter tido as oportunidades que seus filhos hoje têm de estudar, ela destaca a importância de orientar os filhos, e não foram poucas as lutas que a mesma empreendeu para garantir que os mesmos permanecessem na escola, mesmo contra sua vontade de adolescentes ou jovens.

Quando Maria Lúcia aponta que dar educação para os filhos, está aliado ao seu papel de mulher, trata-se aqui também da educação informal, no que se refere às orientações que os pais destinam a seus filhos, quer quanto à formação de caráter, valores ou mesmo escolhas, uma vez que a região onde ela e os filhos moram é permeada de “falsos” amigos e o tráfico de drogas é muito comum.

3.3.1.4 *Papel de mulher equiparado ao papel de mãe*

Dentre as análises de nossas entrevistas, as mesmas apontam para a maternagem como o mais importante papel desempenhado por nossas usuárias.

Marcela ao falar sobre o seu papel como mulher, relata: *“O que é ser mulher?... (silêncio)... Ser mulher, não como mãe, não, como esposa? [...]... ser mulher, aí é... hum, enrolei.”*

A esta questão segue-se grande silêncio, até que Marcela pudesse refletir sobre seu papel como mulher e não como mãe. Assim como ela outras mulheres, também equiparam o seu papel de mulher como principalmente o papel e/ou função da maternidade, ligada ao gênero feminino.

Em outros momentos com o grupo, “Famílias em Ação”, ao trabalharmos a questão de gênero, com as mulheres, ao apresentarmos a questão “o que é ser mulher hoje”, uma grande maioria no grupo respondeu que “é ser mãe”, na época promovemos um dia de embelezamento com corte de cabelos e maquiagem, permitindo que as mesmas pudessem se olhar um pouco no espelho, e se perceberem como “mulheres”, muitas se admiraram de ver suas imagens mais bem cuidadas, na ocasião.

Para Fernanda, que não pode identificar-se como mulher, muito antes de qualquer coisa, ainda muito nova, aos treze anos, experimentou a maternidade, ela traz o relato da seguinte experiência:

Meu pai me casou com treze anos, eu num sei eu acho que nem mulher eu num era ainda, né com treze anos e meio eu já tava com filho no colo [...]. Eu fale: “Mas eu não era criança filho, aí eu já era mãe de três filhos”. Ele assustou né, porque eu casei muito cedo então, como eu to falando eu num tive infância, eu num tive adolescência, me casei com um homem que pouco conhecia, já tive cinco filhos assim, né? (Fernanda)

Fernanda assim demonstra que sua função materna muito cedo atribuída a ela, mistura-se com o ser mulher, tão intrinsecamente ligada a sua condição feminina:

Vontade a gente tem de ser mulher, sabe Regina de se arrumar de ficar bonita, de sair, de arrumar um namorado, falta de carinho à gente sente até demais da conta, principalmente eu que eu acho que eu nunca fui amada, mas por causa de eu nunca ter sido amada, eu sei que eu dei carinho, bastante pros meus filhos, sabe? Eu amo meus filhos, amo minhas noras, meus neto, bom demais sabe, isso aí pra mim, então foi a felicidade que eu tive na vida, então foi meus filhos, meus filhos é maravilhoso pra mim,

nossa é tudo, então meu papel de mulher hoje em dia se empenha só nisto de ser mãe, de ser vó, de ser sogra é bom. (Fernanda)

Percebemos assim que sua realização no amor aos filhos confunde-se com o papel de mulher. Ela expressa o desejo de ser amada como mulher, por um homem, mas devido às experiências e frustrações nos relacionamentos vivenciados com os dois companheiros (o primeiro com seu esposo, aos treze anos, pelo casamento arranjado por seu pai, e o segundo companheiro que a abandonou com os dois filhos caçulas), Fernanda transfere aos filhos e netos toda sua afetividade materna, que é distinta da afetividade homem-mulher.

Na maternidade ela relata estar o sentido de sua felicidade relacionando-a aos filhos, netos e noras comparando assim que o papel da mulher é o equivalente ao de ser mãe.

Dentre os papéis de maior importância para a mulher, três de nossas entrevistadas apontaram o papel de mãe como o papel mais importante que desempenham, são elas: Dani, Fernanda e Maria Lúcia, mas sobre elas discorreremos posteriormente, ao apresentarmos os papéis principais da mulher segundo a ótica dos sujeitos participantes da pesquisa, em análise no capítulo quarto.

Passaremos a partir daqui a analisar a segunda categoria verificada que trata da transformação das relações sócio-culturais refletidas nas relações de gênero.

3.3.2 Segunda Categoria: Transformação das relações sociais e culturais

Refletiremos aqui sobre os papéis femininos classificados na Categoria de Transformação das relações sócio-culturais, que apontam para a conquista de novos espaços e sinalizam para um possível avanço nas relações de gênero mais igualitárias.

No processo de análise desta categoria foram levantadas as seguintes subcategorias:

- 1- O espaço público de trabalho assumido pelas mulheres
- 2- A emancipação feminina: conquista da liberdade e igualdade
- 3- Múltiplas funções femininas assumidas pelas mulheres na atualidade
- 4- Papéis femininos equiparados a papéis masculinos na atualidade

Assim analisemos as quatro subcategorias das formas de transformação das relações sociais e culturais, refletidos nas relações de gênero, segundo as mulheres do PAIF.

3.3.2.1 Espaço público de trabalho assumido pelas mulheres

Com o advento da Revolução Industrial, as mulheres passam a assumir um novo papel na sociedade frente à aceleração da industrialização, a necessidade de crescimento econômico e da modernização tecnológica; estas passam a ser recrutadas e chamadas a exercerem mão de obra fora do domínio doméstico, sendo inseridas definitivamente no mercado de trabalho antes de domínio masculino, alterando-se as relações sócio-econômicas, refletidas na dicotomia entre o público e o privado, para o universo feminino.

Desta forma, as mulheres saem da invisibilidade do trabalho doméstico na esfera privada, conquistando o espaço do trabalho público, integrando-se às atividades industriais, passando a trabalhar fora de casa, em fábricas principalmente nos ramos têxteis, de vestuário, farmacêuticas e de cosméticos

Castro e Lavinias (1990, p.219) apontam em pesquisas desenvolvidas junto ao Grupo de Trabalho – GT “Mulher e Força de Trabalho”, realizado na década de 1980 no Brasil, pela ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, os setores predominantes em que as mulheres passam a ter participação efetiva no mercado de trabalho:

Os primeiros anos do GT foram marcados por um grande interesse por esta temática. Ainda que as pesquisas tenham priorizado a indústria do vestuário (Abreu, 1979, 1981; Spindel, 1980; Teixeira et al., 1980; Caulliriaux, 1981), outros ramos foram igualmente estudados como a indústria farmacêutica e de cosméticos (Moysés, 1985) e o setor eletroeletrônico (Moura et al., 1984; Marques, 1987). Tais setores têm em comum a participação extremamente elevada da mão-de-obra feminina.

Apontam que os estudos de caso realizados em São Paulo e Rio de Janeiro foram realizados no sentido de compreender os princípios que regem a divisão sexual do trabalho na indústria e a caracterização das relações do trabalho por sexo, destacando que o enfoque de trabalho sobre mulheres recorrentes nos primeiros anos do GT buscava romper com a invisibilidade, o silêncio e a conseqüente desvalorização do trabalho feminino.

Assim as mulheres vêm assumindo novas funções, com extrema diversidade de participação feminina na indústria brasileira, conforme destaca Hirata (apud CASTRO; LAVINAS, p. 221, 1990).

No Brasil o Censo Demográfico, a RAIS – Relação Anual de Informações Sociais e a PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, demonstram segundo Castro e Lavinias (1990, p. 224) o forte crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho

formal e informal, principalmente a partir das décadas de 70, 80 e 90 do século XX, também refletidas na sociedade contemporâneas.

A crise ocorrida na década de 1980 aponta para o crescimento da participação das mulheres de todas as idades e situações civis (casadas, solteiras, famílias monoparentais, dentre outras), junto ao mercado de trabalho; trata-se de uma ampliação das oportunidades de emprego para as mesmas, mas também de uma necessidade e estratégia de sobrevivência frente ao empobrecimento das famílias.

Ainda segundo Castro e Lavinas (1990, p.224-226), esta luta pela sobrevivência, seria o fator principal para se entender a feminização da classe trabalhadora:

Nas suas conclusões, a maioria dos trabalhos reforça a compreensão de que a elevação da taxa de participação feminina (18% em 1970, contra 36% em 1980)), deve-se essencialmente ao empobrecimento da população e à degradação das condições de vida (Saffioti, 1980; Bruschini, 1985; Safa, 1984), o que tende a imputar variáveis econômicas a primazia na explicação deste fenômeno. [...]

A entrada das esposas no mercado de trabalho estaria relacionada a estratégias de sobrevivência, face à pauperização da família, na avaliação de outros autores. [...] Quanto a Bruschini (1988), enfatiza a transformação na qualidade e no ritmo de incorporação das novas trabalhadoras na década da crise, confirmando a tendência à formalização do emprego feminino.

Nossa pesquisa também aponta para os novos espaços públicos conquistados pelas mulheres, muito embora tais conquistas não tenham libertado a mulher do trabalho doméstico, o que imprime à mulher, uma dupla opressão, que Lênin (1980, p. 110) denomina a opressão do capital e da servidão doméstica, impondo a mulher uma dupla jornada de trabalho, uma vez que a mesma não foi dispensada de suas funções anteriores.

Na atual divisão sexual do trabalho na esfera pública, as mulheres ainda permanecem como as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, conforme identificado na subcategoria de manutenção das relações sócio-culturais, onde o trabalho doméstico é considerado inerente ao gênero feminino, já analisado anteriormente. Os papéis ideologicamente atribuídos à mulher e dentro da atual divisão sexual do trabalho doméstico imprimem a ela uma extenuante dupla jornada de trabalho, quando não tripla, quádrupla, quiçá “múltipla” (no caso de mulheres que trabalham, estudam, cuidam das atividades domésticas, negócios da família, pais e mães idosos, dentre outras atribuições).

Dentre as sete mulheres entrevistadas, cinco delas precisaram trabalhar fora, quer por motivos de sobrevivência, quer por realização pessoal e até mesmo uma delas, utilizou-se das atividades manuais e artísticas para sair da depressão, a pintura em tecidos e mais tarde

em telas, ajudaram Dani a vencer a doença, conforme já relatado anteriormente por ela e sua filha nas entrevistas.

Na entrevista que realizamos com Marcela, pudemos verificar a partir dos dados de caracterização do sujeito, que a renda dela, incide em torno de 25 % da renda familiar e os demais membros da família que trabalham sendo os três homens, o marido e dois filhos. todos os membros da família tiram um salário equiparado de R\$ 800,00, sendo neste caso a renda feminina equivalente a masculina.

Ela relatou que atualmente conta com seu salão de cabeleireira para ajudar a família:

[...] Agora hoje não hoje já melhorou porque todo trabalham, né os mais adulto foi crescendo hoje tem o seu emprego e eu conquistei né através do PAIF, né um sonho, né, de, de fazer um curso profissionalizante que é o Curso de cabeleireira e me tornei uma cabeleireira hoje, através desses cursos, de eu ser uma cabeleireira hoje mudou muita coisa né, na minha vida, na família.(Marcela)

[...] que eu desempenho na minha família? Além contando o trabalho não? Ai hoje é assim, eu que tenho meu marido mais, quem tem sempre que tá na frente sou eu, né? É tomando conta da casa, do trabalho, tem que dividir um pouquinho pra cada... pra cada coisa. (Marcela)

Sendo ela quem toma conta da casa e do trabalho, administrando a renda familiar, muitas vezes assumindo decisões à frente do marido, ela também é corresponsável pela manutenção da família.

Marcela só conseguiu sua autonomia a partir de ter montado seu salão, conquista esta que foi proporcionada com a contribuição de seus familiares/ filhos:

O que que eu conquistei? Ah o que eu conquistei, foi assim foi, o salão foi uma conquista assim uma liberdade de depois que os meninos cresceu eu antes não tinha como trabalhar, hoje tem muitas oportunidades, né?[...] Pra mim montar esse salão aqui foi assim com a ajuda dos meus filhos, né, porque um comprou uma coisa, outro comprou outra, é cadeira, é é assim, tudo o que tem aqui eles que me ajudam, porque eles ficou muito feliz, então cada um comprou uma coisa e me deu.[...] Uma cadeira outro, sabe então eles tá sempre me ajudando.[...] Não assim que eu terminei o curso num tinha, ao tinha como abrir o salão, ai minha filha me deu um secador a chapinha a escova, aí eu comecei lá na minha casa, aí eu atendia as cliente lá em casa, separei um cômodo e trabalhava lá, aí depois eu ..aí eu já consegui né aluga o cômodo e trabalhar fora da minha casa.(Marcela)

Outra entrevistada, Marília trabalha fora também para contribuir com a renda familiar:

Eu trabalho no Pró-Vila, sempre atendendo pessoas né, eu aprendo muita coisa como o pessoal que vai lá tenho, gosto do que faço, às vezes a gente fica é não tem como fazer mais assim fica nervosa né porque aparece tanta gente que a gente quer ajudar e não consegue.[...]do bairro quatro né, e bairro cinco, várias pessoas procura, várias pessoas procura a gente. [...]

Ajuda de tudo quanto é tipo, éé alimento, roupa, calçado, paga conta de água e luz. (Marília)

Hoje a mulher é mais valorizada, ela tem mais liberdade de fazer o que quer, falar o que quer [...] hoje a mulher ganhou um espaço muito bom dentro da comunidade, ela tem mais, éé... como é que eu falo. Tem mais oportunidade né de fazer algo mais, que antes não tinha. (Marília)

Ela presta um serviço imprescindível à comunidade dos bairros periféricos da região Sul, numa entidade, que denominamos ficticiamente de Pró-Vila e relata sobre as mudanças significativas na história da mulher, a partir de sua inserção no mercado de trabalho, passando a ser mais valorizada, tendo conseguido maior autonomia e liberdade, destaca ainda os espaços e novas oportunidades que a mesma conquistou na sociedade atual.

Fala sobre a importância de a mulher trabalhar fora de casa:

O Papel mais importante hoje a gente trabalha fora né, trabalha dentro de casa, é cuida de casa, cuida do esposo dos filhos e ainda trabalha fora também. (Marília)

Aqui verificamos que a mesma valoriza o espaço público do trabalho tomado pelas mulheres muito embora a mesma permaneça ainda com a responsabilidade de cuidar da casa do esposo e filhos, ela sabe que se trata de uma conquista.

Dani trabalha com o marido, eles têm uma venda em um bairro periférico de Franca, na região Sul, ela pinta quadros e telas, é uma artista, pois assim ela se denomina:

É, coisas artísticas, eu descobri que hoje eu sou, eu posso dizer eu sou uma artista, porque? Hoje eu pinto uma tela que é o que eu gosto, eu tive um sonho e realizei esse sonho, porque tem que correr atrás, [...]E quando eu ponho, falo não tá lá o meu nome, fui eu que eu, eu assinei, eu agradeço a Deus por esse dom que Ele me deu, eu tenho certeza que eu tenho muito mais eu tenho bastante dom pra me conhecer, eu vou em mais alguma coisa, porque eu acho que eu vim neste mundo pra arte mesmo, **eu sou uma artista**, né? (grifo nosso conforme ênfase dada pela entrevistada, Dani)

Ela relata como sua formação definiu os rumos de sua vida; a nossa entrevistada começou como monitora de pintura em panos de prato, é cabeleireira, manicure, faz crochê e destaca-se entre outras atividades:

Hoje, é, é, eu faço pintura em tela, eu, eu já fui monitora de pintura em pano de prato até desenvolvi um trabalho aqui no bairro, fui voluntária durante três anos, tirei umas crianças da rua, ajudei a ensinar algumas mulheres, né? A ser independentes e ter o próprio dinheiro pra não depender de marido. É...sou cabeleireira, é...sou monitora dum cabeleireiro também. É formei também, que é uma formação, que num é porque eu num fiz uma faculdade, mas eu aprendi e eu acredito que eu faço muito bem, sou uma manicure também, faço crochê, é... Agora faço uns colarzim também. (Dani)

Destaca a importância do trabalho para garantir a sustentabilidade e independência das mulheres na sociedade atual, no caso de Dani, as habilidades manuais, o artesanato e a pintura sempre permearam sua prática profissional, fazendo do trabalho uma fonte de renda e, principalmente, de prazer.

Nossa outra entrevistada Fernanda aponta algumas questões já ponderadas no segundo capítulo sobre famílias, como que as questões de empobrecimento da classe trabalhadora fizeram da mulher uma importante colaboradora, e no caso dela a principal mantenedora da família, uma vez que seu primeiro marido e o seu segundo companheiro a deixaram com os filhos:

Quando ele foi embora me deixou com cinco filhos, o mais velho tinha nove anos o caçulinha tinha oito meses e hoje tem vinte e dois anos, ele sumiu por um longo tempo, nunca apareceu, nunca soube notícia nem nada dele, nunca ajudou, lutei, naquele tempo eu tinha muita saúde, muita força de vontade, lutei, consegui meus filhos, é todos pobre, né assim, é padeiro, é curtumeiro, é sapateiro, mas são todos homem de bem, num tem vício, num bebe, muita gente aqui vizinho, que eu já mora há vinte e cinco anos aqui nessa casa, eles admira de como que eu consegui criar meus cinco filhos e nenhum tem vício de nada, nem bebe nem fuma nem nada né, e também cinco nora que é uma benção também, já tenho onze netos, né? Então pra mim assim é um privilégio muito grande, agora o que é ser mulher hoje, é bem difícil, porque no papel que a gente faz dentro de casa criando os filhos, é muito difícil, pensar na gente, num dá tempo, né? Agora como eu to crio esses dois, né tem os dois pequenos, agora desse, esse segundo, segundo e último casamento meu, a Bárbara já tá com onze anos já tá mocinha, né? Então ela pensa de cortar o cabelo, de fazer a unhinha, quer uma roupinha, então agora que eu num tenho mais mesmo como pensar em mim, que, sempre que eu penso: “Nossa eu preciso fazer minha unha nó, mas e a minha filha?” (Fernanda)

Fernanda precisou desenvolver várias atividades para conseguir criar e cuidar, inicialmente dos cinco filhos, e posteriormente dos dois filhos caçulas (dentre eles a mais nova foi adotada). Com a saída do marido de casa ela, precisou trabalhar na indústria calçadista de Franca que, a partir do processo de reestruturação produtiva, se utilizou e vem utilizando ao longo dos anos da mão de obra feminina em trabalhos de costura manual fora das fábricas, no âmbito doméstico e inclusive utilizando-se de mão de obra infantil, cuja participação somente foi minimizada a partir dos Programas de Erradicação de Trabalho Infantil (PETI), outros tipos de fiscalização em residências e também da crise na indústria calçadista.

Fernanda trabalhou sob a forma de mão de obra terceirizada, fruto da precarização das relações de trabalho como costuradeira manual em casa:

Sapato né... eu quando vim pra cá pra Franca, eu já assumi, aprendi a costurar sapato, costurei sapato por muitos anos, né, por muitos anos mesmo.[...] pegava nas fábricas, antigamente era registrado, né, a gente pegava, tinha que entregar aqueles, 20, 25 par de sapato, meus filhos tudo pequeno, muitas vezes até pra dar mamã, eu jogava numa caixa assim dum lado, e deixava eles mamando, enquanto eu tava puxando uma linha pra cima, costurando, né? Foi muito difícil, depois que parou, que ficou essa coisa, de sapato, fracassou muito aqui em Franca. (Fernanda)

Anteriormente as indústrias de calçados registravam as funcionárias que trabalhavam nos domicílios dentro de uma forma de subcontratação dos trabalhos femininos. Fernanda e muitas mulheres precisavam vender sua força de trabalho, em troca de baixos salários, muitas vezes inferiores aos masculinos e poucas garantias trabalhistas.

Ela fala que precisou mudar de emprego devido à crise na indústria calçadista:

Eu fui lá no fundo do passado, onde eu comecei a costurar um pouquinho com a minha mãe, aquelas maquininha de mão, que rodava com a mão, né, que eu fazia roupinha de saco pra mim, pra minhas irmã, e comecei a costurar de novo, né? Um belo dia eu tava desempregada e fiquei apavorada, né? Eu falei como que eu vou fazer com cinco filhos, sem trabalha...Uma amiga minha falou: “Vou ver se eu consigo arrumar pra você na confecção”. Aí, no outro dia, a mulher mandou me chamar lá e falou: “Tem serviço só pra cortadeira você corta?” Eu falei: “Oh muita prática eu num tenho não mas se a senhora me explicar...” Eu nunca nem tinha visto uma tesoura elétrica, mas a necessidade era tão grande, ela então: “Você volta amanhã aqui, pra você já começa a trabalhar de cortadeira”... Essa noite eu dormi, eu vi a noite inteira meus dedos voando naquela máquina, sabe? Falei: “Eu tenho que encarar esse serviço, que eu tenho que sustentar os meus filhos”, e fui, quando cheguei lá, a mulher falou, então falei: “Então a senhora me explica direitinho, como que a senhora gosta que trabalhe, né, que é pra mim vê e já...” Eu não sabia nem pra onde que ia, e lá eu trabalhei de cortadeira, por dez anos né? Cortando malha, lá no intervalo de horário de serviço, as meninas ia pra pracinha, né? Que era ali na Santa Cruz, sentava ali naquela pracinha pra chupa, picolé, faz alguma coisa, e eu ia aprender nas outras máquinas, ela vinha minha patroa ficava brava comigo, falava: “Você vai estragar uma máquina dessas, seu salário não dá pra pagar”, falava: “Deixa eu quieta”. E quando eu saí de lá depois dos dez anos, eu já sabia trabalhar em todas as máquinas, sabia cortar de tudo, sabe? Sabia fazer de tudo, aí comecei, comprei as maquininha até com o acerto que eu saí de lá e comecei a trabalhar em casa, mas aí do longo do tempo, acho que de tanto trabalho, tanta cansaça começaram a aparecer os problemas de saúde, né? Mais graças à Deus é assim, aí eu , até hoje eu ainda faço as costuras, uma coisa que eu “gosto” (ênfase da entrevistada) de fazer, eu adoro fazer roupas, costurar, agora depois que eu sofri um derrame, e assim eu evito de pegar mais roupa, pra cortar, pra fazer, porque, parece que tem hora que a minha cabeça falha, né? Mas assim tipo reforma tudo, nossa eu fico feliz da vida, quando a freguesa fala nossa eu adorei o serviço, acho que é melhor do que o pagamento. (Fernanda)

Conforme aponta Fernanda com o “fracasso” da indústria calçadista, a mesma precisou reportar-se aos primórdios de suas habilidades manuais: referências do passado e aprendizagem com sua mãe, ela precisou trabalhar como costureira em uma confecção, iniciando como cortadeira, função que ela pouco dominava.

A nossa entrevistada demonstra uma atitude de empenho e especialização, para poder manter-se na função de cortadeira e também tendo buscado aprender a dominar outras máquinas, dentro da confecção onde se encontrava empregada, para poder manter a sobrevivência de sua família.

Dentre os setores em que foram apontados como de predomínio da mão de obra feminina, destacados anteriormente (vestuário, confecção, farmacêuticos e eletrodomésticos), a indústria de confecção segundo Spindel (apud LAVINAS, 1990, p.220), ao contrário do que se identifica para as mulheres, não se trata de um saber desqualificado ou mesmo uma adequação do fazer doméstico, mas exige da trabalhadora uma qualificação e aprendizagem a partir de cursos regulares e do aprendizado, com vizinhas ou amigas:

Outra divergência situa-se na leitura da costura enquanto “saber doméstico” que na divisão sexual do trabalho, seria próprio das mulheres. Spindel contesta tal definição com base na constatação de que o aprendizado da costura se dá, para a maioria das trabalhadoras, através de cursos regulares, com amigas ou vizinhas. Abreu identifica dois padrões de aprendizado, o doméstico e o fabril, sendo que este se fundamenta naquele ao apropriar-se de uma “habilidade” antes usada apenas em proveito da família.

Destarte Fernanda, apropriou-se deste “fazer especializado”, não apenas durante o tempo em que se manteve na confecção (dez anos), mas principalmente após sua saída da mesma, para poder trabalhar em casa, tendo montado uma confecção própria em sua casa, este foi um dos aspectos que nos levou a apontar Fernanda, enquanto protagonista do gênero feminino, sua garra, perseverança e principalmente criatividade e empenho, para conseguir sustentar sua família, bem como não esmorecer perante tantos desafios infringidos pela vida; frente ao abandono de seus companheiros e apesar de não ter nenhuma especialização, a mesma conseguiu superar-se e mesmo adquire uma autonomia através de sua inserção no mercado de trabalho e posteriormente enquanto empreendedora do próprio negócio.

Hoje ela está afastada, devido a problemas de saúde, mas seu protagonismo está na vitória conseguida, perante as lutas e encaminhamentos de subsistência para sua família e seus sete filhos.

Finalmente, a nossa quinta entrevistada Jaqueline, fala sobre sua atividade de renda, reproduzida no âmbito familiar, mas que trabalha também na esfera pública, com a venda de pães de queijo para uma panificadora, bem como tem clientela já garantida e fixa:

Vendo pão de queijo, com certeza! Tenho os meus fregueses, èhh... faço uma porcentagem aí .. pra uma padaria, uma colega minha, ela tem padaria, ela me convidou, se eu podia fazer pra ela. Levar lá, aí eu tò fazendo, sabe? Tem minhas freguesas também, nossa mudou assim sabe? Foi o tipo de um salto, né? (...) Aí, hoje em dia, tudo o que eu tenho aqui foi comprado com esse dinheirinho que eu peguei a sua idéia e fiz e tá dando certo. (Jaqueline).

Além da venda de pães de queijo, o que garante a Jaqueline e sua família a sustentabilidade de suas necessidades básicas ela colabora atualmente com praticamente cinqüenta por cento dos ganhos familiares, os outros cinqüenta por cento vem do trabalho do esposo, o que nos mostra uma equiparação, a mesma é uma importante co-participante, junto ao trabalho do marido:

Dos filhos eu participo de reunião na escola deles, é aqui em casa eu, eu fico muito junto com meu marido, em questão de negócio, de serviço, ele me dá palpite no meu serviço aqui em casa, eu dô palpite no serviço dele, quando é pra resolver um problema, nós dois resolve, entendeu.? O mais importante, porque é daí que eu , tiro éhh.... Vamo dizer assim Regina. O meu marido ajuda só que, é 50% meu e 50% dele, mas eu acho que o mais importante, é quando as minhas filhas me pedem uma bolacha, e eu tenho o dinheiro pra ir lá comprar.., é por isso que eu acho, o mais importante, que eu vender, eu, eu, tê a minha renda. (Jaqueline, 2009)

[...] Éh.., como que é? Eu ajudo meu marido no serviço dele, eu pago as contas, eu ajudo a pagar as contas, vejo hoje que já é um papel que eu desem [...] É desempenho aqui dentro, né? É como eh, eu.. eu faço muitas coisas assim que eu antes num fazia, éh... eu ajudo ele buscar carro numa, numa cidade diferente. (Jaqueline)

Na próxima fala de Jaqueline, podemos observar que a mesma se identifica enquanto braço direito do marido e a importância de tomarem atitudes e decisões de forma conjunta:

Então é aí, eu, eu vejo assim que eu sou o braço direito dele, vamo dizer assim, não querendo sabe? Sem muita modéstia, mas o braço direito dele, de verdade. [...] É tudo em conjunto, sabe, tudo em conjunto, antes, não antes era um pra lá outro pra cá, agora não, agora a gente parece que um laço sabe, parece que transformou, aí tudo, tudo junto, até pra comê, nós num sentava na mesa pra comer, hoje nós senta na mesa, come todo mundo, almoça todo mundo, as meninas assim, elas já chama ele, papai vem almoça, né então é uma coisa assim, é muito bom hoje em dia. (Jaqueline)

Podemos perceber assim que o papel atual de Jaqueline na sua família, não é apenas da mulher que cuida do lar, do esposo e filhos, mas que a mesma tornou-se a importante

figura dentro da família onde, não só em relação ao comprometimento com a manutenção da família ela se tornou uma pessoa com a qual tanto o marido, filhos e até mesmo na comunidade em que convive e com a qual colabora, prestando serviços voluntários, ela é uma referência, conforme analisaremos posteriormente.

Isso demonstra não somente seu protagonismo na família e comunidade, mas também as transformações e mudanças nas relações estabelecidas, anteriormente com sua mãe, que a teria colocado para fora de casa, por não concordar com seu modo de vida e posteriormente com o marido e os filhos, com os quais conseguiu estabelecer novas e diferenciadas relações de compartilhamento de responsabilidades entre ambos e com os quais convivem atualmente na comunidade.

A partir da sua inserção no espaço público com a venda de pães de queijo Jaqueline, idéia esta sugerida por nós, em um dos atendimentos coletivos realizados, Jaqueline encampou a idéia, tendo conseguido pagar muitas contas que estavam em atraso, referente a tarifas sociais (água e luz), numa época em que seu esposo estava recluso:

A estrutura era totalmente é... precária, sabe? Porque antes, eu num trabalhava, só vivia assim é... Só o meu marido que trabalhava e mesmo assim, era uma vez, um dia, outro dia não trabalhava, sabe? E era assim. Hoje não, hoje eu trabalho e ele também, então no passado é..., praticamente assim, pode falar né de coisas, de casa. (Jaqueline)

Assim sendo, podemos entender que dentro do processo de feminização do trabalho, tornou-se necessário um redimensionamento na vida produtiva de Jaqueline, para que sua família pudesse enfrentar as necessidades em sua luta pela sobrevivência, perante as questões permeadas pelo empobrecimento das famílias, frente às crises eminentes da sociedade contemporânea, conforme apontado anteriormente em nossas reflexões.

Ela fala da vida passada e de tantas necessidades materiais que a família enfrentava, antes dela trabalhar com a venda dos pães de queijo:

No passado eu num tinha um fogão, eu não tinha uma geladeira, num tinha um armário uma mesa, num tinha nada que tem aqui. Nós sentava, os meninos sentava no chão pra comer, sabe? Nossa cama vivia caindo aos pedaços, e ficava caindo, o armário batia uma porta, a outra caia, sabe então era assim uma vida precária de verdade, então praticamente tinha o básico o arroz e o feijão, num tinha nenhuma misturinha pra gente comer. Foi mudando depois que eu comecei receber aquele Renda Mínima, sabe? Depois que eu vim, peguei a sua idéia, fui colocando em prática, aí sim, aí até hoje graças a Deus! (Jaqueline)

Desta forma, Jaqueline assumiu um novo posicionamento seu frente às necessidades de subsistência de sua família; a mesma conseguiu superar sua situação de vulnerabilidade e

ingressar no espaço público, para que através da venda de seu produto, sua família tivesse a princípio suas necessidades básicas materiais atendidas, mas não somente as necessidades básicas, posteriormente, falaremos mais profundamente sobre seu protagonismo junto a sua família, onde casal conseguiu planejar ações e concretizar inclusive aquisição de bens mais duráveis como móveis, carro e financiamento da casa própria, além de reorganizarem suas vidas com seus filhos, família e comunidade local.

Dentro do espaço público, Jaqueline, ainda desempenha importante papel, dentro da cooperação, com a entidade Pró-Vila trabalhando enquanto voluntária:

No Pró-Vila, né? [...] Eu entrego o leite pras crianças, que é muito também, eu ajudo a Marília a vender roscas, além dos meus pão de queijo aqui, eu ajudo ela a vender rosca, é que mais? Então é um conjunto de coisas, né? (Jaqueline)

[...] eu até to ajudando o pessoal na entidade ali, oh. Eles me pedem uma cesta, eu vô lá monto e dô uma cesta, mas cê sabe o coração da gente vibra de alegria de ver aquela, aqueles rostinho e eu sei que eu tô tirando de uma coisa do meu suor e agradeço muito aquela idéia abençoada que você teve, porque se num fosse aquela idéia, eu não tinha... (Jaqueline)

Podemos verificar que na realidade apresentada junto as nossas entrevistadas, a conquista do espaço público de trabalho assumido pelas mulheres trata-se de uma constatação quer seja frente às necessidades mais eminentes de sobrevivência e subsistência principalmente nas famílias empobrecidas, como também se trata de uma conquista de direitos na sociedade contemporânea, onde as mulheres se realizam enquanto empreendedoras individuais ou coletivas, enquanto profissionais, enquanto artistas, cabeleireiras, ou quais sejam suas habilidades, aliando quando possível a atividades que lhes tragam prazer.

Verifiquemos a segunda subcategoria dentro da categoria de transformação das relações sócio-históricas.

3.3.2.2 *Emancipação feminina: conquista da liberdade e igualdade*

Dentro do processo de emancipação das mulheres são apontados os princípios fundamentais de igualdade e liberdade, este processo depende de toda uma transformação nas relações sociais e culturais, previamente estabelecidas.

Segundo Lênin (1980), a igualdade completa para as mulheres somente poderia existir, quando as operárias pudessem tomar parte nas eleições, a partir da abolição das velhas leis burguesas, que consagram a inferioridade legal às mulheres e mantêm os privilégios do

homem, principalmente no que se refere ao casamento e aos filhos, apontando que a igualdade perante a lei é ainda insuficiente, pois não garante a igualdade de fato. Aponta a importância das mulheres operárias poderem participar de forma mais efetiva na gestão de empresas públicas e ter maior participação na administração do Estado.

Lênin (1980, p.116) fala sobre a libertação e a emancipação das mulheres:

É preciso dizer que tais instituições (restaurantes públicos e creches – para libertar a mulher dos trabalhos caseiros) libertando a mulher da sua condição de escrava doméstica, devem surgir de toda a parte onde se abre para elas menor possibilidade. Dizemos que a emancipação das operárias deve ser obra dos próprios operários, e também a obra das próprias operárias. [...]

Para se ocuparem de política, na antiga sociedade, uma preparação especial era exigida, e eis por que a participação das mulheres na política é insignificante mesmo nos países capitalistas mais desenvolvidos. Nossa tarefa consiste em tornar a política acessível a todas as mulheres trabalhadoras. [...] Na sociedade capitalista a mulher está privada de direitos políticos, a tal ponto que sua participação na política é quase nula. [...] Assim, a participação das operárias é indispensável, não só as que estão filiadas no Partido e são conscientes, mas também as que não tem partido e são menos conscientes.

Destaca que a libertação das mulheres está intrinsecamente ligada à emancipação política, pois as mulheres privadas de seus direitos políticos têm representatividade quase nula, sendo imprescindível avançar na luta para acessibilidade política a todas elas.

Ao longo da história a mulher vem despontando uma função de protagonista de uma nova história. Dentro do contexto da Revolução Francesa (1789), verificava-se uma participação ostensiva de parte das mulheres. Ocorreu, no entanto a decapitação de várias mulheres, entre elas a de Olympe de Gournay, autora da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e posteriormente as mulheres foram proibidas de toda e qualquer manifestação pública. Em contraposição, nessa ocasião começam a serem repensados os pressupostos da democracia, da cidadania civil e de tantas outras questões em defesa dos direitos do homem e do cidadão, momento em que as mulheres vão ser efetivamente excluídas da esfera pública.

O feminismo pode ser definido como uma doutrina que preconiza a ampliação dos direitos e do papel da mulher na sociedade, surge neste contexto como uma teoria, em consonância com o marxismo, onde se consolidam as lutas e os debates sobre as forças sociais emergentes nesse contexto. Foi movimento marcado pelas lutas operárias, onde ocorrem as afirmações de todo ideário feminista, em busca de igualdade social, do acesso à educação e de garantias junto ao mercado de trabalho para as mulheres.

Tais avanços e conquistas estreitamente ligados, ao potencial de organização do

feminismo, estiveram também vinculados à sua capacidade de realizar ações sócio-políticas, tendo este ocorrido em diferentes países, com destaque aos Estados Unidos, Europa e América Latina.

Nos anos de 1960, 1970 e 1980 as mulheres ocuparam papel de destaque nas diferentes lutas sociais, avançando em diretos diversos: trabalhistas (conquista de melhores salários, jornadas de trabalho menores, creches para seus filhos, outros), familiares (reconhecimento de paternidade para seus filhos, direito a pensão alimentícia, direito ao divórcio, planejamento familiar, dentre outros), políticos (direito ao voto, participação efetiva em partidos e associações representativas de classe, gênero, etnias, outros), dentre tantos outros direitos.

Um importante aspecto a ser analisado dentro do universo feminino, que pode ser verificado na fala de nossas entrevistadas foi quanto à conquista da liberdade e igualdade, enquanto processo de emancipação do sexo feminino em contrapartida às mulheres do passado, que viviam subordinadas ao sexo masculino, apontadas até mesmo como escravas dos homens.

A constatação da emancipação feminina pelas mulheres foi tão forte que apareceu na fala de quatro de nossas sete entrevistadas.

Marcela pontua que as mulheres de antigamente tinham a função apenas de esquentar a “barriga no fogão”, mas que ser mulher hoje indica outras conquistas:

A antigamente era só esquentar a barriga no fogão né? Hoje não, hoje tem **uma liberdade, uma igualdade**, né? [...]

Ah o que eu conquistei, foi assim foi, o salão foi uma conquista assim uma liberdade de depois que os meninos cresceu eu antes não tinha como trabalhar, hoje tem muitas oportunidades, né?[...] algo pra mudar a nossa vida, pra mudar a gente, e a força de vontade, porque se a gente num tiver força d e vontade a gente num chega a lugar nenhum né? (grifo nosso, Marcela)

Ela aponta para o fato da mulher ter conquistado liberdade e igualdade. Parte de sua liberdade conquistada ela afere ao fato de possuir atualmente, um salão de beleza que lhe garante sustentabilidade e realização pessoal. Demonstra também que sua maior autonomia somente pode ser viabilizada, a partir do momento em que os filhos cresceram, e ela pode desvincular-se de suas funções de cuidadora, muito embora quando foi perguntado a ela qual seria seu papel mais importante dentro da família, ela tenha respondido que seriam os papéis de cuidar dos filhos e o exercício de seu trabalho atual, aspectos que analisaremos posteriormente.

Quanto a Marília, ela relata que as mulheres no passado eram mais submissas, e que conseguiram ter mais liberdade na sociedade atual:

Hoje a mulher é mais valorizada, ela tem mais liberdade de fazer o que quer, falar o que quer e antes a mulher não podia falar era mais, num tinha tanta liberdade como tem hoje né, era mais quieta dentro de casa, submissa, mais num podia fazer nada, hoje a mulher ganhou um espaço muito bom dentro da comunidade, ela tem mais, é... Como é que eu falo. Tem mais oportunidade, né, de fazer algo mais, que antes não tinha.

O papel mais importante hoje, a gente trabalha fora, né, trabalha dentro de casa, é cuida de casa, cuida do esposo dos filhos e ainda trabalha fora também. (Marília)

Ela demonstra que a liberdade das mulheres está na sua liberdade de expressão, na conquista do espaço público de trabalho, como já fora analisado anteriormente, e principalmente, valoriza o seu trabalho fora de casa, como já relatamos, ela é líder comunitária, atua também junto à formação de agentes pastorais, dentro da entidade, tendo já destacado o fato de gostar de trabalhar no Pró-Vila, atendendo a pessoas e poder ajudá-las material e espiritualmente.

Marília enfatiza o fato de poder ouvir as pessoas, em contraposição a seu jeito calado de ser, portanto podemos inferir que a maior expressão desta liberdade feminina está nas novas possibilidades da mulher poder falar e fazer o que quer, tendo as mulheres hoje mais oportunidades de realizar ações que não podiam realizar no passado.

Nesta mesma linha de raciocínio Jaqueline, vem falar sobre a condição da mulher na atualidade:

Hoje? Tá fácil, porque hoje a mulher pode tirar carta, antigamente não podia, hoje a mulher pode até ser política, né? Entrar na política, num podia, agora pode, é então a mulher, ela evoluiu muito, na, na época de hoje, né? Então eu vejo assim, até a, a voz, como é que fala, a opinião da gente é mais ouvida. [...] Né, antigamente não, hoje é mais, é totalmente, assim é bom ser mulher, as pessoas dá mais valor no serviço da gente, dá mais valor numa opinião. (Jaqueline)

Jaqueline destaca o papel da emancipação feminina, frente à conquista de direitos mais elementares desde a condição de falar e ser ouvida, a partir da mulher poder expressar suas opiniões, a valorização do espaço de trabalho feminino conquistado pelas mulheres, a desmistificação da mulher enquanto motorista “possuidora” de uma habilitação para dirigir, (salvo comentários machistas), a conquista de condições de trabalho mais dignas, com menores cargas horárias de trabalho, melhores condições salariais, embora ainda não equitativa, a valorização da mão de obra feminina, entre outras; até os direitos, pelos quais

morreram tantas mulheres seja na Revolução Francesa e outras revoluções expressas na luta pelo direito ao voto feminino e participação política das mulheres.

Hoje com tais conquistas estão estendidas às possibilidades da mulher ingressar na carreira política, nas diversas esferas de governo, destacando-se o fato de termos como a representante no cargo de máxima expressão do cenário nacional, a presidenta do país, dentre outras lutas conferidas às mulheres já relacionadas.

Jaqueline apontou em análises anteriores, o fato da mulher não poder entrar para a vida pública, ou mesmo candidatar-se enquanto política, não poder tirar carta, não ter o direito de falar não para o marido e apontou ainda em análises anteriores, o fato de a mulher ser muito discriminada antigamente. Ela é uma mulher consciente de seus direitos e importante protagonista na história de sua família e comunidade, conforme analisado anteriormente.

Outro sujeito de nossa pesquisa Dani fala sobre a emancipação da mulher:

É resumindo nisso aí antigamente ela era uma mulher escrava, hoje ela conseguiu a liberdade pra fazer o que quer.[...] Eu queria dizê assim, se vai tá alguém que vê e lê as mulheres, né em si, em si que ela luta pelos seus direitos e num tem essa coisa que o homem é mais do que a mulher, eu acho que é tudo igual, cada um tem o seu, o seu papel na sociedade, o mesmo que um homem pode fazer a mulher pode fazer, talvez pode fazer até muito melhor do que um homem, só isso. (Dani)

Dani aponta sobre a importância de a mulher poder sair em busca dos direitos conquistados, destacando a liberdade de se fazer o que se quer e a igualdade de direitos, tão ideologicamente apregoada pela Revolução Francesa: “igualdade e liberdade”, e tão necessariamente de se fazer efetivada, na sociedade contemporânea, engendrada pela dominação política de gênero, onde o masculino subordina o feminino (com menores salários, poucos cargos de comando em empresas e/ou serviços públicos, baixa inserção política ainda, desigualdades sociais, econômicas e culturais, dentre tantas outras desigualdades a serem superadas), mas que na fala de Dani, perpassam por algumas transformações já realizadas e outras a serem conquistadas, intrínsecas no inconsciente coletivo da sociedade atual.

Sua filha Paula, também por nós entrevistada aponta para os mesmos níveis de reflexões e ações que sua mãe lhe indicou:

Ah, antigamente é igual a minha mãe falou, era o principal, né? Conversava o principal, o que tinha que conversar, é o marido mandava, o meu vô mandava, minha avó obedecia, né? Agora não, minha avó hoje ela já tá né, ela tem voz ativa lá também agora, foi mudando a coisa, agora já num... a coisa tá caminhando pra melhor, né? Não que ela manda no meu vô, mas meu avô agora sabe respeitar a opinião que ela tem, né? Até mesmo meus

tios, do lado do meu pai também agora, é... as mulheres num são pé de chinelo não. [...] (Paula)

Ah, minha mãe é uma batalhadora, né? Ela é uma guerreira, né? Ela foi descobrindo os dons que ela tem, a partir dessa [...] coragem, ânimo pra fazer esse tipo de curso, eh os curso que dá força pra ela hoje, que ela tira a renda dela, né? Que ela tem o dinheirinho dela, mas minha mãe é uma batalhadora, ela sabe, se ela tem vontade ela vai atrás mesmo, né? Ela dá força pra gente que tá em casa, minha mãe é uma batalhadora. (Paula)

É, tá, é hoje é assim, antigamente acho que ser mulher era bem mais difícil, né, do que hoje, porque hoje até mesmo hoje, onde eu trabalho, lá o pessoal fala assim que eu, como a gente tem, lá os homem é o que sabe mais, né? E isso a gente vai mostrando a cada dia, né, a gente sabe, a gente tem a capacidade de fazer, de ter as mesmas profissões, ganhar até bem como os homens ganham hoje também, né? Ah eu, pra mim, eu acho que eu me espelho na minha mãe, né? Como a minha mãe, hoje a gente ser mulher, é eu sou o espelho da minha mãe mesmo, eu vou, eu quero crescer, cada vez mais tá crescendo, e eu num quero ficar abaixo não, eu quero crescer e ficar no mesmo nível, né? (Paula)

Como podemos observar também para Paula, filha de Dani, as mulheres vêm tomando seus novos espaços, quer seja no ambiente familiar, mesmo nas gerações mais conservadoras, como a dos avós, onde sua avó conquistou o direito de ser ouvida; quer seja no ambiente de trabalho, onde ela junto aos colegas do sexo masculino, batalha pelas mesmas igualdades de condições sejam salariais, de trabalho ou mesmo no desenvolvimento das habilidades masculinas e femininas, que podem e devem estar equiparadas.

Sua mãe enquanto referência e “espelho”, como ela mesma sinaliza, é tida como uma batalhadora, uma vez que a mesma transitou por uma situação de lutas contra o problema de depressão, tendo superado a doença, com a ajuda da família e através de seu trabalho, suas habilidades manuais, artísticas e de sua dedicação à uma nova profissão, no caso a pintura de telas, que lhe proporcionou um rompimento com o estigma da doença, para a superação, através da dedicação às novas atividades, que lhe resgataram o prazer pela profissão e pela vida.

Assim, podemos supor que a emancipação das mulheres da família de Dani se refletiu para a geração mais nova, sua filha Paula, bem como rompeu com os paradigmas junto à geração mais velha, no caso a mãe de Dani, que se fez ouvir, através dos exemplos e modelos desta grande mulher.

Quanto aos papéis desempenhados pelas mulheres, obtivemos a terceira e quarta subcategorias, apresentadas a seguir.

3.3.2.3 Múltiplos papéis femininos assumidas pelas mulheres na atualidade

Dentro da categoria de transformação das relações sociais, uma terceira subcategoria levantada a partir das análises foi quanto aos múltiplos papéis femininos e inúmeras funções assumidas pelas mulheres na atualidade.

Muitas vezes destacamos a dupla jornada de trabalho feminina, na instância pública, apontando o trabalho remunerado ou atividades que geram renda para as mulheres fora ou até mesmo dentro de casa e a esfera privada, no que diz respeito às tarefas domésticas, tais como lavar, passar, cozinhar, limpar e organizar a casa, cuidar dos filhos e esposo, o que já implicaria numa jornada diversificada, mas esquecemo-nos das outras variadas funções que ocupam as mulheres na atualidade.

Quando perguntamos quais os papéis que nossos sujeitos desempenham, obtivemos as respostas seguintes.

Para Marcela, ela precisou dedicar-se ao curso profissionalizante, em tempo integral para conseguir finalizar a sua formação de cabeleireira:

[...] agora hoje não, hoje já melhorou porque todos trabalham, né os mais adulto foi crescendo hoje tem o seu emprego e eu conquistei né através do PAIF, né um sonho, né, de, de: fazer um curso profissionalizante que é o curso de cabeleireira e me tornei uma cabeleireira hoje, através desses cursos, de eu ser uma cabeleireira hoje mudou muita coisa né, na minha vida, na família. (Marcela)

Foi necessário investimento de tempo e dinheiro para sua formação, no sentido de conquistar o objetivo de sua vida, cuja profissão viria lhe dar certa autonomia financeira, bem como contribuir de forma significativa para a renda familiar.

Quando Marcela foi questionada sobre os papéis que desempenha na família ela pergunta se é para além do trabalho, fora de casa que ela realiza:

[...] que eu desempenho na minha família? Além contando o trabalho não? Ai hoje é assim, eu que tenho meu marido mais, quem tem sempre que tá na frente sou eu, né? É tomando conta da casa, do trabalho, tem que dividir um pouquinho pra cada.... pra cada coisa. (Marcela)

Ela fala do trabalho como cabeleireira, pois além de todo o serviço da casa e de ter cuidado dos filhos, acompanhando o crescimento dos mesmos, em nossos atendimentos junto à usuária verificamos que ela cuida dos netos e da mãe, destacando nesta fala que todos na família dividem um pouco de cada coisa nas atividades domésticas e de responsabilidades diversas. Ela enfatiza também que muitas vezes com relação às decisões do casal, precisou

tomar um posicionamento frente às questões familiares, fato este constatado, pelos acompanhamentos realizados por nós enquanto profissionais, durante alguns anos em atendimento à família.

Outra usuária, Meire, relata ser tudo para os filhos: *“Eu sou tudo né, sou pai, mãe e to sempre por dentro né, então é mais é eu mesmo”*.

Ela não trabalha fora de casa, mas com a perda dos companheiros, ela tornou-se a referência para os filhos. É ela quem os acompanha na escola, nas atividades complementares ao período escolar, em questões de saúde, na assistência dentária, na alimentação, e em todos os demais cuidados; além disso, Meire cuida de crianças de outras mulheres para que as mesmas possam trabalhar e esta atividade lhe permite receber e complementar a renda familiar que advém de pensão alimentícia, Programas Sociais e contribuição de sua família, dados provenientes do acompanhamento da mesma através do PAIF.

Outra entrevistada que fala sobre suas múltiplas funções, enquanto mulher é Maria Lúcia, que destaca:

Ah em primeiro lugar de pai e mãe, né? Pai e mãe e tudo mais, porque, tudo é eu que tenho que por a frente né? Então, hoje eu penso assim, meu papel sou mãe, pai, amiga, é companheira, porque tem hora que precisa de você puxar a rédea, tem hora que precisa de você puxar, né? Eu me sinto assim igual eu falo, eu me sinto uma heroína, uma vencedora num venci tudo ainda não, mas vô se Deus quiser, eu quero ver se eu vejo ao menos os dois pequenos rapaiz. (Maria Lúcia)

Ela enuncia tantos papéis que podemos ilustrar suas diversas funções, tais como: pai e mãe, amiga, companheira, e conforme já relatado anteriormente ela também é educadora; para finalizar, ela destaca suas lutas e vitórias, frente às condições adversas de sua vida, se nomeando e reconhecendo seus papéis enquanto heroína e vencedora, sendo que estes servem sempre de referência para seus filhos: *“Ah eu... eu acho que eu sou espelho pra eles né? Eu me sinto assim tudo eu né? Tudo, eu sou o pai, eu sou a mãe,,né, amiga né? [...]”*

Portanto, para Maria Lúcia não são apenas as múltiplas e variadas funções femininas que exerce que demonstram as novas exigências que se colocam para as mulheres na atualidade, mas principalmente ficam nela representadas muitas mulheres que, com garra e coragem vencem os desafios do mundo contemporâneo.

Também Dani, fala de seus papéis:

Olha são vários, né? É a gente fala que mulher num tem aquele tanto certinho, é dois é três. Hoje eu sou: **mulher, sou mãe, sou sogra, né?** Sou sogra também. Sou sogra, eu **sou uma dona de casa e sou a patroa da**

casa também. E o que tá faltando pra mim entre outros que não me lembro daqui a pouco, alguns anos aí eu vou ser vovó. (grifo nosso, Dani)

Dani elenca os múltiplos papéis por ela exercidos como os culturalmente atribuídos: mãe, mulher, sogra, dona de casa e patroa da casa, neste último, refere-se à mulher ser aquela que coordena tudo o que passa pela casa; em outra citação, ela bem disse que o homem é a cabeça e a mulher é o pescoço que sustenta a cabeça, onde o homem se reporta à mulher, para pedir opinião sobre tudo o que se faz necessário, dentro e até mesmo fora de casa.

Mas além destas funções e papéis, ela também é artesã: faz bijuterias, crochê, pinta panos de pratos e dá aulas de pintura em pano de prato para pessoas da comunidade, é manicure, cabeleireira e monitora de cabeleireiro, colaborando com seu instrutor em diversos eventos, além de ser uma artista, como ela própria se denomina, tendo até dado aulas de pintura em telas à uma aluna por três meses.

Somente aqui verificamos mais de dez papéis exercidos por Dani, constatando a diversidade de papéis que uma mulher pode exercer na sociedade contemporânea.

Para Jaqueline, não são diferentes as múltiplas funções:

Vendo pão de queijo, com certeza! Tenho os meus fregueses, e... Faço uma porcentagem aí .. pra uma padaria, uma colega minha, ela tem padaria, ela me convidou, se eu podia fazer pra ela levar lá, aí eu to fazendo, sabe? Tem minhas freguesa também, nossa mudou assim sabe?

Dos filhos eu participo de reunião na escola deles, é aqui em casa eu, eu fico muito junto com meu marido, em questão de negócio, de serviço, ele me dá palpite no meu serviço aqui em casa, eu dô palpite no serviço dele, quando é pra resolver um problema, nós dois resolve, entendeu.?

É..., como que é? Eu ajudo meu marido no serviço dele, eu pago as contas, eu ajudo a pagar as contas, vejo hoje que já é um papel que eu desem... [...] É desempenho aqui dentro, né? É como eh, eu.. eu faço muitas coisas assim que eu antes num fazia, é... Eu ajudo ele buscar carro numa, numa cidade diferente. [...] Eu dirijo desde 2000. [...] Então é aí, eu, eu vejo assim que eu sou o braço direito dele, vamo dizer assim, não querendo sabe? Sem muita modéstia, mas o braço direito dele, de verdade. [...] É, o que mais? Cozinhar, lavar roupas, que mais? Que eu faço com amor, que é muito bom você fazer as coisas com amor que sai tudo bonitinho, né? (Jaqueline)

Jaqueline demonstra que as suas atividades e funções exercidas são desde provedora da casa, colaborando com cinquenta por cento da renda familiar, conforme já analisado por nós na subcategoria referente ao espaço público de trabalho assumido pelas mulheres, passando também pela colaboração com o serviço do marido que é mecânico, até as atividades mais simples da casa que seriam as tradicionalmente atribuídas à mulher como: lavar, cozinhar e demais funções.

Para além destas funções ela também ajuda com entidade Pró-Vila na comunidade,

trabalhando voluntariamente, na distribuição de leite e com atividades que ajudam a entidade a se manter, como na venda de roscas, colabora também financeiramente com a mesma, quando necessário, fornecendo cestas de alimentos às famílias de baixa renda.

Também Marília, falando sobre os diversos papéis que exerce hoje fala que trabalha fora de casa, sendo a responsável, pelo atendimento na mesma entidade, Pró-Vila, porém ela na entidade desenvolve um trabalho remunerado, onde atende às pessoas de bairros periféricos de Franca, oferecendo ajuda material, disponibilizando oficinas de geração de renda e colabora na formação de Agentes Pastorais, juntamente com outras pessoas, além de trabalhar dentro de casa, cuidando do esposo e filhos.

Finalmente nossa última entrevistada Fernanda fala sobre seus papéis:

Pai e mãe [...]. Ah, eu sou pai e mãe, né. Psicóloga [...]. Médica e professora, conselheira, né, aconselho muito meus filhos, educadora, rapaz se eu ganhasse um salário, por cada coisa que eu sou, que maravilha, né? Eu desenvolvo muitos papéis dentro da... junto com os meus filhos, você sabe que casa, mas continua, sabe, quando tem os probleminhas é a mãe que procura, né? E eu sou amiga, quando tem de brincar eu brinco mesmo, sabe, nós brinca, conta piada, mas quando é pra puxar a orelha, eu puxo até das nora se for o caso, então eu desenvolvo vários papéis assim na minha família. (Fernanda)

Fernanda ressalta que se houvesse remuneração por cada papel desempenhado com certeza ela teria uma boa remuneração; aqui destacamos a força de produção do trabalho feminino gratuito para a reprodução do trabalho masculino e até mesmo familiar. Ela mesma destaca em sua fala que desempenha muitos, vários papéis dentro de sua família, embora não apareça nesta citação, ela ainda trabalha como costureira, profissão sobre a qual já analisamos anteriormente na subcategoria que traz o espaço público de trabalho assumido pelas mulheres, tendo sido este trabalho que deu sustentabilidade e a fez provedora de sua família, ocupação esta que lhe consome a maior parte do tempo e do dia.

Assim verificamos que todas as mulheres entrevistadas, não desempenham apenas a dupla jornada de trabalho, mas múltiplas funções com várias jornadas de trabalho, que na sociedade contemporânea parecem ainda mais ligadas ao feminino. Cabe-nos fazer a seguinte reflexão: será que a mulher na conquista de sua autonomia e emancipação adquiriu liberdade e igualdade ou uma escravidão subjacente ao gênero feminino, uma vez que nenhuma de suas atividades ou funções foram delegadas ao masculino? Será que a mulher incorporou-as, desresponsabilizando os homens, ainda mais de seus papéis cultural e socialmente atribuídos? Não seria necessário, frente às questões atuais, um redimensionamento de atribuições e funções?

3.3.2.4 *Papéis femininos equiparados a papéis masculinos na atualidade*

Muitas de nossas entrevistadas, ao falarem dos papéis femininos fizeram uma equiparação aos papéis masculinos, cultural e socialmente construídos, no sentido de realizarem as mesmas funções e enumeraram as diversas habilidades e funções consideradas masculinas, desempenhadas por muitas mulheres na atualidade.

Como foi observado e discutido nos grupos sócio-educativos do PAIF, com relação às profissões eminentemente elencadas como de predominância masculinas que são hoje exercidas por mulheres, foram apontadas: caminhoneiras, pedreiras, torneiras mecânicas, taxistas, dentre outras.

Destarte também entre nossas entrevistadas podemos observar tais equiparações de papéis masculinos e femininos.

As três entrevistadas cujas famílias constituem-se como monoparental feminina, apontam para o fato de exercerem ao mesmo tempo os dois papéis de pai e mãe, vejamos as falas de Meire, Maria Lúcia e Fernanda:

Eu sou tudo né, sou pai, mãe e to sempre por dentro né, então é mais é eu mesmo. [...] Aqui na minha casa, pai e mãe, e na minha família assim filha, né? Só... (Meire)

Ah, eu, eu acho que eu sou espelho pra eles né? Eu me sinto assim tudo eu né? Tudo, eu sou o pai eu sou a mãe, né, amiga né? Tudo é eu. Então eu me sinto assim, como diz o outro, as vezes eu oio no Mateus e fico muito brava né? (Maria Lucia)

Ah, em primeiro lugar de pai e mãe, né? Pai e mãe e tudo mais, porque, tudo é eu que tenho que por a frente né? Então hoje eu penso assim, meu papel sou mãe, pai, amiga, é... companheira, porque tem hora que precisa de você puxar a rédea, tem hora que precisa de você puxar né? [...] Igual eu já falei tudo, sou mãe, companheira, amiga, pai ao mesmo tempo, né? Eu sei que o papel de pai nunca preenche mais acho que eu falei. (Maria Lucia)

[...] principalmente no lar que a mãe faz os dois papel, de pai e de mãe, porque aí a preocupação é maior, porque tudo..., já na casa que tem o pai e a mãe, tudo o que acontece é a mãe, agora você imagina onde num tem, né? (Fernanda)

Hoje o meu papel eu sou pai e sou mãe, né, dentro de casa porque, eu que crio os meus filhos, os meus dois filhos, o pai sumiu também como o primeiro, e eu faço o possível com ajuda dos casados, [...] mas eu procuro dar pro meus filhos o melhor de mim, como mãe, né? Mas na mesma hora, eu tenho que lutar pra fazer a parte do pai, que é dá o alimento, dá o que vestir, dá o calçado [...] Pai e mãe. [...] Ah eu sou pai e mãe, né. Psicóloga. (Fernanda)

Aqui fizemos questão de trazer a fala das mulheres com constituição de famílias monoparental feminina, para darmos destaque à análise comum.

Todas elas elencam que exercem os papéis de pai e de mãe ao mesmo tempo,

reforçando os papéis clássicos atribuídos ao feminino e masculino, colocando o papel de pai, masculino, referente ao provedor em primeiro lugar; as três entrevistadas repetem duas ou mais vezes os dois papéis com a ênfase no masculino prioritariamente.

Em todas as falas observamos que este papel, embora elas não o tenham escolhido e que provavelmente a vida lhes atribuiu, conforme conversas antes e após as entrevistas, traz para elas um peso imenso de serem “provedoras” de suas famílias e terem que dar conta de tal função não é fácil para elas, mas mesmo assim assumiram respectivamente ambos os papéis e ambas as funções.

Fernanda ainda destaca que o papel de provedor masculino, encontra-se em crise:

Ah, no passado as mulheres não tinha preocupação com nada não, eu acho, ia tendo o filho lá, sabe o marido que tinha que por o pão de cada dia dentro de casa, ele era obrigado a por aquilo dentro de casa, o marido servia pra isso né, era autoridade máxima dentro de uma casa, né? [...]
Então eu acho assim que, acho que teria o valor num sei, por ter um homem, pra assumir as responsabilidade, [...]. Hoje em dia, mesmo que tenha o marido dentro de casa, ela tem as coisa dela pra fazer, tem as responsabilidade dela e hoje em dia..., homem nenhum assume uma casa sozinho, num existe, quem fala assim: “Ai meu marido põe de tudo dentro de casa”, é mentira, eu num conheço, porque sem a ajuda da mulher o homem hoje em dia ele não tem como ele vivê, não tem como ele precisa da mulher em todos os sentidos, porque, ah, eu acho assim, que no passado, aí eu não gostaria de ser mulher do passado não. (Fernanda)

Esta entrevistada fala que também os papéis masculinos estão mudando, não é mais o homem o único provedor, mesmo porque simultaneamente às transformações pelas quais estão passando a sociedade, as mulheres, ao assumirem o mercado de trabalho, também concorrem às mesmas vagas, no passado destinadas apenas aos homens, redimensionando os espaços públicos e privados, para ambos os sexos. Outro fator interessante é que os salários hoje tanto masculinos (proporcionalmente maiores que os femininos), quanto os femininos, não correspondem às atuais necessidades, para prover o sustento de uma família, exigindo que ambos dirijam-se ao mercado de trabalho.

No que se refere às profissões também podemos verificar nas entrevistas, aquelas que foram levantadas pelas mulheres, sujeito de nossa pesquisa, que se equiparariam as profissões no passado, predominantemente realizadas por homens.

Ao falar sobre os papéis da mulher no passado, Fernanda relata que a mesma não podia fazer coisa alguma, já na atualidade, vejamos:

Num podia fazer nada, né? Tem mulher taxista, tem mulher caminhoneira, eu acho chique, esses dia precisei pegar um taxi, a mulher tava dirigindo, eu podia ta no lugar dela, sabe? Coisa mais chique lá. Antigamente não, a

mulher era aquela coisa parada, ela era só a esposa, né, a mãe, era dentro de casa, lava, passa, cozinha, aquela coisa lá, né? (Fernanda)

Fernanda demonstra sua admiração pelas novas profissões assumidas pelas mulheres, relatando a reprodução dos trabalhos domésticos para mulheres do passado, muito embora como já constatamos, tais funções ainda prevalecem como responsabilidade feminina, mesmo com a divisão de tarefas no âmbito doméstico.

Pesquisas realizadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), sobre “Gênero, trabalho e família”, demonstram que atividades domésticas, ainda são pouco realizadas pelos homens:

Mas chega a ser surpreendente a discrepância em atividades consideradas mais domésticas e tipicamente femininas, que têm sido territórios praticamente inexplorados para os homens e assim parecem permanecer, como “lavar e passar roupa” e “cozinhar”, indicando quão tradicionais continuam a ser algumas dessas práticas. (ARAUJO; SCALON, 2005, p. 45).

Portanto observamos através da fala de Fernanda e da pesquisa uma contraposição de papéis, enquanto as mulheres vêm conquistando novos espaços de trabalho e representatividade, bem como até mesmo realização pessoal, os homens permanecem nas mesmas funções cultural e socialmente a eles atribuída, muitas vezes perdendo espaço no mercado de trabalho, mas em contrapartida, não assumem as responsabilidades domésticas, cuja função não lhes traz nenhum ganho material ou financeiro, senão que um ônus e mais trabalho a ser executado, trabalho doméstico este realizado gratuitamente pelas mulheres, para manutenção atual de ambas as forças de trabalho: feminino e masculino.

Jaqueline destaca o papel da mulher na política:

Hoje? Tá fácil, porque hoje a mulher pode tirar carta, antigamente não podia hoje a mulher pode até ser política, né? Entrar na política, num podia, agora pode, é então a mulher, ela evoluiu muito, na... na época de hoje, né? Então eu vejo assim, até a... a voz, como é que fala, a opinião da gente é mais ouvida [...] Né, antigamente não, hoje é mais, é totalmente, assim é bom ser mulher, as pessoas dá mais valor, no serviço da gente, dá mais valor numa opinião, tipo assim, vamos dizer, né? (Jaqueline)

Ela destaca os novos papéis femininos, hoje ampliados na representatividade das mulheres na política, ocupando diversos cargos de governo, que hoje podemos analisar como avanço o fato de termos uma mulher no cargo de presidenta de república.

Muitas dessas lutas foram encampadas no contexto da Revolução Francesa, onde ocorreu a participação ostensiva de várias mulheres, dentre elas Olympe de Gournay, autora

da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, que foi decapitada e as mulheres foram proibidas de realizar manifestações públicas.

A conquista pelo direito fundamental ao voto feminino, somente foi possível após árduas e ostensivas lutas, demonstrando o quanto a mentalidade machista imperou e ainda impera atualmente.

Apesar disso hoje as mulheres, ocupam lugares de destaque nos cenários políticos nacional e internacional.

Mas o importante a destacar na fala de nossos sujeitos de pesquisa, é tanto a representatividade de mulheres na política, quanto o direito de ir e vir e locomover-se como Jaqueline destaca: o fato das mulheres poderem tirar carta, sendo que ela mesma colabora com o esposo que é mecânico, indo buscar carros para consertos, em municípios vizinhos, bem como se utiliza do mesmo para poder trabalhar e melhorar suas condições de autonomia.

Jaqueline fala ainda, sobre o fato de a mulher poder expressar sua opinião, de poder falar e ser ouvida, sendo que a opinião feminina hoje é respeitada e tem valor, em contrapartida às mulheres do passado, que não falavam ou se expressavam; destinadas somente aos cuidados da casa, esposo e filhos (quando as mesmas, de classes mais abastadas não tinham escravas para cuidar destes últimos), a mulher não tinha o direito de estudar, não sabia escrever, não podia emitir opiniões, muito menos participar da vida pública, quanto mais tornar-se política, rastros da cultura machista, de dominação masculina sobre a feminina, ainda hoje reproduzida em muitas das relações de gênero.

Um aspecto importante a ser destacado na atualidade, apesar dos avanços que as mulheres realizaram, é ainda pequeno o número de mulheres ocupando funções políticas observa-se desigualdades de gênero no que se refere ao acesso aos cargos de mando no local de trabalho. De acordo com Puppim (apud STREY, 1997, p.25):

Verifica-se uma notável sub-representação de mulheres nos quadros de comando, conforme dados de 1991, nos 300 maiores grupos privados nacionais, somente 3,47% de mulheres ocupam cargos executivos de topo. O percentual cai para 0,94%, se consideradas as 40 maiores estatais brasileiras, e reduz-se para 0,48% entre as 40 maiores corporações estrangeiras.

Estas características prevalecem em empresas privadas, também no que se refere às mulheres acionistas e na seleção de profissionais do sexo feminino. A autora destaca uma importante exceção, ou seja na questão de trabalho feminino e masculino há uma elevada concentração de mulheres em altos cargos de funcionalismo público (federal, estadual e municipal), chamando a atenção para o fato de que a via de ingresso predominante nesse setor

é o concurso público o que limita a ação de critérios discriminatórios de gênero, no ato da seleção pessoal.

Finalmente, nossa pesquisa demonstra que as mulheres sujeitos de nossa pesquisa, têm a clara noção dos novos papéis e funções assumidos pelas mesmas e equiparam-se em caráter de igualdade e desempenho de funções com os homens.

Meire fala sobre a submissão das mulheres no passado em contraposição às mulheres do presente:

As mulher primeiro, elas batalho muito pra conseguir o que elas conseguiu hoje, só que elas perderam muita coisa também né? Elas agora não têm tempo muito pra si, tudo corrido né. E as mulher do passado vivia muito presa também, pelos maridos, elas era muito submissa e hoje não, hoje a mulher ela pode no geral fazer tudo o que um homem... ela também faz. (Meire)

Também para Dani e sua filha Paula, estes novos papéis lhes devolveram a possibilidade de exercerem com competência as mesmas funções e ou profissões masculinas:

[...] as mulheres, né em si, em si que ela luta pelos seus direitos e num tem essa coisa que o homem é mais do que a mulher, eu acho que é tudo igual, cada um tem o seu, o seu papel na sociedade, o mesmo que um homem pode fazer a mulher pode fazer, talvez pode fazer até muito melhor do que um homem, só isso (Dani)

E isso a gente vai mostrando a cada dia, né, a gente sabe, a gente tem a capacidade de fazer, de ter as mesmas profissões, ganhar até bem como os homens ganham hoje também, né? [...] é tem muita gente que fala é a gente tem que ser submissa ao marido, ao namorado, né? Eu não acho, a gente tem que ser igual, né? Isso que eu vou buscar, pra continuar assim, pra num ser humilhada na frente... num sei... Humilhada por amigos no trabalho, né? Que tem muita gente lá onde eu trabalho que... que fala: "Não eu tenho mais tempo de serviço, sou homem eu sou melhor", eu falo: "Eu num acho, eu sei coisas que eles não sabem, né?" Então a gente vai trocando experiência e nisso cresce juntos, né? É isso que eu acho. (Paula)

Aqui observamos uma consonância entre mãe e filha, tanto Dani como Paula dizem que as mulheres podem realizar as mesmas funções e atribuições que os homens, demonstrando aqui a equiparação de papéis de mulheres e homens na atualidade, bem como as possibilidades das mulheres galgarem novos espaços em igualdade, não tendo que submeterem-se à dominação masculina, muito embora no cotidiano, alguns amigos de trabalho ainda reproduzam tais relações.

Finalmente constatamos nas falas de Meire e Dani, anteriormente citadas, que o mesmo que os homens fazem as mulheres em geral podem fazer também, com o destaque para Dani, que fala que as mulheres podem fazer até muito melhor do que os homens. Aqui

verificamos algumas vezes as reproduções de dominação, neste caso de forma inversa, seria do feminino sobre o masculino, onde se subjugam as atribuições masculinas em detrimento das femininas nas quais as mulheres teriam destaque sobre os homens.

Acreditamos no entanto que nenhuma forma de dominação de gênero deva prevalecer, entre homens e mulheres, pois as novas relações a serem construídas, dentro de uma sociedade mais justa, requer uma igualdade e equidade nas relações não apenas de gênero, mas também de raça, etnia, dentre todas as demais.

Mulieris Dignitatem

“Imagem e Semelhança de Deus”, base imutável de toda a antropologia cristã.

*O que torna o homem e a mulher superiores a todos os demais seres criados
é sua capacidade racional.*

*As duas narrações da criação do homem e da mulher, contidas no Gênesis,
se complementam.*

*A mulher aparece como o outro “eu”, participante da mesma humanidade
e em igual dignidade.*

*O que torna o homem semelhante à Deus
é sua capacidade de ser livre, racionalizar e de amar.*

*O homem também não pode viver só, é um ser relacional, que só se realiza na
complementaridade do outro, prelúdio da comunhão trinitária divina.*

*Assim sendo, o homem e mulher, na “unidade dos dois”,
são chamados a viver em comunhão,
não só um ao lado do outro,
mas a existir reciprocamente um para o outro.*

*O homem e a mulher, portanto,
só se realizam quando fazem de suas existências
um dom de si para o outro.*

*Encíclica
João Paulo II*

CAPÍTULO 4 O PROTAGONISMO FEMININO: TRANSFORMANDO A HISTÓRIA

4.1 A luta das mulheres por sua emancipação no Brasil e no cenário internacional contribuindo para o processo histórico de transformação social.

Para compreendermos melhor o protagonismo das mulheres na sociedade contemporânea, gostaríamos de entender aqui um pouco mais o seu papel na sociedade brasileira e no cenário internacional, contribuindo no processo histórico de transformação social.

O movimento de mulheres, que ocorreu a partir de 1970, demonstra que as mesmas procuraram se organizar para enfrentar desafios pelos quais passava o país a partir dos processos de democratização e globalização (SOARES, 1998, p.33).

A presença das mulheres na década de 1970 foi imprescindível no cenário nacional. O movimento de mulheres aliado ao movimento feminista no Brasil¹⁶, demonstra que elas fizeram oposição ao regime militar, militando nos movimentos populares de oposição, na luta por justiça econômica, direitos sociais e democratização do país.

Para PRÁ (apud STREY, 1997), o feminismo reflete-se como teoria e como prática política. Posturas de defesa de uma sociedade justa e de igualdade social são características básicas do pensamento feminista.

Este potencial de organização do feminismo está também muito ligado à sua capacidade de realização de ações políticas, frutos de intensa mobilização sócio-política, que teve lugar em diferentes partes do mundo.

Ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980 no Brasil, em países da América Latina, nos Estados Unidos e na Europa, as mulheres exiladas pela ditadura militar desempenham importante papel de destaque, frente às diversas lutas sócio-políticas. Frente à situação de exílio, muitas foram completar seus estudos no exterior, onde passaram a integrar grupos de estudos sobre a mulher.

A expansão da temática, sobre a mulher em busca de legitimidade junto ao espaço acadêmico, provoca um aumento considerável do número de trabalhos de conclusão de curso,

¹⁶ O conceito de feminismo aqui utilizado parte do princípio de que o feminismo é a ação política das mulheres. Engloba teoria, prática, ética e toma as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo. Feminismo que se expressa em ações coletivas, individuais e existenciais, na arte, na teoria e na política. Definição segundo Soares, 1998, p.33 – Mulher e política: gênero e feminismo no partido dos trabalhadores, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.

dissertações de mestrado e teses de doutorado, enfocando a mulher como sujeito de estudo.

As mulheres no Brasil, sempre estiveram presentes nas lutas e nos movimentos sociais. Desde os anos 60, elas vêm contribuindo para o processo de mudanças, frente aos regimes políticos, e segundo Soares (apud ALVAREZ, 1998, p.34) “[...] as mulheres compuseram a coluna vertebral de muitas organizações da sociedade civil e partidos políticos de oposição que com êxito desafiaram regras autoritárias durante os anos 70 e início dos 80.”

As mulheres deslocam-se do cotidiano da vida doméstica, para lutar contra a carestia (altos custos de vida), pela anistia política, por creches em busca de efetivação de direitos sociais e, posteriormente, entraram nas lutas pela conquista do voto e pelo direito à educação. Criaram associações e sindicatos, reivindicando espaços de inserção social, tendo entrado no cenário político do país definitivamente.

O ano de 1975 foi marcado por lutas de grupos feministas cujas vozes os grupos militares tentaram silenciar, porém a década de 1970 foi designada como a década da Mulher pelas Nações Unidas, que ajudou a legitimar as demandas de igualdade entre homens e mulheres (SOARES, 1998, p.37).

Os primeiros grupos de feministas no Brasil surgiram na década de 1970 lutando por anistia e abertura democrática, traziam em seu bojo uma luta igualitária também contra a opressão entre os sexos e opressão de classes sociais. As lutas foram iniciadas nos bairros e comunidades de periferia urbana, contavam com o apoio de mulheres que participavam de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), movimento apoiado pela Igreja Católica, também contavam com grupos de mães, associações de vizinhança onde as mulheres se reuniam para tratar de questões cotidianas, tendo sido consolidados por mulheres que mantinham laços de solidariedade entre si. Organizavam-se em fóruns de mulheres, participavam de protestos públicos contra discriminações de sexo, raça, etnia, dentre outros.

Os grupos de vizinhanças nas periferias levaram as mulheres a lutas expressivas como lutas por centros de saúde, infra-estrutura, escolas, moradias, creches e principalmente contra o alto custo de vida e anistia política, dentre outras lutas.

Sindicatos também passaram a se tornar espaços de militância para as mulheres trabalhadoras.

Alguns avanços puderam ser observados no que se refere às legislações brasileiras acompanham os movimentos de lutas e de resistência das mulheres frente ao domínio e limitações de seus papéis sociais. A Legislação de 1943 trazia a possibilidade de trabalho fora de casa para a mulher, mesmo sem a autorização do marido, se o mesmo não conseguisse prover os meios necessários para sua sobrevivência ou dos filhos.

A Constituição de 1988 contribuiu para a eliminação dos mecanismos que geravam discriminações, tais como: mulheres casadas com filhos eram rejeitadas por certas indústrias; havia em certas indústrias, no momento da seleção, a exigência de um atestado de esterilização para as mulheres, outras exigiam exames de gravidez antes dos contratos serem firmados e caso fosse positivado, esse poderia ser fator de rejeição e discriminação da mulher nos postos de trabalho; as questões referentes à maternidade e amamentação dos filhos, também geravam grande discriminação contra as mulheres, dentre outros fatores. Trata-se da Constituição que torna obrigatória a licença maternidade, prevê a oferta de creches em locais que existem mães/ mulheres trabalhando, e proíbe horas extras de trabalho noturno para as mulheres.

No Brasil e em vários países, as mulheres se fizeram e se fazem visíveis por meio de uma multiplicidade de expressões organizativas, uma infinidade de reivindicações e formas de lutas (SOARES, 1998, p.38). Ainda, segundo Soares (1998, p.40), verificamos o protagonismo das mulheres brasileiras, incluindo as de baixa renda.

Assim as mulheres pobres, a partir da ação política para melhorar suas vidas e de seus familiares, se redefiniam para si mesmas como legítimas atrizes públicas e modificavam as normas tradicionais que limitam a mulher ao âmbito privado do lar.

Na década de 1990, os movimentos sociais de mulheres avançam na busca de incorporar reivindicações no que se referem a políticas públicas, que remetem as questões de lutas pela igualdade de direitos; o tema “mulher” passa a fazer parte de programas de governo e plataformas de partidos progressistas.

Os Conselhos dos Direitos das Mulheres foram criados nos diversos níveis: nacional, estadual e municipal, tendo como proposta a deliberação de políticas públicas que visavam então o combate as desigualdades contra mulheres.

Feministas brasileiras, ainda na década de 1990, participam ativamente dos fóruns políticos internacionais, tais como o ciclo de Conferências Mundiais das Nações Unidas iniciado em 1992, com a Conferência do Rio de Janeiro, sobre Desenvolvimento e Meio Ambientes (ECO-92). Em Viena várias organizações de mulheres trabalharam na preparação da Conferência sobre Direitos Humanos. Em 1994, houve a articulação de um grande número de mulheres, por meio da Rede Nacional Feminista de Saúde e de Direitos Reprodutivos, nos preparativos da Conferência do Cairo sobre Desenvolvimento e População. Marcaram também sua participação ativa em 1995, na IV Conferência Mundial das Mulheres (SOARES, 1998, p.46-47).

A luta frente aos movimentos sociais com o apoio do feminismo no Brasil avança

em ações que combatam a violência contra mulheres, ações propositivas relacionadas à saúde da mulher, sexualidade feminina, combate à discriminação racial, discriminação por gênero e classe social, numa discussão ampliada contra a exclusão das mulheres nos movimentos sociais.

Também no cenário internacional as mulheres desempenharam importante papel histórico.

Dentro do contexto da Revolução Francesa (1789), verificava-se, uma participação ostensiva por parte das mulheres. Ocorreu, no entanto, a decapitação de várias mulheres, entre elas a de Olympe de Gouges, autora da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e posteriormente as mulheres foram proibidas de toda e qualquer manifestação pública. Em contraposição, nessa ocasião começam a ser repensados os pressupostos da democracia, da cidadania civil e de tantas outras questões em defesa dos direitos do homem e do cidadão, momento em que as mulheres vão ser efetivamente excluídas da esfera pública, porém as mesmas não pararam ali e ao longo da história vem avançado na luta pelos seus direitos.

Um exemplo do impacto causado na época pela mobilização das mulheres pode ser identificado através do dicionário de língua francesa *Robert* que em 1837, já tem o registro do vocabulário feminismo, definindo-se como “[...] uma doutrina que preconiza a ampliação dos direitos e do papel da mulher na sociedade”. (MICHEL, 1982, p.7)

Verificamos as mulheres trazendo para a agenda política, através dos movimentos sociais, lutas pela qualidade de vida, pelo direito reprodutivo e direito à saúde, por políticas efetivas de cuidado às crianças, como creches e escolas de qualidade, bem como lutas contra a discriminação racial, discriminação no trabalho e emprego, discriminação de gênero, políticas de combate à pobreza, combate à violência contra a mulher, exploração sexual, questões de raça, credo, etnias, dentre tantas lutas que abarcaram as mulheres.

Assim podemos dizer que as “mulheres”, fizeram e fazem a diferença no processo de democratização nacional/ internacional, a partir das reivindicações e lutas por direitos mais igualitários e humanitários.

Dentre tantos avanços no cenário nacional e internacional, elas vêm despontando na construção e consolidação deste sujeito histórico que sai da invisibilidade feminina, para assumir um protagonismo, ocupando um papel imprescindível na história, na política e na sociedade.

4.2 Os papéis principais da mulher, sob a ótica dos sujeitos participantes da pesquisa

Dentre os papéis que as mulheres integrantes de nossa pesquisa desempenham, foram apontados como os mais importantes:

- 1- Ser mãe - maternagem
- 2- Ser cuidadora
- 3- Papel provedor masculino sobrepondo-se ao feminino
- 4- Mulher provedora – autonomia financeira

4.2.1 Ser mãe – maternagem

O papel mais importante apontado por três mulheres de nosso grupo de pesquisa foi o de serem mães.

A centralidade da maternidade está intimamente ligada à construção da identidade feminina. Podemos verificar tais tendências a seguir também nas pesquisas da FAPERJ, sobre gênero trabalho e família:

A tabela 2 dá continuidade ao tema anterior (conciliação trabalho externo e cuidados com filhos), procurando verificar como a vida profissional das mulheres é condicionada pela maternidade. Vale notar que, nos itens anteriores, *o que estava em foco era o lugar do trabalho na realização individual e a conciliação possível*. Nesse caso, tenta-se verificar *a intensidade desse condicionamento pelo casamento e, sobretudo, pelos filhos*. A centralidade da maternidade é mais uma vez revelada. A construção de outra identidade feminina ainda parece estar condicionada a esse lugar materno, especialmente quando relacionado com a fase em que os filhos são pequenos. Para os homens, porém, além do exercício da maternidade, o lugar de “esposa” também continua muito relevante [...] (grifo dado pelas autoras, CELI; CLARA, 2005, p. 30 e 31)

Para os homens não apenas a maternidade está relacionada à mulher, mas também o papel da esposa, exigindo-se assim da mulher uma multiplicidade de funções e novas atribuições que lhes são cobradas frente à sociedade contemporânea.

Esta função não apenas biológica, de conceber, gerar e nutrir os filhos desdobra-se em outras funções culturalmente atribuídas à mulher, como as funções de cuidar (dos filhos, esposos, idosos e outros membros da família), educar, realizar trabalhos domésticos: lavar, passar, cozinhar, limpar, organizar a casa, dentre outras.

Em nossa pesquisa foram elencadas diversas atribuições que atualmente também são

realizadas por mulheres, como os papéis de provedora, amiga, companheira, “psicóloga”, “médica”, “agente pastoral”, além de destacadas as profissões eminentemente masculinas, exercidas por mulheres, como caminhoneiras, taxistas, motoristas, políticas, dentre tantas outras nos grupos do PAIF, mas prioritariamente, a função mais importante para as mulheres entrevistadas e também observadas nos grupos, foi a maternidade, o papel de ser mãe.

Verifiquemos na fala de nossas entrevistadas, o destaque a esta importante função para as mulheres de nossa pesquisa.

Maria Lúcia relata seu papel mais importante:

Ah de Mãe... é porque [...] Uai porque..., eles sempre depende da gente né? Tá sempre precisando, né? E é toda hora, né? Mãe num sei o que, mãe, mãe, a eu acho que é o de **mãe**, porque eu acho que se eu tivesse abandonado o barco, eles ia fala assim, mãe.. é... posso fazer isso, posso fazer aquilo? A mãe pega aquilo pra mim, então **eu acho que é o papel de mãe** (grifo nosso, Maria Lúcia)

Ela na entrevista inicialmente colocou a dificuldade de exercer simultaneamente as funções de ser pai e mãe, tendo que tomar frente em todas as decisões a serem tomadas em sua família, ao refletir sobre o mais importante dos papéis, ela destaca seu papel de mãe, principalmente nas relações estabelecidas com os filhos que necessitam, segundo ela, de sua presença para tudo, nas tomadas de decisão, nas questões cotidianas e, principalmente, destaca tal papel, frente às adversidades enfrentadas, quando precisou decidir se permanecia ao lado dos filhos, mesmo frente às agressões do ex-marido, e ela decidiu-se por sua família, por seus filhos.

Dani compara a maternidade a uma dádiva divina:

Ser mãe. [...] **Ser mãe**. Porque marido... é bom,né? É... filho, cê ser filha também, num to falando, que é ser filha é bom também, mas **ser mãe é uma dádiva de, de Deus** que num é pra qualquer um e num é qualquer ... e ser mãe num é pôr no mundo, isso aí qualquer pessoa..., qualquer mulher tem capacidade, mas criar é,é vê aquele, lá pequinininho, aquele rostinho assim que num sabe nem fala ainda mas que pelos olhos o jeitinho cê sabe, cê tá te pedindo um socorro, tá te pedindo alimento, carinho, que muitos hoje infelizmente só sabe pô no mundo e deixá pra avó cuidá. Isso quando num interrompe essa fase tão linda né, que é ser mãe, que é, é tirar a vontade de Deus de vim mais um ser no mundo aí, interromper o trajeto da vida aí, né, eu acho que é isso.(grifo nosso, Dani)

Ela fala sobre a maternidade como algo que transcende a mulher, como dádiva de Deus; elege aqui valores intrínsecos religiosos, de defesa à vida da criança e não apenas ao direito da mulher, pois a criança não tem quem a defenda. Ela alia a função materna às

funções de criar, cuidar e alimentar, como já discorremos anteriormente, demonstrando que, para muitas de nossas entrevistadas e para muitas mulheres do grupo PAIF, o papel da mulher equipara-se ao papel da mãe.

Assim também para Fernanda, a maternidade é a coisa mais importante em sua vida: *“O mais importante pra mim? [...]... (silêncio) Ah eu acho que o mais importante é ser mãe. Ser mãe pra mim foi a coisa mais importante da minha vida. Ser mãe dos sete”*.(grifo nosso)

Ela relata sobre a filha mais nova que é adotada: *“Tem a Bárbara, até eu não gosto muito de comentar com as pessoas não, mas a Bárbara foi um presente de Deus, porque na hora que eu tava passando por mais dificuldade, que esse outro marido meu tinha me deixado, [...]”*

Segundo Fernanda quando ela foi visitar o pai que tinha tido um derrame, uma mulher na estação de trem pediu para que a mesma segurasse a criança para ela, e não voltou para buscá-la:

[...] a mulher pegou e disse: ”Segura pra mim, só enquanto eu entro no banheiro”. Eu já segurei, já olhei naquela carinha, daquela coisinha, lá eu levantei o rosto pra procurar a mulher, cadê? Ali eu fui em tudo quanto é lugar pra entregar ela, ela chorava muito, juiz é assim, ninguém queria, ninguém assumia, né. Então eu assumi aquela vidinha minha, minha filha que Deus me deu de presente na pior situação da minha vida, mas que foi uma benção tão grande na minha vida, que é até hoje, né? Ela pra nós, é a coisa mais importante da minha vida, os outros fala assim: “Não, mas você gosta de sofrer, você já criou cinco sozinha, tem um doente, e ainda cata uma pra adotar?” Gente mas se Deus me deu, né? Hoje ela tá com onze anos, ela sabe que é adotada, mas ela fala assim pra mim: “Ai, num tem problema nenhum de eu ser adotada, eu num saí da sua barriga, mas eu sei que você me ama de coração, né? Me ama de coração...” Eu amo demais a minha filha, não tem diferença [...] (Fernanda)

Ela relatou que ao ir para o Ceará visitar seu pai que estava doente, esta mulher teria colocado em seus braços a filha caçula, Bárbara, uma menina, ela tinha somente filhos do sexo masculino. Profissionais que acompanharam Fernanda anos atrás, relatam que a mesma já desejava muito adotar uma menina. Assim, aliada ao seu desejo de ser mãe de uma menina, ela conseguiu adotar sua filha caçula, atualmente com onze anos.

Nossa entrevistada demonstra muita garra, em meio às diversas lutas travadas, quer sejam na manutenção, subsistência e provisão dos cinco filhos pequenos do primeiro casamento, quer na disponibilidade de cuidar do outro filho doente Diego, mesmo quando Bárbara chegou à sua família, em meio a muitas dificuldades, ela se sentiu realizada em seu papel de mãe, tendo o desenvolvido com intenso desempenho. Ela trabalhou em várias

profissões como: sapateira, costureira, diarista, dentre outras, para garantir não apenas seu papel materno, mas também o de provedora de sua família.

Fernanda destaca que a coisa mais importante de sua vida foi ser mãe de seus sete filhos, mesmo em meio às adversidades.

4.2.2 Ser cuidadora

Para as mulheres, a feminização da atividade de cuidar aparece como que “naturalmente” constitutiva do gênero feminino. Muitas vezes, na dinâmica da vida social, são atribuídas funções de cuidado para as mulheres tanto nos espaços públicos como privados, no que se refere às atividades de atenção destinadas às crianças, aos enfermos e aos idosos, algumas vezes suprindo um déficit ou mesmo a inexistência de políticas públicas especializadas, para estes seguimentos em destaque.

Vejamos o que Araújo e Scalon (2005, p.22) destacam como cuidado:

Entende-se por cuidado [...] a provisão diária de atenção social, física, psíquica e emocional às pessoas. Este, assim como as responsabilidades familiares, ao ser atribuído exclusivamente as mulheres, prejudica-as e tem conseqüências no desenvolvimento de sua cidadania social.¹⁷ A incorporação desse conceito permite resgatar um aspecto importante da dimensão das relações sociais cotidianas que ocorrem no espaço doméstico, mas que ultrapassam um enfoque centrado apenas na idéia de atividades mecânicas e tarefas: *a construção subjetiva das emoções, do afeto e da solidariedade como parte constitutiva das interações humanas*. Essa prática, ao ser socialmente construído e imputado como “responsabilidade” ou naturalizada como atributo feminino, se enfraquece como processo social e também onera as mulheres. Ou seja, a forma de viabilizar *o cuidado* nos âmbitos público e privado, numa dinâmica de tempo cada vez mais marcada por imperativos econômicos, afetam a vida dos homens, mas, sobretudo a das mulheres. (grifo das autoras)

Aqui verificamos que o cuidado atribuído como atividade da vida social feminina, imputa às mulheres maiores atenções e responsabilidades para com seus familiares, filhos, cônjuges, idosos e mesmo aos doentes, sendo mais uma das atividades nas duplas ou múltiplas jornadas de trabalho da mulher, muito mais na sociedade contemporânea, onde as mulheres são chamadas também para a função de co-responsabilidade com as despesas financeiras das famílias, quando não são as únicas provedoras das mesmas.

Destarte verificamos também entre nossas entrevistadas, a naturalização das funções

¹⁷ Aguirre e Fassler (1997), apud Bathyany (2000); Duran (2000).

do cuidado para com seus familiares, sendo apontado para duas delas, como sendo o papel mais importante que desempenham em suas famílias.

Marcela divide-se entre o cuidado com os filhos e o trabalho: *“O mais importante? É assim, é cuidar dos meus filhos e meu trabalho, que eu acho o mais importante, que eu acho mais importante.”* (Marcela)

No caso de Marcela, não podemos nos esquecer que somente foi possível a ela dedicar-se ao curso profissionalizante como cabeleireira, após os filhos terem crescido, tendo apontado como dificuldades do passado, que apenas o marido trabalhava e que o casal e a família passaram por muitas dificuldades financeiras. Foi ainda ela que apontou que ser família é estar junto dos filhos, acompanhando o crescimento dos mesmos e ver a união entre pais e filhos, percebendo-se aqui que os cuidados destinados à família ocupam espaço prioritário e “naturalizado” como atribuição feminina para Marcela e outras de nossas entrevistadas.

Porém, as conquistas realizadas por Marcela apontam também para a importância do trabalho, atualmente como cabeleireira.

Não são poucas as mulheres que abandonam, muitas vezes, a carreira ou mesmo a profissão para poderem ficar em casa e dedicarem-se exclusivamente aos cuidados dos filhos, esposo e da casa, quando isto lhes é possível, pois como já apontamos, um grande desafio posto às mães provedoras, é que estas têm que desdobrarem-se em funções, papéis e atividades, para poderem dar conta dos múltiplos papéis impostos pela sociedade contemporânea.

Também para Marília, que trabalha fora e já tem os filhos adultos, o cuidado foi apontado como papel mais importante em sua vida familiar:

O papel mais importante hoje a gente trabalha fora né, trabalha dentro de casa, é cuida de casa, cuida do esposo dos filhos e ainda trabalha fora também. [...] Ai de cuidar deles, né? [...] De educar, dar atenção [...] Pausa, Silêncio... No meu trabalho?... É de ouvir as pessoas. (Marília)

Para ela o cuidado é um papel que se exerce por toda a vida, mesmo trabalhando fora e prestando um serviço fundamental à comunidade; no seu trabalho destaca a importância de ouvir as pessoas, o que está intimamente ligado a cuidar e dar atenção.

André, esposo de Marília, fala sobre a forma como a mesma cuida de todos:

Bom, a minha esposa pra mim ela é... é como se diz... eu posso dizer ela é pra mim, a minha base de tudo, né? Porque sem ela eu não seria a pessoa que eu sou hoje, é.. é uma esposa que sabe ouvi, dedicada, é uma esposa que

trabalha e uma excelente mãe, né, e ela foi desde, com as criança pequena e até hoje não me dá nenhuma preocupação com os filhos de querê fazer as coisa da melhor maneira possível, né e... [...]

[...] Bom, o que ela faz para a família? Eu acredito que é a compreensão e o amor com todos, que ela, dedica né? A gente percebe que ela dedica a todos de coração, de corpo e alma, né assim sem, sem distinção, né, os filhos são iguais, o mesmo tratamento, então como esposa e também mãe então, o que ela faz e o que ela dedica, ela dedica com todo o amor possível [...] (André)

Ele fala da dedicação de Marília, em seus papéis de mãe e esposa e dos cuidados dispensados à família o quanto é importante para todos, assim o cuidar naturaliza-se dentre as atividades exercidas pela mulher em sua casa e em seu espaço público de trabalho, como extensão do feminino.

Também para Mateus, filho de Maria Lúcia em suas poucas palavras para referir-se a mãe, expressa a importância desse papel para com os irmãos: “[...] *Olhar os meus irmãozinho, é importante isso aí também.*” Ele falou, noutro momento, sobre os papéis femininos como o cuidar e arrumar a casa de forma muito natural; trata-se do ideológico permeando as relações domésticas atribuídas as mulheres.

4.2.3 Papel de provedor masculino sobrepondo-se ao feminino.

Dentre os papéis exercidos pelas mulheres, foi apontado ainda como um dos mais importantes o fato de exercerem as duas funções simultaneamente: de ser pai e mãe.

Sendo interessante observar, que quanto às mulheres falam sobre ambos os papéis, o papel de pai (significando também o de provedor) apareceu em primeiro lugar, em detrimento do papel feminino da mãe, estes aparecem em destaque, principalmente nas famílias monoparentais femininas.

Verifiquemos como tem mudado as funções de provisão na família e a redefinição de papéis, a partir da segunda metade do século XX, segundo Oliveira (2005, p.123):

O modelo de família que se baseia nos papéis de homem/provedor e mulher/dona-de-casa em tempo integral experimentou um declínio significativo ao longo da segunda metade do século XX. Essa tendência é encontrada tanto nos países do capitalismo central quanto nos países de sua periferia. Nos Estados Unidos, por exemplo, apenas uma quarta parte dos domicílios correspondia a esse modelo familiar em 1990.¹⁸ O declínio deste padrão familiar reflete as profundas transformações que ocorreram na esfera do privado, das relações de gênero e da intimidade, com repercussões na

¹⁸ Castells (1999)

condição feminina.¹⁹ Essas transformações guardam, por sua vez, estreita associação com as mudanças geradas pelo processo de reorganização do capitalismo em escala mundial.

Frente à redefinição de papéis sociais, econômico e culturais as mulheres, na sociedade atual, passam a ocupar os espaços públicos em detrimento dos privados, e como já apontamos dentre nossas entrevistadas, frente à própria imposição de provisão familiar para suas famílias predominantemente monoparentais femininas, estas passam a ocupar o duplo papel de provedoras de suas famílias em complementaridade ao seu papel de mãe.

Podemos verificar nos relatos de Meire e Maria Lúcia, as duplas funções por elas realizadas, destacando-se o papel de pai em primeiro lugar. Inicialmente, Meire relata sobre os papéis exercidos dentro de sua família: *“Hoje, dentro da minha família? ‘Aqui na minha casa, pai e mãe, e na minha família assim filha, né? Só.’* Quando perguntamos a ela qual o mais importante dentre todos os papéis que desempenha ela fala: *“De ser pai e mãe.”* Anteriormente havíamos pedido à mesma que falasse um pouco sobre ela, onde a mesma destacou: *“Eu sou tudo né, sou pai, mãe e to sempre por dentro né, então é mais é eu mesmo.”*

Aqui podemos observar a grande responsabilidade de poder prover as necessidades da família para Meire, que é mãe de sete filhos atualmente (na época da entrevista estava para dar a luz ao seu sétimo filho). Quando ela fala de ser pai, primeiramente e depois mãe, ela também relata as dificuldades de estar sozinha, tendo não apenas que prover como também tomar todas as decisões no que se refere aos cuidados, educação e provisão dos filhos, não havendo ninguém junto com ela para tomada de tais decisões.

Em outro momento, ela também declara que dentre os seus objetivos principais estaria o de aguardar a chegada do filho que viria e de poder casar-se. Meire como poetiza passou pelo rompimento de dois relacionamentos, conforme consta em sua entrevista traz consigo não apenas a visão do amor “romântico”, ao querer tratar de seu casamento como objetivo, mas também o fato de poder ter alguém com quem contar no que se refere aos filhos, à vida afetiva e à provisão dos mesmos, visto que os dois últimos filhos são do novo companheiro, com o qual ela se relaciona muito bem.

Quanto a Maria Lúcia, ao perguntarmos quem é ela dentro da família, a mesma responde: *“Ah eu, eu acho que eu sou espelho pra eles né? Eu me sinto assim tudo eu né? Tudo, eu sou o pai eu sou a mãe, né, amiga, né? Tudo é eu. Então eu me sinto assim, como diz o outro, as vezes eu oio no Mateus e fico muito brava né?”*

Ao perguntarmos, sobre quais os papéis que ela tem na família, a resposta é

¹⁹ Giddens (2000)

praticamente a mesma, colocando o papel de pai (provedor) em primeiro lugar: *“Ah em primeiro lugar de pai e mãe, né? Pai e mãe e tudo mais, porque, tudo é eu que tenho que por a frente né? Então hoje eu penso assim, meu papel sou mãe pai amiga, é companheira, porque tem hora que precisa de você puxar a rédea, tem hora que precisa de você puxar né?”*

A ênfase no papel de masculino, de pai (provedor) demonstra que no caso de ambas, cuja família tem a configuração monoparental, esta responsabilidade é a que mais pesa, uma vez que não tem o companheiro para compartilhar as responsabilidades de manutenção e educação da família.

Assim percebemos que as mulheres vêm desempenhando diferentes profissões e novas funções, consideradas predominantemente masculinas, equiparando papéis com os homens nesta nova divisão social de trabalho na atualidade.

No contexto atual das relações familiares, as mudanças ocorridas no papel da mulher trazem redefinições ao papel masculino; as transformações no mundo do trabalho, no qual as mulheres já se encontravam em empregos informais, trouxeram aos homens um redimensionamento de seus postos de trabalho: também informais, como as mulheres.

Os homens têm dificuldades em manter seu clássico papel de provedor da família, o que provoca revolta, pois é uma alteração ancorada em crenças muito arraigadas.

4.2.4 Mulher provedora – autonomia financeira

Aqui percebemos mudanças presentes da sociedade atual, onde as mulheres, ao conquistarem o mercado de trabalho formal e/ou informal, fator importante para as mesmas, ao obter a própria renda, vêm contribuindo para o pagamento de despesas da família ou mesmo enquanto chefes de família, “provedoras” são responsáveis pelo sustento da mesma.

Pesquisas realizadas pelo ISSP (Internacional Social Survey Program) de investigação e de criação de banco de dados, analisadas por Cappellin (2005, p.253-254), demonstram a importância do emprego para as mulheres. Quando questionadas sobre a frase “Ter um emprego é a melhor maneira de uma mulher se tornar independente”, foi verificado que:

No caso das mulheres, 92% concordam com essa afirmação, enquanto que apenas 6% discordam.²⁰

A maior adesão a essa afirmação aproxima as mulheres dos grandes centros urbanos (95%) das residentes nos pequenos centros urbanos (93%). O consenso entre elas é marcado pela pouca discordância em relação ao tema.

Aqui verificamos a importância do emprego, trabalho ou atividade remunerada para as mulheres com relação à sua autonomia e independência. Ao analisarmos a mesma pesquisa com relação aos homens, estes também concordam em menor proporção, mas desde que este trabalho ou emprego não interfira no papel da mulher de poder também cuidar da casa e dos filhos, principalmente quando os mesmos são pequenos. Nos centros urbanos de menor porte onde a pesquisa foi realizada, os homens demonstram uma maior posição conservadora no que se refere à mulher preferir ter filhos e um lar, embora seja bom trabalhar.

Nossa pesquisa também demonstra a importância da maternidade no mundo feminino, como o papel de cuidadora da mulher. Entre as respostas de nossas entrevistadas, também não deixou de aparecer como o papel mais importante desempenhado por uma delas, o papel de provedora em 50 % da renda familiar, foi o caso de Jaqueline:

Que eu faço? De vender o meu pão de queijo. (risos) [...] O mais importante, porque é daí que eu , tiro éhh... Vamo dizer assim Regina. O meu marido ajuda só que, é 50% meu e 50% dele, mas eu acho que o mais importante, é quando as minhas filhas me pedem uma bolacha, e eu tenho o dinheiro pra ir lá comprar.., é por isso que eu acho, o mais importante, que eu vender, eu, eu, tê a minha renda. (Jaqueline)

Para ela, que passou por tantas privações, conforme já analisado anteriormente, onde a instabilidade do emprego do marido impedia a família de ter aquisições básicas e fundamentais, como alimentação, móveis e vestuário, o fato de ter descoberto e investido uma atividade de renda, que é a venda de pães de queijo, lhe proporcionou o amparo material, podendo contribuir com a metade da renda familiar, que somada a atividade e renda do marido como mecânico, possibilitou ao casal, regularizar a situação financeira, bem como a compra do carro e o planejamento de financiamento para a casa própria.

Na pesquisa desenvolvida por Cappellin (2005, p.251) também aparece este fator:

A pergunta “*Em um casal, o sr(a) acha que seria melhor o homem ganhar mais dinheiro do que a mulher?*” (questão 59) pretende averiguar até que ponto as imagens de gênero quebram essa tradição. A barreira entre a

²⁰ A idéia de que a presença da mulher no mercado de trabalho é um sinal de maior independência é uma referência clássica. Em apoio a essa percepção, é interessante oferecer alguns subsídios de outras pesquisas de opinião. No estudo da FPA - Fundação Perseu Abramo (2001: 24, pergunta 6), ao responder a pergunta “*quais são as piores coisas para uma mulher*”, as entrevistadas, em nível nacional, registraram a discriminação no mundo do trabalho como uma das coisas importantes (14%), sobretudo nos grandes centros urbanos (16%)

perspectiva do homem provedor e da mulher rainha do lar pode influenciar na opinião dos entrevistados. Numa primeira visão panorâmica dos 2 mil questionários, com relação a renda ideal, 46% dos homens e 56% das mulheres defenderam a idéia de uma “renda ideal” igualitária para o casal. (grifo da autora)

Destarte verificamos que na atualidade existe um “ideário”, ainda não conquistado, de igualdade de remuneração para ambos os gêneros, porém a realidade aponta que as mulheres ainda recebem salários menores, em funções ou cargos equivalentes aos dos homens. Ainda na mesma pesquisa verificamos que se espera da mulher, que a mesma deva contribuir para a renda familiar:

A tradição que resiste a admitir a possibilidade de a mulher conciliar atividades extradomésticas com a responsabilidade familiar pode ser avaliada mais detalhadamente quando se solicita outra opinião: “*Ambos, homens e mulheres, devem contribuir para a renda familiar*” (questão 58h). A formulação da afirmação deixa transparecer a importância do viés econômico da colaboração feminina para a composição do orçamento doméstico. Nesse quesito, todos concordam com a possibilidade dessa colaboração (92% dos homens e 94% das mulheres). Essa homogeneidade não surpreende. A pergunta, tal como está formulada, não menciona o vínculo, nem o tempo de dedicação, menos ainda o local em que serão executadas as atividades geradoras de renda. Isso sem dúvida facilita a ampla concordância entre homens e mulheres. (CAPPELLIN, 2005, p.256)

Tal pesquisa aponta que ambos devem contribuir para a renda familiar, não deixando a mulher de exercer os seus papéis tradicionais, como os de cuidar da casa e filhos.

Uma de nossas entrevistadas Fernanda, cita a questão da contribuição feminina, frente às necessidades atuais nas famílias:

[...] e hoje em dia, Regina, homem nenhum assume uma casa sozinho, num existe, quem fala assim: “Ai meu marido põe de tudo dentro de casa”, é mentira, eu num conheço, porque sem a ajuda da mulher o homem hoje em dia ele não tem como ele vivê, não tem como ele precisa da mulher em todos os sentidos, porque, ah eu acho assim, que no passado, aí eu não gostaria de ser mulher do passado não. (Fernanda)

Aqui ela relata que na atualidade, os homens necessitam da renda das mulheres para provisão das famílias, fato que mudou a partir da Revolução Industrial, e que reflete em nossa sociedade capitalista, frente às novas realidades, onde o salário masculino, não supre as necessidades familiares e precisa ser complementado com a renda feminina que, embora majoritariamente, seja inferior em remuneração, é complementar ao masculino para conseguir equilibrar o orçamento familiar.

Ela enfatiza em outro trecho de sua entrevista que a mulher no passado não tinha preocupações com nada, apenas cuidava dos filhos e que os homens eram responsáveis por

colocar o alimento dentro de casa e que o mesmo era a autoridade máxima dentro da casa, trazendo a reflexão do peso que é para as mulheres, principalmente sozinhas, como no caso desta entrevistada, de serem atualmente provedoras de suas famílias, e ainda precisarem exercer os papéis de educadoras, “psicólogas”, “médicas”, conselheiras, dentre outros tantos papéis que lhe foram atribuídos.

Também Dani, fala sobre as mudanças de papéis: *“E homem que num desse conta de sustentar uma mulher, num servia pra casar, e hoje se uma mulher não trabalhar, o homem não dá conta de tocar a vida não, isso que eu acho que é”*.

Ela destaca o papel tradicional do homem provedor, que seria o de trabalhar e ganhar dinheiro, e de que hoje se as mulheres não colaboram para a renda familiar, os homens não conseguem ser provedores sozinhos de uma família, refletindo os mesmos aspectos que analisamos acima, segundo a fala de Fernanda.

Ainda na pesquisa realizada por Cappellin (2005, p. 255), verificamos que as mulheres não foram dispensadas dos papéis que lhes foram atribuídos histórica e culturalmente a elas, onde segundo a frase *“trabalhar é bom, mas a maioria das mulheres quer ter um lar e filhos”*, respondida afirmativamente por 63% das mulheres dos pequenos centros e por 71% das mulheres das capitais, reflete a manutenção dos valores tradicionais para o gênero, percebendo-se assim que o conservadorismo se contrapõe as novas cobranças masculinas e femininas da sociedade atual, recaindo uma vez mais sobre as mulheres as múltiplas funções, papéis e jornadas de trabalho.

Vejamos o exemplo de nossa entrevistada Jaqueline, que além de contribuir com cinquenta por cento da renda familiar, a mesma ainda desempenha outras funções.

Ao ser questionada se acompanha a vida familiar dos seus filhos, ela responde:

Acompanho [...] Dos filhos eu participo de reunião na escola deles, é aqui em casa eu, eu fico muito junto com meu marido, em questão de negócio, de serviço, ele me dá palpite no meu serviço aqui em casa, eu dô palpite no serviço dele, quando é pra resolver um problema, nós dois resolve, entendeu.? (Jaqueline)

Ainda ao falar sobre os papéis que ela desempenha em sua família ela aponta:

Éh..., como que é? Eu ajudo meu marido no serviço dele, eu pago as contas, eu ajudo a pagar as contas, vejo hoje que já é um papel que eu desem ...[...] É desempenho aqui dentro, né? É como eh, eu.. eu faço muitas coisas assim que eu antes num fazia, éh... eu ajudo ele buscar carro numa, numa cidade diferente. [...] Eu dirijo desde 2000. (risos) [...] Então é aí, eu, eu vejo assim que eu sou o braço direito dele, vamo dizer assim, não querendo sabe? Sem muita modéstia, mas o braço direito dele, de verdade. (Jaqueline)

Aqui verificamos que para Jaqueline, desempenhar as múltiplas funções cotidianas, aparentemente tornou-se prática de uma rotina, onde a mesma cuida da casa, dos filhos do marido, trabalha com a venda de pães de queijo, para colaborar, paritariamente com a renda familiar, pagando inclusive contas da casa; ela ainda ajuda no trabalho do marido, na oficina mecânica, no gerenciamento, indo com o mesmo buscar veículos em outros municípios, sendo que ela mesma se coloca como o braço direito do marido.

Eis aqui habilidades, competências e possibilidades dos novos papéis assumidos pela nossa entrevistada e por diversas mulheres da atualidade, que podem atribuir a estas um maior destaque em seu protagonismo histórico, sobre o qual discorreremos posteriormente.

4.3 O Protagonismo das mulheres do PAIF em suas famílias, na sociedade contemporânea.

A partir das análises observamos que as mulheres alternaram-se, entre as duas categorias, transitando pelas mesmas, cujo universo singular, reflete a totalidade de tais relações históricas, sociais e culturais, onde algumas vezes reproduziram e/ou reproduzem e mantêm as relações estabelecidas e noutras vezes transpõem estas relações conseguindo transformá-las no bojo de suas famílias.

São nas novas relações estabelecidas pelas mulheres sujeitos de nossa pesquisa, na transformação e transposição das mesmas, que verificamos o papel de protagonismo das mesmas, onde foi possível constatar que muitas delas alcançaram seu protagonismo, conseguindo romper com várias destas relações pré-estabelecidas, praticamente impostas a essas mulheres, pelas relações de poder, jugo e dominação do masculino sobre o feminino, mantidas através do poder econômico, político e reproduzido social e culturalmente ao longo da história.

Assim, finalmente conforme objetivo geral de nossa pesquisa que seria de analisar se ocorria ou não o protagonismo entre as mulheres integrantes do PAIF, podemos verificar que a mesma aponta para o protagonismo dessas mulheres sob diversos aspectos dentre os quais destacamos:

- 1- As suas histórias de vida, de lutas e superação;
- 2- As conquistas realizadas pelas mesmas, frente aos seus sonhos/ projetos e famílias;

- 3- A percepção de serem sujeitos da própria história;
- 4- Mulheres coparticipantes e/ou provedoras no processo de sustentação de suas famílias;
- 5- A liberdade alcançada pelas mulheres no mundo contemporâneo - lutas por direitos;
- 6- O desempenho de múltiplos papéis, com êxito em suas múltiplas funções;
- 7- A identificação enquanto liderança comunitária.

Neste item tentaremos trazer alguns depoimentos mantidos na sua “íntegra”, para buscar nos apropriarmos da “fala” dos nossos sujeitos da pesquisa, fruto da vigilância epistemológica, visando garantir sempre seu rigor científico.

A partir deste item verificaremos que muitos trechos de análise serão citados novamente, mas as próximas análises serão feitas na perspectiva de apresentar os resultados referentes ao “protagonismo” das mulheres sujeitos de nossa pesquisa (e não mais na perspectiva de apresentar as duas categorias elencadas), destacando que o protagonismo foi verificado a partir da capacidade destas mulheres de transpor e transformar algumas dessas relações sociais e culturais estabelecidas historicamente.

4.3.1 As suas histórias de vida, de lutas e superação

Podemos constatar nas histórias de vida das mulheres, sujeitos da pesquisa, como estas foram superando suas dificuldades econômicas, sociais, psicológicas, entre outras; a partir do momento em que começamos a fazer um acompanhamento profissional mais próximo, quando na implantação do PAIF passamos a trabalhar com suas famílias numa perspectiva de totalidade.

Analisamos através de suas falas que algumas dificuldades do passado que foram transpostas a partir de superações em suas vidas e de seus familiares.

Inicialmente a partir da fala de Marcela:

[...] era no passado, no passado é. Era assim era muito difícil, era dificultoso, né, eles tudo pequeno, então era uma vida mais difícil, eu não podia trabalhar, era só meu marido que trabalhava então a gente tinha uma vida muito difícil, [...] agora hoje não, hoje já melhorou porque todos trabalham né os mais adulto foi crescendo hoje tem o seu emprego e eu conquistei né através do PAIF, né um sonho, né, de, de fazer um curso profissionalizante

que é o curso de cabeleireira e me tornei uma cabeleireira hoje, através desses cursos, de eu ser uma cabeleireira hoje mudou muita coisa né, na minha vida, na família. (Marcela)

Esta usuária nos traz uma visão de que não foram poucas as lutas travadas, em busca de uma alternativa de vida, atividade de renda, que lhe fosse prazerosa, para que se tornasse não apenas uma complementação de renda, mas como já analisado anteriormente, para que ela fosse, junto ao esposo e filhos, co-provedora das necessidades familiares, bem como atingisse suas metas, com a ajuda da família, a partir do momento que conseguiu abrir seu salão de cabeleireira.

Outra mulher que demonstra seu crescimento pessoal e parte de suas superações a partir das relações com os filhos é Meire, a partir de sua fala:

Ah que eu, eu amadureci bastante né do que eu era pra hoje, então hoje eu tenho outro ponto de vista, hoje eu penso melhor, antes de fazer, de agir, sabe também fiquei mais, mais liberal assim, é uma coisa que eu não tinha. (Meire)

Ela atualmente cuida dos sete filhos e, com o nascimento do bebê, ela conseguiu dar passos em direção a uma maior autonomia financeira, podendo cuidar dos filhos que exigiam maior atenção, com mais maturidade e busca de melhores condições de vida para si e sua família. No decorrer do processo de acompanhamento da usuária, os filhos foram inseridos em políticas de atendimento quanto às atividades complementares (contra turno) ao período escolar, sendo que ela passou a requisitar serviços imprescindíveis da rede de saúde e educação, e a posicionar-se na busca de direitos pelos filhos, conforme acompanhamentos continuados por nós e por colegas de trabalho que deram seqüência aos nossos atendimentos.

Ela, que no início dos atendimentos não costumava se posicionar, sempre numa atitude de resignação, mediante o fortalecimento do grupo e devidos acompanhamentos, hoje é vista como um “modelo de mãe”, no sentido da busca e efetivação dos direitos dos filhos. Mora sem um companheiro, mas atualmente descobriu que não precisa se casar para ser feliz, conforme sua fala na ocasião da entrevista em 2009: *“Meu objetivo agora? Bom, que esse bebê chega bem né, que eu... bem o próximo passo agora eu queria casar, né que é uma coisa que eu queria bem é estar se esforçando pra isto, e que eu também do um jeito nesta casa aqui pra ficar melhor.”* (Meire)

Meire superou muitas adversidades ao longo de sua história de vida, constatados a partir de nossos acompanhamentos; porém como não se trata de foco de nossa pesquisa estudar a intervenção sócio-educativa, atentamo-nos ao seu crescimento pessoal e familiar

observado e constatado ao longo dos anos, pois ela permanece em atendimento, até os dias atuais no CRAS Sul.

Outra mulher que demonstra uma história de lutas e conquistas é Marília, ao falar das batalhas enfrentadas por sua família e as formas de superação:

Antes era eu, meu esposo, meus filhos pequenos, nós pagávamos aluguel era uma vida muito difícil mas graças a Deus superamos tudo. As crianças foram crescendo conseguimos comprar um terreno com muito sacrifício e com a ajuda de Deus e do meu pai e do meu esposo, nós conseguimos construir esta casa hoje onde estamos morando. Hoje já estamos com os filhos moços, todos os dois trabalham, eu trabalho e meu esposo também trabalha, agora só falta a gente terminar a nossa casa. Somos muito unidos, sempre estamos ajudando um ao outro, posso dizer que somos felizes e sempre a gente esta agradecendo muito a Deus pela família que temos, que somos né. (Marília)

Ela e o esposo conseguiram vencer as adversidades e adquirir a casa própria, contam hoje com o apoio dos filhos adultos, e o casal conforme já falamos anteriormente também se destaca enquanto liderança comunitária.

André, seu esposo, destaca as qualidades de Marília:

Bom a minha esposa pra mim ela é... é como se diz eu posso dizer ela é pra mim, a minha base de tudo, né? Porque sem ela eu não seria a pessoa que eu sou hoje, é.. é uma esposa que sabe ouvi, dedicada, é uma esposa que trabalha e uma excelente mãe né e ela foi desde, com as criança pequena e até hoje não me dá nenhuma preocupação com os filhos de querê faze as coisa de melhor maneira possível, né e..e eu sou o que eu sou hoje eu devo a ela minha esposa, né pela luta dela pela garra, determinação que ela sempre demonstrou, né então é, é... é uma esposa que eu tenho que agradecer tudo a ela o que nós conseguimos o que nós lutamos com sacrifício, com ela do lado, né então e agradecer também pelos filhos, né? (André)

Apontando que a mesma tem muita garra e determinação, tendo sido grande colaboradora nas conquistas familiares.

Ambas as citações já foram analisadas a partir da perspectiva das categorias, aqui analisamos a partir suas histórias de lutas e superações.

Outra mulher que demonstra também suas vitórias é Maria Lúcia, vejamos no seu discurso:

Mas eu falo assim: “Ai ele, como diz o outro eu consegui, até hoje, chegar até o ponto que eu já cheguei, de ver esse rapaz deste tamanho”, então eu me sinto as vez **uma heroína** sabe? Eu me acho as vezes, eu comigo mesma, eu fico pensando sabe, eu oio ele tudo, assim graças a Deus uma parte da minha vida **eu to vencendo, né?** Que eu achava que eu num ia consegui, então eu acho que eu to vencendo, com muita luta e sacrificio mais, ta aí o rapazião. (grifo nosso, Maria Lúcia)

Conforme já relatamos, Maria Lúcia venceu o processo de separação, de um marido violento, conseguiu superar muitas dificuldades emocionais e financeiras e mesmo no que diz respeito à educação dos filhos, ela conseguiu enxergar-se como mulher após uma vida de jugo do marido, referenciando-se como heroína, pois ela assim acredita e o é. Analisemos o que ela diz:

[...] eu acho que eu não me enxergava nem como mulher, porque eu vivia só apanhando e num sabia que rumo que tomava na vida né? E num sabia sese... ia cuida do filho, se eu abandonava tudo, se ficava ali parada só apanhando, só sofrendo, nunca podia fazer nada, nunca podia é..é ..assim num podia fazer nada num podia olhar, éh pegar o menino e falar: “Vou em tal lugar”, num podia, só briga, só confusão, então é...o passado pra mim é como diz o outro... é meio brabo, mais ser mulher no passado, eu num... eu acho que eu num fui mulher não, eu só apanhava né?

Hoje é outra vida, se eu falar assim: “Tá, vou fazer um, vou arrumar, vou sair”, se alguém fala: “Vamo em tal lugar, vamos meninos”, dá pra ir, eu levo eles né, inté mesmo na escola. Hoje como diz o outro, hoje eu sou uma mulher, antigamente eu num era não porque eu só vivia apanhando.

Ai de eu falar hoje eu sou uma mulher, do hoje né de eu hoje ser uma mulher [...]. (Maria Lúcia)

Esta mulher admirável nos demonstrou que seu protagonismo, não está simplesmente nas relações econômicas, pois se verificarmos sua situação econômica, enquanto família monoparental feminina, conforme quadro apresentado no Capítulo 1, não é favorável, tratando-se ainda de família de baixa renda, mas na superação sócio-histórica de uma vida que conseguiu suplantar o jugo masculino do ex-marido, tornando-se importante referência para seus filhos e família.

Destacamos também o papel de Dani, quanto a suas lutas:

Eu num gostava de mim, de devido o problema que eu tive, que muitos taxa aí como frescura, mas é uma doença, é a, a depressão, que eu sei o que é isso, que é uma escuridão, um buraco fundo, é algo que ... num é assim como todo mundo, fala é, eh, frescura, gente é uma doença, tem que pedir socorro e o socorro é a família, é o primeiro socorro que tem ir atrás é a família, é aquele apoio, se num tivé, você vai até a morte, que a gente viu muito caso, né? Eu graças a Deus eu tenho uma filha só, um marido e são os familiares que tão mais junto de mim, né? Que pai tá mais longe, mãe também, né? Então... eles foi tudo pra mim, que foi quem me segurou e num deixou eu cair, né? E tem a religião também que a gente tem que pegar com Deus porque sem Ele num tem como. E eu num gostava de me olhar no espelho, porque eu achava, eu sempre falava assim: “Nossa, mais que coisa feia”, eu me achava o ser mais estranho do mundo, eu me olhava eu me via uma velha, uma bruxa, é... é a mente é algo assim, que mesmo que você estuda a vida inteira, até as pessoas que, que é especialista nisso jamais vai poder entender, o que que é uma mente dum ser humano. Hoje não, eu hoje eu, isso já tem algum tempo, né? Porque uns três, quatro anos atrás,

quando eu comecei a ter isto, mas hoje eu me acho linda maravilhosa, adoro até as ruguinha que eu tenho. (Dani)

Ela conseguiu superar uma depressão através da ajuda da família, destacando aqui como seu núcleo familiar a família atual a filha e o marido, enfatizando que o papel da família foi fundamental para a superação da doença.

Que são experiência da vida aí, que a gente passa, mas eu gosto, hoje eu gosto de arrumar o meu cabelo, eu gosto de arrumar minha unha, eu gosto de mim, e se eu não gostar de mim, ninguém vai gostar, eu pra agradar alguma pessoa: marido, filho, os amigos, tem uma boa aparência pras outras pessoas, eu tenho que gostar de mim, olhar e me sentir bem eu mesma, não os outros, os outros são detalhe, o importante ali é eu então.. é isso aí é que eu acho.(Dani)

Dani aprendeu a se arrumar e se amar, passando a cuidar de sua aparência não para agradar a outras pessoas, mas tendo aprendido a partir da superação da doença, o quanto é importante olhar para si e aprender a se gostar.

Ela desenvolveu as atividades de pintura em pano de prato, do artesanato, da pintura em telas e do trabalho voluntário como cabeleireira para realização pessoal e também como alternativa de geração de renda, encontrando satisfação no que faz:

Hoje, é... é... eu faço pintura em tela, eu... eu já fui monitora de pintura em pano de prato até desenvolvi um trabalho aqui no (bairro onde reside), fui voluntária durante três anos, tirei umas crianças da rua, ajudei a ensinar algumas mulheres, né? A ser independentes e ter o próprio dinheiro pra não depender de marido. É... sou cabeleireira, é... sou monitora dum cabeleireiro também. É formei também, que é uma formação, que num é porque eu num fiz uma faculdade, mas eu aprendi e eu acredito que eu faço muito bem, sou uma manicure também, faço crochê, é... Agora faço uns colarzim também. (Dani)

Também contribuiu para ajudar no processo de independência de algumas mulheres do bairro, conforme já discorremos anteriormente.

Dani demonstra que não apenas superou a situação inicial, quando do início do acompanhamento junto ao Programa PAIF, mas principalmente que se tornou sujeito da própria história, colaborando também com uma maior autonomia de algumas mulheres em relação a seus maridos, apontando a conquista de direitos e novos espaços para as mulheres.

Também a filha de Dani, Paula destaca o protagonismo da mãe na superação e nas lutas cotidianas e familiares, onde conseguiram juntas, apesar dos conflitos e contradições já descritos anteriormente, vencer a depressão:

No passado, era... não tinha muito, a gente sofria muito porque a minha mãe

tinha um problema com depressão, a gente não era tão unido como a gente é hoje, né? Antigamente tinha muita briga, né? A gente não tinha um diálogo muito bom né? Era só o principal mesmo, né? Hoje eu tenho, assim, a família que eu tenho agora, no presente agora, é uma família muito boa, que agora a gente num tem aquelas brigas, a gente confia muito um no outro, qualquer problema a gente conversa um com o outro, minha mãe dá muita força pra gente, né? Mas a gente foi aprendendo com o tempo, né? Com a força que minha mãe foi tendo ela passando pra gente, ne? Mas antes..., não era muito bom, não era movido a briga, discussão, né? (Paula)

A filha demonstra sua admiração pela mãe, fala de suas lutas e conquistas:

Ah, minha mãe é **uma batalhadora**, né? Ela é uma **guerreira**, né? Ela foi descobrindo os dons que ela tem, a partir dessa.., eu num sei se essa doença foi assim, é assim... foi muito difícil pra ela, mas foi um empurrão pra ela mesmo, que foi a partir de.. eu acho que se ela num tivesse tido isso, essa doença, que acho que ela num ia tê coragem, ânimo pra fazer esse tipo de curso, eh os curso que dá força pra ela hoje, que ela tira a renda dela, né? Que ela tem o dinheirinho dela, mas minha mãe é uma batalhadora, ela sabe, se ela tem vontade ela vai atrás mesmo, né? Ela dá força pra gente que tá em casa, minha mãe é uma batalhadora. (grifo nosso, Paula)

Conforme anteriormente descrito, ela vê a mãe como um espelho, um exemplo a ser seguido. Percebe-se um forte laço entre mãe e filha e mesmo o apoio recíproco entre os familiares de Dani:

É, então, ela dá muito apoio pra nós, mesmo, ela segura muito a barra, ela se ela vê qualquer tipo de problema, ela tá apoiando, ela tá, ajuda ela arruma solução, ela não deixa a gente ficar pra baixo, se tem algum problema em casa ela vai, ela vai atrás de solução pra ta resolvendo, ela é o apoio mesmo, ela tá apoiando todo mundo. (Paula)

O que demonstra que as lutas empreendidas por ela refletem no interior do cotidiano familiar, onde filha aprendeu com a mãe a lutar e buscar alternativas de soluções conjuntas.

Percebemos também na história de vida de Jaqueline, outro sujeito de nossa pesquisa, muitas superações, desde o fato dela ter sido colocado pra fora de casa, pela mãe, quando se tornou alvo da exploração sexual, até suas lutas e conquistas para formar sua família e buscar novas alternativas de renda, a partir da venda de pães de queijo, verifiquemos na riqueza de seus relatos, as lutas e superações que esta mulher demonstra:

É porque era assim minha mãe ela, era muuuiito rígida com nós, principalmente nós mulheres, muito de verdade! Então na época que eu completei 13 anos eu num... se cê sabe disso, então eu completei 13 anos, só que eu era muito rebelde, sabe aquela juventude que num quer nem saber, que a mãe tá falando e num obedece?Aí quando eu completei, é.., na idade de 12 pra 13, éhh.. Naquela época, que aqueles povo mais rígido, eles num permite menina que perde a virgindade dentro de casa. É costume dela, né, desde os pais dela, meus avós. Ela falou assim ó: “Já que você não quer me

obedecer a rua, a porta da rua é serventia da casa, cê que sabe você vai me obedecer?” “Não, eu quero fazer o que eu quero”, eu falei pra ela. “Então você vai catar a sua roupa e vai sair, o mundo vai te ensinar, o mundo vai te dar umas chicotadas, você vai cair, você vai levantar, você vai aprender, aí você vai..., quando você tiver os seus filhos você vai entender o que eu to fazendo hoje”. Que era antes. (Jaqueline)

Eu vim pra Belo Horizonte assim, com a minha roupa só do corpo, umas pecinhas dentro da mochila, e ela me deu um dinheirinho, naquela época não era nem real, era cruzeiro, eu lembro que ela me deu cinqüenta cruzeiro, era muito dinheiro até naquela época, e eu vim pra Belo Horizonte, oh eu trabaiei, pra cumê, é... foi difícil! Eu, eu tive uma vida assim... foi difícil, difícil mesmo, sabe? Até teve uma época que tive que é... ganhar dinheiro, aquele dinheiro fácil. (Jaqueline)

Quanto à formação de sua nova família atual, ela fala destaca suas lutas:

Falei: “Mãe”, aí eu olhei no rosto dela, no olho dela e falei: “Mãe eu vô sai daqui hoje, eu vô vim aqui te visitar e a senhora vai conhecer meus netos, meus filhos, porque eu vô reconstruí... **eu vou construir uma família pra mim e de verdade**”, eu fui lá visitar ela uma vez, e ela falou pra mim: “Minha filha lembra daquilo que você me falou? Sua família tá aqui hoje, seu marido e seus filhos, você construiu sua família, cê tá de parabéns!” Eu falei: “Não, quem tá de parabéns é a senhora de te me posto pra fora, que senão eu nunca ia aprende Regina, nunca!...” (grifo nosso , Jaqueline)

Então hoje eu agradeço minha mãe oh, e não te..., num tenho raiva dela de jeito nenhum, eu agradeço ela eu rezo pra ela todo dia, porque ela fez isso comigo.(Jaqueline)

Quanto à atividade de geração de renda, a partir da venda de pães de queijo:

No passado, eu num tinha um fogão, eu não tinha uma geladeira, num tinha um armário uma mesa, num tinha nada que tem aqui. Nós sentava, os meninos sentava no chão pra comer, sabe? Nossa cama vivia caindo aos pedaços, e ficava caindo, o armário batia uma porta, a outra caia, sabe então era assim uma vida precária de verdade, então praticamente tinha o básico o arroz e o feijão, num tinha nenhuma misturinha pra gente comer. Foi mudando depois que eu comecei receber aquele Renda Mínima, sabe? Depois que eu vim, peguei a sua idéia, fui colocando em prática, aí sim, aí até hoje graças a Deus! [...] A idéia que você falou, de eu vender pão de queijo. [...] Em casa né? (Jaqueline,)

Vendo pão de queijo, com certeza! Tenho os meus fregueses, è... faço uma porcentagem aí .. pra uma padaria, uma colega minha, ela tem padaria, ela me convidou, se eu podia fazer pra ela levar lá, aí eu tô fazendo, sabe? Tem minhas freguesa tbém, nossa mudou assim sabe? Foi o tipo de um salto, né? Aí hoje em dia, tudo o que eu tenho aqui foi comprado com esse dinheirinho que eu peguei a sua idéia e fiz e tá dando certo. (Jaqueline)

Assim, Jaqueline demonstra que foram muitas as superações frente à sua história de vida, ela não permaneceu na sua condição de vida inicial, transpondo tantas barreiras e obstáculos, desde sua vida de miséria e exploração sexual, quando ainda muito nova, até a formação de sua família e enquanto pequena empreendedora na venda de pães de queijo como

alternativa de renda que garante a ela e à família o equivalente a cinquenta por cento da renda familiar.

Vale ressaltar que quando a usuária apropriou-se da idéia de venda de pães de queijo em uma reunião grupal, ela tinha muitas contas de água e luz em atraso, seu marido estava recluso, enfrentando inúmeras dificuldades. O casal conseguiu superar as situações adversas e o papel de Jaqueline foi decisivo nas novas alternativas encontradas pela família.

Posteriormente destacaremos sua posição como co-provedora familiar, tomando decisões conjuntas com o marido, auxiliando-lhe inclusive no trabalho com automóveis, na oficina mecânica do marido, no transporte de veículos, como motorista, habilidade que ela se orgulha em desenvolver enquanto mulher, vencendo preconceitos.

Finalmente falamos de Fernanda, a sétima mulher sujeito de nossa pesquisa, que também conseguiu superar múltiplas adversidades, cujas lutas e vitórias foram constatadas, a partir de seus depoimentos:

Quando ele foi embora me deixou com cinco filhos, o mais velho tinha nove anos o caçulinha tinha oito meses e hoje tem vinte e dois anos, ele sumiu por um longo tempo, nunca apareceu, nunca soube notícia nem nada dele, nunca ajudou, lutei, naquele tempo eu tinha muita saúde, muita força de vontade, lutei, consegui meus filhos, é todos pobre, né assim, é padeiro, é curtumeiro, é sapateiro, mas são todos homem de bem, num tem vício, num bebe, muita gente aqui vizinho, que eu já mora há vinte e cinco anos aqui nessa casa, eles admira de como que eu consegui criar meus cinco filhos e nenhum tem vício de nada, nem bebe nem fuma nem nada né, e também cinco nora que é uma benção também, já tenho onze netos, né? Então pra mim assim é um privilégio muito grande, agora o que é ser mulher hoje, é bem difícil, porque no papel que a gente faz dentro de casa criando os filhos, é muito difícil, pensar na gente, num dá tempo, né? (Fernanda)

Ela que lutou para criar os cinco filhos do primeiro marido e atualmente cuida dos dois do último relacionamento, sendo sua filha caçula Bárbara adotada:

Agora como eu to criano esses dois, né tem os dois pequenos, agora desse, esse segundo, segundo e último casamento meu, a Bárbara já tá com onze anos já tá mocinha, né? Então ela pensa de cortar o cabelo, de fazer a unhinha, quer uma roupinha, então agora que eu num tenho mais mesmo como pensar em mim, que sempre que eu penso: “Nossa, eu preciso fazer minha unha, nó, mais e a minha filha?”. [...] (Fernanda)

Fernanda conta a história de Bárbara, sua filha caçula; mesmo em condições econômicas e emocionais adversas, ela resolveu adotá-la:

Então eu assumi aquela vidinha minha, minha filha que Deus me deu de presente na pior situação da minha vida, mas que foi uma benção tão grande na minha vida, que é até hoje, né? Ela pra nós é a coisa mais importante da

minha vida, os outros fala assim: “Não, mas você gosta de sofrer, você já criou cinco sozinha, tem um doente, e ainda cata uma pra adotar?” Gente, mas se Deus me deu, né? Hoje ela tá com onze anos, ela sabe que é adotada, mas ela fala assim pra mim, aí num tem problema nenhum de eu ser adotada, eu num saí da sua barriga, mas eu sei que você me ama de coração, né? Me ama de coração, eu amo demais a minha filha, não tem diferença... (Fernanda.)

E a minha filha é maravilhosa! Pra mim ela é maravilhosa, pros irmão, tudo, e eu num acho assim que foi mais uma carga que Deus me deu, não! De te já criado, né, porque com onze anos, ela tá estudando, ela é estudiosa, ela fala que vai ser veterinária, ela disse que gosta mais de cuidar de bicho que de gente! (Fernanda)

Ela adotou a filha numa situação de muitas dificuldades, quando o segundo marido a havia deixado, e ela tinha o filho Diego, nascido aos seis meses e meio, com vários problemas de saúde, mesmo assim ela resolveu adotar Bárbara, demonstrando sua capacidade de luta e superação, pois além de ter conseguido ser provedora, cuidadora e educadora dos cinco primeiros filhos do primeiro casamento, para o qual não estava preparada, pois como já discorremos anteriormente ela foi dada em casamento aos treze anos de idade, não por escolha ou “pelo amor romântico”, mas por casamento arranjado pelo pai, como nas antigas (ainda atuais) alianças, ela ainda se dispôs a cuidar dos dois filhos mais novos, Diego e Bárbara.

Esta mulher extraordinária relata as lutas enfrentadas quando os filhos eram crianças:

Com tudo, sabe eu sustentei meus filhos, com tudo, eu só nunca fui é como é que eu falo, só nunca roubei e nem prostitui, pra **lutar pros meus filhos**. [...] Sapato né Regina, eu quando vim pra cá pra Franca, eu já assumi, aprendi a costurar sapato, costurei sapato por muitos anos, né por muitos anos mesmo. A É o desabafo que eu tenho pra fazer [...] muita luta, porque criar esses cinco filhos, foi uma luta muito grande, quando eu vim pra cá pro (bairro onde reside), quando eu vim morar aqui, num tinha água, num tinha luz, num tinha ônibus, poucas casinhas tinha, o meu irmão construiu aqui dois cômodos pra mim, pôs umas lona, na... na janela e eu vim morar aqui, isso eu tinha que carregar dois filho de manhã cedo, com duas mudinhas de sapato pra fábrica, pegava ônibus lá no (bairro próximo ao que reside), foi uma luta muita grande, muitos anos costurando sapato, e quando o meu... meu marido me separou, que eu fiquei aqui com essas cinco criança, **foi muito difícil**, mesmo, porque eu trabalhava numa fábrica, tinha uma amiga minha lá no Progresso que ela olhava três filho meu, que seria o Gustavo, o José e o Mario, né? O Fernandinho e o João já tinham entrado na Guardinha, um entrou com onze, outro com nove anos, o cabo Jorge, nem sabia que ele tinha nove anos, né, achava que ele tinha mais, entrou na Guarda Mirim. Eu trabalhava o dia inteiro lá dentro dessa fábrica, de noite eu vinha pra cá, eu trazia duas rodia de sapato pra costurar, então quando eu chegava aqui eu catava os cinco, ia lá na mina, eu banhava eles, lavava a louça, lavava a roupa que tinha que lavar e subia, com a água pra fazer a comida pra janta, num tinha luz, tinha que pô velas nas cadeira, eu fazia janta, punhava meus filho pra dormi, e as vez, muita das veiz, quando eu terminava de costurar

aquelas duas fichas de sapato, já tava dando cinco horas, pra mim levantar eles e levar eles pro serviço, tinha que sai pra ir trabalhar, que era uma caminhada muito grande, e naquele buraco que tem ali no UBS, aquilo ali era uma barragem de água, né? Não sei se você conhece como barragem, né, era um lago, tinha um pau de lá pra cá você passava por cima daquilo lá, então Regina eu sofri muito, pra criar meus filhos, hoje quando eu vejo eles assim, eu fico me vendo assim... (chorando), como que **eu lutei sabe?** (grifo nosso, Fernanda)

Procuramos manter neste trecho o depoimento na totalidade, para verificarmos sua percepção subjetiva, expressa em sentimentos e emoções, do enfrentamento de todas as situações que envolveram o cuidar e educar seus filhos, bem como das condições objetivas para sustentar sua família, nos desafios de trabalhar na fábrica também levando trabalho pra casa, encarando as dificuldades de uma rotina intensa, das mulheres no passado, onde tinha que carregar água, não havia energia ou mesmo meios de transporte urbano, rotina essa ainda vivenciada por algumas famílias nos interiores nordestinos deste país continental, com tantas desigualdades e diferenças regionais.

Aqui verificamos que Fernanda, como também todas as outras mulheres sujeitos de nossa pesquisa, pode ser identificada como verdadeira “heroína”, por algumas mulheres intituladas, por outras percebidas, as quais puderam superar as situações iniciais de suas histórias de vida podendo transformar suas realidades bem como de suas famílias, constatando seu protagonismo na transposição do que estava instituído, dado como estabelecido ou pronto em suas vidas, através de atitudes de luta, garra e coragem no enfrentamento e superação dos desafios cotidianos.

4.3.2 As conquistas realizadas pelas mesmas, frente aos seus sonhos/ projetos e famílias

Outro fator que demonstra o protagonismo das mulheres sujeitos da pesquisa foi a conquista de seus sonhos e projetos, cujas metas foram alcançadas com a ajuda de familiares, com a árdua luta em torno dos objetivos desejados, dentre outros aspectos que elencaremos a seguir.

Para Marcela, o sonho está expresso na conquista do salão de cabeleireira:

Ah, o que tá acontecendo comigo, assim eu tô realizando **um sonho** né? Que eu sempre tive, é num é fácil, é difícil que é muita luta, tem época que é uma beleza tem época que é difícil, mas tô caminhando.
O que que eu conquistei? Ah o que eu conquistei, foi assim foi, o salão foi uma conquista assim uma liberdade de depois que os meninos cresceu, eu

antes não tinha como trabalhar, hoje tem muitas oportunidades, né? Que surge através da promoção social, que tem que oferece assim, algo pra mudar a nossa vida, pra mudar a gente, e a força de vontade, porque se a gente num tiver força de vontade, a gente num chega a lugar nenhum né? (grifo nosso, Marcela,)

Pra mim **montar esse salão** aqui foi assim com a ajuda dos meus filhos, né, porque um comprou uma coisa, outro comprou outra, é cadeira, é é assim, tudo o que tem aqui eles que me ajudou, porque eles ficou muito feliz, então cada um comprou uma coisa e me deu. [...] Uma cadeira outro, sabe então eles tá sempre me ajudando. [...] Não, assim que eu terminei o curso num tinha, ao tinha como abrir o salão, aí minha filha me deu um secador a chapinha a escova, aí eu comecei lá na minha casa, aí eu atendia as cliente lá em casa, separei um cômodo e trabalhava lá, aí depois eu..aí eu já consegui, né, alugar o cômodo e trabalhar fora da minha casa. (grifo nosso, Marcela)

Ela pôde conquistar seu projeto de vida que era ser cabeleireira e montar seu salão, a partir de sua perseverança nos cursos profissionalizantes, pois tinha dificuldades em participar da formação, quando os filhos eram pequenos, pois não tinha com quem deixar os filhos. Ela conseguiu enfim atingir o patamar de profissionalização, tendo feito o curso de cabeleireira, a partir dos recursos do Programa PAIF, para formação profissional.

Foi a família de Marcela quem a ajudou a montar o salão, tendo sido os filho que a presentearam no dia das mães, com os equipamentos necessários para montá-lo: cadeira, chapinha, secador e outros; a profissional que a acompanhou durante todo o processo nos grupos do PAIF e fez o acompanhamento familiar da usuária, foi quem nos relatou tais circunstâncias, confirmados neste depoimento da mesma.

No caso de Meire, seus projetos circundavam em torno do filho que iria ter às vésperas da entrevista, casar-se e reformar a casa própria: *“Meu objetivo agora? Bom, que esse bebê chega bem né, que eu. bem o próximo passo agora eu queria casar, né que é uma coisa que eu queria bem é tá se esforçando pra isto, e que eu também do um jeito nesta casa aqui pra ficar melhor.”* (Meire)

Seu projeto de ser mulher está intimamente ligado ao amor de seus filhos e companheiro: *“O que é ser mulher? É ser amada né, principalmente (risos). Ter o amor da família também que é bom e conseguir conquistar o que a gente quer.”* (Meire)

Meire teve seu último bebê em 30/09/2009, poucos dias após a nossa entrevista, este projeto não havia como adiar; quanto à moradia, ela conquistou mais dois cômodos na casa do irmão e está tentando ainda se reorganizar para melhorá-la.

As políticas de habitação popular no município praticamente inexistem, são pontuais, eleitoreiras, muito embora já apontados através de inúmeros relatórios e manifestações profissionais e da população, não se percebe vontade política de alterar as

condições habitacionais da população de baixa renda. No passado havia políticas de financiamento de materiais para construção via PROHAB a baixo custo e taxas, que foram dissipadas. Embora apontadas pelos profissionais, a população ainda não consegue fazer o processo de buscas coletivas, os movimentos que existem são individuais conseguindo apenas “esmolas” do poder público, sendo este e outros temas também discutidos e refletidos nos espaços de reuniões sócio-educativas.

Quanto ao casamento, não sabemos se ainda é projeto da usuária, mas a profissional que a acompanha relatou que a mesma ainda tem uma boa relação com o companheiro; agora mais estável, ele é presente na vida dos dois filhos caçulas de Meire e as relações de amor, quer com o companheiro e com a família/filhos, pelo que nos informou a profissional, hoje estão mais bem resolvidas para Meire.

No caso de Marília, ela não teria colocado nenhum projeto em especial, muito embora ao longo de todas as análises, podemos verificar que ela se encontrava realizada profissionalmente, atendendo em entidade de apoio a crianças, mulheres e famílias, relatando que gosta do que faz. Sobre esta característica discorreremos posteriormente, mais detalhadamente ainda neste item, referente à sua identidade enquanto liderança da comunidade dos bairros onde ela trabalha e atua como agente pastoral. Ela e o esposo já conquistaram o projeto da casa própria, contando atualmente com a colaboração dos filhos, nas despesas familiares.

Maria Lúcia também não apontou nenhum projeto em específico, suas grandes conquistas e sonhos giram em torno da educação e sustento dos filhos.

Já para Dani, seu projeto pessoal era de tornar-se pintora de telas:

Olha **a pintura em tela** foi o seguinte é, é **um sonho** que eu tinha há muitos anos e num conseguia devido assim é um custo caro. É caro num vou dizer que é barato, mas eu, mas sempre, pra tudo que você vai fazer tem que ter um empurrão, e o empurrão que eu tive aí foi com a ajuda do CRAS, né? Que me ajudou como... Além do apoio, me forneceu os passes de ônibus, né? Devido assim a, a renda é baixa não tinha como, porque eu faço no SESI e tem que ser de ônibus, então o poder aquisitivo num dá e, e a mensalidade também num é pouca, mas como de presente eu ganhei da minha filha de presente do dia das mães que foi o primeiro né? Presente que ela me deu, nesse sentido eu consegui o primeiro empurrão, aí agora num tem nem freio né? [...] Eu ganhei esse curso, eu comecei em, em maio no dia das mães, né? De 2008, né? Ou seja, um ano e cinco meses, seria, né? (Dani)

É faz um ano e cinco meses, e eu aprendi, eu tanto aqui hoje eu, eu tenho tanta confiança no que eu faço que talvez algumas lá não saibam, mais durante quatro meses mesmo, eu tando dando aula, eu dei aula pra uma aluna de pintura em tela, durante três meses, pra uma aluna, eu cobreí um precinho assim baratinho, por quê? Porque eu sei o tanto que é ruim, você ter aquele sonho e não ter como. Então eu, eu fiz uma parte pra me ajudar e pra ajudar

ela também e o pouco que eu ensinei essa mulher, é uma mulher ela é casada, tem três filhos, ela vinha aqui na minha casa, né, que ela mora longe, eu consegui passa um pouquinho, é nessa época que eu ensinei ela, ela teve que para depois, mas aqui, ainda dentro da minha casa ela saiu com quatro telas prontas assinada por ela. (grifo nosso, Dani)

Ela conseguiu atingir seu maior projeto, ela mesma se denomina uma “artista”, mas nosso sujeito de pesquisa que conseguiu vencer a depressão inicialmente através do artesanato, de pinturas em pano de pratos, alçou vôos mais altos, tendo buscado a pintura em telas, através do curso profissionalizante oferecido como presente à ela, pela filha.

Dani, que se tornou um agente multiplicador, sempre melhorando suas habilidades, no início trabalhou como monitora voluntária com pintura em panos de prato, monitoria de cabeleireira, para ajudar algumas mulheres do bairro em que mora, passando-lhes também noções de outras formas de artesanato, pôde conseguir atingir seu sonho de tornar-se uma pintora, é possível observar seu crescimento pessoal e profissional através de suas telas. As pinturas, que antes eram simples, com traços pouco definidos, atualmente são mais elaboradas, sendo que hoje ela recebe várias encomendas e está se aprimorando cada vez mais.

Para Jaqueline, a venda de pães de queijo, enquanto atividade de renda proporcionou-lhe atingir vários objetivos e partilhar o sonho de financiar a casa própria com o esposo:

Vendo pão de queijo, com certeza! Tenho os meus fregueses, é... Faço uma porcentagem aí, pra uma padaria, uma colega minha, ela tem padaria, ela me convidou, se eu podia fazer pra ela. levar lá, aí eu tô fazendo, sabe? Tem minhas freguesas tbém, nossa mudou assim sabe? Foi o tipo de um salto, né? Aí hoje em dia tudo o que eu tenho aqui foi comprado com esse dinheirinho que eu peguei a sua idéia e fiz e tá dando certo. (grifo nosso, Jaqueline)

É isso, é do meu sustento, então eu compro minhas roupas, calçados pras crianças, os meus móveis, é a minha televisão Rê, comprei agora, faz pouco tempo.. [...] Comprei com o dinheirinho do pão de queijo, comprei a vista, graças a Deus.

É com certeza, eh o **carro** que nós compramos também com o dinheiro meu, com renda daqui também.

Ah o que eu acho importante, é assim, por exemplo, hoje eu tenho uma alegria de viver por eu ser essa pessoa que... assim, praticamente que eu não consegui ainda, a minha meta, **a minha meta é a minha casinha** e um conforto assim, tá certo, graças à Deus, meus filhos têm conforto, mas um conforto melhor pros meus filhos, um quartinho pra eles separado, sabe? (grifo nosso, Jaqueline)

É deixa eu te contar mais uma. O meu cunhado tá **vendendo aqui**, nós fomos na Caixa Econômica tentar pegar um empréstimo, então praticamente já tá fechado este empréstimo, né? E hoje eu, eu me emociono Regina de, de fala isso, porque praticamente aqui, aqui essa casa eu posso dizer assim que Deus está preparando **esta casa** pra nós, porque praticamente tá fechado lá o,

o financiamento, né então agora, está de greve aí deu uma parada é os documento, as coisa, sabe? Mas é, já em nome de Jesus, já tá praticamente fechado, nós vamos comprar aqui entendeu? Aí esses quartinhos, esses cômodo aí oh, nós vamos fechar, vamos ter os quartinho das crianças, nossa então pra mim é uma realização assim oh... **mútua**, sabe? Tudo é tudo de bom. (risos). (grifos nosso, Jaqueline)

Na época da entrevista, Jaqueline estava prestes a realizar o sonho da aquisição da casa própria, já havia realizado vários projetos comuns com o marido como a aquisição do carro, melhoria das condições objetivas materiais e bem como do relacionamento com esposo e filhos, conforme já relatados anteriormente. Dentre os sonhos, também a constituição da família atual marca a vida desta mulher.

Para Fernanda que não falou de seus objetivos e sonhos, observamos apenas que suas vitórias estão refletidas nas lutas e vitórias familiares:

Então. Eu tenho muito orgulho Regina, de tudo o que eu lutei, tudo o que eu sofri, sem te um marido ali do lado, um apoio, longe da minha família, porque eu casei lá já me trouxe pra cá pro lado de São Paulo, num tinha pai e mãe, num tinha parente perto, num tinha ninguém, mas eu fui a luta, e eu criei meus filho, graças à Deus. Hoje eu fico assim olhando, sabe? Apesar de tudo, falei gente, apesar de tudo o que eu passei, eu posso falar até que eu sou até uma mulher feliz..., é posso ser uma mulher feliz, hoje. (Fernanda)

Ela também se percebe enquanto sujeito da própria história, por todas as adversidades superadas.

4.3.3 A percepção de serem sujeitos da própria história

Algumas de nossas mulheres apontam de forma clara, em suas “falas” o reconhecimento de que são sujeitos de sua própria história.

Verifiquemos no depoimento de Maria Lúcia, como ela se apropria desta situação:

Mas eu falo assim ai ele, como diz o outro eu consegui, até hoje, chegar até o ponto que eu já cheguei, de ver esse rapaz deste tamanho, então eu me sinto as veiz **uma heroína** sabe? Eu me acho as vezes, eu comigo mesma, eu fico pensando sabe, eu oio ele tudo, assim graças a Deus uma parte da minha vida eu to vencendo, né? Que eu achava que eu num ia consegui, então eu acho que **eu to vencendo**, com muita **luta e sacrifício** mais, ta aí o rapaizão. (grifo nosso, Maria Lúcia)

Ai de eu falar **hoje eu sou uma mulher**, do hoje né de eu hoje ser uma mulher, assim eu me acho assim, como é que chama uma guerreira sabe? **Uma lutadeira**, assim que eu lutei, lutei e consegui, sair daquele buraco que

eu vivia. (grifo nosso, Maria Lúcia)

Eu me sinto assim igual eu falo, eu me sinto **uma heroína, uma vencedora** num venci tudo ainda não, mas vô se Deus quiser eu quero ver se eu vejo ao menos os dois pequenos rapaiz. (grifo nosso, Maria Lúcia)

Trouxemos aqui várias “falas” de Maria Lúcia, para demonstrar que ela se percebe uma mulher que lutou e buscou alcançar seus objetivos, conforme anteriormente analisado, foram grandes suas lutas, sendo interessante ela se reconhecer e denominar como “heroína” e “vencedora”, pois sob diversos aspectos ela o é, tendo se tornado sujeito da própria história, ao conseguir desvelá-la alterando os rumos do próprio destino, dos filhos e família ao desvencilhar-se do jugo masculino do ex-marido.

Outra mulher que aponta em seu depoimento o reconhecimento de sua autoria mudando os rumos de sua história é Dani:

Ah, eu me sinto importante (risos)
E hoje eu acho assim olha, eu, eu como mulher, eu me **sinto importante** porque? Eu, **eu sou capaz**, faço coisas hoje com, hoje eu tenho 44 anos eu faço coisas que quando eu casei, com 19 anos, eu num fazia, num é que eu num fazia, eu achava que eu num tinha capacidade pra aquilo, eu descobri muita coisa que eu era ca... que eu sou capaz de fazer hoje, é, é, são dotes culinários, coisa que eu não fazia, hoje eu arrisco eu faço, hoje eu tô bem, que eu estou sempre aprendendo, né? É, coisas artísticas, eu descobri que hoje eu sou, eu posso dizer eu sou uma artista, por quê? Hoje eu pinto uma tela que é o que eu gosto, eu tive um sonho e realizei esse sonho, porque tem que correr atrás, senão num consegue não, nada vem de mão beijada, né? Às vezes eu olho aquilo que eu fiz e eu, eu mesmo falo: “Será que foi eu que fiz?” E quando eu ponho, falo: “Não tá lá o meu nome, fui eu que eu, eu assinei”, eu agradeço a Deus por esse dom que Ele me deu, eu tenho certeza que eu tenho muito mais, eu tenho bastante dom pra me conhecer, eu vou em mais alguma coisa, porque eu acho que eu vim neste mundo pra arte mesmo, **eu sou uma artista**, né? (grifo nosso, Dani)

[...] A arte do artesanato eu faço qualquer coisa e eu ainda vou aprender muito mais, eu tenho bastante coisa que **eu acho que eu sou capaz**, agora no momento tá faltando é tempo, um pouquinho de tempo. É eu acho que já foi um grande progresso que eu fiz, né? (grifo nosso, Dani)

Dani realmente se reconhece enquanto “artista”, permitindo-se satisfazer com as conquistas realizadas percebendo-se “capaz” e comprometida com a sua família, demonstra que amadureceu na sua história de vida, tendo feito inúmeras descobertas, através deste seu depoimento mantido na íntegra, para melhor considerarmos as relações de intersubjetividade na “fala” de nosso sujeito, por meio de suas experiências anteriormente já analisadas.

Ela fala também das relações consigo e com as mulheres da comunidade que pode ajudar:

[...] mas hoje eu me acho **linda maravilhosa**, adoro até as ruguinhas que eu tenho. Que são experiência da vida aí, que a gente passa, mas eu gosto hoje eu gosto de arrumar o meu cabelo, eu gosto de arrumar minha unha, eu gosto de mim, e se eu não gostar de mim, ninguém vai gostar, eu pra agradar alguma pessoa: marido, filho, os amigos, tem uma boa aparência pras outras pessoas, **eu tenho que gostar de mim**, olhar e me sentir bem eu mesma, não os outros, os outros são detalhe, o importante ali é eu então.. é isso aí é que eu acho.

[...] ajudei a ensinar algumas mulheres, né? A **serem independentes** e ter o próprio dinheiro pra não depender de marido. (grifo nosso, Dani)

Assim, a arte, a estética e a solidariedade se inter-relacionam, onde Dani se reconhece não apenas sujeito de mudança da própria história, desde a saída da depressão até a conquista da realização do sonho de ser uma “artista”, mas também aponta para o fato de ter sido co-participante nas alterações de relações das mulheres por ela acompanhadas, enquanto monitora de pintura em panos de prato e enquanto cabeleireira voluntária no bairro em que mora.

Ela, sem dúvida alguma, se transformou em um agente multiplicador de suas potencialidades expandindo-as a muitas pessoas da comunidade, como contribui também para uma mudança de visão com relação as mulheres de sua família, como sua filha e também sua mãe, conforme analisado no capítulo terceiro.

Podemos inferir que Dani não apenas se reconhece enquanto autora e sujeito da própria história sinalizando mudanças positivas em sua vida, como também se constitui em uma pessoa que colaborou para que outras mulheres se tornassem sujeitos de uma “nova história”, mais autônomas, independentes e, sobretudo buscando liberdade e efetivação de direitos, conforme analisaremos em item posterior.

Fernanda também demonstra através de suas lutas, o reconhecimento de ser sujeito em sua própria história: “[...] *Com tudo, sabe eu sustentei meus filhos, com tudo, eu só nunca fui é... como é que eu falo, só nunca roubei e nem prostitui, pra lutar pros meus filhos.*”

Ela se reconhece enquanto uma batalhadora para poder sustentar e criar os sete filhos com o trabalho de sapateira, faxineira e posteriormente de costureira, uma mulher que soube transformar as adversidades em novos rumos e alternativas para cuidar da família.

Fernanda fala sobre o nome do grupo PAIF “Famílias em Ação”, cujas mulheres escolheram o nome sugerido por ela:

As Famílias em Ação, na minha cabeça, na hora que eles tavam lá, votando procurando um nome, que eu olhei, **eu vi muitas mulheres lá tentando lutar pela vida**, sabe? Procurando fazer um curso a mais, um ensino a mais, ir pra escola estudar, eu falei, nós tamo é **em ação** aqui, né, então foi onde surgiu esse nome, eu dei o nome, né, o **Grupo Família em Ação** e foi

votado e eu fiquei muito feliz, porque o que nós faiz lá, né, fazia, faiz, é **lutar por uma coisa melhor, um bairro melhor, uma sociedade melhor, um ensino, um estudo, um médico, qualquer coisa melhor**, o que for possível, a gente vai atrás, vai lutar. (grifo nosso, Fernanda)

Ela percebeu que na “dinâmica de busca” das mulheres integrantes do PAIF estavam retratadas as lutas coletivas do grupo, enquanto sujeitos de suas histórias, em torno de melhoria na qualidade de vida, saúde, educação, demonstrando que as mulheres na atualidade não esperam as coisas acontecer ou “cair do céu”, mas colocam-se a caminho e em ação, daí dentre várias sugestões de nomes para ser escolhido pelas integrantes do grupo, o nome “Famílias em Ação”, foi escolhido através de votação majoritária e aceito e incorporado posteriormente por todas.

4.3.4 Mulheres coparticipantes e/ou provedoras no processo de sustentação de suas famílias

Dentre as integrantes do PAIF verificamos que algumas delas se destacam enquanto provedoras ou então coparticipantes no processo de manutenção de suas famílias.

Marcela destaca que sempre esteve à frente da família:

Ai hoje é assim, eu que tenho meu marido mais, quem tem sempre que tá na frente sou eu, né? É tomando conta da casa, do trabalho, tem que dividir um pouquinho pra cada... pra cada coisa. (Marcela)

O que eu conquistei? Ah o que eu conquistei, foi assim foi, o salão foi uma conquista assim uma liberdade de depois que os meninos cresceu eu antes não tinha como trabalhar, hoje tem muitas oportunidades, né? (Marcela)

O marido e os filhos sempre dependeram dela, para tomar frente às situações familiares. Em nossos acompanhamentos, enquanto profissionais, verificamos que muitas vezes, frente às instabilidades de emprego e à precarização do mercado informal de trabalho, quando o marido de Marcela encontrava-se desempregado, era ela quem tomava frente as questões financeiras e de sustentabilidade da família, quer através de alternativas de renda informais ou requisição de serviços públicos, mas sempre à frente de sua família.

Enquanto cabeleireira, ela conquistou a possibilidade de ser uma das responsáveis pela manutenção da família, ao lado do esposo e dois filhos adultos, contribuindo com vinte e cinco por cento do orçamento familiar, sendo seu salário “feminino”, praticamente equiparado aos do esposo e filhos; conforme aponta o quadro 1 de caracterização dos sujeitos no capítulo primeiro e análise já realizada no capítulo terceiro.

No caso de Meire, embora não tenha aparecido em sua “fala”, ela é a provedora da

família, apesar de a renda oficial ser proveniente de pensão alimentícia e programas sociais. Ela é a responsável pela família, trabalhando como babá e outras fontes alternativas de renda, para poder cuidar e sustentar os sete filhos.

Quanto à Marília, ela que sempre trabalhou, sendo a única a ter trabalho registrado, também cooperou ao longo da vida para a renda familiar:

Antes era eu, meu esposo, meus filhos pequenos, nós pagávamos aluguel era uma vida muito difícil, mas graças a Deus superamos tudo. As crianças foram crescendo conseguimos comprar um terreno com muito sacrifício e com a ajuda de Deus e do meu pai e do meu esposo, nos conseguimos construir esta casa hoje onde estamos morando. Hoje já estamos com os filhos moços, todos os dois trabalham, eu trabalho e meu esposo também trabalha agora só falta a gente terminar a nossa casa. Somos muito unidos, sempre estamos ajudando um ao outro, posso dizer que somos felizes e sempre a gente esta agradecendo muito a Deus pela família que temos que somos né. (Marília)

Ela e o esposo conseguiram adquirir a casa própria e sustentar a família, cujos filhos atualmente adultos, também são coparticipantes para manutenção familiar; ela ainda declara que seu trabalho, além de sustentabilidade, lhe traz a satisfação de poder atender e ajudar material e espiritualmente as pessoas da comunidade, através de seu trabalho em entidade da Região Sul.

No caso de Jaqueline, já pontuamos que ela e o esposo conseguiram conquistar os sonhos do financiamento da casa própria, da aquisição do carro e móveis para casa, dentre outras necessidades materiais a partir da venda de pães de queijo, que rende R\$ 700,00 e do trabalho do esposo que, enquanto mecânico, ganha em torno de R\$ 1.000,00 por mês, segundo seus depoimentos:

O mais importante, porque é daí que eu, tiro é... Vamo dizer assim Regina. O meu marido ajuda só que, é 50% meu e 50% dele, mas eu acho que o mais importante, é quando as minhas filhas me pedem uma bolacha, e eu tenho o dinheiro pra ir lá comprar.., é por isso que eu acho, o mais importante, que eu vender, eu, eu, tê a minha renda. (Jaqueline,)
É com certeza, é o carro que nós compramos também com o dinheiro meu, com renda daqui também. [...] É da oficina, então é uma coisa assim é conseguido com suor, sabe Regina é mais prazeroso, quando você ganha o dinheiro com o su... com o seu, batalhando, sabe então é muito bom ...
Melhorou muito, o que sobra nós guarda junto, entendeu? (Jaqueline)

Ela enquanto co-provedora na manutenção da família se destaca não só no que se refere às necessidades e condições materiais da família, mas principalmente enquanto parceira nas tomadas de decisões e co-responsabilidades familiares; vejamos alguns destaques de suas

“falas”, que apontam para esta situação:

[...] eu fico muito junto com meu marido, em questão de negócio, de serviço, ele me dá palpite no meu serviço aqui em casa, eu dô palpite no serviço dele, quando é pra resolver um problema, nós dois resolve, entendeu? [...] É tudo em conjunto, sabe, tudo em conjunto, antes, não antes era um pra lá outro pra cá, agora não, agora a gente parece que um laço sabe, parece que transformou aí tudo, tudo junto, [...], hoje nós sentamos na mesa, come todo mundo, almoça todo mundo, as meninas assim, elas já chama ele: “Papai vem almoça”, né então é uma coisa assim, é muito bom hoje em dia. (Jaqueline)

É... como que é? Eu ajudo meu marido no serviço dele, eu pago as contas, eu ajudo a pagar as contas, vejo hoje que já é um papel que eu desem ...[...] É desempenho aqui dentro, né? É como eh, eu...eu faço muitas coisas assim que eu antes num fazia, éh... eu ajudo ele buscar carro numa, numa cidade diferente.

Então é aí, eu, eu vejo assim que eu sou o braço direito dele, vamos dizer assim, não querendo sabe? Sem muita modéstia, mas o braço direito dele, de verdade. (Jaqueline)

Ambos, ela e o esposo, são corresponsáveis pela família, tomam decisões conjuntas em relação aos negócios, trabalho e educação dos filhos. Para Jaqueline, conquistar este patamar foi transpor todas as situações iniciais, de formação de sua família atual sobre as quais já discorremos. [...] *É. então hoje em dia eu sou feliz de, eu sou uma pessoa praticamente realizada, sabe eu fico assim, eu olho, eu olho pro meu marido e **fico pensando, gente é uma vitória**, porque o que esse home foi antes e o que esse homem é hoje, é uma vitória.* (grifo nosso, Jaqueline)

Quanto à Fernanda, podemos destacar o papel de provedora em sua história, a única responsável pela manutenção de sua família, através das diversas alternativas de trabalho e emprego que ela encontrou para sustentar sua família:

Ah, era, pegava nas fábricas, antigamente era registrado, né, a gente pegava, tinha que entregar aqueles, 20, 25 par de sapato, meus filhos tudo pequeno, muitas vezes até pra dar mamã, eu jogava numa caixa assim dum lado, e deixava eles mamando, enquanto eu tava puxando uma linha pra cima, costurando, né? Foi muito difícil, depois que parou, que ficou essa coisa, de sapato, fracassou muito aqui em Franca, eu fui lá no fundo do passado, onde eu comecei a costurar um pouquinho com a minha mãe, aquelas maquininha de mão, que rodava com a mão, né, que eu fazia roupinha de saco pra mim, pra minhas irmã, e comecei a costurar de novo, né? Um belo dia eu tava desempregada e fiquei apavorada, né? Eu falei: “Como que eu vou fazer com cinco filhos, sem trabalha...” Uma amiga minha falou: “Vou ver se eu consigo arrumar pra você na confecção”. Aí no outro dia a mulher mandou me chamar lá e falou: “Tem serviço só pra cortadeira, você corta?” Eu falei: “Oh, muita prática eu num tenho não, mas se a senhora me explicar...” Eu nunca nem tinha visto uma tesoura elétrica, mas a necessidade era tão grande, ela então: “Você volta amanhã aqui, pra você já começa a trabalhar

de cortadeira”. Regina essa noite eu dormi, eu vi a noite inteira meus dedos voando naquela máquina, sabe? Falei: “Eu tenho que encarar esse serviço, que eu tenho que sustentar os meus filhos”, e fui, quando cheguei lá, a mulher falou, então falei: “Então a senhora me explica direitinho, como que a senhora gosta que trabalhe, né, que é pra mim vê e já...” Eu não sabia nem pra onde que ia, e lá eu trabalhei de cortadeira, por dez anos né? Cortando malha, lá no intervalo de horário de serviço, as meninas ia pra pracinha, né? Que era ali na Santa Cruz, sentava ali naquela pracinha pra chupa, picolé, faze alguma coisa, e eu ia aprender nas outras máquinas, ela vinha minha patroa ficava brava comigo, falava: “Você vai estragar uma máquina dessas, seu salário não dá pra pagar”, falava: “Deixa eu quieta”. E quando eu saí de lá depois dos dez anos, eu já sabia trabalhar em todas as máquinas, sabia cortar de tudo, sabe? Sabia fazer de tudo, aí comecei, comprei as maquininhas até com o acerto que eu saí de lá e comecei a trabalhar em casa, mas aí do longo do tempo, acho que de tanto trabalho, tanta canseira começaram a aparecer os problemas de saúde, né? Mais graças à Deus é assim, aí eu , até hoje eu ainda faço as costuras, uma coisa que eu “gosto”(ênfase) de fazer, eu adoro fazer roupas, costurar, agora depois que eu sofri um derrame, e assim eu evito de pegar mais roupa, pra cortar, pra fazer, porque, parece que tem hora que a minha cabeça, falha, né? Mas assim tipo reforma tudo, nossa eu fico feliz da vida, quando a freguesa fala: “Nossa, eu adorei o serviço”, acho que é melhor do que o pagamento. (Fernanda)

Aqui achamos melhor preservar o depoimento na íntegra, para que pudéssemos desvelar como esta mulher, procurou sustentar sua família através das diferentes formas de trabalho. Inicialmente na indústria calçadista, trazendo também o trabalho de costura manual para casa, reflexos da reestruturação produtiva, trazendo em seu bojo a precarização nesta forma de produção. Posteriormente, Fernanda relata que com as alterações nas atividades produtivas do município, ela passa a trabalhar na indústria de confecção; mesmo não tendo, inicialmente, domínio das máquinas de costura, ela arriscou-se no novo trabalho para garantir o sustento de sua família.

Em seu depoimento, ela fala de uma fase em que comprou algumas máquinas de costura, com o dinheiro de seu acerto e montou o próprio ateliê, tendo trabalhado com êxito numa profissão que aprendeu a gostar enquanto costureira, encontrando prazer em confeccionar roupas e peças. Ela precisou parar de trabalhar, após questões de saúde, mas o fato é que a mesma conseguiu sobrepor-se aos grandes obstáculos e desafios, para cuidar de sua família, sendo provedora de em uma família monoparental feminina com sete filhos.

Fernanda é uma mulher admirável que mesmo nas ocasiões em que não tinha trabalho, lutou pela sobrevivência dos filhos. Destacamos outra parte de seus relatos:

Então, Regina eu sofri muito, pra criar meus filhos, hoje quando eu vejo eles assim, eu fico me vendo assim... (chorando), como que eu lutei sabe? Como que eu consegui, porque... eu nunca fui de pedir o ato de pedi pra mim, sempre foi muito doloroso, eu preferi muitas vezes quando eu...

passava dificuldade com os meus filhos, eu ia na casa das minhas amigas lá no Progresso, porque por aqui tinha pouca casa, ... e elas costurava, tinha banca de sapato, eu falava: “Ôh Maria...” tinha até uma que chamava Regina, eu chegava na casa delas sábado cedinho, e ali eu já, elas não toma um cafezinho, eu entrava eu via que tava aquelas pia cheia de louça, aqueles tan., eu metia o pau, eu lavava tudo sabe? Eu falava, eu num volto pra casa sem num levá nada pro meus filhos comer, sabe? E elas me davam, me davam, uma me dava um arroz, outra me dava um óleo, eu pegava aquilo lá, sabe? Eu vinha, sabe, eu tinha um pique assim pra fazer as coisas, hoje em dia eu assim, eu acho muito errado, quando eu vejo muita mãe falar assim, ah meus filho dormiram tudo com fome, é, eu faz três dia que a gente não como em casa, Regina, num existe isso! Nunca existiu pra mim, nunca um filho meu dormiu com fome, nunca, e eu nunca fui de pedir, nunca! Esse ato pra mim eu acho assim um dos mais dolorosos. Eu sou mais de chegar ali e fala: “Eu to precisando disso e disso, você quer que eu lavo uma roupa? Que eu faço alguma coisa, porque eu preciso voltar pra casa com o alimento dos meus filhos, sabe?” isso eu fiz muito. Muito mesmo, então foi assim uma vida muito sofrida que eu sofri muito pra cria meus filhos, pra educar, chamava na escola, era reunião e olha são cinco filhos homem, seis, né? E tinha que ir na escola, tinha que ir na Guardinha, quando eles trabalhava, então eu me desenvolvia naquele monte de coisa que tinha que fazer e chega em casa, ainda dá o alimento do meus filho, nunca...meus filhos dormiram com fome! Então hoje em dia eu olho assim pra eles, quando eles vêm aqui em casa, quase todo fim de semana vem, eu olho e fico assim, mas gente será que foi eu que consegui, sabe? Será que tudo foi eu que, que.. porque meus filho é, é, é... tudo na minha vida, sabe Regina? É pobre, mas tudo honesto [...] (Fernanda)

Embora este trecho, já tenha sido anteriormente citado, retornamos ao mesmo, para demonstrar toda a dignidade com a qual Fernanda buscou sustentar seus filhos; nela estão os reflexos e exemplos da mulher atual que, de forma decisiva, conseguiu transformar e transpor sua história de vida através de um protagonismo atuante, retirando as mulheres da invisibilidade, partindo para um papel de destaque na sociedade contemporânea.

4.3.5 A liberdade alcançada pelas mulheres no mundo contemporâneo - luta por direitos

Algumas mulheres apontaram e reconheceram a liberdade que têm conquistado na luta por direitos iguais e se reconhecem enquanto integrantes dessa realidade que permeia o universo feminino contemporâneo.

Vejamos no caso de Marcela e de Meire, o que apontam em suas “falas”:

A antigamente era só esquentar a barriga no fogão né? Hoje não, hoje tem **uma liberdade, uma igualdade**, né? (grifo nosso, Marcela)

As mulher primeiro, elas batalho muito pra conseguir o que elas conseguiu hoje, só que elas perderam muita coisa também né? Elas agora não tem

tempo muito pra si, tudo corrido né. E as mulher do passado vivia muito presa também, pelos maridos, elas era muito submissa e hoje não, hoje a mulher ela pode no geral fazer tudo o que um homem ela também faz. (Meire)

Ambas reconhecem que as mulheres tiveram que lutar muito para alcançar a liberdade e igualdade tão almejada, em comparação aos papéis da mulher do passado, conforme já analisados; elas apontam as questões referentes à subalternidade feminina e às atividades domésticas (contidas no espaço privado) que se referiam apenas às mulheres, apontando que “tudo” o que os homens fazem as mulheres de hoje podem também realizar.

Veremos a seguir que outras entrevistadas apontam, inclusive, quais atividades são desempenhadas pelas mesmas, assinaladas no passado como atividades eminentemente masculinas, como no caso de Jaqueline e Fernanda.

Observemos o que elas nos trazem:

Hoje? Tá fácil, porque hoje a mulher pode tirar carta, antigamente não podia hoje a mulher pode até ser política, né? Entrar na política, num podia, agora pode, é então a mulher, ela evoluiu muito, na, na época de hoje, né? Então eu vejo assim, até a... a voz, como é que fala? A opinião da gente é mais ouvida.[...] Né, antigamente não hoje é mais, é totalmente, assim é bom ser mulher, as pessoas dá mais valor, no serviço da gente, dá mais valor numa opinião, tipo assim,vamos dizer, né? (Jaqueline)

Num podia fazer nada, né? Tem mulher taxista, tem mulher caminhoneira, eu acho chique, esses dia precisei pegar um taxi, a mulher tava dirigindo, eu podia ta no lugar dela, sabe? Coisa mais chique lá. Antigamente não, a mulher era aquela coisa parada, ela era só a esposa, né, a mãe era dentro de casa, lava, passa, cozinhá, aquela coisa lá, né? Então, eu acho assim que, acho que teria o valor num sei, por ter um homem, pra assumir as responsabilidades, mas no fundo, no fundo eu acho que ela se sentia isolada. Hoje em dia mesmo que tenha o marido dentro de casa, ela tem as coisas dela pra fazer, têm as responsabilidades dela e hoje em dia Regina, homem nenhum assume uma casa sozinho, num existe, quem fala assim, ai meu marido põe de tudo dentro de casa, é mentira, eu num conheço, porque sem a ajuda da mulher o homem hoje em dia ele não tem como ele vivê, não tem como, ele precisa da mulher em todos os sentidos, porque, ah eu acho assim, que no passado, aí eu não gostaria de ser mulher do passado não. (Fernanda)

Neste caso, as duas enunciam atividades e habilidades que sempre foram idealizadas como predominantemente masculinas, a exemplo de dirigir, que já é uma atividade de domínio feminino, acentuando as profissões ligadas também a esta atividade, como taxista e caminhoneira, como formas alternativas da mulher poder ganhar seu sustento e ter uma profissão.

Apontam também um novo campo em que as mulheres vêm se destacando, ainda de forma minoritária, mas que estão iniciando uma participação efetiva, como a participação

política da mulher na sociedade, questão esta que perpassa pelas relações de gênero e poder preponderantes e são refletidas através das relações sócio-historicamente construídas, segundo a intencionalidade de domínio masculino.

No Brasil contemporâneo, temos como destaque a primeira mulher presidenta, e somente a história poderá avaliar seu papel e desempenho; com certeza, ela, que foi eleita pela “possível” maioria de gênero feminino, deverá apontar novos caminhos de lideranças neste contexto atual. Muitas foram as mulheres que se destacaram ao longo da história, seja nacional ou internacionalmente, desde matriarcas, rainhas ou lideranças políticas e/ou comunitárias, mas o mundo ainda as mantém na invisibilidade, sem o devido reconhecimento, por uma questão de reprodução de relações do poder masculino instituído.

Fernanda destaca que as mulheres de forma direta ou indireta hoje, contribuem para o sustento da casa e da família, e que os homens na atualidade não conseguem prover o sustento da família, o que demonstra mais uma vez a desconstrução do papel de provedor masculino, em detrimento das mulheres que são coparticipantes ou mesmo as principais, ou únicas provedoras da família.

Também Dani aponta essa questão quanto ao papel de provedor masculino em sua fala: [...] *E homem que num desse conta de sustentar uma mulher, num servia pra casar, e hoje se uma mulher não trabalhar, o homem não dá conta de tocar a vida não, isso que eu acho que é.* (Dani)

Reflexos da sociedade capitalista atual, este desmantelamento do papel masculino está ligado às atuais condições de terceirização e precarização do mercado de trabalho que, através da informalidade, ausência de garantia de direitos previdenciários, maior especulação da força de trabalho e baixíssimos salários; cujo salário mínimo, além de não garantir direito algum, como os de alimentação, saúde, educação, transporte e lazer (dentre outros), são insuficientes para manter uma família, requer que a mulher também venha participar do mercado de trabalho formal e/ou informal, para garantir o sustento e renda familiar..

Dani ainda aponta a luta pelos direitos da mulher, no seguinte trecho, finalizando seus depoimentos:

Não, eu, eu queria dizê assim, se vai tá alguém que vê e lê as mulheres, né em si, em si que **ela luta pelos seus direitos** e num tem essa coisa que o homem é mais do que a mulher, eu acho que **é tudo igual**, cada um tem o seu, o seu papel na sociedade, o mesmo que um homem pode fazer a mulher pode fazer, talvez pode fazer até muito melhor do que um homem, só isso (grifo nosso, Dani)

Para ela, tanto homens e mulheres podem desenvolver as mesmas atividades, dando

ênfase ao papel da mulher, uma vez que a mesma desempenha tão bem ou “melhor” as atividades masculinas, colocando ambos os gêneros num patamar de igualdade.

Aqui podemos inferir que tal objetivo e mesmo ideal declarado nas revoluções como igualdade e liberdade são alvos de nossa sociedade, principalmente feminina, porém, conforme já analisados anteriormente, ainda um pouco distantes de se realizarem na prática, devido à toda dominação masculina, sócio-historicamente construída e reproduzida na sociedade contemporânea.

Na fala de Dani verificamos, quando ela fala que as mulheres podem fazer tudo o que um homem faz e até melhor, as reproduções das relações de poder, aqui de forma inversa, que seria o poder feminino sobre o masculino, tais contradições inerentes nas relações de gênero apontam-nos que ainda hoje é necessário trabalharmos, no sentido a romper com os paradigmas culturais de dominação, se não queremos a dominação do masculino sobre o feminino, tão pouco podemos reproduzi-los na dominação do feminino sobre o masculino, mas sim devemos caminhar rumo a relações mais igualitárias dentro das relações de gênero.

No caso de Maria Lúcia, ela demonstra a conquista de direitos em situações pequenas mais significativas em sua vida, como na sua “fala”:

Hoje não hoje é outra vida né? Hoje é outra vida, se eu falar assim tá, vou fazer um, vou arrumar vou sair, se alguém fala vamo em tal lugar, vamos meninos, dá pra ir eu levo eles né, inté mesmo na escola, hoje como diz o outro hoje eu sou uma mulher, antigamente eu num era não porque eu só vivia apanhando. (Maria Lúcia)

Neste caso, sua fala expressa que a liberdade de poder tomar decisões desde as mais simples como poder sair ou mesmo acompanhar os filhos na escola, estão acompanhadas da conquista da liberdade conjugal, de uma separação, que lhe garantiu os direitos de sobreviver e viver sem medo e sem as amarras do esposo “tirano” que a subjugava, acreditamos que ela considerava-se “dono de Maria”, como na história dos antepassados, nas relações de subalternidade feminina, anteriormente retratadas.

Vejamos agora o que nos apontam ainda as mulheres de nossa pesquisa, no caso de Marília:

Hoje a mulher é mais valorizada, ela tem mais liberdade de fazer o que quer, falar o que quer e antes a mulher não podia falar era mais, num tinha tanta liberdade como tem hoje né, era mais quieta dentro de casa, submissa, mais num podia fazer nada, hoje a mulher ganhou um espaço muito bom dentro da comunidade, ela tem mais, éé... Como é que eu falo. Tem mais oportunidade né de fazer algo mais, que antes não tinha. (grifo nosso, Marília)

Assim como Jaqueline, Marília destaca que a mulher da atualidade ganhou importante espaço na sociedade, tendo a possibilidade de ser “mais ouvida e respeitada em suas opiniões”, o que nos reporta à antiguidade, onde apenas as mulheres de Esparta eram respeitadas e os antigos se “davam ao trabalho de ouvi-las”, verificando assim a conquista de direitos na sociedade contemporânea onde a opinião das mulheres passa a ser considerada.

No caso do Brasil, apesar de toda “cúpula” do poder masculino ser regida por interesses, sempre da classe dominante, é a voz de nossa presidenta que hoje se faz ouvir no cenário nacional e internacional como representante desta nação.

É interessante analisarmos a partir desta visão ampliada, uma visão mais fragmentada e simples, expressa por Dani, quanto às relações masculinas e femininas, vejamos:

Ah eu, eu acho assim, oh, hoje eu como mulher, na minha família, dizem que o homem é a cabeça e **a mulher é o pescoço, que ela que sustenta a cabeça.** [...] É a mulher hoje ela é o pescoço do homem, porque você pode perceber assim tudo o homem faz as coisas, mas dentro da casa ele pede opinião se a mulher falar não, num é bem assim, então ele vai pela mulher, se num tiver o pescoço a cabeça cai, ou seja o homem desaba também, né? (grifo nosso, Dani)

Aqui Dani traz um pouco dos novos papéis desempenhados e reconhecidos na sociedade atual onde a mulher é não apenas consultada, mas toma decisões junto com o marido, como nos exemplos anteriormente citados, dando evidência a Jaqueline, que pontuou que todas as decisões de orçamento da casa, negócios e educação dos filhos são decisões tomadas em conjunto.

Assim, verificamos aqui que a mulher deixa de ocupar um papel secundário ou terciário, como nas antigas sociedades, em que a mulher, filhos escravos e animais eram apenas parte da posse e propriedade dos maridos (*“familius”*), para passarem a assumir papéis imprescindíveis, como destaca Dani, papel de “sustentabilidade” quando ela utiliza-se da metáfora de sustentação da cabeça que são o pescoço e a cabeça, no sentido de autoridade a ser consultada e principalmente ouvida e respeitada.

Assim percebemos que o protagonismo das mulheres do PAIF foi sendo delineado a partir do momento que elas decidiram por romper com tantas relações de sujeição e submissão do feminino ao “jugo” masculino, expressas no desvelamento das relações sócio-históricas culturais estabelecidas, a partir do momento em que foram capazes de transformar tais relações na busca efetiva de direitos e conquistas, como co-participantes e/ou sujeitos na

construção de uma “nova história”.

4.3.6 O desempenho de múltiplos papéis, com êxito nas múltiplas funções

Chegando ao final de nossas análises, verificaremos que as mulheres, sujeitos de nossa pesquisa, desempenham múltiplos papéis na atualidade, o que se constitui numa característica do gênero feminino, onde as mesmas permanecem com os papéis que já lhe eram historicamente atribuídos e alocou aos demais funções que se requer da mulher hoje, não apenas da multiplicidade de tarefas e atividades por elas desempenhadas, mas no êxito que realizá-las algumas vezes simultaneamente, de forma zelosa e responsável, apontando para seu protagonismo.

Se esta gama de atividades é positiva ou negativa, deixaremos para história verificar; o fato é que as mulheres, de forma extraordinária, conseguem realizá-las, demonstrando aqui um imenso valor e capacidade de superação, conforme anteriormente analisado.

Vejamos o que dizem nossas protagonistas.

Marília declara: *“O papel mais importante hoje a gente trabalha fora né, trabalha dentro de casa, é cuida de casa, cuida do esposo dos filhos e ainda trabalha fora também.”*

Apesar de destacar que o papel principal seria de trabalhar fora (sobre seu trabalho discorreremos no subitem posterior), ela demonstra que ainda permanece com as tarefas domésticas, como cuidar da casa, atribuindo-se ainda as funções de “cuidar” do esposo e filhos para si, conforme já discorremos anteriormente. Ela não exercer somente tais papéis; é também uma liderança comunitária, além de importante companheira e mãe como já destacou seu esposo antes.

Aqui verificamos que apesar da emancipação das mulheres, muitas vezes apontada nos depoimentos dos nossos sujeitos, apesar de uma consciência parcial da importância do papel da mulher na sociedade, ocorre uma contradição entre a “fala” e a prática na vida de Marília e também de outros sujeitos de nossa pesquisa; ainda observamos uma reprodução muito arraigada dos papéis tradicionais da mulher, e por tratar-se de uma questão cultural, a transformação somente ocorrerá de forma lenta e gradativa, pois a mudança cultural, implica na tomada de consciência, numa mudança de mentalidades, de fazeres e saberes diversos do que foi aprendido ou mesmo apreendido.

Também Maria Lúcia fala dos diversos papéis:

Ah eu, eu acho que eu sou **espelho** pra eles né? Eu me sinto assim tudo eu né? Tudo, **eu sou o pai eu sou a mãe, né, amiga né?** Tudo é eu. Então eu me sinto assim, como diz o outro, as vezes eu oio no Maikon e fico muito brava né? Mas eu falo assim ai ele, como diz o outro eu consegui, até hoje, chegar até o ponto que eu já cheguei, de ver esse rapaz deste tamanho, então eu me sinto as veiz **uma heroína** sabe? (grifo nosso, Maria Lúcia)

Aih em primeiro lugar de pai e mãe, né? Pai e mãe e tudo mais, porque, tudo é eu que tenho que por a frente né? Então hoje eu penso assim, meu papel sou mãe pai amiga, é companheira, porque tem hora que precisa de você puxar a rédea, tem hora que precisa de você puxar né? Eu me sinto assim igual eu falo, eu me sinto **uma heroína, uma vencedora** [...] (grifo nosso)

Uai por que..., eles sempre depende da gente né? Tá sempre precisando, né? E é toda hora, né? Mãe num sei o que, mãe, mãe, a eu acho que é o de mãe, porque eu acho que se eu tivesse abandonado o barco, eles ia fala assim, mãe.. é... posso fazer isso, posso fazer aquilo? A mãe pega aquilo pra mim, então eu acho que é o papel de mãe. (Maria Lúcia)

Ela demonstra que nos vários papéis por ela desempenhados, como de pai, mãe, amiga, companheira dentre outros, ela conseguiu vencer, como já falamos anteriormente, apontando-se como heroína e vencedora. Seu protagonismo está aqui destacado no fato dela não ter abandonado os filhos, diante das situações e decisões que deveria tomar, colocando-se a frente dos filhos para que eles pudessem ter nela um reflexo de suas lutas e exemplos, como principalmente a mãe que pode colocar regras e limites (quando é preciso puxar as rédeas) e direcionar as ações e educação dos quatro filhos.

Foi à única provedora da família por muitos anos, tendo sobrevivido, com ajuda de pessoas da comunidade e baixíssima renda, proveniente no passado da costura manual de calçados e de recursos de programas sociais e atualmente tem no filho Mateus o seu principal arrimo de família. Destacamos aqui seu protagonismo no êxito que conseguiu ao desenvolver seus múltiplos papéis, dentre eles o principal de chefe de família.

No caso de Dani, já falamos um pouco sobre suas múltiplas funções e papéis:

[...] hoje não hoje é algo assim que você reúne e conversa qualquer tipo de assunto com o filho, independente da idade, ou seja se for um criança é algo assim limitado a idade dele, da criança, mas se for um adolescente é pai, mãe, pode conversar sobre sexo, sobre droga, tudo. (Dani)

Hoje, é, é, eu faço pintura em tela, eu, eu já fui monitora de pintura em pano de prato até desenvolvi um trabalho aqui no bairro X, fui voluntária durante três anos [...] (Dani)

Olha são vários, né? É a gente fala que mulher num tem aquele tanto certinho, é dois é três. Hoje eu sou: mulher, sou mãe, sou sogra, né? Sou sogra também. Sou sogra, eu sou uma dona de casa e sou a patroa da casa também. E o que tá faltando pra mim entre outros que não me lembro daqui a pouco, alguns anos aí eu vou ser vovó. (Dani)

Inicialmente, ela destaca o papel da mulher enquanto educadora, podendo orientar os filhos sobre os mais diversificados e diferentes assuntos; para tanto, a mulher tem que se cercar de informações e se respaldar sobre o que pensa, sente e fala.

Em seguida, Dani fala das múltiplas atividades que realiza enquanto “artista”, desde a monitoria na pintura em panos de prato, como cabeleireira até as aulas de pintura em tela, já refletidas sobre as mesmas anteriormente.

Enfim ela aponta os mais diversos papéis que desempenha, quanto a se mãe, mulher, sogra, dona de casa, patroa dentre outros, papéis tradicionais, através dos quais podemos verificar seu protagonismo em conseguir conciliar as múltiplas funções que ela exerce, com pleno êxito, não apenas junto à sua família, mas também na comunidade do bairro onde mora, local que desenvolveu seus dotes e habilidades como voluntária, colaborando para o crescimento e desenvolvimento de muitas mulheres quanto a sua independência e autonomia.

Meire aponta as dificuldades dos múltiplos papéis:

Eu sou tudo né, sou pai, mãe e to sempre por dentro né, então é mais é eu mesmo. [...] Hoje, dentro da minha família? Aqui na minha casa, pai e mãe, e na minha família assim filha, né? Só... [...] Uma coisa assim que agora eu tô sentido, porque não tem uma pessoa pra ta junto né, então esse é o mais importante, que eu estou empenhando ultimamente. (Meire)

Para ela destacam-se as funções simultâneas de ter que desempenhar os papéis de pai e de mãe de seus sete filhos, sendo o equivalente as funções atribuídas a mulher em seus papéis tradicionais de cuidar, zelar, educar e ser mãe (conforme capítulo terceiro).

Também lhe pesa o fato de ter que ser a única provedora da família, dependendo para além dos programas sociais, da ajuda da comunidade e família, bem como poder já contar com o direito legitimado dos filhos de pensão alimentícia, direito este muitas vezes não reconhecido pelas mulheres que atendemos em geral, como direito a ser garantido para os filhos.

Grande parte das mulheres que atendemos atualmente, ainda não requer este direito, ou mesmo não entendem como responsabilidade masculina, tendo os “filhos” como responsabilidade apenas da mulher, fato sobre o qual já discorreremos reproduzidos desde as sociedades antigas, onde era tido como “natural”, os filhos pertencerem/ ficarem com as mães na separação do casal, situação culturalmente mantida através das gerações perpetuando-se até os dias atuais.

Para Meire, como ela mesma destaca, seria importante poder contar com alguém, um companheiro (ou esposo – seu objetivo inicial), para poder cuidar e prover os filhos.

Destacamos o direito da pensão alimentícia, por se tratar de um importante aspecto, hoje já identificada nos atendimentos à população usuária, predominantemente feminina, onde existe uma desresponsabilização masculina, pelo fato de muitas mulheres ainda concordarem com o fato de que “filho” é obrigação, ou “coisa” da mãe/da mulher.

Marcela apenas fala dos papéis:

[...] que eu desempenho na minha família? Além contando o trabalho não? Ai hoje é assim, eu que tenho meu marido mais, quem tem sempre que tá na frente sou eu, né? É tomando conta da casa, do trabalho, tem que dividir um pouquinho pra cada... pra cada coisa. [...] O mais importante? É assim é cuidar dos meus filhos e meu trabalho, que eu acho o mais importante, que eu acho mais importante. (Marcela)

Ela fala do trabalho como cabeleireira, mas destaca que dentre as diversas funções e papéis femininos ela sempre tomou a frente de todas as situações, mesmo antes do marido, mas que seu papel mais importante ainda seria de cuidar dos filhos (alguns já “adultos”) e da importância de seu trabalho, que lhe dá não apenas maior autonomia, mas também a realização de um sonho. Aparentemente, Marcela desempenha seus múltiplos papéis com êxito e admiração dos filhos, que demonstraram seu reconhecimento na colaboração ao ajudar a mãe montar seu salão de cabeleireira, bem como nas relações que observamos entre os familiares da usuária.

No caso de Jaqueline já discorreremos sobre alguns de seus papéis:

Dos filhos eu participo de reunião na escola deles, é aqui em casa eu, eu fico muito junto com meu marido, em questão de negócio, de serviço, ele me dá palpite no meu serviço aqui em casa, eu dô palpite no serviço dele, quando é pra resolver um problema, nós dois resolve, entendeu? [...] É tudo em conjunto, sabe, tudo em conjunto, antes, não antes era um pra lá outro pra cá, agora não, agora a gente parece que um laço sabe [...] (Jaqueline)

Éh..., como que é? Eu ajudo meu marido no serviço dele, eu pago as contas, eu ajudo a pagar as contas, vejo hoje que já é um papel que eu desem ...[...] É desempenho aqui dentro, né? É como eh, eu.. eu faço muitas coisas assim que eu antes num fazia, éh... eu ajudo ele buscar carro numa, numa cidade diferente. (Jaqueline)

É, o que mais? Cozinhar, lavar roupas, que mais? Que eu faço com amor, que é muito bom você fazer as coisas com amor que sai tudo bonitinho, né? No Pró-Vila (entidade região - nome fictício, na qual Jaqueline é voluntária), né? [...] Eu entrego o leite pras crianças, que é muito também, eu ajudo a Marília a vender roscas, além dos meus pães de queijo aqui, eu ajudo ela a vender rosca, é que mais? Então é um conjunto de coisas, né? (Jaqueline)

Aqui verificamos a diversidade e multiplicidade de papéis desempenhados por Jaqueline onde destacamos as atividades tradicionais da “mulher”, lavar, passar, cozinhar, acompanhar a educação dos filhos na escola, ampliando-se para as atividades de colaboração

com o serviço do marido, um dos fatores pelo qual ela que se destaca dentre nossas entrevistadas é por ser a única que dirige atualmente; o casal toma decisões conjuntas, quer no que se referem às questões domésticas, quer no trabalho do esposo enquanto mecânico ou mesmo dela na venda de pães de queijo.

Assim, para além das funções já elencadas, a mesma ainda é voluntária na entidade do bairro, colaborando na entrega de leite, cestas de alimentos, venda de roscas e pães de queijo, uma mulher que se destacou em todos os papéis que lhe foram atribuídos e nos que ela se prontificou a desenvolver, para além de suas atividades normais, como no voluntariado.

Fernanda elenca quais e quantos foram seus principais papéis e as múltiplas funções que vem exercendo:

[...] principalmente no lar que a mãe faz os dois papéis, de pai e de mãe, porque aí a preocupação é maior, porque tudo..., já na casa que tem o pai e a mãe, tudo o que acontece é a mãe, agora você imagina onde num tem, né? (Fernanda)

A Hoje dentro da minha família, o meu papel? Perguntinha difícil essa, né? Hoje o meu papel eu sou pai e sou mãe, né, dentro de casa porque, eu que crio os meus filhos, os meus dois filhos, o pai sumiu também como o primeiro, e eu faço o possível com ajuda dos casados, porque depois que eu sofri esse derrame, eu não consegui mais trabalhar como eu trabalhava antes e venho lutando procurando no máximo, é muito difícil, é um jogo muito duro, mas eu procuro dar pro meus filho o melhor de mim, como mãe, né? Mas na mesma hora eu tenho que lutar pra fazer a parte do pai, que é dá o alimento, dá o que vestir, dá o calçado, dá educação, segui na escola faz o que for preciso, né, o que for necessário, é bem difícil o papel, o meu papel na família hoje. (Fernanda)

Ah eu sou pai e mãe, né. Psicóloga. [...] Médica e professora, conselheira, né, aconselho muito meus filhos, educadora, rapaz se eu ganhasse um salário, por cada coisa que eu sou,, que maravilha, né? Eu desenvolvo muitos papéis dentro da, junto com os meus filhos, você sabe que casa mas continua, sabe, quando tem os probleminhas é a mãe que procura, né? (Fernanda)

Ela relata com clareza seus papéis de mãe e pai (neste sentido de provedora e também educadora), passando a elencar as demais funções de “psicóloga”, “médica”, “professora” e conselheira, cujo último papel ainda se mantém até com os filhos mais velhos. Pois foi essa mulher batalhadora que apesar do derrame e das circunstâncias desfavoráveis, já analisadas anteriormente, que conseguiu obter êxito em seus múltiplos papéis na sustentação e educação de seus filhos.

Para além das múltiplas funções e papéis desempenhados pela mesma destacamos ainda no seu discurso, que aqui manteremos na íntegra, o que a mesma foi obrigada a fazer para que pudesse manter sua família:

Como que eu consegui, porque... Eu nunca fui de pedir, o ato de pedi pra mim, sempre foi muito doloroso, eu preferi muitas vezes quando eu... passava dificuldade com os meus filhos, eu ia na casa das minhas amigas lá no Progresso, porque por aqui tinha pouca casa, ... e elas costurava, tinha banca de sapato, eu falava: - Ôh Maria tinha até uma que chamava Regina, eu chegava na casa delas sábado cedinho, e ali eu já, elas não toma um cafezinho, eu entrava eu via que tava aquelas pia cheia de louça, aqueles tan..., eu metia o pau, eu lavava tudo sabe? Eu falava, eu num volto pra casa sem num levá nada pro meus filhos comer, sabe? E elas me davam, me davam, uma me dava um arroz, outra me dava um óleo, eu pegava aquilo lá, sabe? Eu vinha, sabe, eu tinha um pique assim pra fazer as coisas, hoje em dia eu assim, eu acho muito errado, quando eu vejo muita mãe falar assim, ah meus filho dormiram tudo com fome, é, eu faz três dia que a gente não como em casa, Regina, num existe isso! Nunca existiu pra mim, nunca um filho meu dormiu com fome, nunca, e eu nunca fui de pedir, nunca! Esse ato pra mim eu acho assim um dos mais doloroso. Eu sou mais de chegar ali e fala, eu to precisando disso e disso, você quer que eu lavo uma roupa? Que eu faço alguma coisa, porque eu preciso voltar pra casa com o alimento do meus filho, sabe, isso eu fiz muito. Muito mesmo, então foi assim uma vida muito sofrida que eu sofri muito pra cria meus filhos, pra educar. Chamava na escola, era reunião e olha são cinco filho homem, seis, né? E tinha que ir na escola, tinha que ir na Guardinha, quando eles trabalhava, então eu me desenvolvia naquele monte de coisa que tinha que fazer e chega em casa, ainda dá o alimento do meus filho, nunca! Meus filho dormiu com fome, então hoje em dia eu olho assim pra eles, quando eles vem aqui em casa, quase todo fim de semana vem, eu olho e fico assim, mas gente será que foi eu que consegui, sabe? Será que tudo foi eu que, que.. porque meus filho é, é, é... tudo na minha vida, sabe Regina? É pobre, mas tudo honesto sabe, eu fico muito feliz, agora hoje em dia eu tenho assim o Diego e a Bárbara, o Diego você sabe doente desde que nasceu com um probleminha de saúde, já passou por três cirurgias, mas é um menino doce sabe, ele aprendeu, acho que aprendeu comigo a amar as pessoas, né? (Fernanda)

Como anteriormente analisado, já verificamos que Fernanda trabalhou como sapateira, levava trabalho para casa, para obter renda adicional, uma vez que o salário não era o suficiente para prover sua família, depois à mesma passou a exercer a função de costureira, mas neste trecho de sua “fala”, observamos uma atitude de extrema doação pela família, esta mulher, que não hesitou nunca em prestar os mais variados e diversificados trabalhos “domésticos”, para prestar serviços a outras pessoas, para além de sua tradicional e regular jornada de trabalho, no sentido de não ver faltar alimentos a seus filhos.

Destarte, a partir de todas as mulheres entrevistadas, pudemos verificar que no desempenho de seus múltiplos papéis, todas elas puderam se destacar com êxito em suas múltiplas funções, demonstrando que as mulheres da atualidade tornam-se referências muito positivas na sociedade contemporânea, por todos os aspectos anteriormente analisados e elencados demonstrando seu protagonismo e papel decisivo quer seja junto as suas famílias e/ou comunidades.

4.3.7 A identificação enquanto liderança comunitária

Finalmente analisamos uma característica importante quanto às mulheres do grupo PAIF, que pudemos verificar como resultado da pesquisa e a partir dos acompanhamentos das mesmas ao longo destes últimos anos, elas desenvolvem uma liderança na comunidade em que vivem.

Destacamos entre elas a liderança de Dani, quando fala de seu papel enquanto monitora, já apontada anteriormente:

Hoje, é, é, eu faço pintura em tela, eu, eu já fui monitora de pintura em pano de prato até desenvolvi um trabalho aqui no bairro X, fui voluntária durante três anos, tirei umas crianças da rua, ajudei a ensinar algumas mulheres, né? **A ser independentes e ter o próprio dinheiro pra não depender de marido.** É.. sou cabeleireira, é.. sou monitora dum cabeleireiro também. É formei também, que é uma formação, que num é porque eu num fiz uma faculdade mas eu aprendi e eu acredito que eu faço muito bem, sou uma manicure também, faço crochê, é... agora faço uns colarzim também. (grifo nosso, Dani)

É faz um ano e cinco meses, e eu aprendi, eu tanto aqui hoje eu, eu tenho tanta confiança no que eu faço, que talvez algumas lá não saiba, mais durante quatro meses mesmo, eu tando dando aula, eu dei aula pra uma aluna de pintura em tela, durante três meses, pra uma aluna, eu cobre um precinho assim baratinho, por quê? Porque eu sei o tanto que é ruim, você ter aquele sonho e não ter como. Então eu, eu fiz uma parte pra me ajudar e pra ajudar ela também e o pouco que eu ensinei essa mulher, é uma mulher ela é casada, tem três filhos, ela vinha aqui na minha casa, né, que ela mora longe, eu consegui passa um pouquinho, é nessa época que eu ensinei ela, ela teve que para depois, mas aqui, ainda dentro da minha casa ela saiu com quatro telas prontas assinada por ela. (Dani)

Ela trabalhou voluntariamente como monitora na comunidade do bairro onde mora, tendo contribuído para a formação de algumas mulheres com a atividade de geração de renda de pintura em pano de prato, cabeleireira, manicure, bijuterias, crochê, além de ter ministrado aulas de pintura em tela recebendo por elas remuneração simbólica para reinvestir em seu próprio curso de telas no SESI, tendo se tornado importante liderança na comunidade local, possibilitando a muitas mulheres o desenvolvimento de um processo de autonomia e independência dos maridos e também um mínimo de autonomia pessoal; no grupo PAIF, ela é admirada pelas colegas e amigas sendo reconhecida por suas habilidades e talento.

Marília exerce atividade remunerada em entidade da região, mas desdobra-se em cuidados pela comunidade local:

Eu trabalho no Pró-Vila, sempre atendendo pessoas né, eu aprendo muita coisa como o pessoal que vai lá tenho, gosto do que faço às vezes a gente

fica é... Não tem como fazer mais assim, fica nervosa né porque aparece tanta gente que a gente quer ajudar e não consegue. (Marília)

Do bairro (X.) né, do bairro (Y. outro bairro), várias pessoas procura, várias pessoas procura a gente. [...] Ajuda de tudo quanto é tipo, éé alimento, roupa, calçado, paga conta de água e luz [...] (Pausa - Silêncio)... No meu trabalho? ... É de ouvir as pessoas. (Marília)

Ela preocupa-se com os moradores da região, para além de seu trabalho remunerado ela demonstra um importante envolvimento no atendimento as mulheres, crianças e famílias dos bairros com os quais atua. Marília e o esposo desenvolvem também trabalhos voluntários e religiosos, sendo reconhecidos pelas pessoas com os quais trabalham como importantes lideranças locais.

Marília e algumas mulheres também desenvolvem atividades de geração de renda, fazendo roscas e vendendo na entidade e no bairro, para as mulheres que necessitam de complementação de renda. No Pró-Vila (nome fictício), em parceria com outro órgão do poder público são oferecidos cursos de panificação, bolos e salgados, com o mesmo objetivo, que tem colaborado, para que algumas famílias possam realizar tais atividades.

Também na entidade são distribuídas cestas arrecadadas, pela igreja, para famílias de baixa renda, que são acompanhadas por equipes de visitação. No local são realizadas pesagem de crianças para acompanhamento do desenvolvimento e as crianças que apresentam baixo peso são acompanhadas mais de perto, em uma parceria entre a entidade e a Secretaria da Saúde, onde são fornecidos leite (poder público) e a multimistura²¹ para que as crianças possam ganhar peso e sair da condição de desnutrição.

Bazares de roupas, distribuição de remédios, pagamento de contas de água e luz dentre outros serviços à comunidade são também oferecidos pela entidade. Aqui destacamos novamente uma desresponsabilização do poder público onde as ONGS – Organizações não Governamentais, cada vez mais passam a assumir o papel do órgão gestor, dentro de uma política de mínimos sociais, reflexos do estado neoliberal, que se retira para atribuir a terceiros aquilo que é de sua responsabilidade, destacando que no Brasil, nunca chegamos perto do estado de bem estar social (*welfare state*), cujo assunto já discorremos anteriormente.

Também destacamos aqui a liderança de Jaqueline:

Eu entrego o leite pras crianças, que é muito também, eu ajudo a Marília a vender roscas, além dos meus pão de queijo aqui, eu ajudo ela a vender rosca, é que mais? Então é um conjunto de coisas, né?... (Jaqueline)

Isso é antes: - mãe dá pra mim uma bolacha, o meu coração cortava, eu não tinha, fazê o quê? Eu num vou roubar, hoje graças a Deus, graças a Deus de

²¹ Farelo de múltiplos elementos, fornecido pela Pastoral da Criança, como suplementação alimentar e enriquecimento das refeições

verdade, eu até tô ajudando o pessoal na Pastoral ali, oh. Eles me pedem uma cesta, eu vô lá monto e dô uma cesta, mas cê sabe o coração da gente vibra de alegria de ver aquela, aqueles rostinho e eu sei que eu tô tirando de uma coisa do meu suor e agradeço muito aquela idéia abençoada que você teve, porque se num fosse aquela idéia, eu não tinha..(Jaqueline)

No caso de Jaqueline, ela passou de usuária dos serviços da entidade a prestadora de serviços voluntários. Já abordamos no início de nossas análises que quando a mesma procurou o atendimento nas anteriores UNISER'S – Unidades de Serviço Social, atualmente CRAS Sul, seu marido estava recluso e ela precisava de ajuda para pagamento de contas de água e luz em atraso e a partir da idéia da venda de pães de queijo, conseguiu estabelecer sua principal atividade de geração de renda e complementação em aproximadamente cinquenta por cento da renda familiar.

Jaqueline hoje desenvolve importante papel de liderança na comunidade através da entidade, trabalhando com a distribuição de leite, colaborando na venda de roscas, e também montando cestas de alimentos, que ela mesma oferece, para as famílias mais necessitadas, destacando que outrora ela não tinha nem o que oferecer aos seus filhos para comer e atualmente pode colaborar, através de seu ganho pessoal na venda dos pães de queijo.

Percebemos entre a população de baixa renda, como estas ações de entre-ajuda e solidariedade se reproduzem, pois nem Jaqueline, nem Marília, dispõem de um poder aquisitivo privilegiado. São pessoas da comunidade que trabalham em benefício da própria comunidade, como é dito entre algumas comunidades religiosas missionárias: “doando da própria pobreza, para colaborarem mutuamente uns com os outros”.

São assim, mulheres valorosas que conseguiram transpor suas condições iniciais de vida precária para colaborar solidariamente com outras pessoas e famílias.

Quanto à Fernanda, ela não desempenha oficialmente nenhum papel de liderança comunitária, mas foi ela que sugeriu para o Grupo PAIF, o nome “Famílias em ação”:

Família em Ação, na minha cabeça, na hora que elas estavam lá, votando procurando um nome, que eu olhei, eu vi muitas mulheres lá tentando lutar pela vida, sabe? Procurando fazer um curso a mais, um ensino a mais, ir pra escola estudar, eu falei, nós tamo é em ação aqui, né, então foi onde surgiu esse nome, eu dei o nome, né, o Grupo Família em Ação e foi votado e eu fiquei muito feliz, porque o que nós faiz lá, né, fazia, faiz, é lutar por uma coisa melhor, um bairro melhor, uma sociedade melhor, um ensino, um estudo, um médico, qualquer coisa melhor, o que for possível, a gente vai atrás, vai lutar. (Fernanda)

Foi através de Fernanda que este grupo do PAIF pôde refletir sobre seu papel, onde as mulheres, representantes de famílias naquele micro universo, podem traduzir sua expressão

de lutas comunitárias em busca de melhores condições de saúde, educação, aprendizagem e outras conquistas.

Ela foi vista diante do grupo como uma importante liderança, muitas mulheres se reportavam a Fernanda, quando nos momentos de dificuldades, ou mesmo nos momentos em que ela precisou se ausentar do grupo. Ela, que havia se mudado para outra região (oeste) do município, ao retornar ao grupo, foi muito bem recebida pelos antigos membros e também pelos novos membros, constituindo-se assim como uma liderança legitimada pelo grupo.

Quanto à Meire, Marcela e Maria Lúcia, não podemos dizer que as mesmas representam lideranças comunitárias, reconhecidas pelo grupo, mas sem dúvida alguma se constituem em lideranças pessoais e familiares, frente às situações anteriormente já apresentadas

Assim pudemos verificar que as sete mulheres sujeitos de nossa pesquisa apresentam o protagonismo quanto às características elencadas.

Todas elas apresentaram histórias de lutas e superação, bem como conquistas realizadas frente aos seus sonhos e projetos de vida pessoais e familiares.

Algumas apresentam características distintas, quer no que se refere a perceberem-se enquanto sujeitos da própria história, enquanto coparticipantes e/ou principais provedoras no processo de manutenção e sustentação de suas famílias.

Todas elas puderam elencar e perceber a liberdade alcançada pelas mulheres na sociedade contemporânea e reconhecer que esta se deu através das lutas por direitos em busca de igualdade e liberdade, tão almejada, muito embora ainda não plenamente conquistada.

Algumas delas falaram dos múltiplos papéis que desempenham e conforme pudemos verificar, elas realizam com êxito suas múltiplas funções. Outras finalmente puderam ser identificadas enquanto lideranças comunitárias, importantes junto ao grupo e comunidade local.

Destarte seu protagonismo pôde ser constatado e averiguado, indicando que as mulheres do PAIF se destacaram enquanto autoras e sujeitos da própria história, essas admiráveis mulheres que conseguiram transpor e transformar muitas situações de vulnerabilidade face aos desafios de seus cotidianos e realidades tão antagônicas, enfrentadas, sobretudo com muita determinação.

Sabemos que nossas reflexões não encerram as discussões sobre a questão levantada, mas reportamo-nos a esta pesquisa, para retirar da invisibilidade, várias mulheres desconhecidas, que não estão representadas nos cenários nacionais e internacionais, mas para além das relações de gênero pré-estabelecidas, acreditamos que muitas mulheres vêm

encontrando respostas muitas vezes inusitadas, como pode ser verificado ao longo da pesquisa, outras vezes demonstrando sua garra e coragem, na luta para conseguir sobreviver às múltiplas situações adversas, muitas vezes até violentas, para manter e prover seus filhos e famílias, tendo sido elas que ao longo da história, de forma visível e na maioria das vezes *invisível*, que contribuíram e vêm contribuindo no processo de transformação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre o protagonismo das mulheres nas famílias contemporâneas, não podemos deixar de pensar sobre todo o processo sócio-histórico cultural, dentro do qual as famílias vêm se organizando através dos tempos. Formada a partir de condições objetivas/materiais, também determinada a partir do simbólico, do subjetivo e do cultural, a família se reproduz e/ou se transforma através das relações que as permeiam, as quais repercutem e refletem nas relações de gênero estabelecidas na sociedade.

A família ideal, permeada por interesses da ideologia dominante, traz como modelo “a família nuclear burguesa”; no entanto podemos verificar que a mesma vem passando por diversas transformações que se contrapõem ao modelo único, cujas novas e diversas configurações que se apresentam na atualidade retratam a família “real”, onde as contradições e relações de compartilhamento se interpõem, objetam e se contestam.

Neste aspecto propusemo-nos analisar a realidade enquanto totalidade, tentando entender as múltiplas manifestações singulares e particulares da família que perpassa pelo desvelamento dos inúmeros determinantes que interagem para que um fenômeno se configure de tal ou qual maneira.

No contexto desta família “real” que se contrapõem ao “ideal”, neste universo marcado por relações de poder e dominações, encontramos os sujeitos de nossa pesquisa, que são pessoas inseridas nestas relações, cujos reflexos das relações de gênero, também se reproduzem em seus cotidianos.

Percebemos que as mulheres se destacaram ao longo de toda a história da civilização, desde os estágios primitivos da civilização, marcados por comunidades matrilineares, onde o direito materno prevalecia sobre o paterno.

Como numa inversão no curso da história, teriam abdicado de seus próprios direitos, já legitimados em detrimento aos direitos de herança de seus filhos, que só poderiam ser garantidos a partir da constatação de paternidade legítima, impondo às mulheres a obrigatoriedade da fidelidade conjugal, muitas vezes em detrimento da poligamia masculina.

Debruçamo-nos em nossa pesquisa, tentando desvelar quais foram às relações pré-estabelecidas cultural e socialmente, ao permitir tal inversão, onde as mulheres passaram à “invisibilidade histórica”, percebendo assim que tais relações não acontecem de forma linear, senão num processo de contínua transformação e historicidade dialética.

Verificando assim que os papéis atribuídos culturalmente à mulher como mãe, educadora, cuidadora e dona de casa, sempre tiveram como caráter ideológico a reprodução das relações de gênero previamente estabelecidas, através de seus símbolos culturais, conceitos normativos e identidades subjetivas generificadas, além da manutenção das relações primárias de poder.

Muitas foram as modificações que fizeram a mulher ocupar novos espaços e lugares de destaque na sociedade atual, no entanto romper com os paradigmas e preconceitos e idéias pré-concebidas e estabelecidas vieram requerer das mulheres novos posicionamentos entre o culturalmente aprendido através das relações de gênero para conseguir transpor e transformar tais relações.

Segundo algumas concepções, a inserção das mulheres no mercado de trabalho alterou significativamente as relações familiares, pois com a conquista do espaço público de trabalho predominantemente de domínio masculino, as mesmas passam a disputá-lo com os homens.

Estas concepções trazem correlações de força e poder entre o masculino e o feminino.

Assim surgia mais uma classe trabalhadora excedente, a partir da exploração da força de trabalho feminina mais barata para ser negociada e mantida, servindo aos interesses da sociedade capitalista, cujo modo de produção na sociedade contemporânea extrai não apenas a mais valia ou mais valia absoluta, mas devido à precarização das relações de trabalho, mantidas através da terceirização, mercado informal, e outras formas de desestruturação do trabalho, reproduzem as relações de opressão, utilizando-se da divisão sexual do trabalho, para incentivar a competição reproduzidas por meio das relações de gênero.

A partir dessa análise foi possível verificar que as relações de gênero que perpassam pelas relações socialmente pré-estabelecidas, definidas através de relações de poder, vêm mudando, conforme o que foi verificado em nossa pesquisa.

Percebemos que embora muitas relações já estabelecidas direcionem uma manutenção e reprodução das relações sociais e culturais, em contrapartida percebemos em nossas categorias de análise uma segunda perspectiva que se contrapõem a esta, demonstrando uma possível transformação nas relações sócio-culturalmente estabelecidas.

Não obstante as mudanças de tais relações, também puderam ser observadas ao logo da história nas formas de organizações e configurações familiares. Atualmente os casamentos e alianças por contratos realizados a partir de interesses econômicos, políticos e de

manutenção e/ou ampliação de poder, embora ainda existam, em países minoritariamente, hoje prevalece o amor romântico nas uniões, casamentos ou alianças, o que demonstra a conquista do direito a escolha e a liberdade alcançada pelo casal.

Percebemos que embora retratado amplamente o modelo da “família nuclear burguesa”, constituída por pai, mãe e filho ou filhos, mantida através do papel do homem “provedor”, o patriarca, novas configurações vêm se contrapondo à mesma, não somente a partir da sociedade atual, mas como foram amplamente apresentados pelos estudos de Sâmara (2002), as mulheres, sempre estiveram presentes na história de constituição familiar, seja enquanto coparticipantes na manutenção de suas famílias, através do mercado formal e/ou informal, quer como as principais e/ou únicas provedoras de suas famílias, no caso de mulheres chefes de famílias e/ou famílias monoparentais femininas, respectivamente.

Tais dados constatados através dos censos dos últimos 150 anos se refletiram no universo de nossa pesquisa, quando as mulheres sujeitos de nossa pesquisa aparecem enquanto provedoras e/ou coparticipantes na manutenção de suas famílias, reflexos do particular na totalidade.

Também verificamos no universo de nossa pesquisa as duas formas predominantes de configurações familiares presentes nos últimos censos, que seriam casais com filhos em primeiro lugar seguidos de famílias monoparentais femininas alvo das principais políticas públicas na atualidade; dentre as sete mulheres sujeitos de nossa pesquisa, apresentaram-se a representatividade de quatro casadas com filhos e/ou filha, e três representantes de famílias monoparentais femininas.

Através de nosso estudo, também foi possível constatarmos que dentro da categoria de manutenção e reprodução das relações sociais e culturais, algumas delas foram ou ainda são reproduzidas no nosso universo de pesquisa onde nas famílias verificamos a reprodução dos papéis tradicionais, no que se refere à manutenção das relações de poder, impondo-se a rigidez e restrições sobre o direito de escolha das mulheres, onde algumas de nossas entrevistadas, relatam que as mulheres no passado eram dadas em casamento, consideradas “objeto” de posse dos homens, sejam eles os pais e mais tarde os maridos; impunha-se uma cultura do medo, que era visto como forma de respeito, mantendo as relações de opressão e jogo masculino sobre o feminino.

Também verificamos que a família permanece vista dentro dos papéis tradicionais enquanto estrutura essencial, onde a mesma é apontada em sua importância enquanto base e alicerce para a formação de indivíduos e sociedade.

Quanto a categoria de transformação das relações sociais e culturais nas famílias

observamos os novos papéis que apontam para a mesma enquanto espaço de representação de unidade e complementaridade, onde nas atuais e diferentes formas de organização e configurações familiares, os seus membros podem se ajudar mutuamente e cooperarem uns com os outros, quer através do fato de todos os membros, “inclusive as mulheres”, participarem do mercado de trabalho e contribuírem com a renda familiar, que a partir dos novos papéis que se redimensionam e se redistribuem nas famílias .

Averiguamos que a caracterização das relações de gênero que refletem as duas categorias elencadas a partir da análise realizada, onde as categorias de reprodução e manutenção das relações sociais e históricas apontam para as seguintes subcategorias: o trabalho feminino apresentado como inerente ao gênero feminino, onde nossas mulheres apontam suas funções e papéis cotidianos, refletidos em suas ações, hoje poucos são os homens que assumem a prática do trabalho doméstico como masculino, quando muito “colaboram” nas atividades da casa, uma vez que estas são “obrigação da mulher”.

Verificamos também, através dos diversos depoimentos, as relações de submissão femininas frente à dominação masculina, refletidas nas relações familiares e de gênero.

Outra subcategoria averiguada foi a que o papel das mulheres é visto pelas mesmas e pelos familiares como sendo equiparado ao de ser mãe; em muitos depoimentos e através das reuniões realizadas, verificamos que muitas delas, não se percebiam enquanto mulheres, sendo este um papel secundário, relegado a um segundo plano, pois se reconheciam enquanto seu papel mais importantes o de ser mãe, onde os dois entrelaçavam-se e estavam intrinsecamente ligados, muito embora distintos, uma vez que existem mulheres que não são mães.

A maternidade é vista como sendo um papel importantíssimo, reconhecido pelas mulheres sujeitos de nossa pesquisa; esta não foi a centralidade no desenvolvimento de nossas análises, mas traz consigo muitos valores simbólicos, objetivos, subjetivos, reais e ideais, os quais precisam ser aprofundados, até mesmo no sentido do desvelamento das relações que perpassam este papel atribuído exclusivamente às mulheres, para melhor compreender os significados e valores que a maternidade tem para as mesmas, o que nos daria então mais uma temática a ser desenvolvida em outras pesquisas.

Quanto às categorias de transformação das relações sociais e culturais verificamos outras subcategorias, como a conquista do espaço público de trabalho assumido pelas mulheres.

A emancipação feminina foi apontada a partir da conquista e igualdade por algumas de nossas mulheres entrevistadas, onde as mesmas destacam a importância do direito ao voto,

a possibilidade de na atualidade poderem se expressar, falar e “ser ouvidas e respeitadas”, como as antigas mulheres espartanas.

Aqui verificamos que os trabalhos desenvolvidos junto aos grupos sócio-educativos, conseguiram contribuir para o processo reflexivo, em uma perspectiva de busca da autonomia e emancipação, cujos níveis de envolvimento mais profundos junto à população usuária visam também transpor tais relações em direção à efetiva participação e organização social, para um dia talvez avançar a luta por equidade e justiça social, em consonância com nosso Projeto Ético-político-profissional.

A terceira subcategoria de transformação e transposição das relações sociais e culturais são as múltiplas funções e papéis femininos assumidos pelas mulheres na atualidade, as mulheres que são para seus familiares: mães, amigas, companheiras psicólogas, professoras. as esposas, coparticipantes na renda e decisões familiares, voluntárias, lideranças reconhecidas pela comunidade.

As mulheres vêm assumindo assim múltiplas responsabilidades frente aos seus novos papéis; há uma nova inserção da mulher seja na família, no mercado de trabalho ou na sociedade. Torna-se assim importante refletir como tais questões rebatem no cotidiano da vida destas mulheres, que embora muito tenham conquistado muitos direitos, também assumiram para si, ou lhes foi atribuído pela sociedade atual uma gama de papéis, que poderiam não ser apenas considerados como conquistas ou direitos, mas talvez, poderíamos refletir como uma forma de superexploração do papel da mulher na sociedade contemporânea, o que nos daria uma outra dissertação.

E a quarta subcategoria que destaca os papéis femininos equiparados aos masculinos, onde as mulheres assumem profissões e papéis equivalentes aos masculinos, como provedoras, pedreiras, taxistas, motorista, caminhoneira, política, reflexos da sociedade atual onde temos uma presidenta no governo do país. As mulheres vêm se destacando também em cargos de comando e gerenciais, o que aponta sem dúvida alguma para o protagonismo das mulheres na atualidade, está representado, a partir da transposição e transformação das relações sócio-históricas e culturais, cujas características apresentamos no capítulo quarto de nossa Dissertação.

Também observamos que novos papéis foram estabelecidos para as mulheres, como os de serem pais e mães ao mesmo tempo, e como elas próprias dão ênfase, o papel de pai aparecendo em primeiro lugar (muitas vezes equivalente ao de provedor e autoridade na educação dos filhos), onde esta nova situação também tem seus rebatimentos na vida diária destas mulheres, uma vez que nem sempre foi um papel por elas escolhido, algumas vezes até

imposto, pelas novas e múltiplas formas de organização da vida familiar. Muitas vezes percebemos que os homens, se retiram das relações de união estável, ou mesmo das relações conjugais, sem co-responsabilizarem-se pela educação, sustento e manutenção de seus filhos.

Este novo papel assumido pelas mulheres, com ambas responsabilidades e também as novas relações que se colocam para o homem, ao sair de uma relação sem responsabilidades para com os filhos, podem vir a ser mais amplamente estudados e pesquisados, a partir das relações de gênero, poder e/ou novas formas de organizações familiares e sociais na contemporaneidade, onde alteram-se significativamente papéis, significados e valores.

As mulheres assumindo os papéis de coparticipantes e/ou mesmo provedoras junto às suas famílias a partir de sua inserção no mercado de trabalho formal ou informal, talvez ainda não consigam ter o alcance ou mesmo a plena consciência dos novos e importantíssimos papéis que elas vêm assumindo atualmente.

Nossa dissertação trouxe em seu bojo uma tentativa de tentar demonstrar quais os principais papéis e funções desempenhados pelas mulheres e seu protagonismo na sociedade contemporânea, tendo elas sido capazes de transformar não apenas suas vidas e histórias, mas também das pessoas que as cercam: seus familiares, vizinhos e/ou comunidade em que vivem.

Verificamos que o protagonismo de nossos sujeitos de pesquisa, está refletido na totalidade de nossa sociedade, a partir das múltiplas manifestações particulares e singulares, a partir de suas histórias de vida de lutas e superações; através das conquistas realizadas pelas mesmas frente aos seus sonhos e projetos (pessoais e familiares); pelo fato de perceberem-se enquanto sujeitos da própria história; pelo fato de serem coparticipantes e/ou provedoras no processo de manutenção de suas famílias; a liberdade alcançada pelas mulheres no mundo contemporâneo, pelo desempenho de seus múltiplos papéis com êxito em suas funções e a sua identificação enquanto liderança comunitária.

Assim, o seu protagonismo está representado, a partir da transposição e transformação das relações sócio-históricas e culturais.

Percebemos então que a sociedade contemporânea vem passando por todo um processo de reestruturação, que requer repensar nas relações estabelecidas sociais e culturais refletidas nas relações de gênero.

Refletir sobre tais processos requer antes de tudo mudanças de cultura e mentalidades, ou seja, romper com os paradigmas estabelecidos. Perpassa por refletir tantas relações simbólicas e generificadas através de grupos sócio-educativos, discussões junto a homens, mulheres, jovens, adultos e crianças que reproduzem tais relações de forma a

“naturalizá-las”. Requer criar/estabelecer tais reflexões sobre “gênero” em vias institucionais, organizacionais, comunitárias, políticas, dentro dos movimentos sociais, enfim em toda a sociedade.

Acreditamos que nossa Dissertação possa vir a contribuir para um desvelar de tais relações, propondo não uma inversão ou “a virada” dos direitos paternos sobre o materno novamente, pois reproduzir tais relações e transformar as relações de domínio masculino em domínio feminino não é o melhor que se pode esperar em termos históricos, mas esperamos sim que relações mais igualitárias se estabeleçam entre homens e mulheres. Acreditamos numa forma mais equitativa e justa, onde as relações de gênero possam contribuir para um redimensionamento de papéis e funções masculinas e femininas.

As contradições existem e são inegáveis, mas para além das diferenças biológicas e as reproduzidas ideologicamente, é preciso transcender as relações sócio-culturalmente estabelecidas, verificando que as mesmas são múltiplas e trazem possibilidades de crescimento e maturidade para tantos seres humanos, não apenas em relações binárias e contrapostas, como masculino e feminino, mas nas múltiplas relações existentes em toda a sociedade contemporânea. Acreditando sim que as relações podem ser complementares, riquíssimas e podem contribuir e muito para um desenvolvimento pleno da humanidade.

Assim se me permitem sonhar mais um sonho não impossível, mas utópico, (difícil de alcançar) esta pesquisadora faria as seguintes reflexões.

A mulher inserida no contexto das famílias contemporâneas vem sendo protagonista na história.

Num mundo pleno de transformações ela vem se mostrando enquanto não apenas “sujeito da própria história”, mas sujeito da “Nova História”.

Seria o século XXI o século das mulheres?

Se me permitem novamente a liberdade/ licença poética... (parafraseando Adélia Prado) ...

Muitas foram as mulheres que alteraram o curso da história, estas grandes mulheres:

- pré-históricas nos cuidados com a prole,
- mulheres históricas: grandes rainhas, guerreiras helênicas,
- agricultoras, semeadoras,
- operárias e proletárias,
- santas e doutoras,

- mulheres de ciência e consciência,
- no mestrado e doutorado,
- nas décadas de 1960,70 e 80 revolucionárias, junto às bases da sociedade,
- médicas, mães, professoras,
- cientistas pesquisadoras,
- inventoras, mulheres presidentes,
- cozinheiras, sapateiras,
- lavadeiras, cabeleireiras,
- pintoras, auxiliares, vendedoras,
- donas de casa/ “do lar”,

Todas na construção de uma nova consciência familiar, são elas mulheres, as protagonistas da “Nova História!”

A nova “visibilidade feminina”, ainda está longe de ser alcançada, aquela almejada/reconhecida.

Mas se na “invisibilidade” elas conseguiram alterar e mudar em diversas situações o Curso da História, o que não farão neste novo século, a partir de sua visibilidade.

Ousamos dizer quiçá do novo milênio!

Finalizando e ainda usando da liberdade poética e acrescentando a liberdade de produção (pois não devemos citar aqui autores, peço a permissão para citar “nossas sujeitas de pesquisa”, e esperamos que aqui, também o gênero, não nos repreenda, ou proíba):

“Eu me sinto assim igual, eu falo: ‘Eu me sinto **uma heroína, uma vencedora** num venci tudo ainda não, mas vô se Deus quiser eu quero ver se eu vejo ao menos os dois pequenos rapaiz’.” (grifo nosso, Maria Lúcia)
 “Eu **sou capaz**, faço coisas hoje com, hoje eu tenho 44 anos, eu faço coisas que quando casei, com 19 anos, eu num fazia, que achava que eu num tinha capacidade pra aquilo [...] **Eu sou uma artista, né?**” (grifos nosso, Dani)

“Eu **tenho muito orgulho** Regina, de, tudo o que eu lutei, tudo o que eu sofri, sem te um marido ali do lado,, um apoio, longe da minha família, porque eu casei, Le já me trouxe pra cá pro lado de São Paulo, num tinha pai e mãe, num tinha parente perto, num tinha ninguém, mas eu fui a luta, e eu criei meus filho, graças à Deus. Hoje eu fico assim olhando, sabe? Apesar de tudo, falei gente, apesar de tudo o que eu passei, eu posso falar **até que eu sou até uma mulher feliz..., é posso ser uma mulher feliz, hoje.**” (grifos nosso, Fernanda)

Origem do nome do grupo:

“A ‘**Famílias em Ação**’, na minha cabeça, na hora que eles tavam lá, votando procurando um nome, que eu olhei, eu vi muitas mulheres lá tentando **lutar pela vida, sabe?** Procurando fazer um curso a mais, um ensino a mais, ir pra escola estudar, eu falei, nós tamo é em ação aqui, né, então foi onde surgiu esse nome, eu dei o nome, né, o Grupo Família em Ação e foi votado e eu fiquei muito feliz, porque o que nós faiz lá, né, fazia, faiz, **é lutar por uma coisa melhor, um bairro melhor, uma sociedade melhor, um ensino, um estudo, um médico, qualquer coisa melhor, o que for possível, a gente vai atrás, vai lutar.**” (grifos nosso, Fernanda)

Finalizando e/ou iniciando: ...

...o que não foi gravado, mas foi dito:

“É a história da *Minha VIDA!*”...

Para elas, estas mulheres **inVisíveis**

REFERÊNCIAS

- ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 83-154.
- ALMEIDA, A. M. Notas obre a família no Brasil. In: Almeida, A.M. (Org). **Pensando a família no Brasil: da colônia a modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987
- ALVARES, S. **Politizando as relações de gênero e engendrando a democracia**. In: Stepan, A., Ed..Democratizando o Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.
- ARAÚJO, C; SCALON, C. (orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. In CAPPELIN, P. Conciliar vida familiar e trabalho em tempo de crise do emprego: territórios e fronteiras entre o público e o privado. Rio de Janeiro: FAPERJ, FGV, 2005, p.242-267.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara–Koogan, 1981.
- BARBOSA, C. O. **família ou famílias?** o conceito de família para as profissões das áreas de ciências humanas e ciências sociais aplicadas. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social)- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2010.
- BARROS, A. J. P. LEHFELD, N. A. S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BARROCO, M. L. S. A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético-político do serviço social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 25, n. 79, p. 27-42, set/2004.
- _____. **Ética e serviço social: fundamentos ontológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez,2003
- BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BORBA, A.; FARIA, N.; GODINHO, T. (Orgs.) **Mulher e política: gênero e feminismo no partido dos trabalhadores**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998.
- BRASIL (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 42. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília: 2004.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social: Orientações Técnicas para o Centro de Referência de Assistência Social**. Brasília: junho. 2006.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Guia de Orientação Técnica – SUAS n.1 – Proteção Social Básica de Assistência Social**. Brasília, out. 2005.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - Secretaria Nacional De Assistência Social - Sistema Único de Assistência Social - SUAS - Norma Operacional Básica - Nob/Suas - **Construindo as bases para a implantação do Sistema Único de Assistência Social**. Brasília. Julho de 2005

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.. A organização social da vida familiar através dos tempos. **Acta Paul Enf**, São Paulo, v.13, p. 25-34, set/dez., 2000.

CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

CAVALCANTI, C. P. N. **E a Família, como vai?** Um olhar sobre os programas de transferência de renda no Brasil sob a ótica da família. Disponível em <http://www.ess.ufrj.br/praiavermelha/index.php/praiavermelha/article/viewPDFInterstitial/36/21>. Acesso em 14 mai. 2009

CFESS, I Encontro de Serviço Social na Esfera da Seguridade Social no Brasil de FHC (Painel Serviço Social. e Seguridade Social). p. 21-26, s.d.

COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1972.

DALBÉRIO, O. A pesquisa científica e os desafios na utilização dos instrumentos para a coleta de dados. In: JOSÉ FILHO, M.; DALBÉRIO, O. (Org.). **Desafios da pesquisa**. Franca: Ed. Unesp/FHDSS, 2006.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1983.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

_____. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2009.

_____. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, v.3, p. 7-143.

FRANCO, Maria Laura Pugliesi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília, 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 79p.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, metodo e criatividade**. São Paulo: Vozes, 1994, p. 67-79.

GUIMARÃES, T. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

HIJAZ, T. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado - Engels**. Portal Jurídico Investidura, Florianópolis/SC, 24 Ago. 2009. Disponível em: www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/resumos/teoria-politica/4179. Acesso em: 07 Mar. 2011

HIRATA, H. Processos de modernização: a mulher na produção industrial. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1972.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007

JOSÉ FILHO, Pe. M. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. 1998. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca, 1998.

_____. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. (Org.). **Desafios da pesquisa**. Franca: UNESP-FHDSS, 2006, p. 63-75.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, Brasília: UNICEF, 1994.

LAROUSSE CULTURAL DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

LAVINAS, Lena. Identidade de gênero: um conceito da prática. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1972.

LÉVI-STRAUSS, C.. A família. In: SHAPIRO, Harry (Org.). **Homem, cultura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1956.

_____. O problema do incesto. In: CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1976.

MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MARTINS, A. P. V. **Visões do Feminino: A medicina nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2004.

MARX, K.; ENGLÉS, F.; LENIN, V.I.U. **Sobre a Mulher**. 2.ed. São Paulo: Global Editora, 1980.

MICHEL, Andrée. **O feminismo: uma abordagem história**. Tradução de Angels Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MICHAELIS – CULTURA. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cultura>

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

NETO, F.; QUIROGA, A. M. **Família operária e reprodução da força de trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1982.

NOVAIS, F. A. Condições da privacidade na Colônia. In: SOUZA, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 13-39.

PAULO, B. M. Em busca do conceito de família: desafio da contemporaneidade. Disponível em: <http://www.rkladvocacia.com/arquivos/artigos/art_srt_arquivo20100324154756.pdf>. Acesso em 21 abril de 2010.

PORRECA, W. Modificações na estrutura e na função da família contemporânea. In: **Família: Conjuntura, Organização e Desenvolvimento**. JOSÉ FILHO, Pe. M.; DALBÉRIO, O. (Orgs). Franca: UNESP, 2007, p.57-68.

PRÁ, J. R. Cidadania e Gênero no processo de construção da democracia brasileira. In: BAQUERO, M. (Org.). **Condicionantes da consolidação democrática: ética, mídia e cultura política**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996, p.91-132.

REZENDE, C. B. **Provisão econômica e poder de gênero nas relações familiares: chefia familiar feminina?** 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social)- Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2000.

ROMANELLI, G. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade**. 1996. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos: São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992. p.183-215.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).

_____. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAMARA, E.M. O que mudou na família brasileira. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004. Acesso em 12 julho de 2010.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, cidade. Porto Alegre, v.15, n.2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SILVA, K. C. **Concepções ideológicas sobre família: algumas contribuições para o Serviço Social**. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social)- Faculdade de História Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.

SILVA, R. L. R. A. **Novas Alternativas de Enfrentamento ao Desemprego para as Famílias no Município de Franca**. 1998. Monografia (Especialização em Serviço Social *lato Sensu*)- Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1998.

SILVA, R. L. R. A.; SOARES, Maria do Carmo. **Políticas Públicas destinadas à família no município de Franca**. 1995. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social)- Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1995.

SOARES, A. C. N. **Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico.** Franca: UNESP-FHDSS, 2002. (Série Dissertações e Teses, n. 8).

_____. **Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico.** 2002. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, São Paulo, 2001.

SOUZA, Ana Paula: **Famílias Monoparentais Masculinas: um estudo sobre sua estrutura e organização.** 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

STREY, M. N. (Org.) **Mulher, estudos de gênero.** São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1997.

SUPLICY, Eduardo. **Programa de garantia de renda mínima.** Brasília: Senado Federal, 1995.

TRIGO, M.H. B. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, M.A. (org.). **Amor e família no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989, p.88-93.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1994.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VASCONCELOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência.** 2. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

VITALE, M. A. F. Famílias monoparentais: indagações. In **Revista Serviço Social & Sociedade**, Ano XXIII, n. 71, p. 45-62, set. 2002.

YAZBEK, M.C. **Classes subalternas e Assistência Social.** São Paulo: Cortez, 1993.

APÊNDICE

APÊNDICE A
ROTEIRO DA ENTREVISTA

I – DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO:

Nome fictício do entrevistado/respondente: _____

Idade: _____ anos. Sexo: () masculino () feminino

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Renda familiar: _____

Renda mulher: _____ Renda homem: _____

Renda filho(s): _____

Renda outros membros família: _____

II – COMPOSIÇÃO FAMILIAR (em relação ao entrevistado):

() esposo / companheiro () filhos n° _____ () enteados n° _____

() mãe () pai () outros _____, _____, _____

_____, _____, _____

III - QUESTÕES

MULHERES

- 1.1 Como é sua família hoje?
- 1.2 Como era antes? (no passado)

- 2 Fale sobre você ...
(Quem é você dentro de sua família?)

- 3.1 O que é ser mulher hoje?
- 3.2 Como era ser mulher antes? (no passado)

- 4.1 Quais são seus papéis na sua família hoje?
- 4.2 Qual o mais importante?

FAMILIARES

- 1.1 Como é sua família hoje?
- 1.2 Como era antes? (no passado)

- 2 Fale sobre sua mãe / esposa/ companheira / filha ...

- 3.1 O que ela faz que é importante para você?
- 3.2 O que ela faz que é importante para a família de vocês?

ANEXOS

ANEXO A
MEMORANDO - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UNESP/FRANCA



Memorando CEP/Franca N.º 038/2009

Para: Regina Lydia Rocha de Andrade Silva

De: **Ubaldo Silveira**
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

Data: 19/08/2009

Projeto de Pesquisa CEP: 038/2009

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos por meio deste informar que o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP – CEP/UNESP/FRANCA *analisou e aprovou sem restrições*, o Projeto intitulado “O Protagonismo das Mulheres nas Famílias Contemporâneas”, tendo como pesquisadora Regina Lydia Rocha de Andrade Silva, bem como o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em reunião ocorrida na data de 19/08/2009, registrado sobre o CEP: 038/2009.

Temos ciência de que os estudos serão conduzidos de acordo com normas que regem as pesquisas envolvendo seres humanos.

Solicitamos que sejam encaminhados os relatórios parciais e finais, bem como envie-nos possíveis emendas e novos termos de consentimentos livre e esclarecido, notifique qualquer evento adverso sério ocorrido durante a realização do presente projeto de pesquisa para que possamos fazer o devido acompanhamento.

Sem mais para a oportunidade,

Atenciosamente,

Prof. Dr. Ubaldo Silveira
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
UNESP – Campus de Franca



ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NOME DO PARTICIPANTE: _____

DATA DE NASCIMENTO: __/__/__. IDADE: _____

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: _____ Nº _____ SEXO:

M () F ()

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ FONE: _____.

Eu, _____, declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: ***O Protagonismo das Mulheres nas Famílias Contemporâneas***. O projeto de pesquisa será conduzido por Regina Lydia Rocha de Andrade Silva, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, orientado pela Profa. Dra. Ana Cristina Nassif Soares, pertencente ao quadro da **Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP - Franca / SP**. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação de: Dissertação observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discricão. O projeto destina-se a analisar se as mulheres do PAIF – Programa de Atenção Integral as Famílias são protagonistas ou não em suas famílias, bem como verificar os principais e novos papéis desempenhados pelas mesmas nas famílias contemporâneas. Fui esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Franca, de de 2009.

Assinatura do participante.

Nome da Pesquisadora: Regina Lydia Rocha de Andrade Silva
Pós Graduação em Serviço Social
CPF. 073.192.478-95 RG 15.772.074-3
R. Martiminiano Francisco de Andrade nº 2005 – Jd. Barão
e-mail: relyjmj@yahoo.com.br

Nome da Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Nassif Soares
CPF. 497.670.896-91 RG 13.676.246
Av. Eufrásia Monteiro Petraglia nº 900 – Jd. Dr. Antonio Petraglia



ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NOME DO PARTICIPANTE: _____

DATA DE NASCIMENTO: __/__/__. IDADE: _____

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: _____ Nº _____ SEXO:

M () F ()

NOME DO RESPONSÁVEL _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ FONE: _____.

Eu, _____, filho (a) de

 declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: ***O Protagonismo das Mulheres nas Famílias Contemporâneas***. O projeto de pesquisa será conduzido por Regina Lydia Rocha de Andrade Silva, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, orientado pela Profª. Dra. Ana Cristina Nassif Soares, pertencente ao quadro da **Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP - Franca / SP**. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação de: Dissertação observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. O projeto destina-se a analisar se as mulheres do PAIF – Programa de Atenção Integral as Famílias são protagonistas ou não em suas famílias, bem como verificar os principais e novos papéis desempenhados pelas mesmas nas famílias contemporâneas. Fui esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Franca, de de 2009.

 Assinatura do responsável

Nome da Pesquisadora: Regina Lydia Rocha de Andrade Silva
 Pós Graduação em Serviço Social
 CPF. 073.192.478-95 RG 15.772.074-3
 R. Martiminiano Francisco de Andrade nº 2005 – Jd. Barão
 e-mail: relymj@yahoo.com.br

Nome da Orientadora: Profª. Dra. Ana Cristina Nassif Soares
 CPF. 497.670.896-91 RG 13.676.246
 Av. Eufrásia Monteiro Petraglia nº 900 – Jd. Dr. Antonio Petraglia